MARIANA DELLA DEA TAVERNARI

BLOGS ÍNTIMOS:

Percursos de sentido no contexto discursivo do meio digital

São Paulo
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

MARIANA DELLA DEA TAVERNARI

BLOGS ÍNTIMOS:

Percursos de sentido no contexto discursivo do meio digital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profª Dra. Rosana de Lima Soares

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação
Área I: Teoria e Pesquisa em Comunicação

2009

BANCA EXAMINADORA

Rosana de Lima Soares (orientadora)

Mayra Rodrigues Gomes (ECA - USP)

Rosamaria Luiza de Melo Rocha (ESPM)

Aos arquitetos e viajantes do ciberespaço,
pois narrando e navegando
somos aqui e agora.

AGRADECIMENTOS

A dedicação que estrutura esse projeto derivou inicialmente de uma paixão pelas histórias que compunham os blogs, deslizou para uma admiração por esses arquitetos de narrativas e imagens de si, para culminar com um paradoxal efeito de reconhecimento e projeção, uma vez que analista e autores sempre foram estranhos entre si. Essa trajetória transportou o analista para o universo labiríntico do leitor.

O caminho reverso, de leitor a analista, só pôde ser trilhado com a mediação presencial, no entanto. As páginas impressas que compõem esse trabalho integram todo o processo de amadurecimento durante o período do Mestrado na ECA, no qual Rosana exerceu não apenas o papel fundamental de orientadora, mas também de amiga incondicional. Acreditando no potencial desse trabalho, deu-me a oportunidade de descobrir o entusiasmo pela pesquisa.

Aos meus colegas do grupo de estudos Midiato, em especial a Mariane Murakami pelas incríveis trocas interdiscursivas no ônibus e durante a madrugada e a Mariana Duccini, pelo apoio e revisão com olhos de lince.

Ao amigo Alexandre Franco, pelo cuidadoso projeto gráfico e formatação deste trabalho.

Às amigas Daiane, Talita e Virginia pelos momentos de descontração.

A meus pais e irmãos queridos, que souberam compreender meu estranho ofício e nunca pouparam esforços.

Ao Vinícius, namorado mais-que-perfeito, pelo exercício pleno de cooperação, disponibilidade e paciência e a sua família, pelo acolhimento.

Às professoras Mayra Rodrigues Gomes e Rose Rocha, pela participação na banca.

À Escola de Comunicações e Artes e à Universidade de São Paulo, pelo respaldo institucional.

À Fapesp, pela contribuição financeira, sem a qual a dedicação integral, bem como a presença em eventos, ficariam comprometidas.

RESUMO
ABSTRACT

Ferramentas de publicação e instrumentos de mídia social, os diários virtuais íntimos, blogs de conteúdo temático relacionado ao cotidiano, exploram as potencialidades imersivas e interativas das mídias digitais e compõem percursos de sentidos no labirinto hipertextual anunciando a problemática do descentramento do sujeito, do interdiscurso e da autoria. Partindo de uma perspectiva teórica e metodológica enunciativa e discursiva, percorrem-se as instâncias sintáticas, semânticas e pragmáticas da materialidade do enunciado para investigar as formas de emergência do sujeito no espaço e no tempo e explorar analiticamente fenômenos da contemporaneidade: as articulações identitárias e as formas de subjetivação, o processamento da memória e a relação entre o público e o privado no ciberespaço.

Tal metodologia de análise do corpus confere uma visão do objeto não apenas como um componente dos dispositivos de comunicação multidirecionais, mas como uma ferramenta de articulação narrativa de si, marcada por um modo de enunciação específico, diferente daquele dos diários íntimos tradicionais uma vez que o contexto hipertextual altera as condições de produção do discurso. Dessa metodologia baseada na Teoria da Enunciação e na Análise do Discurso de linha francesa depreende-se não apenas os mecanismos lingüísticos de insurgência subjetiva mas também as formas de inserção do sujeito na ordem do discurso.

Palavras-chave: Comunicação; blogs; discurso; sentido; identidade

As publication and social media tools, blogs related to individual daily routine explore the immersive and interactive potential from the digital media composing meaning circuits in the hypertextual labyrinth by considering a interdiscourse point of view. From a theoretical and methodological discursive perspective, either syntactic, semantic and pragmatic textual plans are evaluated in order to investigate the ways in which the subject emerges within space and time and to explore analytically the identity and subjectivity articulation, the memory process and the connection between public and private in the cyberspace.

This method of analysis provides the object with a prospect of not only a component of multi-directional communication devices but as a tool to articulate the self narrative, marked by a specific form of enunciation that differs from the traditional journal due to hypertextual context that changes the discourse production. This methodology is based on the Theory of Enunciation and in the French Discourse Analysis, both focused not only on the linguistic mechanisms of subjective insurgency but also on the ways of the subject insertion in the order of discourse.

Keywords: communication; blog; discourse; meaning; identity

SUMÁRIO

Introdução 1

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I A Revolução Digital 13
I.1 Os blogs: plataforma de publicação 13
I.2 Formato multiuso: os diários virtuais íntimos 19
I.3 As características das mídias digitais 23
I.4 Formas de interação no hipertexto 31

Capítulo II Uma Visão Lingüístico-Discursiva 33
II.1 Do nome das coisas 33
II.2 Teoria da Enunciação e Análise do discurso 38
II.3 O eu e o outro 46

Capítulo III Percursos de Sentido no Labirinto Hipertextual 53
III.1 Heterogeneidades narrativas digitais 53
III.2 A autoria no hipertexto digital 55
III.3 O sentido, a leitura e a escrita no hipertexto digital 61
III.4 Diários na rede? 66

SEGUNDA PARTE

Introdução à Segunda Parte 85

Capítulo IV Identificações e Subjetivações Contemporâneas 111
IV.1 A perspectiva descentrada de identidade 111
IV.2 Oscilações enunciativas 113
IV.3 O outro mostrado 119
IV.4 Articulações interdiscursivas 129

Capitulo V Espaço e Tempo 145
V.1 Tempo físico e lingüístico 145
V.2 O público e o privado 150
V.3 Espaço e tempo do amor 152
V.4 O tempo estratificado 156
V.5 Espaço da morte, espaço do sexo 161
V.6 A interface enunciada 169

Considerações Finais 171
Bibliografia 185

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1: Exemplo de blog 14
Figura 2: Exemplo de publicador de blogs (Blogger) 18
Figura 3: Matriz de classificação de blogs elaborada por Alex Primo 22
Figura 4: Exemplo de página de pesquisa do Google Blog Search 87
Figura 5: Resultado da busca em 14 de outubro de 2008 88
Figura 6: Diário virtual íntimo All made of Stars 99
Figura 7: Diário virtual íntimo Drops da Fal 100
Figura 8: Diário virtual íntimo Nós, Mulheres 101
Figura 9: Diário virtual íntimo Recordar, Repetir e Elaborar 102
Figura 10: Diário virtual íntimo Scarlett Letters 103
Figura 11: Diário virtual íntimo Zel 104
Figura 12: Diário virtual íntimo Continua Valendo 105
Figura 13: Diário virtual íntimo Terapia Zero 106
Figura 14: Diário virtual íntimo Eu sempre sobrevivo 107
Figura 15: Diário virtual íntimo Chá de Hortelã 108

Tabela 1: Resultado da busca de blogs do Google tabulado 95

"Eu não quero nada do público. Ele é livre para fazer o que quiser.
Não posso precisar as regras do jogo e depois dar ao público uma bula.
Isso não é mais problema meu. O trabalho é um território dele, não meu"

Sophie Calle

INTRODUÇÃO

De uma cultura audiovisual, cuja apreensão se baseia nos meios de comunicação como análogos aos sentidos humanos, para uma cultura digital de organização do imaginário, a sociedade passa por mudanças, tornando imprescindível entender as linguagens tecnológicas para alcançar a compreensão a respeito dessa nova forma de articulação. Da mundialização do globo terrestre à transformação da informação em um capital gerador de lucro, passando pelo desenvolvimento das tecnologias digitais, como são chamadas a cibernética e a informática ao longo do século XX, novas ordenações podem ser identificadas a alterações na forma com a qual o homem se relaciona com o mundo material e em seus padrões de percepção e abstração da realidade.

Os blogs, também chamados de *weblogs*, objetos de estudo da pesquisa em questão, são um fenômeno integrante das novas ordenações da sociedade devido à informatização integrando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que fazem parte da vida de inúmeras pessoas, transformando os modos de comunicar. A utilização da rede mundial de computadores estabelece um importante fator de agregação e comunicação, sendo constituída por ferramentas como os comunicadores instantâneos, os websites e o e-mail. De acordo com Moraes (2003: 191),

> (...) vivemos uma mudança de paradigma comunicacional. Do gabarito midiático evoluímos para o multimidiático ou multimídia, sob o signo da digitalização. A linguagem digital única forja a base material para a hibridação das infra-estruturas de transmissão de dados, imagens e sons.

Tomados como experiência de reconhecimento social, os blogs são parte importante desse processo; no entanto, diferenciam-se das dinâmicas dos meios de comunicação de massa, que se destacam pela unidirecionalidade da informação. Eles integram as mídias digitais, entre elas, a Internet, que favorecem a descentralização dos fluxos: "a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede" (Castells, 2008:17). Essas redes interativas de comunicação estruturam uma nova geografia de conexões e sistemas e delas resulta o mundo "virtual" e o que hoje chamamos de cibercultura.

Se, no início do século XX, são introduzidas a telefonia, a radiotelegrafia, a radiotelefonia, a radiodifusão, a fonografia, a fotografia, a cinematografia e outras formas de grafia, a revolução digital só ocorre com o surgimento do chip, que desencadeou o progresso da microeletrônica, o avanço dos computadores, o advento dos satélites artificiais e de outros instrumentos que permitem transmitir informação. Desen-

volvidos pelo Estado ou pelas corporações, o objetivo era sempre o mesmo: reduzir o tempo de transmissão, aumentar a quantidade de dados veiculados e viabilizar a digitalização da informação.

A linguagem binária permite que sons, imagens e textos sejam transmitidos por um mesmo cabo, dando lugar a "redes que integram diversas formas de comunicação em uma mesma tecnologia digital básica" (Dantas, 1996: 141), tornando cada indivíduo inserido na produção capitalista "um elo informacional que recebe, processa e transmite algum subconjunto de informação necessário às atividades dos outros indivíduos, ou do conjunto do subsistema social no qual interage" (Dantas, 1996: 142).

No meio analógico, o referente de toda informação é o ser humano. Os meios de comunicação analógicos reproduzem os sentidos humanos, pela percepção, sendo o tempo analógico natural, ao contrário do tempo digital, que é convencional. No meio digital, ao contrário do sentido humano, o objeto é o principal referente. A interface gráfica transforma a informação digital em dado visível pela percepção, mas esta visualização é apenas convenção metáforica. Entre as principais características dessa condição digital podem ser citadas a virtualização, a interatividade, a descentralização, a reprodutibilidade infinita, a estrutura narrativa não linear.

CONTEXTO MIDIÁTICO

Dada a variedade de formatos e conteúdos que podem ser publicados nos blogs, delimita-se o objeto estudado àqueles blogs produzidos por apenas um usuário e destinados a expressar conteúdos referentes ao cotidiano de seus autores, como uma prática autobiográfica, excluindo-se, portanto, os blogs constituídos com finalidades profissionais. Essa escolha justifica a denominação *diários virtuais íntimos* ao tipo de blog estudado.

Diante dessa delimitação, foram selecionados três parâmetros conceituais de apoio, diretamente relacionados a questões que afetam as condições de produção do discurso dos blogs na contemporaneidade.

O primeiro deles diz respeito ao sujeito e à identidade. Tanto as visões conceituais que permeiam o objeto como problema teórico quanto as implicações como fenômeno na contemporaneidade, constituem abordagens primordiais, tendo a questão da identidade como decorrência das transformações do conceito de sujeito e das mudanças sócio-históricas que marcaram o século XX. O segundo e terceiro pontos de apoio cruciais para compreender os blogs fazem uma alusão aos mecanismos de inserção desse sujeito no tempo e no espaço.

Esse tripé constitui-se de conceitos e fenômenos diretamente influenciados pelas transformações que afetaram a sociedade no século XX, tanto em termos teóricos e conceituais quanto em termos históricos. As grandes guerras mundiais, a disseminação dos meios de comunicação de massa das mídias digitais, os movimentos estéticos do Modernismo e outras expressões sociais, contraculturais e antibelicistas, (como o feminismo), foram fatores históricos de mudança da sociedade contemporânea. Paralelamente, no campo intelectual, o surgimento da Psicanálise e dos Estudos de Linguagem contribui para modificar a condição dos sujeitos, ou seja, captam os novos modos de inserção e subjetivação do indivíduo na sociedade. No entanto, não se deve afirmar quais dessas transformações foram determinantes sobre outras. Pelo contrário. As mudanças conceituais e históricas se apóiam mutuamente, num movimento constante e permanente.

Situar os blogs contextualmente implica observar não apenas as condições midiáticas, sociais, históricas e culturais em que o fenômeno emerge, mas também as

circunstâncias epistemológicas e teóricas que surgem a partir da intersecção dos estudos de cibercultura sobre os meios digitais e com as diversas perspectivas analíticas de tais fenômenos, advindas de áreas como Psicologia, Linguística e Teoria da Informação. Fato comunicacional pertencente ao contexto das mídias digitais, os blogs expressam as condições sociais e históricas contemporâneas, marcadas por diversas transformações face às conjunturas da modernidade, relativas às formas de subjetivação e aos modos de posicionamentos identitários, aos mecanismos de representação das conjunções espaciais e temporais, bem como aos modelos de visibilidade pública e privada e às arquiteturas da memória na contemporaneidade.

Independentemente do termo empregado para nomeá-la, seja pós-modernidade, segunda modernidade, modernidade tardia, alta modernidade, modernidade líquida, sociedade da informação ou sociedade pós-industrial, a época do surgimento dos blogs caracteriza-se pelas remodelações do contexto social, econômico e cultural, principalmente ao longo do século XX. O advento da sociedade da informação teria determinado a crise da idéia de progresso e de história unitária, ambas criações burguesas do Iluminismo que admitiam o homem como ser único, caracterizado por uma identidade coesa e racional. Teria ocorrido, portanto, uma ruptura do projeto moderno, apoiado na emancipação humana a partir do progresso. O movimento não se restringe exclusivamente ao campo social, estendendo-se ao aos âmbitos cultural e acadêmico. Enquanto uma das palavras-chave do modernismo é *paranóia*, que presume uma unidade em torno da identidade, na pós-modernidade ela é substituída pela *esquizofrenia*, uma concepção da personalidade com base na fragmentação e instabilidade da linguagem e do discurso.

É nesse contexto que podem ser compreendidos os blogs, ferramentas para a exploração do caráter disperso da identidade contemporânea. No entanto, predomina aqui uma perspectiva critica frente às perspectivas do pós-moderno, principalmente aquelas que acentuam um aspecto de ruptura em relação a um projeto moderno, enfatizando um aspecto oscilativo de continuidade e descontinuidade com base na concepção de liquidez. Zygmunt Bauman (2001) utiliza a metáfora da fluidez para marcar a especificidade do estágio presente da era moderna, dada sua maleabilidade e flexibilidade em contraposição ao artefato sólido. A modernidade seria, assim, fluida desde a sua concepção, um processo de liquefação dos sólidos representados por sistemas que persistem no tempo e por sedimentos do passado no presente, com a finalidade de limpar a área para novos e mais aperfeiçoados sólidos. Esse processo de derretimento determina, segundo o autor, uma nova condição humana, modificando conceitos básicos em torno dos quais as narrativas ortodoxas da condição humana tendem a se desenvolver, como a individualidade e a relação tempo/espaço.

O computador, para Sherry Turkle (1997), exerce na sociedade contemporânea um papel não apenas de ferramenta de comunicação, mas também de transformação dos modos de cognição e interações perceptivas. O sistema de redes em expansão da Internet altera as configurações sociais e culturais da sociedade. As janelas do computador oferecem vários níveis de material com acesso simultâneo e permitem que os usuários naveguem em várias direções e trabalhem em vários documentos, arquivos ou softwares, além de poderem interagir com as informações, reagindo a elas.

Na cultura da interface e da simulação, as identificações são processadas na interação com a máquina. Da mesma maneira que a cultura da interface fragmentada em janelas torna-se uma metáfora para pensar no eu como um sistema múltiplo e heterogêneo, o computador simboliza a condição contemporânea:

> Os sonhos e os animais eram os objetos-cifra de Freud e de Darwin, os objetos-cifra do modernismo. Ao longo da última década, o computador tornou-se um objeto-cifra do pós-modernismo. O computador transporta-nos para além do nosso mundo de sonhos e animais, pois permite-nos contemplar uma vida mental que existe na ausência dos corpos. Permite-nos contemplar objetos que não requerem seres de carne e osso. O computador é um objeto evocativo que leva a que as velhas fronteiras sejam renegociadas (Turkle, 1997: 31)

A tecnologia desempenha, assim, um papel importante na criação de uma nova sensibilidade cultural e social e introduz um conjunto de idéias associadas ao pós-modernismo, ou seja, reifica a estética descentrada, fluida, nãolinear e opaca.

As formas de interação com as janelas do computador mimetizam os dois modelos lógicos de relação entre os meios de comunicação, fenômeno denominado por Bolter e Grusin (2000: 50) como "remediação": a representação de um meio de comunicação em outro, de tamanha importância para a compreensão dos fluxos de comunicação por caracterizar os novos meios digitais. Tanto a imediação quanto a hipermediação são manifestações opostas do mesmo desejo de atravessar os limites da representação. São estratégias para atingir a remediação, que só se efetiva quando ambos os fenômenos se fazem presentes, embora em proporções diferenciadas.

A lógica da imediação é aquela da realidade virtual, que permite a imersão, condicionada à supressão da interface. Nessa imediação transparente, buscada incessantemente pelos entusiastas da realidade virtual, a interface deve apagar a si mesma, e o telespectador não deve sequer perceber os instrumentos tecnológicos que o circundam. Enquanto a imediação propõe um espaço visual unificado, a hipermediação oferece um espaço visual heterogêneo. Ao contrário da lógica da imediação, o objetivo da hipermediação é lembrar o telespectador da presença da interface do meio de comunicação, tendo como exemplo mais efetivo as janelas dos navegadores da Internet, manipuladas conforme a interação do usuário.

As especificidades das formas de interação cognitivas com a interface do computador e sua capacidade de imersão e hipermediação fundamentam-se principalmente pelas suas características particulares: o hipertexto, a virtualização, a interatividade e a narratividade digital.

Leão desenvolve a metáfora do labirinto para descrever a interação com o ambiente hipermídiatico. O criador desse labirinto é o arquiteto, que deve planejar sua estrutura por meio da escrita topográfica, "aquela na qual se divide o texto em unidades, os tópicos, de tal forma que se possa, num outro momento, organizar essas unidades." (Leão, 1999: 111). No entanto, essa construção deve seguir um projeto bem organizado e considerar um espaço mutável e flexível, como faz a arquitetura oriental. Com seu olhar panorâmico, o criador do labirinto hipermídiatico articula a escrita fragmentada em algo que constitui um corpo finito. No entanto, o labirinto em sua complexidade e infinitude só emerge com o olhar local do seu viajante, que faz um percurso sem mapa, mas calculado.

A leitura e a escrita topográfica são táticas primordiais que o autor emprega na arquitetura do labirinto e com as quais o leitor-viajante faz sua viagem na rede que, em seu primeiro contato com o sistema acentrado da rede labiríntica, perde-se na fragmentação e no dilúvio de informações oferecidas, navegando num mundo desconhecido. Nas seleções que faz e nos links que escolhe pela leitura concentrada, o viajante constrói um segundo labirinto, que reúne os elementos pré-selecionados de sua pesquisa e também aqueles inesperados. Em um terceiro momento, ele organiza esses elementos, congelando-os numa escrita.

O autor empírico do diário virtual agrega características de arquiteto e de viajante. Constituído por um paradoxo em função da facilidade de publicação de conteúdos em diários virtuais íntimos, ao mesmo tempo em que é um arquiteto, para Lúcia Leão (1999), um autor-modelo, seguindo a nomenclatura de Umberto Eco (2002), que planeja os caminhos da leitura a partir de uma visão global da estrutura da rede em que se insere e do mapa de seu diário, ele é também um viajante de tantos outros caminhos propostos em leituras na rede. Ele arquiteta seu diário virtual em cada post, como se semeasse caminhos tendo em vista o percurso do seu leitor-viajante. Essa construção arquitetônica é criada, no entanto, com elementos coletados pelo autor como viajante na rede. A partir do primeiro grande labirinto da rede no qual viaja, ele desenha um segundo labirinto, com seus passos e escolhas. E é desse fio que irá arquitetar, "escrever", um terceiro labirinto.

O autor-modelo-arquiteto propõe um roteiro de viagem ao leitor-modelo-viajante, que pode escolher seguir os rastros lineares e cronológicos deixados pelo arquiteto do diário virtual íntimo ou atravessar esse labirinto transversalmente, sem seguir a ordem dos posts nem o caminho de leitura proposto pelo autor.

SUJEITO, ESPAÇO E TEMPO

A questão da subjetividade e da identidade torna-se um prisma de análise para outros aspectos tópicos da vida contemporânea, e a conjunção do surgimento do discurso sobre a identidade com a emergência dos diários virtuais íntimos introduz a discussão a respeito das formas de subjetivação e identificação nas comunicações mediadas por computador.

Como a comunicação mediada por computador permite que o diarista fale sem que, necessariamente, tenha que desenvolver uma relação face-a-face com o leitor, ela torna-se um significante laboratório social para experimentos de construção e desconstrução do "eu interior", onde a crise da noção de identidade e de sujeito constituído na modernidade se expressa. Mudanças estruturais importantes teriam deslocado as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que passaram a ter fronteiras menos definidas, provocando no indivíduo uma crise de identidade.

A partir do que Bauman denomina crise de pertencimento, em que a noção de comunidade baseada na proximidade física entra em colapso para dar lugar à predominância de comunidades por afinidade, a questão identitária emerge como problema. Deixa de ser uma determinação herdada para tornar-se uma tarefa obrigatória, na qual os atores sociais devem arcar com seu desempenho individualmente:

> As identidades na modernidade líquida "flutuam no ar", algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (Bauman, 2005: 19).

Quando as estruturas nas quais a identidade nacional se apoiava começam a ruir, a questão da identidade emerge. Nesse sentido, a evolução dos transportes e das telecomunicações tiveram papel importante nos questionamentos a respeito desse conceito. Uma crise de pertencimento coloca a questão da identidade em pauta.

Se, de acordo com Bauman (2008:185), "as *colocações* individuais na sociedade e os *lugares* aos quais os indivíduos podem ganhar acesso e nos quais podem desejar se estabelecer estão derretendo com rapidez e dificilmente podem servir como alvos para 'projetos de vida'", o enunciador apóia-se na caracterização sequencial

narrativa discursivizada de suas atividades cotidianas para instaurar-se como sujeito da ação. Os esforços individuais de auto-afirmação por meio de uma narrativa de si, marca distintiva dos diários virtuais íntimos, demonstram o caráter individual da política de vida privatizada frente às condições de vida globalizadas e desterritorializadas. A identidade humana passa de uma coisa dada a uma tarefa, na qual os atores sociais devem arcar com as consequências de seu desempenho. A modernidade substitui a determinação da posição social por uma autodeterminação compulsiva e obrigatória.

Essa perspectiva de cunho histórico e social encontra eco na noção de sujeito descentrado que surge na metade do século XX, um sujeito não mais cartesiano, mas uma concepção cujo princípio maior se deve ao seu deslocamento em que se apóia a idéia de identidade descentrada e fragmentada. Paralelamente, emerge, portanto, uma perspectiva descentrada psicanalítica e discursiva que coloca o *eu* como uma instância imaginária e registro narcísico por excelência, cujo inconsciente está fundamentado na linguagem, resultando na noção de heterogeneidade constitutiva do sujeito.

Os diários virtuais íntimos incorporam a oscilação referente à conjuntura crítica da modernidade relativa à crise de pertencimento. Outra relação que define a nova condição humana frente às mídias digitais inclui, além da questão identitária, a conexão entre o espaço e o tempo, conforme conceituações de Bauman (2008). O espaço, na origem desse conceito, correspondia ao que se pode percorrer em certo tempo.

A História da modernidade é a história do tempo, o tempo em que o tempo tem história. Quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam, em princípio, ser transgredidos. Com o desenvolvimento dos transportes, o tempo torna-se um fator independente das dimensões inertes e imutáveis, podendo ser manipulado para conquistar o espaço. Há uma emancipação do tempo em relação ao espaço, que adquire um valor no qual se baseia o progresso dos Estados-Nação em busca da conquista do espaço territorial. Com a digitalização, o longo esforço para acelerar a velocidade do movimento chega a seu "limite natural". Na contemporaneidade o espaço não impõe mais limites à ação. Os lugares são destituídos de valor, já que a acessibilidade é ilimitada em curtos espaços de tempo. O tempo toma a forma da instantaneidade e não confere mais valor ao espaço, o capital extraterritorializa-se e o trabalho é descorporificado.

Essas alterações espaço-temporais marcam uma transformação da vida urbana, que passa por uma vigilância constante por meio de câmeras de TV, fruto da institucionalização dos medos urbanos e da privatização e militarização do espaço público, destituído do caráter de civilidade, de engajamento e de participação. Ele toma a forma dos lugares de consumo que promovem apenas a ação individual baseada nas experimentações subjetivas e não na interação, que aniquilam a alteridade ao mesmo tempo em que promovem um ideal imaginário de comunidade. Desencorajam a idéia de estabelecer-se, são espaços destituídos das expressões simbólicas de identidade, relações e história e promovem uma dispensabilidade da interação civil. Essa metamorfose do comunitarismo surge como uma resposta racional à crise genuína do espaço público e da política.[1]

---

1. Esse parágrafo, bem como o anterior, resenham o capítulo "Tempo/Espaço" da obra de Bauman, *Modernidade Líquida*.

A essa nova relação espaço-temporal relacionam-se as diversas configurações do estatuto público e privado. O desenvolvimento das mídias digitais altera essa distinção, bem como as formas de olhar, e a noção de espaço público revela-se complexa, contraditória e plural. As conseqüentes transmissões de bens simbólicos por meio da interação mediada por computador suplantam a publicidade tradicional da co-presença e fazem surgir novas formas de publicidade, estas não limitadas ao contexto físico comum. Assim, o ato de se tornar público se liberta do intercâmbio dialógico dos atos de fala e da presença física e se torna dependente dos meios de comunicação.

A exibição pública da intimidade e do cotidiano, característica dos blogs aqui estudados, integram esse novo modelo de visibilidade em que o espetáculo surge em forma da prioridade da identidade sobre os interesses civis, pois o *eu* se torna a verdadeira essência das relações em público e da vida pública, em detrimento dos interesses civis comuns. Nesse contexto de articulação entre o voyeurismo e o exibicionismo, emerge uma cultura de promoção do culto a si mesmo, tanto no sentido de dar-se a ver quanto de proteger o eu das investidas do outro.

Também como parte desse tripé conceitual a partir dos quais o objeto de estudo é inserido, podem ser observados os mecanismos de colocação discursiva do sujeito no tempo, e, como decorrência, entrelaçam-se os percursos da preservação da memória pelo texto autobiográfico.

PARTINDO DOS ESTUDOS DE LINGUAGEM

O esboço dos diários virtuais íntimos empreendido a partir do tripé conceitual sujeito-espaço-tempo recupera os pressupostos teóricos dos Estudos de Linguagem, tanto como ponto de partida para a análise do *corpus* proposto, tendo em vista os mecanismos de discursivização do enunciador e percorrendo as instâncias sintáticas, semânticas e pragmáticas, quanto como perspectiva na qual a Linguagem funda o humano, operador da função simbólica e interpelado pelo inconsciente.

A abordagem sintática deve ser empreendida especialmente pela Lingüistica da Enunciação, que postula que a instauração do sujeito se dá por meio do ato enunciativo: quando esse sujeito se coloca como eu, ele constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo. Em função do *eu* que se coloca em relação a um outro, instauram-se também as dimensões espaciais e temporais no enunciado. A linguagem é, assim, a fenda criadora do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação.

O discurso, embora obedeça às coerções da estrutura, é da ordem do acontecimento e da História, sendo, portanto, lugar de instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido. Como não há acontecimento fora dos quadros de tempo, do espaço e da pessoa, torna-se importante compreender o processo de discursivização pelos mecanismos de actorialização, temporalização e espacialização.

Os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso. Ao realizar-se, a enunciação deixa marcas no seu produto, o enunciado. O discurso construído pela enunciação contém, assim, marcas dessa instância de comunicação, que podem ser caracterizadas pela presença ou ausência do ato de enunciar reproduzido discursivamente.

A pesquisa em questão também emprega os métodos oferecidos pela análise do discurso com a finalidade de operacionalizar os conceitos elucidados. A opção por este método de observação dos dados empíricos justifica-se em função das possibilidades que ele possibilita, como analisar o texto escrito em função das diversas instâncias do discurso, permitindo-o percorrer de suas estruturas sintáticas às prag-

máticas em busca da relação entre este discurso, a ideologia e a história, além de facilitar a busca pelos processos de subjetivação do sujeito. Esse método permite observar, por meio da análise textual do discurso materializado nos diários virtuais, a dinâmica do funcionamento da subjetividade dos sujeitos no ciberespaço, bem como estudar a importância das instituições e da ideologia para essa subjetividade.

Isolar os enunciados discursivizados nos diários virtuais íntimos como objeto de pesquisa explicita a problemática do *corpus* de referência. Se todo pesquisador deve estar ciente do direito de traçar os limites de um terreno de investigação conforme a própria conveniência, dentre todo o universo potencial de estudos discursivos no ciberespaço, o recorte do campo dos discursos referentes aos diários virtuais íntimos deve suscitar o dever de justificar a posição estratégica dos *corpora* de referência. Propõe-se falar de uma sistemática da produção discursiva no ciberespaço estudando apenas alguns pontos dessa produção, bem como buscando compreender a dinâmica entre o particular e o universal.

Parte-se assim, do pressuposto de que no ciberespaço concorrem formações discursivas de variadas circunscrições, em dinâmica de tensão constante. Estamos falando de um vasto conjunto de enunciados produzidos por autores de diferentes lugares geográficos, mas de uma mesma época, marcada pela frágil densidade semântica das organizações ideológicas mais maciças que circulam em uma sociedade (Maingueneau, 2008:19). Falemos, então, das diversas concepções e significados, ou seja, de zonas de regularidade semântica para além da heterogeneidade dos tipos de textos, de autores, de sua dispersão no tempo e no espaço a respeito do sujeito e seu modo de emergência no discurso, da evolução histórica da identidade e da memória. O fato de o corpus de referência pertencer a apenas um gênero dentre tantos possíveis no ciberespaço não limita a importância nem depaupera tal análise.

Os enunciados dos diários virtuais íntimos constroem redes de sentidos no ciberespaço, nichos em relação global com o mundo e com as outras redes por meio da integração de temas em torno das concepções de sujeito, identidade e memória. No ciberespaço, são vários os sentidos em torno de tais parâmetros, bem como os modos de colocação destes na superfície discursiva. E certamente os diários virtuais íntimos são um ponto da rede onde convergem e concorrem tais sentidos e formações discursivas, justamente em função das características do ciberespaço como labirinto pelo qual os indivíduos navegam.

A identidade se constrói navegando no labirinto, povoando essa rede emaranhada de narrativas hipertextuais individuais e singulares. As idas e vindas por várias dimensões, sejam elas hipertextuais, lingüísticas ou espaciais, arquitetam a identidade do sujeito, ou melhor, são processos de identificações que permitem ao sujeito se fazer conhecer, dando um sentido à sua existência, construindo uma linearidade, uma coerência, mesmo que fantasiosas. São fantasias narcísicas, que buscam resgatar a singularidade do eu, bem como sua essência, frente à alteridade do outro. Os deslocamentos do sujeito em direção à diferença não constituem, no entanto, uma ruptura porque "encontrar a diferença não é encontrar a ruptura: nem comigo, nem com aquilo que me remete a mim mesmo. É advertir-me de que só sou eu no encontro com o outro diferente de mim" (Coracini, 2003: 27).

Esse movimento de abertura para o outro se relaciona diretamente à problemática da enunciação, que acentua a importância do sujeito descentrado. A relação com o outro como fundamento da discursividade e o caráter polifônico da fala estão fundamentados principalmente na obra de Bakhtin, que defende o princípio dialógico de todo discurso. O discurso autobiográfico é essencialmente dialógico, pois é fundamentado na impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do

constituição interdiscursiva. É também polifônico, marcado por vozes dissonantes cujo autor busca silenciar em nome de um efeito de sentido monofônico. A problemática do interdiscurso, central no desenvolvimento histórico e teórico da Análise do Discurso está inserida nesse contexto.

Assim, a Teoria da Enunciação (e conceitos subseqüentes, como a relação enunciado/enunciação, debreagem, embreagem, actorialização, temporalização e espacialização e efeitos de sentido de objetividade e subjetividade) e a Análise do Discurso (da qual emergiam conceitos como formações ideológicas e formações discursivas, condições de produção do discurso, interdiscursividade, cena enunciativa e *ethos*) devem proporcionar um tratamento de enfoque discursivo a temas como identidade, subjetividade, memória e público/privado.

A Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso também provêm o estudo com ferramentas que favorecem a compreensão das relações de gênero entre os diários virtuais íntimos e outros gêneros autobiográficos, considerando suas especificidades, como a constante presença do outro, explícita ou implícita, e a presença de cenas enunciativas diversas.

Também em conseqüência das características dos meios digitais, bem como do gênero dos diários virtuais íntimos, outro componente discursivo de elevada importância deve ser considerado: há uma distância, tanto temporal quanto espacial entre a escrita e a atualização na leitura, o que impossibilita qualquer outra perspectiva que não explore a relação entre enunciado e enunciação. A construção do labirinto, pelo seu arquiteto, desde seu projeto inicial, leva em consideração os caminhos da leitura pelo viajante do ciberespaço, tendo em vista o *ethos* e os efeitos de sentido que deseja que sejam traduzidos nessa atualização.

NOME E ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Aqui convém explicitar a necessidade de modificar o nome da dissertação: se, antes esteve composto por *"Diários de vitrine": caminhos comunicativos no contexto discursivo do meio digital*, durante o processo de desenvolvimento da problemática teórica, bem como de análise do *corpus* optou-se pelo abandono do termo *caminhos comunicativos*, visando delimitar a perspectiva discursiva da pesquisa com a expressão *percursos de sentido*. Também a designação *"diários de vitrine"* foi substituída por *blogs íntimos*, dada a ampliação da problemática teórica com o tripé conceitual identidade, público-privado e memória.

A primeira parte da dissertação, destinada às fundamentações teóricas do objeto em questão, está constituída por três capítulos.

No capítulo I efetua-se a inserção do objeto de pesquisa no contexto das mídias digitais, diferenciando-se formatos, conteúdos e funcionalidades dos blogs,l com a finalidade de definir conceitualmente os diários virtuais íntimos, tanto como ferramenta de publicação quanto como instrumento das mídias sociais, partindo de classificações e ordenações realizadas por estudos da área da cibercultura no país. Também as especificidades das mídias digitais, entre elas o hipertexto, a virtualização e a interatividade, são explanadas com o objetivo de desenvolver, conseqüentemente, um modelo das formas de interações perceptivas e cognitivas no labirinto hipertextual.

No capítulo II são estabelecidas as bases lingüísticas e discursivas para o estudo do objeto. Designados como experiência de linguagem, os diários virtuais íntimos reproduzem as múltiplas condições do humano, como ser social, histórico e psicológico, favorecendo a emergência de interpretações narrativas da realidade que tem como alvo o discurso do outro.

No capítulo III os diários virtuais íntimos, tanto como fenômeno das mídias digitais quanto de linguagem, são reordenados conceitualmente, com o propósito de compreendê-los quanto à digitalização do texto autobiográfico, às rupturas na ordem da propriedade autoral dos textos, bem como à função da leitura, da escrita e do sentido no ambiente hipermediático. Desse mesmo cruzamento teórico, emergem questões como aquelas relacionadas ao estatuto de diário íntimo que tais textos na rede mundial de computadores podem adquirir, solucionadas a partir de uma perspectiva enunciativa e discursiva de gênero.

A segunda parte, composta por dois capítulos de ordem analítica, dedica-se à aplicação dos métodos da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso ao *corpus* selecionado, com o intuito de expor analiticamente fenômenos da contemporaneidade, como os processos de identificações e as formas de subjetivação, a memória e a relação entre o público e o privado.

O capítulo IV dirige-se às articulações identitárias e às formas de subjetivações, partindo de conceitos da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso. O capítulo V encaminha as análises finais da dissertação, investigando as formas de colocação do sujeito no espaço e no tempo do discurso para alcançar a compreensão dos processamentos da memória e da relação entre o público e o privado no ambiente hipertextual.

As considerações finais agregam as análises às fundamentações teóricas para demarcar as conclusões obtidas no exame do *corpus*.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I
A REVOLUÇÃO DIGITAL

I.1 - OS BLOGS: PLATAFORMA DE PUBLICAÇÃO

A circunscrição teórica do objeto de pesquisa passa, inicialmente, pela compreensão das características, dos elementos constituintes e de uma cronologia histórica do blog como plataforma de publicação de conteúdos temáticos variados, como tecnologia, celebridades, televisão, política, filmes, viagens, negócios, ciência, religião, saúde, esportes, tanto em forma de notícia jornalística, quanto como relatos opinativos e pessoais. Marcados pelas particularidades do ambiente digital, como o hipertexto, a virtualização e a interatividade, os blogs também sugerem formas cognitivas e perceptivas de interação exclusivas do labirinto hipermediático.

Com a revolução digital, a divulgação deixa de ser exclusiva de grandes conglomerados de empresas informativas ou especialistas em Tecnologia da Informação, pois qualquer pessoa pode publicar conteúdos (textos, fotos, vídeos etc.) no momento em que desejar, bastando apenas ter acesso a um computador conectado à Internet. O desenvolvimento de ferramentas que facilitam esse acesso de leigos à divulgação de dados pela rede progrediu de acordo com o crescimento da popularidade dos serviços realizados pela Internet e com o aumento do número de usuários.

Antes da popularização dos navegadores, como eram chamados os programas que habilitavam o usuário a interagir com uma interface HTML (sigla da expressão inglesa *Hyper Text Markup Language,* que significa Linguagem de Marcação de Hipertexto), já era possível acessar a rede, mas para isso ainda era necessário um conhecimento técnico. O surgimento destes navegadores possibilitou a leigos o acesso à rede mundial de computadores, por não exigir que eles soubessem manipular códigos e dados informatizados.

Os blogs também sofreram um processo de desenvolvimento semelhante. Antes mesmo do surgimento de um dos maiores publicadores de blogs (como o www.blogger.com, serviço que oferece ferramentas para usuários publicarem textos na Internet) já era possível acessar blogs na rede. No entanto, publicações pessoais ainda estavam limitadas aos indivíduos que tivessem acesso ao conhecimento da técnica HTML, pelo menos.

Tanto os blogs criados a partir de plataformas de publicação gratuita, como *blogger*, quanto aqueles hospedados em servidores pagos por clientes possuem formato semelhante, sendo constituídos por elementos como os *posts*.

OS ELEMENTOS CONSTITUINTES

Uma vez que o formato e o estilo dos blogs se desenvolveram ao longo dos anos, definir um diário virtual não é tarefa fácil. Em termos de forma, um diário virtual é constituído por páginas da Internet compostas de várias pequenas publicações

(chamadas de *posts*), geralmente dispostas em ordem cronológica a partir da mais recente, localizada na parte superior da página, à mais antiga, na parte inferior, conforme exemplo abaixo:

Figura 1: Exemplo de blog.

Blood nos dá uma definição bastante esclarecedora sobre os blogs e explica que eles são difíceis de serem descritos, mas facilmente reconhecidos:

> O que eles têm em comum é o formato: uma página da rede com novos registros situados no topo, atualizados freqüentemente. Geralmente na lateral da página há uma lista de links apontando para sites semelhantes. Alguns sites consistem em apenas um *weblog*. Outros incluem um *weblog* como parte de um site maior. Mais de uma lista de links e menos que uma revista madura, *weblogs* são difíceis de descrever e fáceis de serem reconhecidos (Blood, 2002: 01)[2].

A ESTRUTURA DOS BLOGS

Os blogs são acessados por meio do *nome de domínio*, seu endereço na rede mundial de computadores. Todos os computadores da Internet, tanto clientes quanto servidores, são identificados por um número de conexão, o chamado endereço IP. Este endereço é necessário para que os dados possam encontrar a máquina à qual se destinam. Ao digitar o nome de domínio, o usuário é direcionado ao endereço IP a ele relativo e a conexão com o computador de destino é estabelecida.

O computador no qual os blogs estão hospedados são servidores e os milhares de leitores são clientes em potencial. No entanto, existem diferenças entre blogs que possuem nomes como www.meuweblog.com.br, www.meuweblog.blogspot.com e www.meuweblog.uol.com.br.

2. Tradução do autor.

No primeiro, o autor do blog provavelmente registrou o nome de domínio, e contratou os serviços de uma empresa de hospedagem. O segundo está hospedado em um servidor que registra, gratuitamente, endereços na rede e oferece ferramentas para publicação de conteúdo fáceis de serem utilizadas por qualquer pessoa. O terceiro está hospedado no *Universo Online,* um grande provedor de serviços pagos de Internet e portal de notícias. Essas diferenças entre os nomes de domínio influenciam nas características dos blogs. A maioria deles se encontra no segundo formato, pois está hospedada em servidores gratuitos que fornecem ferramentas de publicação de conteúdo fáceis de serem utilizadas. Os servidores geralmente limitam a quantidade de conteúdo a ser publicada, além de oferecerem interfaces padronizadas a seus usuários, o que as torna, muitas vezes, não atraentes a alguns autores, que preferem criar seus próprios diários, hospedados em servidores pagos, mas que fornecem maior capacidade de armazenamento de dados e permitem a criação de interfaces personalizadas.

Nos blogs, os *posts* mais novos são mostrados na parte superior da *página principal* e, os mais antigos, abaixo desta, em ordem cronológica. A interface destas páginas é bastante clara, de boa usabilidade e facilmente navegável.

As *páginas de arquivo* guardam permanentemente os *posts* antigos. Quando um novo *post* é publicado, ele é copiado tanto para a página principal quanto para a página de arquivos, criadas automaticamente pelas ferramentas de publicação, e servem não apenas como cópia de segurança do conteúdo da página principal, como também permitem aos visitantes visualizar o conteúdo antigo publicado. Além da página principal e das páginas de arquivos, o blog também pode conter poucas páginas adicionais, que descrevam alguma informação sobre seu autor, ou galerias de fotos, por exemplo. Podem também conter páginas com formulários para contato com o autor.

Dentro das páginas, os *posts* são pedaços de conteúdo adicionados aos blogs. Sua funcionalidade é auto-explicativa: é o bloco primário, o primeiro elemento visualizado quando a página de um diário virtual é aberta. Seus textos podem variar de tamanho e podem ser formados apenas por fotos. Como os blogs estão geralmente organizados cronologicamente, data e hora de publicação são essenciais para identificar e contextualizar os *posts*.

Metadatas são elementos que contêm informações que suplementam o *post*, como seu autor, data e horário de publicação. Também podem funcionar como um título e/ou link para o *post*. Podem estar localizadas no final do *post* e indicar seu final, em letras menores e fontes ou cores diferentes, como data, autor e comentários. Também podem ficar acima dele, como o título. Blogs assinados por apenas um autor podem dispensar a ferramenta automática que posiciona o nome do autor abaixo de cada *post*. No entanto, essa funcionalidade é bastante interessante àqueles produzidos por mais de um autor.

Geralmente nas laterais das páginas principais dos blogs estão os *links* que direcionam o leitor para outros sites de interesse do autor, que podem ser tanto páginas institucionais, comerciais, quanto outros blogs de colegas. *Permalinks* são links que direcionam unicamente para os *posts*. São importantes por permitirem que outros autores de blogs associem este link a seus blogs. Cada *post* em um diário virtual, independentemente de seu tamanho, pode ser localizado por um link permanente e único. São endereços fixos para cada *post* em um diário virtual e elementos poderosos usados para disseminar idéias e opiniões.

AS CARACTERÍSTICAS DOS BLOGS

Estes elementos que constituem as páginas dos blogs asssinalam algumas das suas principais características, presentes em sua maioria. No entanto, existem ex-

ceções: alguns autores preferem dedicar a página inteira apenas à publicação mais recente, enquanto todas as outras ficam arquivadas e podem ser acessadas por links que geralmente estão localizados na parte lateral ou inferior da página. Alguns blogs contêm links para outros sites ou blogs. No entanto, esta não é a regra geral. Os autores dos blogs tendem a criar links para outros, geralmente assinados por amigos, colegas de trabalho, familiares, em maior quantidade do que links para sites externos.

Os blogs podem ser mantidos por apenas um autor ou por vários, que se revezam na publicação de conteúdo. No entanto, esta pesquisa deverá ter como objeto de estudo apenas os blogs de autoria individual.

As ferramentas disponibilizadas pelos publicadores de conteúdos de blogs permitem que seu autor escolha as características de seus diários, como suas cores, sua interface gráfica, a disposição de links (que podem ser excluídos pelo autor) na página, o estilo de arquivamento das publicações antigas e a possibilidade de receber comentários dos seus leitores. O instrumento de arquivamento de conteúdo possibilita ao autor guardar e disponibilizar para acesso dos leitores por vários anos o conteúdo publicado.

Com uma corrente de novos conteúdos, atualizados diariamente ou muitas vezes ao dia, blogs acumulam audiência. Em comparação a sites com páginas estáticas, blogs que atualizam constantemente seus conteúdos podem ser chamados de dinâmicos. As páginas de blogs não se mantêm estáticas por muito tempo, pois estão em plena atividade. Ao contrário de sites tradicionais compostos por muitas páginas, os blogs contêm poucas páginas, entre elas a página principal e as páginas de arquivos.

A página principal é visitada constantemente pelos leitores, é preenchida por pequenos textos, datados e posicionados em ordem cronológica, os *posts* (em português é comum utilizar o verbo postar para indicar a atividade de registrar e publicar esses textos). Publicar um texto em um diário virtual é tão fácil quanto escrever um texto em um formulário on-line e clicar em um botão. As ferramentas de publicação de blogs são geralmente alocadas na Internet e, assim, podem ser acessadas por qualquer computador conectado à rede. Assim, pode-se publicar conteúdo de qualquer lugar, do trabalho, de casa, da escola ou mesmo durante uma viagem.

A organização cronológica dos blogs, bastante simples e que permite aos leitores ler apenas o conteúdo mais recente, torna-se inútil e confusa quando o leitor deseja buscar um *post* ou assunto específico. Para conseguir isso, a única maneira é procurar em todos os *posts*, visualizando um a um. Algumas ferramentas de publicação oferecem a funcionalidade de listar na lateral da página principal os títulos dos *posts* mais recentes. Junto às *metadatas*, geralmente na base dos *posts*, estão localizados links por meio dos quais os leitores podem deixar comentários a cada *post* e ver quantos e quais comentários foram deixados por outros leitores.

Os blogs mudaram dramaticamente a maneira como as pessoas viam os sites na Internet, uma vez que estes estavam focados em páginas de texto e formas obscuras de organização e publicação. Enquanto os sites tradicionais estavam organizados pelo paradigma da página, os blogs estavam organizados pelo paradigma dos *posts*. Os *posts* são fáceis de ler e podem ser escritos e publicados por meio de e-mail, mensagens pelo celular etc.

UMA BREVE CRONOLOGIA

É difícil determinar exatamente quando e onde surgiram os blogs, uma vez que seu estilo e formato foram delineados ao longo dos anos. Não foi apenas uma pessoa,

instituição ou empresa que definiu o que seria um diário virtual e qual formato ele teria. Segundo os autores de *We Blog Publishing online with weblogs*[3], eles surgiram de forma espontânea em vários sites ao redor do mundo (Bausch, P; Haughey, M; Hourihan, M, 2002: 08). De simples diários na rede, tornaram-se ferramentas de publicação editorial e de opinião de milhares de pessoas. Cresceram organicamente desde que seus primeiros autores começaram a se interconectar com milhares de leitores e também entre si.

Um dos pioneiros da criação de ferramentas utilizadas quase exclusivamente pelos blogs foi Dave Winer, da Universidade de Harvard, ao criar o serviço de "trackback", uma ferramenta que possibilitava a ligação dos *blogs* a textos pessoais mais antigos, por meio de uma ligação na própria página. Em 1997, o americano John Barger criou seu site, que continha links para cerca de trinta páginas, com pequenas descrições de seus conteúdos. Abaixo destes links, ele fazia comentários pessoais, que funcionavam como uma espécie de complemento aos links. Finalmente, em dezembro de 1997, seu autor cunhou o termo *weblog*, para definir as páginas pessoais que utilizavam ferramentas que permitiam não só a ligação a outras páginas mais facilmente, como o uso de *blogrolls* (gestão de links) e *trackbacks* (gestão de arquivos), assim como comentários aos textos.

Ao longo do ano de 1998, muitos outros sites com a mesma estrutura se espalharam pela rede, denominando-se *weblogs*. Em vez de adicionarem novas páginas ao *website*, seus autores publicavam pequenos textos numa única página, que era atualizada constantemente. Este também foi o ano do início da era dos portais e o início da bolha das empresas "ponto com". Nesse estágio inicial, os portais pretendiam prender sua audiência ao máximo. Por este motivo, links externos, isto é, que levavam o leitor para outros sites, não eram muito utilizados. No entanto, a estrutura dos blogs incentivava o contrário.

No início de 1999, Peter Merholz criou na sua página pessoal a palavra *blog* como diminutivo de *weblog*, através da separação da frase *weblog* em "wee blog", que foi assim interpretada como a abreviatura da frase *weblog*. No mesmo ano foram lançadas as ferramentas de publicação de conteúdo de blogs, como o *Blogger*. Antes desses lançamentos, os autores de blogs eram obrigados a operacionalizar seus próprios softwares de publicação, ou desenvolver todas as páginas manualmente em HTML, todos os dias. Esta limitação técnica explica por que os autores de blogs se restringiam a programadores e profissionais do ramo da tecnologia da informação. A figura 2 refere-se à versão do serviço *Blogger* (www.blogger.com) em maio de 2008:

Com a inserção destes dois serviços, além de outros com as mesmas funcionalidades que apareceram daquele momento em diante, qualquer pessoa que pudesse digitar e tivesse acesso à rede poderia ser autor de um blog, sem custos.

Durante 2001, a explosão da popularidade e o crescimento dos blogs continuava. Em 2002, jornalistas profissionais passam a fazer uso dos blogs, tanto com finalidade profissional quanto pessoal. No início desse mesmo ano, a expansão se acelerava e o aumento do número de blogs ocorria, principalmente, devido à crescente ameaça de invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Certamente os acontecimentos que sucederam a queda das torres gêmeas no dia 11 de setembro de 2001, em Nova York se tornaram um marco histórico. Além das conseqüências econômicas, culturais e políticas por todo o mundo, esse evento marcou profundamente as características e as funcionalidades dos blogs.

---

3. Base de referência bibliográfica de toda a "Breve Cronologia".

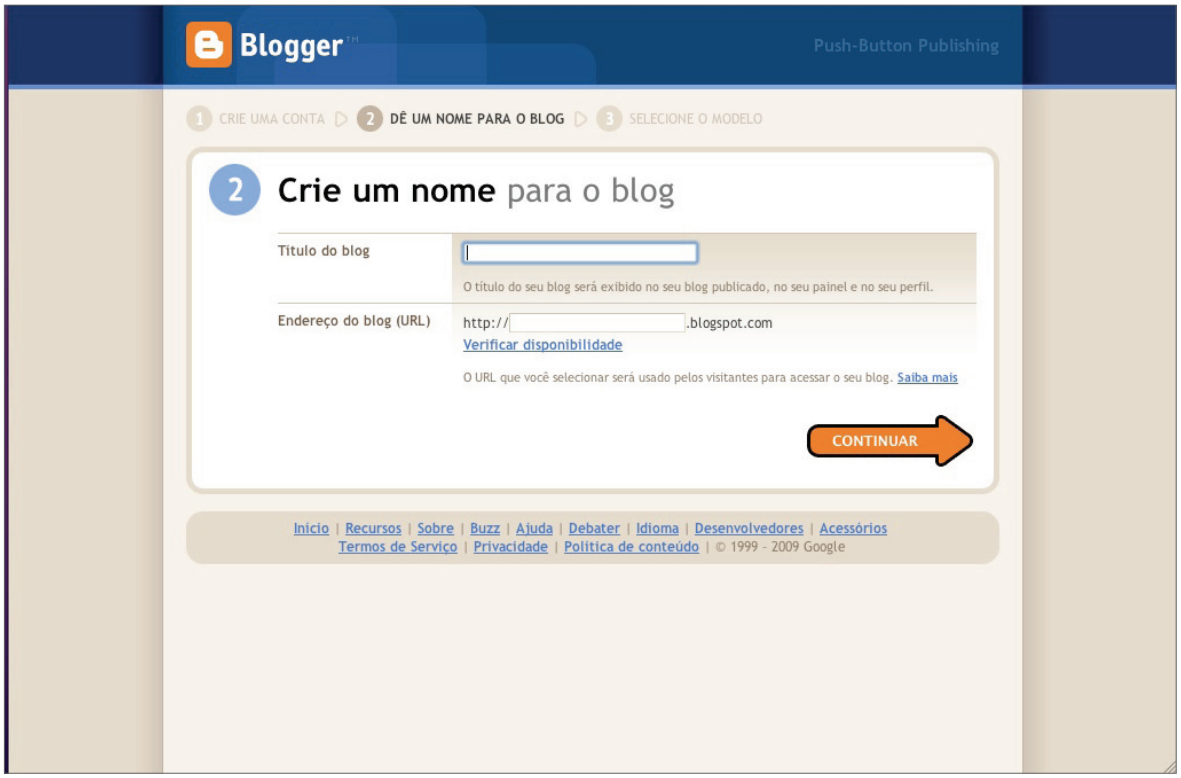

Figura 2: Exemplo de publicador de blogs (*Blogger*).

A facilidade de publicar conteúdo que o mundo todo visualizasse se tornou imprescindível e favoreceu milhares de pessoas em busca de notícias sobre parentes, amigos e sobreviventes. Os blogs permitiram que histórias alternativas àquelas contadas pelos jornais e revistas fossem conhecidas. Serviços de publicadores de blogs passaram a oferecer ferramentas de busca e tematização a partir das necessidades enfrentadas pelos leitores para buscar blogs que tratassem de assuntos específicos.

Até 2003, os blogs mais populares, segundo Bausch (2002), eram os blogs pessoais nos quais pessoas de diferentes idades e gêneros escreviam sobre os mais variados assuntos. O fenômeno expandiu-se a todo o mundo, sendo utilizado para diversas funções, desde diários pessoais (a sua verdadeira origem), até para apoio político e social, passando por diários com conteúdos para adultos. Os blogs desenvolveram-se a ponto de abordar qualquer assunto e refletem pontos de vista que se estendem do mundo privado de seu autor ao mundo público da cultura e de acontecimentos ao redor do mundo, além de todo o conteúdo entre esses dois extremos.

O formato blog popularizou-se de tal forma desde o seu surgimento que seus usos e funcionalidades multiplicaram-se. Grandes conglomerados empresariais criaram blogs para facilitar a interlocução entre seus diversos departamentos, bem como para representar um instrumento de contato com os consumidores. Algumas empresas patrocinam blogs de pessoas que se comprometam a divulgar seus produtos a alvos específicos de consumidores. Também os grandes portais na rede já hospedam uma grande quantidade de blogs, tanto de autores já conhecidos no circuito midiático quanto de anônimos.

Uma das principais conseqüências da popularização dos blogs, a emergência do chamado jornalismo cidadão[4] colocou em xeque a atividade jornalística. No novo

4. Também chamado jornalismo colaborativo ou jornalismo *open-source*, idéia segundo a qual qualquer pessoa pode desempenhar um importante papel no processo de coleta, reportagem, análise e disseminação da notícia jornalística.

século, os blogs passam a fazer parte do contexto do jornalismo on-line na atualidade. Para utópicos, o blog seria um meio totalmente caracterizado pela liberdade de expressão, que subverteria a hierarquia de poder perpetuada pelos grandes conglomerados midiáticos. Para os céticos, um meio de expressão incapaz de modificar as estruturas empresariais e financeiras a ponto de transformar qualquer cidadão em jornalista:

> A grande mídia não consegue mais controlar o campo de batalha e ditar as regras do jogo e quem dele irá participar, quais histórias serão publicadas e quem tem a palavra final. O público agora tem a palavra final. E não há volta, somente um esforço para capturar e manter a audiência baseada na credibilidade (Hewitt: 2005, 94).[5]

A democratização do acesso à informação possibilita que qualquer pessoa seja uma interlocutora dos acontecimentos que ocorrem à sua volta. Os blogs de conteúdo jornalísticos são poderosos meios de distribuição de informação devido às suas características descentralizadas. Seu conteúdo é distribuído pela rede e as perspectivas são variadas, permitindo aos leitores terem acesso a variados pontos de vista sobre o mesmo assunto. Essas características são benéficas, uma vez que não existe censura e não ocorrem problemas com relação a excesso de tráfego, transformando os blogs em ferramentas de utilidade pública em caso de catástrofes e emergências, como ocorreu no dia 11 de setembro de 2001, quando os servidores da imprensa tradicional não foram suficientes para permitir o acesso de milhares de pessoas em busca de informação sobre os atentados.

1.2 - FORMATO MULTIUSO: OS DIÁRIOS VIRTUAIS ÍNTIMOS

Tendo em vista o percurso histórico dos blogs na contemporaneidade, é possível pensar nos diversos sentidos que o termo blog carrega. Seguindo a classificação de Primo, o termo pode fazer referência às suas ferramentas de publicação, como os serviços *Blogger* e *Wordpress*, designando um programa, mas também pode identificar um espaço na rede mundial de computadores (como nos textos em que Rosana Hermann, autora do blog Querido Leitor, denomina a si mesma como "zeladora" do seu blog) ou um texto ("Li ontem o seu blog e gostei do que você escreveu"):

> Da confusão entre blog/programa e blog/texto decorre boa parte dos estereótipos sobre esse fenômeno da cibercultura. É preciso que fique claro que um blog/programa não determina que o blog/texto deverá seguir um gênero específico. Deve ficar claro que blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são freqüentemente definidos. Os blogs facilitam os debates grupais a partir de qualquer computador com acesso à Internet (Primo, 2008).

Dada a facilidade de inserção de textos, imagens, sons e vídeos na rede por meio dos blogs, nota-se uma imensa diversidade de estilos e objetivos por parte de seus autores e, portanto, uma variedade de gêneros. Esse é o principal motivo pelo qual é importante contrastar os blogs aos diários tradicionais. Se ambos compartilham a sucessão cronológica de seus textos como uma importante característica, a semelhança entre ambos não pode ser dada como certa em função do conteúdo expresso em seus textos. Certamente, grande parte dos autores de blogs fazem uso das ferramentas de publicação dos blogs para uma escrita de si, no entanto, dife-

5. Tradução do autor.

rentemente dos diários tradicionais, os blogs permitem a expressão de uma escrita de si fundamentada na percepção do outro, ou seja, motivada pela possibilidade de presença (mesmo mediada pelo computador) do leitor.

> Uma parcela de blogs de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros blogs, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e blogs os opõe de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, têm como destinatário o próprio autor. Blogs, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal (Primo, 2008).

Diversas são as tentativas em busca de uma classificação dos blogs. Rebecca Blood divide os blogs em tipos, classificados de acordo com a disposição dos links e seus conteúdos. O primeiro tipo, segundo ela, seriam os chamados blogs. Os blogs são parecidos com pequenos periódicos, ou diários. O assunto remete ao cotidiano do seu autor, com links subordinados ao texto. Os links, quando incluídos, parecem ter mais a finalidade de definir palavras e levar o leitor a sites de amigos do autor. Esse tipo de site, segundo Blood, teria dominado o universo dos *weblogs* no ano 2000, provavelmente quando a proliferação de ferramentas facilitou a publicação de simples notas e pensamentos. Estavam mais voltados aos pensamentos do autor do que às notícias divulgadas diariamente pela mídia. O segundo tipo seriam os *notebooks*. Por vezes pessoais, por vezes baseados no mundo exterior, os notebooks se diferenciam dos blogs por longas partes de conteúdo único. Registros pessoais às vezes estão em forma de história. Alguns deles foram desenvolvidos como um espaço de contemplação pública, mas os registros de seu autor geralmente estão no centro. Mais curtos que ensaios, mais longos que os registros-pílula do blog, esses sites se destinam a textos mais editados que aqueles do blog típico. No entanto, ambos tendem a se focar no mundo interno do autor e nas suas relações com o mundo exterior. Blood procura distinguir os blogs e notebooks do que ela chama de *online journals* (diários online), que seriam os antecessores dos blogs e notebooks. Os *online journals* contêm um registro diário, e cada registro ficaria em uma página.

Apesar dessa diferença estrutural, Blood assinala que a grande divergência estaria na intenção do autor. Os *online journals* seriam análogos aos diários impressos, com a única diferença de serem publicados com a finalidade de estarem expostos. Segundo ela, os blogs contêm mais e menores registros por dia, e seus autores estariam mais interessados em se comunicar do que em se exibirem a outros internautas.

O terceiro tipo seriam os chamados *filters*, no qual predominam os links. Atuam como sites filtradores da mídia tradicional e reproduzem seu conteúdo por meio de hiperlinks. Independentemente do tamanho de seus registros, seus autores desejam mostrar o mundo ao leitor. Esses sites, embora lembrem os blogs e notebooks, revelam a personalidade de seu autor de fora para dentro, em sua relação com o mundo exterior. Geralmente os *filters* são mantidos por vários autores, como um esquema de colaboração.

Os diários virtuais do tipo *filter* foram mais populares até 1999. Antes da criação das ferramentas gratuitas de publicação de diários virtuais, estes eram criados por pessoas habituadas a lidar com linguagem de programação. Eram geralmente pessoas que trabalhavam com Internet, que publicavam notícias, contextualizavam-nas, recebiam comentários de leitores, etc.

Apesar de diferenciar os tipos de blogs de acordo com o conteúdo e a disposição de links, esse modelo de classificação não consegue dar conta de inúmeras variantes

dos tipos de blogs desde o seu surgimento. A autoria coletiva ou individual e o conteúdo temático, por exemplo, não são contemplados por essa tipologia.

Por motivos que serão explicados ao longo deste trabalho, optou-se pelos estudos classificatórios de blogs orientados por Alex Primo, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu modelo tipológico avalia os blogs de acordo com suas regularidades e com um conjunto de elementos e dimensões como gênero, temática, processo produtivo, etc:

> Diversas são as tipologias que buscam discriminar os blogs em grandes grupos. Contudo, a popularização desse serviço e a multiplicação de estilos e objetivos na blogosfera vêm causando dificuldades à aplicação das categorias propostas. Outro problema é o fato de que em um mesmo blog pode-se encontrar diversos gêneros dispersos em posts diferentes. Dessa forma, para que se possa avaliar um blog, buscando suas regularidades, é preciso avaliar uma amostra de posts significativa, e não apenas observar sua descrição e seu título (Primo, 2008).

Primo desenvolveu uma matriz para tipificação dos blogs considerando sua produção individual ou coletiva, em um eixo horizontal. Nesse eixo, cada blog individual pode ser do tipo profissional ou pessoal e cada blog coletivo pode ser grupal ou organizacional. Os posts dos blogs (dos quatro tipos) podem variar (em um eixo vertical) de acordo com o objetivo do conteúdo, se *para fora* ou *para dentro*:

> Enfim, é preciso comentar que os posts de um blog podem variar entre o relato (como um release, a descrição do enredo de um filme, a sugestão de um link ou até mesmo a simples cópia de um texto publicado alhures) e um texto reflexivo (como a crítica de um filme, avaliação de um software, reflexão sobre uma situação vivida). Além disso, o conteúdo pode ser criado com um olhar que volta-se (*sic*) para fora (para o governo federal, os lançamentos da indústria de informática, para o Campeonato Brasileiro, etc.) ou para dentro (sobre a família e amigos, um projeto próprio do indivíduo ou organização, etc.) (Primo, 2008).

Ilustrada, essa matriz segue o padrão mostrado na figura 3. Cada numeração corresponde a um tipo específico de blog, de acordo com Primo:

Os blogs profissionais subdividem-se em:

1. profissional auto-reflexivo
2. profissional informativo interno
3. profissional informativo
4. profissional reflexivo

Os blogs pessoais subdividem-se em:

5. pessoal auto-reflexivo
6. pessoal informativo interno
7. pessoal informativo
8. pessoal reflexivo

Os blogs grupais subdividem-se em:

9. grupal auto-reflexivo
10. grupal informativo interno

11. grupal informativo
12. grupal reflexivo

Os blogs organizacionais subdividem-se em:

13. organizacional auto-reflexivo
14. organizacional informativo interno
15. organizacional informativo
16. organizacional reflexivo

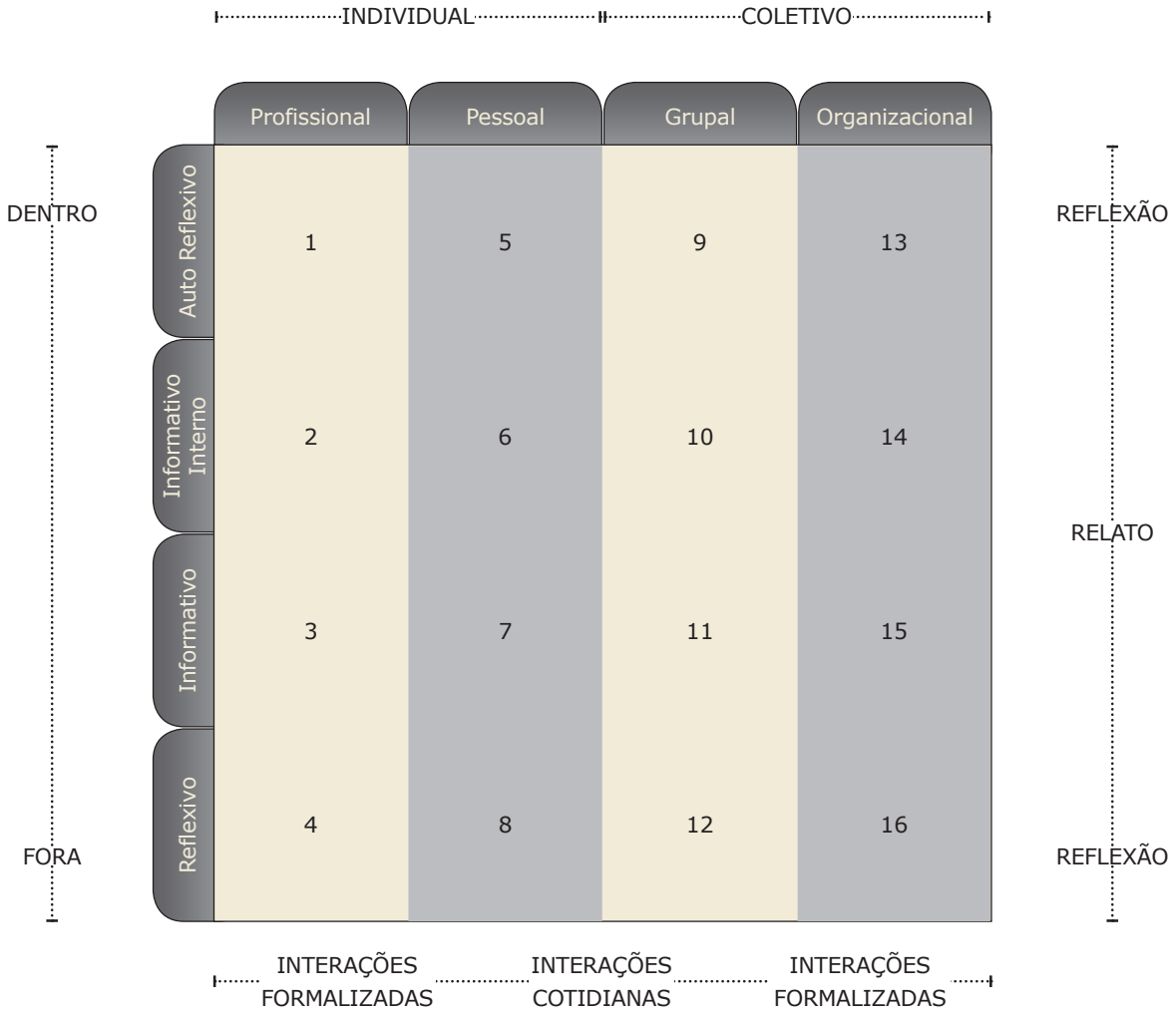

Figura 3: Matriz de classificação de blogs elaborada por Alex Primo.

Apesar de estarem presentes massivamente na rede, os blogs pessoais auto-reflexivos (que, a partir dessa classificação e em virtude da caracterização do objeto de pesquisa em estudo, serão denominados *diário virtual íntimo*) fazem parte de uma parcela estatística de blogs que os especialistas denominam como a "cauda longa da Internet" (Anderson, 2006). São milhões de blogs com taxas de visitações relativamente baixas, mas responsáveis, no total, por grande parte do tráfego de informações em blogs na rede. Embora específicos na blogosfera (termo empregado para referir-se ao universo de blogs na Internet), os diários virtuais íntimos correspondem a um grande volume de informações, mas pouco acessadas pelos usuários. O volume estatístico de blogs com tais características acaba por gerar conflitos em torno da definição do termo e do formato blog:

> É importante salientar que o gênero pessoal auto-reflexivo é certamente o mais referenciado, tanto na academia quanto na imprensa. Possivelmente, permanece sendo o mais comum na blogosfera em números absolutos. Contudo, como se vê, ele não é sinônimo de blog. Ou seja, trata-se apenas de um gênero entre tantos outros (como se busca aqui demonstrar), e não a própria definição do que seja blog (Primo, 2008).

De acordo com o autor, o blog individual auto-reflexivo está voltado para a manifestação de opiniões e reflexões pessoais sobre si, sobre os outros e sobre sua vida cotidiana:

> Tais manifestações (mesmo em blogs privados, com acesso apenas para um pequeno grupo) podem constituir o que Nardi, Schiano e Gumbrecht (2004) chamam de "pensar enquanto se escreve". Segundo eles, a presença de uma audiência transforma não apenas a redação, mas também o próprio processo cognitivo individual: "'Pensar enquanto se escreve' incorpora a cognição numa matriz social na qual o blog é uma ponte para os outros para receber um retorno explícito, e também um meio pelo qual se regula o próprio comportamento (a escrita) através da conexão com uma audiência (Primo, 2008).

Diferentemente dos blogs profissionais, o trabalho do autor está presente nos diários virtuais íntimos, mais como um dos eixos de sua escrita do que como tema principal. Também os diários virtuais íntimos apresentam uma perspectiva crítica, pessoal e opinativa a respeito de sua escrita, ao contrário do que ocorre no blog pessoal informativo interno, "blog individual cujos posts dedicam-se principalmente para o simples relato das atividades do blogueiro (projetos pessoais, passeios, eventos sociais, etc.)" (Primo, 2008).

Tanto como plataforma de publicação ou como diário virtual íntimo, os blogs estão inseridos no contexto das particularidades das mídias digitais, caracterizadas pela virtualização, pelo hipertexto digital e pela interatividade.

I.3 – AS CARACTERÍSTICAS DAS MÍDIAS DIGITAIS

Os diários virtuais são elementos importantes do processo de desregulamentação promovido pelo advento das mídias digitais, marcadas pela virtualização, pelo hipertexto e pela interatividade. Além de um ato de escrita e leitura diferente daqueles dos diários tradicionais, os textos autobiográficos na Internet sofrem o abalo da virtualização do texto, de um contexto unidirecional homogeneizante para outro, multidirecional. Paradoxalmente, o texto autobiográfico agora é público, por meio do qual autor e leitor podem interagir, subvertendo a ordem da narrativa tradicional.

O texto, antes manuscrito, passa a ser digitado. O autor pode, continuamente, recorrer aos bancos de dados acessíveis na rede e não precisa mais guardar todas as informações na memória. A interpretação do *eu* sofre abalos, em um contexto marcado pela interconexão generalizada, onde as referências espaciais e temporais clássicas se perdem.

As velhas oposições entre oral e escrito, escrito e manuscrito, escrito e impresso desaparecem ou se transformam com o surgimento de novos dispositivos comunicacionais, conceito que permite compreender as especificidades do meio digital e, consequentemente, do formato dos diários virtuais. Pierre Lévy (Lévy 2000: 63) introduz a idéia de dispositivo comunicacional termo utilizado por vários outros estudiosos das mídias, que designa a relação entre os participantes da comunicação e separa os diversos meios de comunicação em três categorias:

1. Um - Todos: a mensagem é enviada por apenas um meio de comunicação a vários receptores.
2. Um - Um: a mensagem é enviada por um meio de comunicação a apenas um receptor.
3. Todos - Todos: a informação é enviada por diversos meios de comunicação a diversos outros receptores.

Para Lévy, as mídias tradicionais (mídias de massa), como a televisão, o rádio e o jornal impresso são dispositivos comunicacionais do primeiro tipo, e a Internet, um dispositivo do terceiro tipo, que proporciona o que Chartier chama de revolução do texto digital. Segundo Chartier, essa revolução introduz rupturas de ordem do discurso, do saber e da propriedade. A ordem do discurso é aquela mantida pela relação entre tipos de objetos, categorias de texto e formas de leitura, ao longo da história da cultura escrita, provindo da sedimentação de inovações fundamentais, como a invenção da imprensa. É a partir dessas inovações que a cultura moderna modela seus saberes sobre o mundo: o livro é o maior objeto-símbolo da cultura moderna, fundamentada na propriedade intelectual de um autor sobre sua obra. A digitalização transforma, portanto, essa ordem discursiva, fazendo com que os textos independam de uma espacialidade física para serem compreendidos: perde-se a vinculação natural entre o texto e seu suporte, pois todos os textos passam a serem lidos na mesma plataforma e nas mesmas formas. Os discursos não são mais diferidos pela sua materialidade, pela sua vinculação única com seu autor, pois,

> (...) a leitura diante da tela é geralmente descontínua e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um *website*), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento (Chartier, 2002: 23).

Em função do mundo eletrônico, configura-se, portanto, uma ruptura em três níveis: propõe-se uma nova técnica de difusão da escrita, incita-se uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição.

Como conseqüência, o advento das mídias digitais e o desenvolvimento da informática acrescentam uma nova dimensão ao aprofundamento dos estudos do gênero discursivo. Adiante serão abordados os fenômenos que provocam essas mudanças e que tornam o meio digital um lugar de criação de novos gêneros: a virtualização, o hipertexto digital e a interatividade. Em seguida, os temas da autoria e da escrita e leitura no ciberespaço serão problematizados segundo as características dos fenômenos particulares a esse universo.

A VIRTUALIZAÇÃO

Lévy nos apresenta os conceitos em torno da palavra virtual, fonte de muitas controvérsias no mundo digital e também fora dele. Segundo ele, a palavra virtual envolve três sentidos diferenciados: um sentido técnico, ligado à informática, outro sentido corrente, no qual o virtual equivale ao irreal e por último, um sentido filosófico, no qual o virtual existe apenas em potência e não em ato.

A polêmica em torno da palavra virtual muitas vezes vem da combinação de interpretações variadas, de acordo com seu uso. No uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade, algo que, no mundo material, não existe, enquanto a realidade pressupõe uma efetivação material, uma presença

tangível. De acordo com o uso filosófico da palavra, o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Para Lévy, o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual; responde-lhe. Virtualidade e atualidade seriam apenas dois modos diferentes de realidade, diferenciados apenas pela atualização, ou não, da potencialidade (Lévy, 2000: 48): "Repetindo, ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. O virtual existe sem estar presente. Uma palavra existe de fato".

Como afirma o autor (2000: 29), no mundo da cibercultura, a palavra virtual está associada a dois aspectos. O primeiro, ligado ao sentido técnico, diz respeito à digitalização da informação, que permite que dados sejam traduzidos em números de forma rápida, em grande escala, com precisão e fácil manipulação. O segundo, ligado ao sentido filosófico, considera o mundo virtual (que, na verdade, é um conjunto de códigos digitais) um potencial de imagens, disponível ao ato de um clique do mouse. Para acentuar a desordem das interpretações a respeito do virtual na cibercultura, é muito utilizado o sentido corrente da palavra, no qual virtual é algo que não existe.

A atualização, como um processo de resolução que busca tornar o virtual atual, aparece como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado, exigida por um complexo problemático, no nível dos acontecimentos. Ela equivale, no nível das substâncias, à realização do potencial em real. A virtualização pode ser compreendida como o movimento inverso da atualização, uma passagem do atual ao virtual:

> A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma 'solução'), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático (Lévy, 1996: 18).

Como, para Lévy (2000: 52), informações digitais sempre necessitarão de um suporte físico, estes conteúdos íntimos se atualizam por meio do hipertexto. O digital permite que um novo universo de geração de signos se desenvolva, no qual o computador funciona como um operador de virtualização da informação. No entanto, "embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui lugar" (Lévy, 1996: 20).

A virtualização da informação acarreta em inúmeras outras conseqüências que afetam as características desses conteúdos. Uma das principais características da virtualização é o desprendimento do aqui e do agora, ou seja, a desterritorialização. Segundo o autor (1996: 20), quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam "não presentes", se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. No entanto, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos.

Para Lévy, "além da desterritorialização, um outro caráter é freqüentemente associado à vir tualização: a passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior. Esse "efeito Moebius" declina-se em vários registros: o das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor etc" (Lévy, 1996: 24). A virtualização subverte as concepções tradicionais de identidade, privacidade, autoria, leitura e escrita.

As percepções corporais são externalizadas pelos sistemas de comunicação, os dispositivos comunicacionais virtualizam os sentidos. Numa espécie de reviravolta, os sistemas médicos virtualizam o corpo: "pela tele-presença e pelos sistemas de comunicação, os corpos visíveis, audíveis e sensíveis se multiplicam e se dispersam no seu exterior" (LÉVY, 1996: 30). O corpo agora pode ser segmentado em inúmeras partes sem deixar de viver.

Virtualizado, o corpo deixa de ser o representante supremo de uma identidade pessoal. A identidade clássica, baseada na presença do corpo físico é corrompida pelos processos de virtualização, que transformam o corpo em imagem virtual, em uma tele-presença:

> A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos (LÉVY, 1996: 25).

A Realidade Virtual é o fenômeno mais apropriado para demonstrar a virtualização dos sentidos corporais. São ambientes programados para obter informações que sejam inteligíveis à vida humana e determinam outra forma de pensar, sentir, conhecer e experimentar o mundo, como resposta a uma necessidade de viver ambientes que não podem ser captados pela nossa percepção.

Para Lévy, a escrita é uma tecnologia intelectual e atua como uma virtualização da memória, tecnologia cognitiva. De um pólo do manifesto, a memória atual se virtualiza, se artificializa, se exterioriza em direção a um pólo do latente, onde se transforma em uma problemática de discurso, a ser interpretada pela leitura, em contexto diferenciado daquele de origem:

> Virtualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito freqüentemente estão separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e, portanto são recebidas fora de contexto (LÉVY, 1996: 38).

Virtualização não é desrealização, mas mutação de identidade. Ela fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade; é o desprendimento do aqui e do agora. A digitalização do texto não equivale a uma virtualização, como seria comum pensar. Ela corresponde ao nível das substâncias, e não dos acontecimentos, como são a leitura e a escrita. O texto pode ser possível ou real, mas nunca virtual ou atual. O armazenamento em memória digital é uma potencialização, a exibição é uma realização:

> O suporte digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível por humanos, mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por um computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação. A tela apresenta-se então como uma pequena janela a partir da qual o leitor explora uma reserva potencial. (LÉVY, 1996: 39).

O efeito da interação do usuário faz com que alguns dos textos potenciais apareçam, em forma de imagem, para os olhos dele. No entanto, esses textos não são virtuais, mas digitais, potenciais. Só se tornam virtuais por meio das interpretações geradas pelos leitores que relocalizam seu sentido em outro contexto espacial e temporal:

> O virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura (LÉVY, 1996: 40).

Desse modo, apenas a digitalização do texto pelo sistema gerenciador de informações sem a sua inserção na dinâmica do hipertexto, só possibilitada pela interatividade humano-máquina, não basta para considerá-lo um novo elemento desse novo universo de criação e de leitura de signos. Só assim pode-se falar em virtualização:

> Considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo (papel, película, fita magnética) equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de novos gêneros ligados à interatividade (LÉVY, 1996: 41).

O conteúdo escrito, virtualizado, perde seus referenciais básicos: a materialidade do papel em que estava escrito originalmente, o espaço onde a leitura e a escrita se concretizavam, bem como sua temporalidade. Escrito em um *ciber-lugar*, (no sentido de um *virtual settelment*), os tempos e os lugares se misturam, este conteúdo deixa de pertencer apenas ao autor que o redigiu e é submetido às reviravoltas que subvertem as noções clássicas de público e privado. A virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, implode as barreiras tradicionais entre aquilo que é de todos e aquilo que é de posse do indivíduo.

O HIPERTEXTO DIGITAL

Para que as informações virtualizadas sejam atualizadas, é necessário um suporte físico, papel exercido pelo chamado hipertexto, uma nova forma de interação técnica e comunicativa entre o homem e a máquina, que afeta radicalmente a relação entre o sujeito e o objeto na contemporaneidade. Lévy desenvolve o conceito de hipertexto a partir da idéia de uma enciclopédia, na qual seus elementos de informação constituem nós ligados entre si por uma rede estruturada de informação. No entanto, no seu suporte digital, esta rede de informações pode ser acessada de forma mais rápida e fácil do que em uma enciclopédia. Ao introduzir os termos "nós" e "conexões", aprofunda-se a noção de hipertexto:

> É um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível (LÉVY, 2000: 33).

No entanto, para delimitar ainda mais seu conceito, Lévy estabelece os seguintes princípios para caracterizá-lo: princípio de metamorfose (estabelece o caráter de constante mudança), princípio de heterogeneidade (segundo o qual os nós e conexões são heterogêneos), princípio de multiplicidade e encaixe das escalas, princípio de exterioridade (segundo o qual seu crescimento e diminuição dependem de fatores externos), princípio de topologia e princípio de mobilidade dos centros (para o qual a rede possui múltiplos centros de ação).

George Landow também demarca as principais características do hipertexto, entre elas: a Intertextualidade, a Multivocalidade, a Descentralização, o Rizoma, a Intratextualidade. Landow não distingue hipertexto de hipermídia:

> Hypertext, como o termo é usado neste trabalho, denota um texto composto de blocos de texto — nos termos de Barthes, uma lexia — e os vínculos eletrônicos que os unem. O conceito de hipermídia simplesmente estende a noção do texto incluindo informação visual, som, animação e outras formas de dados. Desde que um hipertexto liga uma passagem de discurso verbal para imagens, mapas, diagramas e som tão facilmente quanto outra passagem verbal, ele amplia a noção de texto além do somente verbal. Eu não distingo entre hipertexto e hipermídia (Landow, 1997: 03).

Lévy enfatiza:

> Devemos falar de multimídia interativa? De hipermídia? De hipertexto? Escolhemos aqui o termo hipertexto deixando claro que ele não exclui de forma alguma a dimensão audiovisual. Ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e de leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos (Lévy, 1999: 33).

Enquanto o hipertexto estaria relacionado diretamente às possibilidades que a Internet fornece, a hipermídia estaria ligada às possibilidades geradas pelo ciberespaço, neste incluída a Internet. Segundo ele, hipermídia é a modalidade surgida da convergência entre as características do hipertexto e da multimídia que, com navegação aberta, graças à digitalização, pode ser disseminada em suportes e plataformas os mais distintos.

O hipertexto apresenta-se ao usuário por meio de três faces: para a primeira, o hipertexto é o programa de gerenciamento de informações feito por redes eletrônicas, implícito por trás de todo processo de virtualização. Neste nível hipertextual, as informações são eqüidistantes e não existe seqüência necessária entre elas. A segunda face é a da apresentação da informação na interface, sendo assim, é a face hipertextual mais perceptível aos usuários, pois se dá no nível do discurso. A terceira é aquela da comunicação on-line, em que o usuário interage cognitivamente com a interface, recriando-a.

As propriedades da interface hipertextual permitem caracterizar sua especificidade espacial, um ambiente no qual o usuário pode se mover:

> Reconhecemos os frutos de todos esses desenvolvimentos quando conceituamos o domínio digital como "ciberespaço", um ambiente com sua própria geografia, na qual experimentamos a transformação de documentos em nosso monitor como uma visita a um lugar distante na grande teia mundial. (Murray, 2003:85)

A interface hipertextual tem a capacidade de simular, em um ambiente virtual, um espaço bidimensional que passa a acontecer e a existir para o usuário a partir do momento em que ele se prontifica a atualizar os acontecimentos virtuais. Ela administra o conjunto de informações para que o usuário consiga compreender as mensagens transmitidas. No entanto, esse espaço é pura virtualização e nem por isso deixa de ser real. Assim, pode-se designar a interface de metafórica, pois representa bidimensionalmente o papel físico no qual o autor escrevia suas confidências. A área de trabalho dos computadores pessoais foi planejada para simular a

idéia de uma escrivaninha, com suas pilhas de papel que podem ser abertas a partir da interação do usuário, o mouse e o cursor, que exercem a função da mão, entre outros exemplos.

A INTERATIVIDADE

Pela interface espacial, o usuário pode interagir com as informações, atualizar o conteúdo virtualizado na tela do computador. Essa capacidade surge como conseqüência de duas outras especificidades das mídias digitais: o fato de serem procedimentais e participativas. O computador não foi projetado para transmitir informações estáticas, mas para incorporar condutas complexas, seguindo uma série de regras que devem ser executadas. Além de exibirem procedimentos gerados a partir de regras, também podemos induzir o seu comportamento, pois ele reage às informações inseridas:

> A propriedade de representação primária do computador é a reconstituição codificada de respostas comportamentais. É isso o que, na maioria das vezes, se pretende afirmar quando dizemos que os computadores são *interativos*. Significa que eles criam um ambiente que é tanto procedimental quanto participativo. (Murray, 2003:80)

O hipertexto é geralmente caracterizado por promover uma leitura descontínua e que não segue uma linearidade narrativa tradicional. Em função de uma interatividade, o leitor pode dialogar com o conteúdo hipertextual, modificá-lo, recortá-lo. Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, o termo interatividade tem sido usado indiscriminadamente para denominar desde a possibilidade de trocar e-mails até a compra de filmes pelo sistema *pay-per-view*, oferecido por algumas empresas de televisão a cabo ou via satélite.

Antes de expor qualquer definição, mostra-se importante diferenciar interação de interatividade. A palavra interatividade é um verbete composto pelo prefixo "inter" e pela palavra "atividade". E interação, dos verbetes "inter" e "ação". Para Lemos (1997) e Vittadini (1995), enquanto o conceito de interação refere-se a uma ação que envolve vários sujeitos, condicionada pela relação interpessoal e pelo contato físico, o termo interatividade é utilizado para determinar uma relação mediada.

Castells (2003) pensa a interatividade com relação ao contexto social, não se preocupa com definições precisas e classificações e utiliza o termo de uma forma genérica para referir-se à estrutura de rede – de fluxo bidirecional. Ao contrário de Castells, Lemos (1997) delimita o conceito de interatividade e propõe uma classificação baseada nos conceitos de interação social e interação técnica. A primeira diz respeito à relação homem-homem, também chamada de interação, e a segunda, à relação homem-técnica, denominada interatividade e caracterizada pela ação dialógica entre homem e máquina. Lemos também divide a interatividade em analógico-mecânica e eletrônico-digital. Esta última permite ao usuário interagir com o conteúdo, a informação, além de interagir com a máquina.

Interatividade é uma palavra de ordem no mundo das mídias digitais. Temos agora, ao nosso alcance, redes interativas como Internet, jogos eletrônicos interativos, televisões interativas, cinema interativo... A noção de "interatividade" está diretamente ligada às mídias digitais. Para Lemos (1997), o que compreendemos hoje por interatividade nada mais é que uma nova forma de interação técnica, de cunho "eletrônico-digital", diferente da interação "analógica" que caracterizou as mídias tradicionais.

Lévy classifica e propõe modelos de análise para a interatividade, de acordo com as várias mídias e dispositivos comunicacionais. Segundo ele, "a interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico" (Lévy, 2000: 82).

O autor aponta diferentes utilizações práticas do termo a partir das comparações entre as possibilidades que o telefone e o videogame permitem ao usuário, como entrar em contato com outras pessoas em tempo real ou manipular os acontecimentos em determinado ambiente virtual. Como exemplo, sugere que o videogame possa ser mais interativo que o telefone, uma vez que o jogador pode visualizar a mensagem sendo passada e o sujeito sobre o qual ele está agindo. No entanto, polemiza ao suscitar a idéia de que o telefone possa ser ainda mais interativo, uma vez que a voz está presente.

> A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação. Mas, em outro sentido, o telefone é mais interativo, porque nos coloca em contato com o corpo do interlocutor (Lévy, 2000: 81).

Para obter um modelo de classificação para a interatividade, Lévy parte da premissa de que "o termo interatividade, em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação" (Lévy, 2000: 79). Tal participação ativa a que se refere Lévy pode ter inúmeros desdobramentos, isto é, o grau de interatividade pode ser medido em eixos bem diferentes, entre os quais destaca:

1. As possibilidades de apropriação, de personalização e de manipulação da mensagem recebida.
2. A reciprocidade da comunicação, que depende do tipo de dispositivo comunicacional: Todos-Todos ou Um-Todos.
3. A virtualidade.
4. A implicação da imagem dos participantes nas mensagens.
5. A telepresença.

Por meio de um quadro no qual são cruzados pelo menos dois destes eixos, Lévy estabelece comparações para mostrar que a diferentes mídias podem ser atribuídos graus diversos de interatividade, dependendo dos eixos de análise escolhidos. Por isso, quanto mais multi-sensorial for a interatividade, isto é, quanto mais desdobramentos ela permitir, mais eficiente será. Entre os recursos interativos mais utilizados estão o e-mail, fóruns de discussões, newsletters, enquetes, chats e personalização ou customização de conteúdo de acordo com as necessidades e interesses dos usuários.

Assim, conclui-se que a interatividade no hipertexto ainda é limitada por aspectos técnicos. No diário virtual, por exemplo, a interatividade é exercida essencialmente por meio dos comentários.

A virtualização, o hipertexto digital e a interatividade, como particularidades exclusivas que as mídias digitais imprimem ao labirinto hipermediático, condicionam diferentes formas com as quais a cognição humana interage com as informações dispostas na interface hipertextual.

I.4 - FORMAS DE INTERAÇÃO NO HIPERTEXTO

Quando as propriedades procedimentais, participativas e espaciais das mídias digitais são elevadas a um alto grau, deduz-se que o computador promete recursos infinitos, que crescem exponencialmente, dada a eficiência de representação de palavras e números no formato digital:

> Tão importante quanto a enorme capacidade dos meios eletrônicos é a expectativa enciclopédica que eles induzem. A representação em formato eletrônico e a acessibilidade entre todos os computadores torna possível conceber uma única e compreensível biblioteca global. (Murray, 2003:88)

Assim, a propriedade enciclopédica compõe o quadro das especificidades das mídias digitais que, sendo também interativas, possibilitam seu caráter imersivo e de navegabilidade.

A caracterização da mídias digitais seria inócua se não permitisse explorar suas formas de interação com a cognição humana. Só com a entrada da subjetividade e sua capacidade de recriação a partir das ferramentas no ambiente on-line, é que se efetivam a hipertextualização e a virtualização exclusivas das mídias digitais. A navegalibilidade no labirinto do ciberespaço presume diferentes formas de interagir com esse ambiente espacial e procedimental.

O computador, segundo Turkle (1997), exerce na sociedade contemporânea um papel não apenas de ferramenta de comunicação, mas também de transformação dos modelos de mente e dos modos de cognição e interações perceptivas. O sistema de redes em expansão da Internet altera as configurações sociais, culturais, da sociedade. Na cultura da interface, as janelas do computador oferecem vários níveis de material com o qual se tem acesso simultâneo permitindo que os usuários naveguem em várias direções simultaneamente e trabalhem em vários documentos, arquivos ou softwares. O poder de atração do computador envolve diversas de suas propriedades, entre elas a interatividade que intensifica o poder absorvente do computador.

Na cultura da simulação, as identificações são processadas na interação com a máquina. Da mesma maneira que a cultura da interface fragmentada em janelas torna-se uma metáfora para pensar no eu como um sistema múltiplo e fragmentado, o computador simboliza a condição contemporânea (Turkle, 1997:31): "Os sonhos e os animais eram os objetos-cifra de Freud e de Darwin, os objetos-cifra do modernismo. Ao longo da última década, o computador tornou-se um objeto-cifra do pós-modernismo." A tecnologia desempenha, assim, um papel importante na criação de uma nova sensibilidade cultural e social e introduz um conjunto de idéias associadas ao pós-modernismo, ou seja, reifica a estética descentrada, fluida, não-linear e opaca.

As formas de interação com as janelas do computador mimetizam os dois modelos lógicos de relação entre os meios de comunicação, fenômeno denominado por Bolter e Grusin como remediação: "a representação de um meio de comunicação em outro, fenômeno de tamanha importância para a compreensão dos fluxos de comunicação, por caracterizar os novos meios digitais" (Bolter & Grusin, 2000: 50). Tanto a imediação quanto a hipermediação são manifestações opostas do mesmo desejo de atravessar os limites da representação. São facetas, estratégias para atingir a remediação, que só se efetiva quando ambos os fenômenos se fazem presentes, embora em proporções diferenciadas.

A lógica da imediação é aquela da realidade virtual, que permite a imersão. Apesar de a expressão "realidade virtual" parecer um paradoxo, de acordo com as diversas interpretações da palavra virtual, devemos considerar como Realidade Virtual (também denominada RV) as experiências geradas por simuladores de imagens tridimensionais geradas por computador acopláveis à cabeça (Máquina de Turing). Para que a imersão realmente ocorra e a imediação seja possível, é necessário que o meio de comunicação "desapareça", isto é, que o telespectador não seja capaz de perceber a presença do simulador. A imersão está condicionada à supressão da interface do meio de comunicação. Este ato de desaparecer, no entanto, é dificultado pela necessidade que a realidade virtual exige para se fazer possível. Para que o telespectador possa ser imerso e ter o ponto de vista em primeira pessoa, é necessário que exista a interface gerada pelo computador, que deve preencher totalmente a visão do telespectador. Mas essa interface dificilmente deixará de ser percebida. Nessa imediação transparente, buscada incessantemente pelos entusiastas da realidade virtual, a interface deve apagar a si mesma, e o telespectador não deve sequer perceber os instrumentos tecnológicos que o circundam.

Enquanto a imediação propõe um espaço visual unificado, a hipermediação oferece um espaço visual heterogêneo. Ao contrário da lógica da imediação, o objetivo da hipermediação é lembrar o telespectador da presença da interface do meio de comunicação. Bolter e Grusin exemplificam a lógica de hipermediação por meio da interface atual dos computadores, na qual várias janelas se sobrepõem e, ao contrário de se fazerem apagar, lembram o telespectador da sua presença a cada clique no mouse. A simples necessidade da sobreposição das várias janelas no monitor já deixa de favorecer o desaparecimento da interface para o usuário. O usuário do computador, por exemplo, manipula constantemente as diversas ferramentas da interface e dificilmente deixará de perceber a presença desta. A lógica da hipermediação também pode ser visualizada em diversos meios, como em jornais e na televisão. No entanto, para Bolter e Grusin, a World Wide Web é o meio de comunicação que sofre mais influência do fenômeno da hipermediação. Na rede, a reposição é a estratégia de operação de toda interface baseada em janelas.

Empregando as diferentes formas de interação no labirinto do hipertexto, usuários constroem redes de comunicação entre os blogs e outras ferramentas de mídias sociais (*Facebook*, *Orkut* etc.). Aqui, já reclassificados como diários virtuais íntimos, esse tipo particular de blog condiciona estruturas narrativas, disposições temáticas e formas de escrita específicas, a serem organizadas conceitualmente por uma visão lingüística e discursiva que possibilita conhecer as peculiaridades do objeto de pesquisa após investigação analítica baseada na teoria da Enunciação e na Análise do Discurso.

CAPÍTULO II
UMA VISÃO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA

do nome das coisas

As coisas nascem e logo têm um nome. Diria mais, diria mesmo que sem nome parece que as coisas nem são direito, uma mania essa, dar nome para as coisas porque parece que é com nome que as coisas são.

O maior parto do blog foi o nome. E que nome besta. Mas enfim, tá valendo, e continua valendo, até não valer mais.

POSTADO POR L ÀS 16:05 1 COMENTÁRIOS

II.1 – DO NOME DAS COISAS

Aprendemos com Lévi-Strauss que a regra elementar da proibição do incesto inaugura uma ruptura entre o universo das coisas naturais e o universo das práticas humanas. Ou seja, o homem e suas práticas se diferenciam da natureza por delimitarem regras culturais de convivência, expressas nessas práticas por meio de um sistema de signos que mediatizam a relação humana. A condição humana difere, assim, da animal, pela faculdade de operar simbolicamente, ou seja, "O ser falante/social, como o conhecemos, ascende a tal olhar discreto e torna-se distinto dos outros animais pela assunção da ordem simbólica" (Gomes, 2003: 17).

O crescimento da caixa craniana e o emprego de artefatos técnicos e instrumentos, que datam de 1,5 milhão de anos, possibilitam, segundo estudiosos, a capacidade de expressão verbal, bem como a competência lingüística. No entanto, para que o humano seja capaz de se expressar verbalmente, não basta apenas o desenvolvimento cerebral e a capacidade técnica: "Para que a suposição da competência lingüística se sustente na combinatória dessas duas ocorrências é preciso que elas, a instrumentalização, ou a razão técnica, e a simbolização, que define a possibilidade da palavra, impliquem numa mesma e única operação lógica" (Gomes, 2003: 18).

Essa única operação reúne três dimensões, a do fabricante, a do falante e a do social, que admitem um distanciamento da natureza e uma passagem à cultura. Na dimensão fabricante do humano, operações de diferenciação e substituição possibilitam que o artefato técnico seja passível de exploração e apropriação e seja constituído como instrumento. Na dimensão da fala, a nomeação corresponde a isolar campos, "instrumento não de representar o mundo como ele é, mas de recortar..." (Gomes, 2003: 20). O objeto deve ser nomeado, para que possa se diferenciar dos demais, exigindo uma substituição do objeto em si pela sua representação em forma de *nome*. Na linguagem, "o elemento que opera a interdição de um *conti-*

nuum e organiza um dado a ver caracteriza-se pela propriedade de *'estar em lugar de'*, prescindindo da presença material, e recebe o nome de *signo*" (Gomes, 2003: 20). A dimensão social do humano implica na necessidade da comunicação como antecedente lógico para as operações simbólicas, ou seja, a organização da vida em grupo marca a distância entre a cultura e a natureza. Nesse sentido é que o tabu do incesto também integra essa ruptura da ordem simbólica.

O ato de nomear circunscreve campos e ordena o mundo conforme uma visada específica e, para que essa substituição e diferenciação ocorram, é necessário o cálculo de um outro olhar. A ordem simbólica, portanto, "é o lugar onde de um só golpe se constitui o humano: ser social, falante, fabricante, uma vez que lhe dá acesso ao mundo por meio das significações que institui" (Gomes, 2003: 23).

Assim, diferentemente do animal, o homem é capaz de evocar os objetos ausentes afastados no tempo e no espaço por meio das operações de substituição. Entre os principais elementos de substituição está o signo, mas também podem ser citadas as imagens, símbolos, conceitos, aos quais são aplicadas condutas simbólicas: "Trocam-se injúrias em lugar de golpes, rasga-se um retrato por não poder fazer mal à pessoa odiada, estuda-se um itinerário sobre um mapa, raciocina-se, quer dizer, substitui-se a experiência efetiva sobre os objetos pela experiência verbal ou mental sobre os signos" (Paulus, 1975: 01). O homem é capaz de olhar-se no espelho e distinguir a imagem de si mesmo, ao contrário dos outros animais. A ordem simbólica que lhe é constitutiva inaugura o que há de fundamentalmente novo no homem, a capacidade de representar o ausente.

Por isso, estudar as mediações simbólicas nos diários virtuais não pode se desviar de uma responsabilidade que obriga o pesquisador a admitir a interdisciplinaridade do símbolo enquanto problema, determinando não apenas um enfoque sobre o objeto de estudo, mas uma aproximação provinda de múltiplos campos da ciência, passando pela Antropologia, pela Sociologia, pela Lingüística e pela Psicanálise, entre outros.

Dessa maneira, o autor do diário virtual não é apenas um operador da função simbólica regulado por regras e leis sociais, mas também um sujeito inscrito em dada ordem social, mesmo que de origem hipertextual, e interpelado pelo inconsciente. No entanto, o objeto sobre o qual se debruça a pesquisa determina, de início, um recorte lingüístico-discursivo. Ou seja, o autor-empírico converte-se em sujeito discursivo, um sujeito que emerge do texto, cujas operações de significação não constituem apenas um corpus, mas também um sintoma da ordem simbólica que lhe é facultado. Esse recorte metodológico se dá em virtude do signo lingüístico ser especialmente empregado pelo homem. Os diários virtuais, sua estrutura discursiva, seu léxico e sua sintaxe pertencem, assim, ao domínio das Ciências da Linguagem.

O diário virtual é um objeto que expressa as múltiplas condições do humano como ser social, discursivo e psicológico, pois demonstra sua capacidade de recorte da realidade por operações de nomeação e representação, permitindo-o aludir a um cotidiano passado e a outras imagens mentais que só adquirem um sentido ao serem materializadas verbalmente, como no diário. Se a linguagem opera isolando, selecionando, recortando o mundo a ser visto, o diário virtual deve ser compreendido como um foco de apresentação de mundo. Já imerso na ordem simbólica, o indivíduo produz novos recortes, consciente e inconscientes, fazendo escolhas e desenvolvendo movimentos de significação dentro daqueles primeiros recortes simbólicos que a linguagem já havia operado.

Constitui-se um presente com base nas fantasias da realidade do autor, construindo verbalmente um *mundo virtual* com base nas percepções empíricas e inte-

lectuais. Um mundo no qual se instala um efeito de sentido de realidade que busca uma coerência de identidade e unidade por parte do sujeito discursivo ali instalado. Ou seria apenas um efeito de unidade perpetuado pelas iniciativas constantes de juntar os cacos de um objeto único cuja unidade já foi rompida muito antes?

O diário, ambiente de experiência autobiográfica, aparentemente, apresenta-se como linguagem representativa da realidade, de uma experiência vivida. No entanto, consiste em uma experiência de linguagem. A própria consciência só pode surgir verbalmente, como signo ideológico, ela "só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signo" (Bakhtin, 2006: 33). A consciência (e, para Bruner (1995), o "pensamento narrativo") depende da articulação do signo e, portanto, da linguagem, transmitida culturalmente, por meio da interação entre duas consciências ao mesmo tempo individuais e sociais.

Como afirmou Lejeune, a autobiografia, material retrospectivo de uma personalidade, pode ser tratada como um gênero vizinho ao diário. Esteja ela instalada na memória ou textualizada, depende essencialmente do papel semiótico da palavra, como instrumento da consciência, como material semiótico da vida interior. Para Bakhtin, a palavra constitui um tipo de lugar flexível, adaptável ao pensamento narrativo, a base instrumental da consciência: "a palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa" (Bakhtin, 2006: 33). É a palavra também que atua como uma espécie de ponte entre um sujeito e os outros, constituindo o produto da interação do locutor e do ouvinte, um território comum entre ele e os outros, e é por meio dela que esse sujeito se define em relação ao outro, em relação à coletividade, fazendo da autobiografia um mecanismo de autolocalização.

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, o relato autobiográfico, segundo Bruner (1995) se utiliza das reinterpretações semióticas para transformar a vida em um texto, um texto capaz de abordar o mundo material exterior ao ser em forma de signo, da palavra que o simboliza. Portanto, é só por meio da linguagem que os seres humanos são capazes de construir interpretações narrativas da realidade. Além de instrumento de comunicação verbal, a linguagem é também constituinte e cumpre um papel intermediário entre o sujeito pensante envolvido em uma cultura e o mundo em que vive, permitindo-o interagir com ele. Ela possibilita que o pensamento, bem como as percepções do sujeito, sejam modelizados pelos sistemas esquematizadores da cultura.

No entanto, falar em uma permissão não é o termo mais adequado para explicitar o que Schaff (1974), autor que afirma ser a existência da linguagem a condição necessária do pensamento conceitual, chama de papel ativo da linguagem no pensamento. Ao aprender a falar, o homem também aprende a pensar. Nesta dualidade ao longo do desenvolvimento da inteligência, a cultura transmite, por meio de seus sistemas esquematizadores, uma visão de mundo. No entanto, não se pode dizer ser a linguagem um sistema que aprisiona. Se modela a percepção da realidade, também é criadora e inovadora. Assim, sumariamente, Schaff argumenta que a linguagem é socialmente modelada na base de uma prática social determinada, mas também atua sobre o conhecimento humano e assume nele um papel ativo. Segundo ele, a linguagem influencia o nosso modo de percepção da realidade, é reflexo específico dela, mas também é a criadora de nossa imagem de mundo.

Argumentar a favor do papel ativo da linguagem no pensamento é equivalente a afirmar que o referente se constrói na prática social, em uma determinada cultura,

que ajuda a selecionar, a ordenar a realidade, por meio de um sistema perceptual e cognitivo.

Assim, tanto a autodescrição quanto a interpretação narrativa da realidade são resultados de um processo de pensamento, o conhecimento, que dá forma a estas realidades e permite que o indivíduo se localize em seu meio social. Segundo Bruner (1995), os seres humanos extraem sentido do mundo contando histórias sobre o mesmo, utilizando o modo narrativo para interpretar a realidade. O conhecimento é o pensamento qualificado, contextualizado, produto da descrição da realidade. Possibilita ao homem não ser apenas mero reprodutor de informação, mas reelaborador de conceitos, por meio da linguagem.

Estudar esse sistema de signos no qual estão inseridos os diários virtuais íntimos inclui também avançar nas pesquisas sobre a específica realidade cultural humana. A Semiologia e a Semiótica cumprem esse papel de ciências que buscam desenvolver estudos sobre as funções da linguagem para a experiência humana, a primeira instaurada pelo teórico suíço Ferdinand de Saussure e a segunda pelo norte-americano Charles Sanders Pierce.

No entanto, a linguagem não é um objeto recente de estudos, afinal, sendo a mais admirável aquisição humana, é natural que atraia estudiosos desde a antiguidade. Antes de a Lingüística chegar ao seu objeto específico e adotar métodos próprios, passou pelas fases gramática, filológica e comparativista. A Lingüística Moderna desenvolve-se a partir dessas fases preparatórias, buscando descrever as línguas conhecidas, estudá-las historicamente, bem como analisar suas condições de funcionamento, estrutura e evolução. Ela é definida conceitualmente como uma ciência que procura determinar, com métodos próprios, a estrutura e a função da linguagem humana, sendo a linguagem entendida como qualquer conjunto de signos que sirva para a comunicação entre os homens, habilitados a abstrair, por meio de sons articulados concretizados por um conjunto de signos que mantêm certa unidade, ou seja, a língua.

Reivindicando ou não a autonomia da Lingüística como campo da Ciência, sua interdisciplinaridade não deve ser negada. Ela toma emprestados instrumentos da Estatística, da Teoria da Informação, da Lógica Matemática. Seus dados também são empregados pela Psicanálise, pela Antropologia, pela Crítica Literária, pela Comunicação, entre outras.

A Lingüística determina certas particularidades da linguagem, entre elas o valor simbólico dos signos lingüísticos, a estreita relação entre linguagem e pensamento, pois pensar é pensar palavras, essencialmente. Outras características importantes da linguagem para a Lingüística são sua articulação ou divisibilidade sistemática, bem como a arbitrariedade do signo, que postula que não há relação necessária entre o objeto e seu nome. Ela é também um sistema de signos adquirido por aprendizagem, facultando aos homens a transmissão de sua experiência.

No século XX, a algumas correntes da lingüística é empregado o termo *Estruturalismo*. O termo tem origem no *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916), que se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura. Apesar de Saussure ser considerado ponto de partida, não se pode afirmar que o Estruturalismo tenha sido uma *Escola* definida, formada por autores que seguem orientação teórica semelhante. Ele é visto como uma abordagem ou um modelo geral, que influencia o modo de pensar da Antropologia até a Matemática no século XX.

O estruturalismo se encarrega das chamadas estruturas e busca explorar suas inter-relações dentro de um sistema através das quais se produz significado na cultura. O sistema é definido como um conjunto de elementos que tem sua definição pela relação existente entre os elementos do conjunto. Assim, a análise isolada de uma das partes desse sistema exige que se verifiquem as relações com as outras partes, dado o condicionamento recíproco entre elas.

As teses centrais da lingüística estrutural envolvem desde o valor relacional dos elementos lingüísticos, a auto-suficiência do sistema, até a necessidade de dissociar uma lingüística sincrônica (dos estados) de outra diacrônica (evolutiva) e distinguir a língua da fala.

Baseado em Saussure, Jakobson desenvolve uma concepção sistemática da linguagem, na qual ela pode ser observada em dois eixos concorrentes, o paradigmático, que corresponde ao eixo vertical, da língua, e sintagmático, no qual as diversas combinações das palavras para formarem as frases constituem a diversidade da fala, no entanto, imposta pelas regras ditadas pelo sistema da língua. Concentra-se em examinar como os elementos da linguagem se relacionam no presente, no eixo da simultaneidade, ou seja, sincrônica e estruturalmente. Abstrai-se a noção de tempo pois não busca explorar a evolução histórica de uma língua, como sistema sígnico cuja estrutura consiste numa rede de diferenças, oposições e valores. Foca-se no sistema subjacente da língua (idioma) e não na fala, tida como combinações que o indivíduo pode escolher fazer entre os elementos de uma língua.

A língua é, assim, uma instituição social, um contrato coletivo que não muda por vontade individual e no qual todo indivíduo estará imerso a partir do seu nascimento. É um sistema de valores, onde cada elemento se define em relação com outros elementos e pela função no interior do sistema. A fala fica marginalizada nos estudos lingüísticos, durante os anos em que esteve oprimida pela insígnia de "abstrata", "acessória" "assistemática" e "acidental".

Saussure pensa o signo como uma unidade ou elemento do qual se compõe o sistema, no qual cada elemento tem sua significação. Resulta da união de um conceito (significado) a uma imagem acústica (significante), sendo o vínculo que os une arbitrário. Ou seja, para Saussure, não há qualquer vínculo natural ou relação direta, instrínseca ou de causalidade necessária entre ambos. Em qualquer hipótese, para a lingüística estrutural, o signo só pode encontrar fundamento numa convenção social.

Seu entendimento dicotômico entre língua e fala exclui esta última do campo dos estudos lingüísticos, limitando-os a esboçar um estudo que tem como objeto apenas um sistema sincrônico e homogêneo, que ignora as diversidades que o falante pode imprimir à língua, bem como a vivacidade do signo.

Nesse sentido, nos anos 60 e 70, o estruturalismo é criticado por ser não histórico e por favorecer forças estruturais determinísticas em detrimento à habilidade de atuação do indivíduo. Criticando ou assumindo as orientações teóricas advindas das concepções de linguagem de Saussure, qualquer estudo que se proponha a ter como objeto as manifestações lingüísticas não pode ignorar suas contribuições.

Outro teórico, Bakhtin, assume a responsabilidade de valorizar a fala frente à língua. Ainda assumindo a posição de Saussure a respeito da condição de fato social da língua, Bakhtin vê a fala como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante. Assim, Bakhtin dá importância à enunciação, como contexto e parte não-verbal da linguagem. Brandão (1991) explica que Bakhtin, contrariando o subjetivismo individualista marcado pela concepção individualista de enunciado, vê a enunciação como o campo onde se realiza a intersubjetividade humana, ou seja,

o processo de interação verbal. Dessa maneira, o signo adquire uma dinamicidade, ignorada por Saussure. A constituição do significado é intrínseca à interação social, ou seja, o papel do Outro é constitutivo da linguagem.

A enunciação, dessa maneira, revela suas duas faces, a lingüística e a social. O enunciado é orientado socialmente, ou seja, até que seja materializado e objetivado externamente, em forma de enunciação, teve inúmeros desdobramentos de origem social.

II.2 - TEORIA DA ENUNCIAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO

Benveniste (1958) soluciona o impasse entre a língua e a fala, inaugurado por Saussure, ao introduzir a questão da enunciação. Como texto materializado por uma interface hipertextual, o registro cronológico presente nos diários virtuais íntimos corresponde ao material enunciado no qual se devem buscar as projeções da enunciação. A partir da matriz conceitual das teorias lingüísticas da Enunciação, o parâmetro de sujeito é integrado à análise lingüística, configurando, portanto, um sujeito lingüístico.

Segundo Landowski (1992), o sujeito lingüístico é a entidade semiótica, produtora de sentidos, por meio do ato da enunciação. Assim, a enunciação é o "ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido" e o enunciado "o objeto cujo sentido faz ser o sujeito". A todo enunciado corresponde uma enunciação pressuposta ou seja, a enunciação é a "instância de mediação que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso" (Landowski apud Fiorin, 2006a: 31).

O sujeito da enunciação converte os esquemas narrativos presentes em seu cotidiano em discurso, que carrega marcas da cena enunciativa. O texto materializado pressupõe sempre uma enunciação (Fiorin, 2006a: 55): "A enunciação é o ato da produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação). Ao realizar-se, ela deixa marcas no discurso que constrói". Há sempre duas interpretações para a problemática da enunciação. Ela pode ser compreendida como uma estrutura nãolingüística que subentende a comunicação lingüística. Esta diz respeito ao contexto psicossociológico em que o enunciado é produzido, ou seja, a situação de comunicação que atualiza a produção de enunciados. A segunda matriz interpretativa, de origem greimasiana, revela uma enunciação pressuposta pela existência de um enunciado, sendo este enunciado um resultado alcançado pela enunciação.

Para esta segunda referência teórica, o enunciado proferido nos diários virtuais por um ser oculto pela interface hipertextual pressupõe a existência de uma instância de enunciação, marcada por uma actorialização, uma temporalização e uma espacialização, guardando marcas enunciativas próprias do ato e do momento enunciativo. Essas referências ao momento de enunciação, por sua vez, são desterritorializadas em virtude das particularidades do suporte em que se atualizará o enunciado.

De acordo com Fiorin (2006a), o sujeito da enunciação é referenciado a partir de uma cena enunciativa que pressupõe uma instância eu-aqui-agora. Os participantes da cena enunciativa, o *eu* e o *tu*, são estabelecidos por um *eu* que se diz *eu,* em determinado tempo e espaço. *Aqui* é o espaço do *eu,* e, a partir dele todos os outros espaços são ordenados. *Agora* é o momento em que este *eu* toma a palavra e a partir deste *agora*, toda a temporalidade lingüística é organizada.

Sob a perspectiva da intencionalidade por parte do autor no diário virtual íntimo, a colocação de elementos autobiográficos no discurso pelo sujeito o leva a construir

o mundo enquanto objeto, ao mesmo tempo em que constrói esse sujeito por meio de efeitos de sentido que conferem ao sujeito um estatuto ilusório do ser, ou seja, as debreagens e embreagens.

A operacionalização dos conceitos propostos por uma Teoria da Enunciação não deve trabalhar senão por meio de uma enunciação enunciada, materializada no enunciado hipertextual correspondente a um simulacro que imita, dentro do discurso, o fazer enunciativo. Assim, este estudo observa os mecanismos de construção dos significados nos discursos textualizados nos diários virtuais íntimos, e não apenas depreende significados aparentes. Ou seja, analisa as condições internas de significação, pois esses significados são efeitos de sentido, observa recorrências na relação entre o enunciado e a enunciação, tendo em vista a atuação de contratos veridictórios entre os actantes na cena enunciativa. Além da perspectiva das teorias lingüísticas da Enunciação, esse estudo aborda os diários virtuais íntimos a partir da Análise do Discurso. Para tanto, é importante iniciá-lo explicitando essa interlocução.

Os modos de enunciação dos diários virtuais íntimos são permeados tanto por entradas subjetivas, ou seja, por movimentos que permitem aos enunciadores reconhecerem-se sujeitos, quanto por orientações sociais que admitem sua inserção na ordem do discurso. Um estudo que pretenda examinar a relação entre a materialização em forma de palavras dos discursos nos diários virtuais íntimos e as condições sociais dessa enunciação não deve se furtar de observar as relações que vinculam a linguagem à ideologia. E a palavra é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia.

Uma análise lingüística imanente não deve ser a única proposta, nesse caso. Um estudo interno da língua não pode dar conta de abordar todas as tramas discursivas dos diários virtuais íntimos. É necessária uma interlocução entre o lingüístico e o social, sendo o social constitutivo das significações, e não apenas um fator secundário, como considerava Saussure. Em suma, é importante buscar uma orientação teórica que assuma esse caráter dual da linguagem, como a Análise do Discurso:

> O reconhecimento da dualidade constitutiva da linguagem, isto é, do seu caráter ao mesmo tempo formal e atravessado por entradas subjetivas e sociais, provoca um deslocamento dos estudos lingüísticos até então balizados pela problemática colocada pela oposição língua/fala que impôs uma lingüística da língua (Brandão, 1991: 12).

Por esse motivo, entra em cena a Análise do Discurso, orientação teórica que entende a linguagem entrecortada exatamente pelo social e pelo subjetivo, sem desconsiderar as aberturas teóricas trazidas pelas análises imanentes do texto, voltadas para considerações sobre sua estrutura. Nesse sentido, Benveniste é pioneiro, ao dar relevo ao papel do sujeito falante no processo da enunciação, procurando mostrar como acontece a inscrição desse sujeito nos enunciados que ele emite:

> Ao falar em posição do locutor, ele [Benveniste] levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado, e o mundo; relação que estará no centro das reflexões da análise do discurso em que o enfoque da posição sócio-histórica dos enunciadores ocupa um lugar primordial (Brandão: 1991, 16).

A perspectiva teórica francesa da análise do discurso filia-se:

> (...) a uma certa tradição intelectual européia (e, sobretudo na França) acostumada a unir reflexão sobre texto e sobre história. Nos anos 60, sob a égide do estrutura-

> lismo, a conjuntura intelectual francesa propiciou, em torno de uma reflexão sobre a 'escritura' uma articulação entre a lingüística, o marxismo e a psicanálise. A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só de lingüistas como de historiadores e de alguns psicólogos. (Brandão, 1991: 17),

Ainda de acordo com a autora, a Análise do Discurso não focaliza o indivíduo falante, empírico, como alguém que tenha uma presença individualizada no mundo. Ela se foca justamente no sujeito inserido social e historicamente, ou seja, tomado como lugar social, histórica e ideologicamente marcado.

O objeto da análise do discurso não é a língua, nem o texto e menos ainda a fala. Os elementos lingüísticos possibilitam que os discursos sejam materializados, ou seja, que existam de forma material, possibilitando um movimento analítico. O discurso encontra-se no social e envolve questões não necessariamente de natureza lingüística, pois a Análise do Discurso não admite uma imanência das palavras, estando elas impregnadas por aspectos ideológicos e sociais quando são pronunciadas.

A denominação Análise do Discurso é, muitas vezes, utilizada desacompanhada de reflexões epistemológicas e metodológicas, fazendo desta orientação teórica apenas uma ferramenta de observação e análise de narrativas. No entanto, é importante ressaltar que a Análise do Discurso não se constitui apenas em uma "teoria em ato". Ela é também uma perspectiva sobre a natureza da linguagem e da sua relação com questões centrais das ciências sociais. Por este motivo, deve-se especificar a linha teórica interna da Análise do Discurso à qual a pesquisa irá filiar-se. Esta escolha metodológica define caminhos a serem percorridos ao longo dos processos de observação, descrição e interpretação da pesquisa. Assim, esse caráter teórico da Análise do Discurso acarreta não só práticas de recolha de dados e de análise, mas também um conjunto de assunções teóricas.

A escolha da Análise do Discurso como matriz teórica do trabalho não pode ser interpretada a partir de uma ótica instrumentalista, crítica sofrida por muitos trabalhos que relacionam os movimentos da língua ao contexto social, tendo em vista sua utilização como ferramenta de análise dos processos discursivos em variados tipos de objetos. Optar por estudar um *corpus* a partir da Análise do Discurso de linha francesa remete também à maneira de compreender o sujeito do discurso com o qual se quer trabalhar. Da mesma forma, não estão apartados do horizonte da pesquisa os embates teórico-epistemológicos entre a Linguística e a Análise do Discurso.

Este trabalho não se propõe como um estudo apenas das propriedades formais da língua ou das materializações lingüísticas nos diários virtuais íntimos. Isso explica o motivo pelo qual não se enfocam os usos da língua no ambiente hipertextual, comumente chamado de *internetês*. Ele insere-se no estudo da linguagem à medida que ela "faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas" (Maingueneau: 1997, 12). Para falar de discurso, não podemos recorrer a noções puramente lingüísticas, sendo necessário romper barreiras e reconhecer as relações da Linguagem com a Psicanálise e a História, por exemplo.

As fundamentações epistemológicas e teóricas da Análise do Discurso encontram-se essencialmente no chamado pós-estruturalismo. Elas são herdeiras da Filologia e da Lingüística. No entanto, existem controvérsias a respeito da permanência da Análise do Discurso dentro do campo da Lingüística. Para Maingueneau, a dispersão da AD deve ser considerada não como desvio ilícito, mas como um sintoma da própria organização do campo da Lingüística, que passa a alocar certos estudos para interfaces com a Sociologia, a Psicologia, a História e a Filosofia:

> Uma vez afirmada a inscrição da AD no espaço lingüístico, é conveniente questionar de que forma ela deve pensar sua relação com a lingüística. (...) é preciso ser lingüista e deixar de sê-lo, ao mesmo tempo (...). Situação de desequilíbrio perpétuo que tanto impede a AD de deixar esse campo quanto enclausurar-se nesta ou naquela de suas escolas ou de seus ramos. (...) não é pois uma parte da lingüística que estudaria os textos da mesma forma que a fonética estuda os sons, mas ela atravessa o conjunto dos ramos da lingüística (...) (Maingueneau, 1997:17).

A Análise do Discurso foi escolhida como método de observação desta pesquisa, pois permite alcançar o diário virtual em sua instância interpretativa, já que ela:

> Visa à compreensão de como um sujeito simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido (Orlandi, 1999: 26).

O caráter interpretativo do discurso nos diários virtuais traz a necessidade de reflexão epistemológica pelo pesquisador, pois cada analista formula questões diferentes em relação a uma mesma questão ou objeto, mobilizando conceitos diversos e fazendo distintos recortes conceituais.

Orlandi distingue entre um dispositivo teórico da interpretação e um dispositivo analítico construído pelo pesquisador a cada análise, individualizado pelo pesquisador em uma análise específica. Para a autora, "o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise" (Orlandi, 1999: 27).

O pesquisador não deve portar-se como um simples leitor do diário virtual, que efetua interpretações daquilo que lê, mas como um analista que constrói dispositivos de análise a partir de recortes e conceituações anteriores. Ele deve, portanto, efetuar esta ruptura epistemológica, passando de simples leitor que interpreta, de acordo com as percepções e seu repertório cultural, a analista, aparamentado pelas ferramentas metodológicas de observação que escolheu. E os enfoques teóricos e analíticos estarão sempre subordinados a seu olhar sobre a maneira como o sujeito é constituído na trama de sentidos do diário virtual assim como sua problemática teórica.

O pesquisador deve buscar descrever o gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido, o que também pode ser compreendido como uma interpretação por parte do pesquisador. O pesquisador também está envolvido na interpretação e, por isso, é necessário:

> Introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (Orlandi, 1999: 60).

Em apenas uma navegação superficial pelo mundo dos diários virtuais íntimos não é fácil verificar marcas enunciativas ou regularidades que remetem à instância social ou ideológica. Os textos (ou *posts*) parecem estar mais próximos de uma definição do caos discursivo do que de uma ordem, remetendo a pequenas pílulas sem conexão entre si e incapazes de fornecer uma coerência global. No entanto, a esco-

lha do léxico e seu uso revelam a presença de formações que se opõem e revelam a presença de diferentes discursos. Esses diferentes discursos expressam a posição de grupos de sujeitos acerca de um mesmo tema.

A Análise do Discurso pode prover uma visão dos diários virtuais íntimos que fuja da desordem discursiva sem deixar de levar em conta as descontinuidades do discurso e do social. E é justamente essa capacidade para fornecer elementos teóricos que integram língua, discurso e sociedade que possibilita constituir os abalos discursivos nos diários virtuais íntimos como uma desordem que pode ser ordenada ou reconstituída teoricamente pelos movimentos interpretativos da Análise do Discurso.

Buscar uma sistematicidade descontínua nas materializações lingüísticas dos diários virtuais íntimos pode não ser fácil. Mas é possível justamente a partir das fundamentações teóricas da Análise do Discurso, que considera um sujeito não exclusivamente psicológico, autônomo e singular, mas um sujeito interceptado pelos embates sociais. No entanto, isso não significa ignorar a subjetividade individual, pelo contrário. O diário virtual só existe e pode ser observado analiticamente porque um indivíduo empírico se presta a discursar sobre o seu mundo em um ambiente hipertextual e público.

De qualquer maneira, pode-se perguntar: Será que pelo fato de estarem materializados na Internet, os discursos produzidos por esses indivíduos deixam de ser permeados por instituições que restringem fortemente a enunciação? Qual a fundamentação ou importância histórica e social desses discursos? Eles delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado?

Apesar da aparência, os discursos proferidos nos diários virtuais íntimos não escapam das sujeições e formações discursivas. Logicamente, eles não possuem o mesmo estatuto dos discursos institucionalizados, como os discursos jurídico e religioso, podendo servir de exemplo para aqueles que criticam a Análise do Discurso por considerarem-na uma prática excessivamente restritiva. De fato, os discursos nos diários virtuais íntimos não possuem o mesmo estatuto desses discursos, podendo se aproximar daquilo que Bakhtin (2006) denomina "ideologia do cotidiano", definida como a "totalidade da atividade mental centrada sob a vida cotidiana", assim como a expressão a que a ela se liga em contraposição aos sistemas ideológicos constituídos. No entanto, apesar disso, não se pode furtar dos diários virtuais íntimos uma análise discursiva que considere a ideologia constituinte do signo. Já diria Bakhtin que toda palavra carrega uma carga ideológica.

Os diários virtuais íntimos são constituídos por textos escritos e fotos (o chamado iconotexto, segundo Maingueneau). No entanto, seus enunciados podem ser aproximados do discurso oral, ou seja, da conversação cotidiana comum de propósitos comunicacionais, geralmente estudada pelo interacionismo psicológico e sociológico. Esses enunciados, geralmente não impressos, cujas estruturas são reguladas com flexibilidade por fatores heterogêneos, são usualmente enfocados sob a perspectiva da antropologia. Nesse caso, convém responder a outra pergunta: será que os mecanismos textuais dos diários virtuais íntimos correspondem exclusivamente à ordem do discurso oral não planejado? Parte-se da hipótese negativa: embora sejam enunciados aparentemente desordenados, sem quaisquer unidades consistentes e próximos do discurso oral, os enunciados nos diários virtuais íntimos seguem um conjunto de regras anônimas que regulam a produção discursiva, constituindo-se, assim, como objetos pertinentes à compreensão por meio da Análise do Discurso.

Portanto, mais adequada à análise de textos impressos, a Análise do Discurso configura-se como instrumento teórico e metódico primordial desta pesquisa, pois os diários virtuais estão mais próximos de um texto autobiográfico escrito por um

indivíduo apenas do que de uma conversação, por exemplo, como são os *chats*, os chamados bate-papos realizados na Internet, que poderiam determinar uma opção pela análise conversacional do discurso, que se focaliza na atividade do "uso da linguagem", mais do que na própria linguagem em si mesma.

Apenas um enfoque da Análise do Discurso que aborde o sujeito descentrado, que admita a potencialidade do inconsciente e da subjetividade (mesmo que uma subjetividade inserida socialmente), que coloque o pesquisador no contexto social do pesquisado, é capaz de abordar o fenômeno dos diários virtuais sob uma visão que admita a mutabilidade do significado: Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia, mas "se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições" (Orlandi, 1999: 60).

A Análise do Discurso se caracteriza por ser não apenas um método de análise fértil para textos de comunicação, mas também por carregar uma carga teórica que determina a visão do pesquisador para com o objeto empírico, por tratar de modo específico de questões ligadas à linguagem, ideologia e história. Portanto, mais do que outros métodos e técnicas, ela confere definições epistemológicas à observação e descrição do objeto e concepções teóricas que definem visões sobre os problemas do objeto.

A pesquisa em questão emprega os métodos oferecidos pela Análise do Discurso com a finalidade de operacionalizar os conceitos elucidados. A opção por este método de observação dos dados empíricos se justifica em função das possibilidades que ele permite, como analisar o texto escrito em função das diversas instâncias do discurso, permitindo-o percorrer desde suas estruturas sintáticas às pragmáticas em busca da relação entre esse discurso, a ideologia e a história, além de facilitar a busca pelos processos de subjetivação do sujeito. Esse método permite observar, por meio da análise textual do discurso materializado nos diários virtuais, a dinâmica do funcionamento da subjetividade dos sujeitos no ciberespaço, bem como estudar a importância das instituições e da ideologia para essa subjetividade.

IDEOLOGIA E DISCURSO

Para Pêcheux (1997) "não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". Aqui se faz necessário falar em sujeito psíquico, singular e afetivo, mas também condicionado pela ideologia e pelos contextos sociais, uma vez que se defende a posição de que as práticas e instituições sociais são decisivas na prática da subjetividade, pois "o sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação" (Henry, 1992: 188).

Assim, aprofundar alguns conceitos primordiais da Análise do Discurso passa pela conceitualização dos termos ideologia e discurso, dois marcos fundamentais para a compreensão de um quadro teórico capaz de articular o lingüístico ao histórico-social na Análise do Discurso.

Althusser, em *Ideologia e Aparelhos ideológicos do Estado* (1985), afirma que, para manter a supremacia, a classe dominante mune-se de mecanismos de perpetuação e reprodução dessas condições, entre eles os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), como a religião, a escola e a família, e os Aparelhos Repressores do Estado (ARE), como o Exército e o Governo. A hegemonia ideológica exercida por meio desses aparelhos cria as condições necessárias para a reprodução das condições de produção, fazendo perdurar a manutenção do poder da classe dominante.

Segundo o autor, a ideologia pode ser explicada pela formulação de três hipóteses. A primeira delas sustenta que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas reais condições de existência, ou seja, é por meio do imaginário que o homem atua e se relaciona com as condições reais de vida. A segunda determina que a ideologia tem uma existência porque existe sempre um aparelho e é somente no aparelho ideológico material que se pode se materializar as idéias de um sujeito. Assim, "a existência da ideologia é, portanto, material, porque as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos" (Brandão, 1991: 23). A terceira postula que a ideologia interpela indivíduos como sujeitos, isto é, a ideologia seria responsável por constituir indivíduos concretos em sujeitos.

Distanciando-se de uma concepção de ideologia diretamente relacionada à classe social, segundo Brandão, "Ricoeur (1977) atribui à ideologia a função geral de mediadora de integração social, na coesão do grupo". Este caráter mediador se dá por meio da perpetuação, pela ideologia, de um ato fundador inicial, responsável por manter o grupo coeso, em torno de uma memória social que os permite representarem-se. Também, a ideologia é dinâmica e motivadora da *práxis* social, além de ser simplificadora e esquemática. A ideologia é marcada por um estatuto nãoreflexivo e nãotransparente, por ser operatória e nãotemática. Seu caráter esquematizador estreita as possibilidades de interpretação dos acontecimentos, pois a ideologia resiste às modificações e "recebe o novo como típico".

Quando o caráter de dominação da ideologia encontra o caráter de integração, o conceito de ideologia oscila entre dois pólos e afeta diretamente a maneira de pensar a relação entre linguagem e ideologia. Da concepção marxista advém "a existência de um discurso ideológico que, utilizando-se de várias manobras, serve para legitimar o poder de uma classe ou grupo social. Da visão de Ricoeur, segundo Brandão, a ideologia é definida historicamente, acarretando:

> Uma compreensão dos fenômenos de linguagem e ideologia como noções estreitamente veiculadas e mutuamente necessárias, uma vez que a primeira é uma das instâncias mais significativas em que a segunda se materializa. Nesse sentido, não há discurso ideológico, mas todos os discursos o são (Brandão, 1991: 27).

A ideologia, nesse caso, é inerente ao signo e o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da "existência material" das ideologias. Os posicionamentos ideológicos estão, assim estritamente ligados à formações discursivas.

A análise de discurso de linha francesa adota o conceito de discurso formulado por Foucault, filósofo francês que trata o discurso como prática, jogo estratégico e polêmico e espaço em que saber e poder se articulam rompendo com as concepções clássicas do termo poder. Foucault concebe os discursos em termos de dispersão "isto é, como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade", rompendo com as idéias cristalizadas a respeito desse termo (Brandão, 1991: 28).

A ordem do discurso, nesse caso, se dá juntamente à Análise do Discurso, que deve ordenar essa dispersão, buscando estabelecer regras da formação dos discursos. Os princípios e procedimentos que regem a produção discursiva, ou seja, os modos de produção do discurso, não estão fora do próprio discurso.

Foucault também especifica os princípios de análise do discurso, que deve ser visto como acontecimento, em detrimento de criação. Buscando as séries e descon-

tinuidades, assim como a regularidade do discurso, e não a unidade e a originalidade. Os discursos, para Foucault, devem ser tratados como conjuntos de acontecimentos discursivos, séries homogêneas, mas descontínuas, umas em relação às outras. Sua análise deve seguir o princípio da inversão (onde parece haver um papel positivo, como a autoria, há o jogo negativo de um recorte e uma rarefação do discurso), da descontinuidade (na qual os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam e se ignoram), da especificidade (não transformar o discurso em um jogo de significações prévias) e da exterioridade (não passar do discurso para seu núcleo interior e escondido para o âmago de um pensamento ou significação)

Ou seja, a análise do discurso deve priorizar as sistematicidades (ou regularidades do discurso) descontínuas, em regiões no mesmo discurso e não esquadrinhar as coerências e contradições, a mensagem do texto. O sentido organizador do texto não pode ser almejado, pois a soberania do significante foi suspensa, tornando inócuas as representações por trás dos discursos.

A análise do discurso proposta por Foucault não pretende, segundo o autor, desvendar a universalidade de um sentido, mas mostrar à luz do dia o jogo de rarefação imposto. Concebidos como dispersão, os discursos seguem regras de formação, que possibilitam determinar os elementos que os compõem, entre eles: os objetos, os tipos de enunciação, conceitos e estratégias (sistema formado por temas e teorias). Essas regras que produzem formações discursivas se apresentam como um sistema de relações entre os elementos que compõem o discurso, sendo ele definido como o conjunto de enunciados que remetem a uma mesma formação discursiva. São elas que permitem que se encontre uma certa regularidade na dispersão dos discursos, que, segundo Brandão, é atingida pela análise dos enunciados que constituem a formação discursiva:

> Se processo discursivo é produção de sentido, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações. E aqui, o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva, noção que, juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso. (Brandão, 1991: 35).

A constituição de sentido e de identificação do sujeito é representada pela Formação Discursiva, conceito que, para Foucault (2002: 136) significa "um conjunto de regras anônimas históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições do exercício da função enunciativa", e "aquilo que se pode e se deve dizer numa situação dada, numa conjuntura dada, lugar provisório da metáfora, entendida esta como transferência". As formações discursivas refletem, no discurso, as posições ideológicas e determinam seus sentidos.

A noção de formação discursiva formulada por Foucault é reformulada por Pêcheux, que, de acordo com o quadro teórico do marxismo althusseriano,

> Propunha que toda "formação social", caracterizável por uma certa relação entre as classes sociais, implica a existência de "posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação". Essas formações ideológicas incluem "uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em

uma conjuntura dada" (Haroche, Henry e Pêcheux, 1971: 102). Essa tese tem incidência sobre a semântica, pois "as palavras 'mudam de sentido', quando passam de uma formação discursiva a outra" (ibid.) (Charaudeau, 2004: 241).

II.3 – O EU E O OUTRO

A Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso condicionam os diários virtuais íntimos a uma visão lingüístico-discursiva, permitindo articular noções como subjetividade, identidade e autoria nos textos autobiográficos às particularidades do ambiente digital com o qual o sujeito interage. Emerge, portanto, da intersecção entre os Estudos de Linguagem, da Psicanálise e da área da cibercultura uma perspectiva descentrada de sujeito capaz de abranger, pelos conceitos de ethos e estilo, ainda um efeito de sentido de singularidade.

O papel da autoria e do nome próprio no diário, bem como na autobiografia, tem relação direta com a problemática da subjetividade e da identidade nos diários virtuais íntimos. Lejeune parte das consideração de Benveniste de que o conceito "eu" não existe, mas remete a algo que só tem referência na própria enunciação e exerce uma função no enunciado, ou seja, a de remeter a um nome. No entanto, ressalta uma propriedade importante, deixada de lado por Benveniste, mas não por isso menos importante no caso das autobiografias e dos diários: a existência do indicativo da categoria lexical dos nomes próprios, que designam pessoas:

> Naturalmente, não é um aspecto da conjugação do verbo, e Benveniste tem razão de sublinhar a função econômica do "eu": mas, ao esquecer de articulá-lo à categoria lexical dos nomes de pessoas, torna incompreensível o fato de que cada um de nós, ao usar o "eu", nem por isso se perde no anonimato e, ao se nomear, continua sendo capaz de enunciar o que tem de irredutível (Lejeune, 2008: 22).

Enunciar-se com um nome próprio possibilita a articulação entre pessoa e discurso, ou seja, é no nome próprio que pessoa e discurso se relacionam. Enunciado como *eu*, o sujeito coloca-se em determinada posição enunciativa. Figuratizado no nome próprio, o sujeito coloca-se como singular, mas interpelado pela ideologia e matizado pelos processos identitários que o inserem na ordem social.

Assim, não se pretende negar que os sujeitos são marcados ideologicamente, mas é importante observar os diários virtuais íntimos como espaços de expressão da subjetividade, ferramentas que permitem aos indivíduos criarem imagens e efeitos de sentido em torno de uma identidade estável e singular.

Nesse contexto, torna-se difícil pensar em um instrumento de investigação dos processos de identificações contemporâneos mais eficaz que os diários virtuais íntimos, mas também de análise das relações de poder no ciberespaço e do discurso de si, ou seja, aparelhos analíticos de base para a investigação da demarcação da identidade nos diários virtuais íntimos. Essa relação entre uma sociologia do poder no ciberespaço e a análise dos discursos dos diários virtuais íntimos coloca este estudo frente a uma importante questão epistemológica e metodológica: a escolha de uma orientação teórica pertinente e habilitada a captar essa articulação entre a dinamicidade das relações sociais e intersubjetivas e as manifestações lingüísticas verbais presentes nas mídias digitais.

Como uma tentativa de evitar a aplicação cega de um método a um *corpus* para obtenção apenas do resultado desse método aplicado a esse *corpus*, em virtude da ausência de uma vigilância epistemológica, faz-se necessária uma abordagem que

possibilite o estudo de um sujeito dobrado entre as circunstâncias que delimitam a produção discursiva, mas que também favorecem a emergência da subjetividade.

Vamos ver adiante que a Análise do Discurso se distancia de uma posição subjetivista do sujeito e se aproxima de uma concepção de sujeito que perde essa polaridade centrada no eu/tu para dar lugar a estudos da presença do outro no discurso. No entanto, é impossível dissociar esta pesquisa de alguma formulação teórica lingüística que admita, pelo menos como efeito ilusório, a idéia de subjetividade.

Por isso, se a Análise do Discurso admite um sujeito permeado pelas supressões ideológicas, qual o sentido que pode ser atribuído aos relatos de si, associados a lugares de experimentação da identidade?

A classificação da Análise do Discurso em suas três fases pode auxiliar uma compreensão da questão. A idéia de assujeitamento do sujeito presume discursos considerados como homogêneos, fechados em si. Nessa fase, o discurso foi considerado como resultante de condições de produção estáveis e homogêneas e por isso, seria também considerado como uma maquinaria fechada em si, conceito que sofre transformações na segunda fase, influenciada pela noção de formação discursiva, que "começa a fazer explodir a noção de maquinaria estrutural fechada, uma vez que o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com seu exterior" (Pêcheux, 1990, 314).

Assim, é na segunda fase que a noção de interdiscurso toma forma, designando o exterior de uma formação discursiva: "A formação discursiva aparece, então, inseparável do interdiscurso, lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que provêem de uma formação discursiva" (Charaudeau 2004: 241). Segundo Pêcheux (1990: 297),

> Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente 'invadida' por elementos provenientes de outros lugares (i. e., de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob forma de 'pré-construídos' e de 'discursos transversos').

No entanto, apesar de admitir que uma formação discursiva constitui-se de outras formações discursivas, ou seja, de elementos exteriores, a segunda fase da Análise do Discurso ainda fala em um sujeito assujeitado por essas formações discursivas.

Embora seja alvo de uma crítica a respeito do sujeito assujeitado pela ideologia, a teoria nãosubjetivista da subjetividade formulada por Pêcheux ainda permite falar em um sujeito singular, marcado por uma história particular. Já para Pêcheux, a noção de sujeito é marcada por uma ambigüidade constitutiva, que o situa entre:

> 1) uma subjetividade livre enquanto centro de iniciativas, senhora de sua vontade, responsável por seus atos que lhe permite 'caminhar sozinho' e 2) uma subjetividade assujeitada a uma ordem superior (submetida às coerções das condições de produção), portanto, desprovida de liberdade, exceto a de aceitar livremente sua sujeição (Brandão, 1991: 64).

Assim, esse sujeito está marcado por uma condição paradoxal, pois ele não é nem totalmente livre, nem totalmente submetido, "pois, ao mesmo tempo em que é interpelado pela ideologia, ele ocupa, na formação discursiva que o determina, com

sua história particular, um lugar que é especificamente seu: cada sujeito é assujeitado no universal como singular 'insubstituível'" (Brandão, 1991: 65).

Feita a ressalva, a terceira fase da Análise do Discurso, no entanto, opera com a desconstrução da idéia de assujeitamento e da noção de maquinaria discursiva fechada, levando ao abandono de uma homogeneidade atribuída à noção de condições de produção do discurso e reconhecendo a desestabilidade das garantias sócio-históricas. É nessa fase que se pode falar na noção de enunciação e heterogeneidade enunciativa.

Também é na terceira fase dessa teoria que os objetos analisados sob sua perspectiva saem do domínio institucional, ou seja, admite-se uma pluralidade maior com relação aos tipos de objeto. Os discursos dos diários virtuais íntimos não podem ser aproximados de um conjunto de enunciados circunscritos sócio-historicamente que presumem uma identidade enunciativa, como se pode dizer a respeito do discurso político ou religioso, por exemplo. Esses enunciados marcados por uma identidade estão ligados a posicionamentos de ordem ideológica, estritamente, o que não se pode afirmar sobre o discurso de si nos diários virtuais íntimos, que se aproximam mais do publicitário.

Adota-se assim uma concepção interdiscursiva de formação discursiva, pela qual uma formação discursiva apenas se constitui e se mantém pelo interdiscurso, permitindo abordar alguns *corpora* não doutrinais, como o discurso de si no hipertexto. O recuo em relação a essa noção de espaço discursivo que se supõe dominado por condições de produção estáveis e homogêneas favorece a busca dos mecanismos de construção de sentido nos diários virtuais íntimos. Longe de uma visão instrumentalista de linguagem, não se busca desvendar a universalidade de um sentido, mas mostrar o jogo imposto de rarefação e delimitação dos discursos. Esta visão, ao desvalorizar a monarquia de um significante, restitui ao discurso seu caráter de acontecimento.

Este estudo defende que, apesar da liberdade expressiva possibilitada pelo meio on-line, os sujeitos que por meio dele se manifestam não deixam de ser coagidos justamente pelo formato e características inerentes a esse meio e também, em segundo plano, mas não menos importante, pelas coerções de gênero dos diários virtuais íntimos.

Se, para Foucault (1996: 8-9), "em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo distribuída, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade", é incoerente tentar esquivar os textos materializados nos hipertextos dessas delimitações sociais do discurso.

Embora impere uma suposta liberdade nos textos materializados na Internet, os procedimentos de controle e delimitação dos discursos não deixam de intervir nos relatos de si hipertextuais. Mais que isso. Essas narrativas se desenvolvem a partir desses procedimentos de interdição e separação, que transportam as articulações das relações de poder do mundo off-line. São relações de poder transpostas para o mundo on-line, que, portanto, trazem consigo as coerções das formações discursivas. São transpostas, mas são regidas segundo normas diferenciadas do mundo 'real', pois o contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário é regido pelo caráter público das informações disponíveis na rede, em contraposição à manutenção do segredo, propriedade dos diários tradicionais. Também este contrato presume a ocultação da identidade do sujeito em sua vida real.

Assim, embora se beneficie da liberdade na rede, o discurso do enunciador não deixa de ser transpassado por interditos (palavra proibida), separado e rejeitado

(segregação da loucura) e controlado por uma vontade de verdade, procedimentos descritos por Foucault (1996). Além desses processos externos de delimitação, o discurso nos diários virtuais é efeito também de regimes externos, como: comentário, autoria e disciplina.

Desta maneira, se "nem os textos tomados em sua singularidade, nem os *corpora* tipologicamente pouco marcados dizem respeito verdadeiramente à AD" (Maingueneau, 1997: 14), como resolver o problema da subjetividade e da singularidade nos diários virtuais íntimos? Como conjugar as coerções sociais do discurso e a aparente liberdade de expressão na rede?

Como relato de si, os diários virtuais promovem um exercício de si mesmo. Ao estimularem essa prática, permitem a abertura ao olhar do outro, prática de duplo trabalho que implica em introspecção: trabalho de si por si mesmo e de si pelo outro. Assim como a correspondência, os diários virtuais íntimos atuam "no sentido da subjetivação do discurso verdadeiro, isto é, na sua assimilação como bem próprio". Além disso, também operam uma objetivação da alma, pois colocam as experiências de si à prova do outro, por meio da palavra escrita: "Se o papel dos *hypomnemata* é permitir a constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros, o papel da correspondência é aquele da troca do serviço da alma" (Foucault, 1992: 152).

A subjetivação de si e a objetivação da alma pelo discurso permitem formas de construção da identidade, ativando a qualidade de um modo de ser. No hipertexto, estas possibilidades de expressão pessoal são ainda mais acentuadas, pela distância temporal e espacial entre enunciador e enunciatário, bem como pelas imagens que podem fazer crer ser, através dos instrumentos interativos da rede. É esta a função etopoiética de que fala Foucault, de construção de um "caráter" por meio da narrativa.

Tanto a subjetivação de si quanto a objetivação da alma se dão discursivamente. É por meio do discurso de si que o autor do diário virtual se reconhece como singular e se diferencia ilusoriamente do outro na rede. A subjetivação por meio do discurso produz um saber de si, bem como um cuidar de si que tem como base a singularidade discursiva. No entanto, talvez seja mais simples buscar as formas e estratégias de subjetivação em sua objetivação.

A objetivação do sujeito por meio dos dispositivos e das práticas discursivas permite que o indivíduo se reconheça como sujeito inscrito em dada ordem histórica e social. No entanto, ao mesmo tempo em que o sujeito é objetivado pelos dispositivos e pelas práticas institucionais, subjetiva-se no mesmo movimento. Inseridos no mundo como objetos, é como se os sujeitos não se permitissem reconhecer-se homogeneamente numa sociedade e, para isso, necessitassem construírem-se em cima de e por meio de uma subjetividade singular.

As formas de objetivação do sujeito contemporâneo são também formas de submissão dessa subjetividade. As relações de poder subjugam, tornam sujeito, mas também marcam a individualidade e dão forma à subjetividade por meio das resistências que buscam trazer o indivíduo de volta ao sujeito. Lutas contra as formas de exploração e dominação e contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete ao outro. Enfim, são disputas contra as diversas formas de sujeição, que buscam atacar as relações de poder alavancadas pelos dispositivos e pelas práticas discursivas.

Essa subjetivação, portanto, é a maneira como os sujeitos objetivados apropriam-se dessa objetivação e, a partir dela, se fazem reconhecer como sujeitos. Também pode ser compreendida como um uma estratégia de rebeldia contra a objetivação, com a finalidade de se fazerem e se acreditarem como seres singulares.

Assim,

> (...) a emergência do que poderíamos chamar de uma espécie de 'subjetivação plena constituída por meio dos modos de subjetivação agenciados no dispositivo é apontada por Foucault como possibilidade, como vir-a-ser. A subjetivação, constituída numa atmosfera filosófica, produziria em 'saber de si' que conduziria a um 'cuidar de si'. Trata-se, pois, de uma subjetividade organizada num horizonte estético, cuja denominação seria simplesmente 'o si' (Ribeiro, 2007: 254).

E certamente as narrativas de si encarnam essas formas estratégicas de constituição singular, de organização de um conjunto de sentidos em busca de individualidades e particularidades, mesmo que a partir de elementos heterogêneos encontrados na rede. A reunião desses elementos é que irá caracterizar a singularidade e permitirá a expressão subjetiva no hipertexto, bem como a incorporação interna dos rudimentos pelos sujeitos virtualizados.

Como cada época produz um tipo de subjetivação dominante, em busca de uma economia das relações de poder que ocorrem na contemporaneidade, o ciberespaço parece ser um importante componente analítico através do qual se constroem as formas de subjetivação e objetivação dominantes e no qual se podem reconhecer as relações entre racionalização e poder *in loco*.

A subjetividade no hipertexto é intrínseca às relações de poder constitutivas do hipertexto. As relações de poder, de comunicação e as capacidades objetivas têm suas especificidades, mas estão imbricadas umas às outras, apoiando-se reciprocamente e servindo-se mutuamente de instrumento. No entanto, segundo Foucault, os efeitos de poder são apenas um aspecto da significação, exercem-se por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos. As articulações entre essas três instâncias não são equilibradas, mas estão ajustadas em blocos, segundo fórmulas refletidas constituindo as disciplinas, que mostram diferentes modelos de articulação entre os sistemas de finalidade objetiva, de comunicações e de poder.

Se o poder designa relações entre parceiros, coloca em jogo articulações de indivíduos ou de grupos e se exerce através dos processos de significação, é natural que se busquem os procedimentos de disciplinarização do comportamento dos diários virtuais no matriciamento entre os modos de ação de uns sobre os outros exercidos por meio dos hiperlinks, principalmente, e as diferentes formas de produção e troca de signos possibilitadas pela interatividade e pela hipertextualidade.

Os movimentos de objetivação e subjetivação do sujeito no ciberespaço estão interligados. Ao mesmo tempo em que a objetivação faz com que os sujeitos se reconheçam sujeitos do/ao mundo, neste mesmo movimento, favorece a emergência de uma subjetividade 'objetivada', expressa nas heterogeneidades gramaticais, pela mudança no sentido das palavras e, principalmente, pelo estilo.

Envolto por relações de produção (de ordem histórica) e relações de significação (de ordem lingüística), o homem é colocado em relações de poder muito complexas, a partir das quais os movimentos de objetivação e subjetivação se efetuam. Segundo Foucault, citado por Maingueneau, a inscrição do sujeito em lugares enunciativos corresponde a:

> Determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser o sujeito'. Isso equivale a dizer que 'a teoria do discurso não é uma teoria de sujeito antes que ele se enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, o efeito de anunciado (Maingueneau, 1997: 41).

A entrada do sujeito na ordem do discurso por meio da palavra não acarreta, no entanto, uma perda ou ausência de singularidade, pois o conceito de lugar enunciativo se apóia em um "conceito de lugar cuja especificidade repousa sobre esse traço essencial segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa". (Maingueneau, 1997: 33).

O lugar discursivo é a chave para a compreensão da heterogeneidade discursiva nos diários virtuais íntimos. Como lugar de enunciação, revela relações de poder e forças, legitima, representa, dá significação aos sentidos e os materializa nas práticas discursivas. A cenografia confere credibilidade e autoridade às enunciações:

> Para E. Landowski, 'cenografia' ou 'contexto semiótico' encontra-se no mesmo nível que a possibilidade de 'formulações eficazes' (os atos de fala) que conferem sua credibilidade às enunciações; delas fazem parte 'o próprio enunciado, certamente, mas também o modo pelo qual o enunciado se inscreve (gestualmente, proxemicamente etc.) no tempo e no espaço de seu interlocutor, bem como todas as determinações semânticas e sintáticas que contribuem para forjar 'a imagem distinguida' que os parceiros remetem ao outro no ato de comunicação' (Maingueneau, 1997: 31).

Assim, não se pode falar em lugares enunciativos sem aprofundar o caráter institucional da atividade discursiva e levar em conta o complexo institucional que está associado à sua enunciação. As práticas discursivas de submissão da subjetividade são também práticas institucionais, o sujeito está fundado no discurso, mas também nas posições na ordem institucional. A ordem é descobrir como os sujeitos se reconhecem nessas relações, suas posições nas cenas que descrevem e que lugares ocupam. Enfim, como se reconhecem sujeitos em seus atos e em seus discursos.

No entanto, como ainda falar em um sujeito singular, mas institucional, nos diários virtuais íntimos? A chave está no duplo horizonte da objetivação e da subjetivação. Só se pode falar em sujeito psíquico porque é também sujeito institucional. A subjetividade é constituída nas e constitutivas das relações concretas e, portanto, nas práticas discursivas.

Articulado esse conceito, pode-se abstrair um sujeito 'dobrado' entre sua singularidade discursiva e sua dimensão institucional, subjugado pelas relações de poder, mas também sujeito de si. É assim que se deve pensar no sujeito contemporâneo, dividido entre as mil posições enunciativas e institucionais em que pode enquadrar-se no ciberespaço e entre suas habilidades e capacidades individuais, sem que um exclua o outro.

Assim, é possível falar em formações discursivas mesmo em *corpora* pouco marcados por uma identidade, mas formações discursivas que se mantêm pelo interdiscurso. Essa abertura teórica também beneficia a abordagem da subjetividade, noção primordial para o tema em questão. No entanto, como será aprofundado adiante, esta não é uma subjetividade centrada no eu, mas na relação entre o eu e o outro.

Objetivados pelas práticas discursivas, os sujeitos se inscrevem em formações discursivas determinadas. Subjetivados, marcam seu lugar por meio da enunciação e da heterogeneidade enunciativa. Por esta razão, para tratar de formações discursivas, faz-se necessário abordar a interação entre formações discursivas, pois a identidade do discurso se constrói na relação com o outro, esteja esse outro marcado ou não, lingüisticamente.

Para finalizar a problemática da subjetividade e do descentramento do sujeito e introduzir as articulações entre as rupturas provocadas pelas mídias digitais ao texto autobiográfico e os mecanismos de operacionalização da Teoria da Enunciação e da

Análise do Discurso, o enunciador de *Continua Valendo* expõe um de seus desdobramentos, o reconhecimento da alteridade e da identidade:

> onde estamos
>
> Acontece às vezes de estarmos no outro. O outro nos encontra e mostra, olha: você. Quando o outro é uma pessoa apaixonada por nós, não há alegria maior. Dá força e até sentido para a vida. Ia escrever que o ideal é não depender de ninguém, e estarmos sempre em nós mesmos, e pronto. Mas não. Estamos sempre nos outros.
>
> Eu estou nos meus alunos, que crescem comigo, e escutam (ou não) as coisas que eu digo e fazem (ou não) as coisas que eu peço que eles façam. Estou na minha família, e no jeito como eles me olham e cuidam de mim. Estou nos meus amigos, no meu ex, na minha história. Estou nos homens que me olham com desejo, e nos homens que me olham sem desejo algum. Estou no homem que gosto.
>
> O problema é quando aquele outro que nos faz ter sentido, forma e aparência não pode, não quer, estar junto de nós. Não do jeito que queríamos.
>
> E aí?
>
> o que a gente faz ?
>
> POSTADO POR L ÀS 05:10 0 COMENTÁRIOS

A problemática do descentramento do sujeito e do interdiscurso evidencia, portanto, os planos epistemológico, teórico e metodológico que norteiam o estudo dos diários virtuais íntimos. A partir dela são expostas a discussão da autoria, do sentido, da leitura e da escrita no ciberespaço.

Metodologicamente, os diários virtuais íntimos constituem uma relação intergenérica com os diários íntimos tradicionais, marcando diferenças e semelhanças. Definido com um gênero do discurso emergente na rede, o diário virtual íntimo tem suas especificidades acentuadas quando contrastado a outros gêneros autobiográficos, como o diário tradicional, aprofundando a problemática do blog pessoal como um formato que ainda pode ser denominado como diário.

CAPÍTULO III
PERCURSOS DE SENTIDO NO LABIRINTO HIPERTEXTUAL

Desenvolvidos os conceitos lingüísticos e discursivos que condicionam a visão teórica dos diários virtuais íntimos, bem como descritas as particularidades do ambiente digital, o capítulo que segue dedica-se a explorar a intersecção entre o suporte hipertextual e as formas narrativas e discursivas dispostas pelo objeto de pesquisa. Desse cruzamento emergem, portanto, a problemática da linearidade narrativa digital, da autoria, do sentido e, por último, mas não menos importante, a discussão do estatuto de diário do objeto em questão.

III.1 - HETEROGENEIDADES NARRATIVAS DIGITAIS

Não se pode afirmar que, em função da interatividade, todas as condições de produção do discurso se alteram, ou seja, uma interlocução que era antes unidirecional agora passa a ser reticular. Para que a narratividade seja digital e não simplesmente digitalizada, é necessário que não apenas o conteúdo seja transposto ao hipertexto, mas que as possibilidades de sentido facilitadas por ele sejam aprofundadas por meio da interatividade. Informações autobiográficas apenas adaptadas ao contexto digital fazem da Internet apenas um veículo para sua distribuição.

O ambiente digital é um meio essencialmente heterogêneo, que pode suportar desde textos lineares até textos totalmente enciclopédicos, caracterizados pelo emprego das potencialidades hipertextuais e interativas. Por esse motivo, apenas as possibilidades interativas, como os comentários, nos diários virtuais, não permitem falar em um texto totalmente descontínuo. A seguir, pretende-se discutir a principal e mais polêmica característica do hipertexto, a narratividade digital. Segundo Lévy,

> A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, por isso o virtual é imaginário (Lévy, 1996: 21).

Em função das características descritas, o hipertexto produz uma linearidade momentânea específica. Ele coloca em cheque a tradição narrativa da *Poética* de Aristóteles, que determina uma narrativa tradicional, com começo, meio e fim definidos, portanto, marcada por um fechamento semântico. Com o hipertexto, o leitor tem múltiplas escolhas. É o rompimento com a tradição narrativa, pois desta maneira, o hipertexto impede que a narrativa chegue a um fim definido.

Por meio das mudanças na arquitetura da informação patrocinadas pelo surgimento do hipertexto, a plataforma digital altera a própria construção da narrativa ao exigir a participação ativa do receptor interagente. O hipertexto rompe com a linearidade do texto impresso e torna imprecisas as fronteiras entre leitor e autor.

Por estes motivos, a narrativa na Internet seria em hipertexto, concebido como um conjunto de documentos de qualquer tipo (imagem, texto, gráficos, quadros e videoclipes) conectados uns com os outros por links:

> O hipertexto tem dado a escritores novas formas de experimentar com segmentação, justaposição e conexão. Histórias escritas em hipertexto geralmente têm mais de um ponto de entrada, várias ramificações internas e nenhum final claro. (...) são narrativas intrincadas, em redes (Lévy, 2000: 109).

A bilateralidade permitida pelo hipertexto transforma toda navegação em uma narrativa própria, permitindo a Castells falar não em um hipertexto apenas, mas do hipertexto de cada pessoa. O hipertexto rompe com a linearidade, permitindo a construção de uma narrativa em conjunto. Uma narrativa hipertextual oferece múltiplos caminhos, através dos quais os leitores ou usuários constroem seu próprio texto, passando de um para outro através de links ou conexões. Tal argumento é explicado por Lévy:

> A escrita e a leitura trocam seus papéis. Aquele que participa da estruturação de um hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, aquele que atualiza um percurso, ou manifesta determinado aspecto da reserva documental, contribui para a redação, finaliza temporariamente uma escrita interminável. Os cortes e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à própria estrutura dos corpus. Com o hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial (Lévy, 2000: 116).

A metáfora da navegação e do surfe, hoje utilizada para designar as incursões dos internautas pelos hiperlinks, implica, segundo Lévy (2000: 114) a "capacidade de enfrentar os redemoinhos, as correntes e os ventos contrários em uma extensão plana". Esta designação ao ato de mover-se entre os hiperlinks diferencia-se bastante daquela utilizada para indicar o movimento para atingir a pirâmide do saber, que denota uma hierarquia, como se nem todos pudessem escalar essa pirâmide para atingir o conhecimento.

O hipertexto constitui um recurso que, por sua própria natureza, traz demandas mais próximas à construção de caminhos de navegação em rede e de exploração multimídia do que apenas à transposição do conteúdo impresso ao qual estamos acostumados. No ambiente em rede, o leitor, embora possa aceitar a narrativa linear, espera interagir com o conteúdo, para amplificar sua percepção dos fatos e aprofundar seu conhecimento acerca de um determinado acontecimento.

Observa-se que, quando se fala em hipertexto, os autores de referência tomam a linearidade como característica essencial, ou seja, lida-se com uma noção muito simplista de texto, conforme atesta Possenti. Seguindo essa linha de pensamento, pode-se negar que até as tradicionais enciclopédias *Britânica*, vendidas de porta em porta antigamente, constituem textos. Buscando argumentar a favor de sua idéia, Possenti emprega a noção de Foucault, que se opõe a alguns dos conceitos tradicionais que colaboram para sustentar a idéia de unidade (contra a de dispersão) e de livro. Para o autor, a maior vantagem do hipertexto é justamente fomentar a discussão da definição de texto:

> Para evitar mais mal-entendidos, repito que não estou querendo dar a entender que não há nada de novo no front. Insisto apenas em dizer que não devemos ainda nos deslumbrar. Penso que a maior vantagem do hipertexto ainda é nos fazer entender melhor o que é um texto. Descobrimos que as propriedades do texto que seriam as opostas das do hipertexto só seriam propriedades dos textos mais banais. Ou seja, certas glorificações do hipertexto constroem um simulacro de texto mais ou menos insuportável e que não resiste à menor investigação empírica (Possenti, 2002: 217).

Se tomado um livro com capa, título, nome de autor, capítulos etc. como modelo de texto, naturalmente somos levados a pensar que a linearidade narrativa é uma condição básica para caracterizar um texto. No entanto, conforme afirma Maingueneau (2004:51), o texto revelou ser uma unidade muito complexa, para ser fechada em tipologias e para que só a coesão ou coerência lingüística possam dar conta daquilo que faz sua unidade.

Assim, talvez seja pretensioso pensar que toda narrativa digitalizada e que emprega os recursos interativos imponha uma narrativa sempre descontínua, marcada pela nãolinearidade. Também deve ser vistas com cuidado as afirmações de que o hipertexto dilui as fronteiras de leitura e escrita, principalmente nos diários virtuais íntimos, nos quais apenas o autor pode registrar textos e nos quais aos leitores destina-se um espaço secundário, o dos comentários.

A problemática da linearidade narrativa adquire um tom ainda mais polêmico quanto se trata da estrutura dos diários, na qual o fim geralmente escapa à observação e reflexão, porque, segundo Lejeune, ele nunca é previsto no texto do diário, vivido como escrita sem fim. Para ele, toda atividade diarística constitui uma ação de crise, na qual a descontinuidade é habitual e destina-se a evitar a morte, tanto a morte do autor quanto a morte do suporte em que o diário se apóia.

A estrutura global dos diários virtuais íntimos protege seu autor da angústia da morte através da idéia de continuidade e de construção de um arquivo da memória. Aberto para um futuro indeterminado, o diário virtual íntimo programa sua releitura desde o início. Para isso, a cada registro datado, as imagens descontínuas da vida são projetadas actancialmente, espacialmente e temporalmente, filtradas, selecionadas e ordenadas em série, de forma a propor uma continuidade. No entanto, diferentemente do que ocorre nos diários tradicionais, amparados pela continuidade do papel, os diários virtuais íntimos têm sua narratividade contínua subvertida pela virtualização e pelo hipertexto. O autor tem acesso a esse arquivo contínuo e cronológico de datas, como um instrumento do *ethos* de seu diário, mas o leitor pode acessar os registros na ordem que desejar. Proposto o caminho modelo pelo autor, o leitor pode escolher segui-lo ou não. Assim, tanto a descontinuidade quanto a continuidade narrativas marcam os diários virtuais íntimos. A ocorrência de uma ou outra irá depender dos caminhos a serem seguidos pelo leitor.

III.2 – A AUTORIA NO HIPERTEXTO DIGITAL

Adotado o caminho cronológico proposto pela estrutura do diário virtual íntimo, o leitor assume a propriedade de cada post não mais individualmente, post a post, mas como uma unidade em torno de um mesmo nome, assinado ao final de cada trecho enunciado. Advém daí a problemática da autoria, não exclusiva aos blogs, mas a qualquer tipo de texto cuja leitura é proposta na Internet. O contrato de leitura sugerido pelo proprietário do blog é adotado pelo leitor, que assume a forma autobiográfica como modelo de identidade entre autor, narrador e personagem.

Se o suporte hipertextual transforma algumas características dos diários tradicionais, o mesmo não pode ser dito com relação à importância do nome para os diários virtuais íntimos e para o gênero autobiográfico em geral. Não apenas um nome próprio, mas um endereço na rede conecta uma página principal, parte ínfima de uma rede com a qual os autores e leitores interagem perceptivamente, a uma corporalidade, a um autor responsável por aqueles textos. Em vez de destruir a identidade entre o narrador, o personagem e o autor, o formato dos diários virtuais íntimos a reforça:

> A autobiografia é o gênero literário que, por seu próprio conteúdo, melhor marca a confusão entre autor e pessoa, confusão em que se funda toda a prática e a problemática da literatura ocidental desde o fim do século 18. Daí a espécie de paixão pelo nome próprio, que ultrapassa a simples "vaidade do autor" já que, através dela, é a própria pessoa que justifica sua existência. (Lejeune, 2008: 33)

Uma das estratégias observadas com a finalidade de interpretação de um texto se baseia na autoria, ou seja, na busca de indícios autorais que dêem um sentido coerente ao texto. Para além do construto meramente lingüístico, apela-se para a instância da autoria como estratégia de interpretação. Também seria o autor o responsável por organizar o texto linearmente, ou seja, dar-lhe coerência e unidade. Por esse motivo, não é de espantar que certas afirmações deleguem ao mundo digital a não linearização e a fusão da instância de autoria e leitura.

No entanto, tal função da autoria é de sumária importância para os processos de identificação que regem os diários virtuais íntimos. Para Lejeune, o perigo da indeterminação da primeira pessoa leva à sua neutralização no nome próprio. A ligação entre esse nome e uma corporalidade autoral define o caráter do diário virtual íntimo:

> A aquisição do nome próprio é, certamente, na história do indivíduo, uma etapa tão importante quanto a fase do espelho. O primeiro nome recebido e assumido – o nome do pai – e sobretudo o nome próprio, que nos distingue dele, são, sem dúvida, dados fundamentais na história do *eu* (Lejeune, 2008:35).

Além de um gênero contratual, os diários são também textos referenciais pois se propõem a fornecer informações a respeito de uma "realidade" externa ao texto:

> (...) seu objetivo não é a simples verosimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o efeito do real, mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam então o que chamarei de pacto referencial, implícito ou explícito, no qual se incluem uma definição do campo do real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos quais o texto aspira (Lejeune, 2008:36).

O sujeito a que o leitor tem acesso nos diários virtuais íntimos corresponde, necessariamente, ao sujeito do enunciado, ou seja, ao narrador e ao personagem, diretamente remetidos ao sujeito da enunciação, um autor representado na margem do texto por seu nome, ou pela assinatura ao final de cada post, um referente cujo caráter somente pode ser auferido pelas afirmativas do enunciado. Todos os diários virtuais íntimos, necessariamente, tem seus posts assinados por um autor. Nem sempre o nome real do autor (seu nome próprio) corresponde ao nome assinado ao final de cada texto.

O emprego do pseudônimo pouco modifica a relação de identidade entre um autor, que se responsabiliza pelo enunciado, e o narrador-personagem. Ele é simplesmente um desdobramento do nome, problemática exemplificada por *Zel*:

> setembro 23, 2008
>
> puxando o fio da meada
>
> ou deixando algumas coisas mais claras (pra mim e pra todo mundo aí do outro lado da tela).
>
> o assunto não é exatamente o mesmo, mas é correlacionado. a lúcia menciona, não pela primeira e nem pela última vez, a questão da censura no brasil. existe, fique atento.
>
> mas meu assunto é outro - quero falar sobre o blog, sobre a autora (eu) e sobre meu direito de expressar o que penso.
>
> esse é um blog 100% pessoal. não existe aqui compromisso com absolutamente nada e nem ninguém que não seja eu mesma. não vendo nada, não defendo "profissionalmente" nenhuma causa, não ganho absolutamente nada para escrever (a não ser um ou outro amigo e muitas mensagens legais). costumo dizer o que penso sem preocupação, não só porque acredito no meu direito de fazê-lo mas principalmente porque quem quer que chegue até aqui e se dê ao trabalho de ler posts enormes como esse só o faz por que realmente quer.
>
> desde seu nascimento esse blog foi assinado por mim com apelido - zel. esse é um apelido "real", eu não o inventei para escrever o blog. muitos dos meus amigos me chamam assim desde minha adolescência. tampouco pensei em preservar meu nome completo, essa questão nunca me importou (embora devesse!). jamais imaginei que esse blog chegaria a ter essa quantidade de leitores, nunca tive nenhuma pretensão (ainda não tenho).
>
> embora eu sempre tenha assinado com apelido, nunca fiz segredo de quem sou. sei que há quem escreva blogs escondidos atrás de apelidos e que não quer revelar sua identidade. respeito, entendo os motivos, mas não é meu caso. se alguém realmente quiser saber quem está por trás deste blog é facílimo - basta perguntar ou procurar no *google* um pouquinho. em 10 minutos qualquer um descobre quem sou eu, o que faço, o que falei no passado e até consegue ver como eu sou fisicamente.

Como se pode observar nos diários virtuais íntimos, o mundo institucionalizado impõe um registro de pertencimento a toda forma de criação e produção, ou seja, toda obra intelectual ou não deve ter por trás um criador empírico. Essa necessidade de autoria se explica pela responsabilidade jurídica e histórica, a ter a quem imputar uma culpabilidade. Uma pessoa real, extratextual, se responsabiliza pela enunciação e tal responsabilidade não é voluntária, mas obrigatória por aqueles que se cadastram em um sistema de publicação de conteúdo, como o *Blogger*. Um nome deve ser necessariamente fornecido, para que o cadastro seja efetuado. O autor de *All made of Stars* chama-se *Flávia Melissa*, mas não é possível saber se este nome corresponde ao nome documentado do autor.

A autoria é uma das facetas do chamado Projeto da Modernidade, período da cultura ocidental entre os séculos XVIII e XIX marcado pelo progresso das ciências e pela Revolução Industrial. É nesse período que "a noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências" (Foucault, 1992: 33). Ela

representa a unidade do sujeito cartesiano, capaz de, pela ciência, atingir o progresso que emanciparia o sujeito moderno, dono de seus desejos e escolhas racionais.

A unicidade do sujeito e da sua obra, sua coerência conceitual e sua originalidade asseguram ao autor a autenticidade de seu discurso, conferindo-lhe responsabilidade econômica e social, uma vez que o sujeito se transforma também, com o projeto moderno, em um produtor para o mercado, remetendo à institucionalização do direito autoral. Para Foucault (1992: 47),

> (...) os textos, os livros, os discursos começaram efetivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores.

Se na modernidade o conceito de autoria se apóia na idéia de individualidade, identidade, objetividade e coerência do autor, na contemporaneidade, o estabelecimento da propriedade fica dificultado. Essa incongruência pode ser examinada em diversos tipos de trabalhos cooperativos, inclusive procedimentos científicos e artísticos, que questionam a idéia de propriedade autoral.

Alguns estudiosos demonstram que a Internet expõe de maneira mais clara essa ausência de distinção de papéis, pois ela favoreceria cada indivíduo a assumir várias identificações ao mesmo tempo: todos podem ser autores, leitores, agentes, produtores, editores etc. A Internet como sistema tecnológico produzido socialmente é também um produto social que pressupõe a falta de distinção entre produtor e usuário.

De forma mais branda, Chartier sugere que a revolução eletrônica, além de instaurar uma ruptura na ordem dos discursos, promove uma cisão no que ele chama de ordem das razões e das propriedades. A ordem das razões, segundo ele, é aquela originária das modalidades de construção e crédito dos discursos do saber, transformada pela revolução da textualidade digital que, por um lado,

> Permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica que não é necessariamente linear nem dedutiva, tal como dá a entender a inscrição de um texto sobre uma página, mas que pode ser aberta, clara e racional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. Por outro, e como conseqüência, o leitor pode comprovar a validade de qualquer demonstração consultando pessoalmente os textos (mas também as imagens, as palavras gravadas ou composições musicais) que são o objeto de análise se, evidentemente, estiverem acessíveis de forma digitalizada (Chartier, 2002: 24).

A ordem da propriedade, tanto em sentido jurídico quanto textual, baseada na estabilidade, singularidade e originalidade do processo de autoria na modernidade, sofre transformações com o surgimento do texto eletrônico, tido como móvel, aberto e maleável, possibilitando ao leitor intervir, recortar, deslocar, estender, recompor as unidades das quais se apodera. O mundo digital, segundo o autor, coloca em questão a identidade singular e o regime de propriedade, pois:

> Nesse processo desaparece a atribuição dos textos ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica, que dá realidade ao sonho de Foucault quanto ao desaparecimento desejável da apropriação individual dos discursos – o que ele chamava a 'função-autor' (Chartier, 2002: 25).

No entanto, a noção de autoria já entrou em crise há tempos, com o estruturalismo. Com a morte anunciada, o autor cede lugar ao próprio texto como estratégia de interpretação do sentido. Decretar que qualquer um pode ser autor e leitor (o que equivale a dizer que qualquer um possa também não ser) parece ignorar a existência de estudos precedentes que sugeriam que o texto é atravessado por inúmeros fatores que não podem ser controlados intencionalmente pelo autor, seja por que o texto pode estar submetido a coerções de gênero ou desejos inconscientes do autor.

Nesse contexto, dois ensaios são essencialmente importantes: *A morte do autor*, de Roland Barthes (1968) e *O que é um autor* (publicado em 1969), de Michel Foucault, ambos lançados na década de 1960. Barthes, ao tratar de descentramento, anonimato e de uma pluralidade "irredutível", coloca em questão a noção de autor e de obra, noções que admitem uma concepção do sujeito proposto pelo Projeto Moderno. É Barthes quem chama a atenção para a noção de interpretação a partir da autoria, como se o autor transferisse alegoricamente uma única voz particular à obra, e por meio desse voz a interpretação pudesse se efetuar.

Michel Foucault retoma e avança a questão ao reconhecer que o conceito de autor de algum modo excede o que podemos pensar como autor empírico. Nesse contexto, propõe a noção de "função autor", que ele define como "característico do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (Foucault, 1992:46).

Ou seja, a introdução de uma visão lingüística e discursiva do sujeito, bem como sua inscrição social e simbólica, estão na raiz da reconfiguração da noção de autor e de função-autor. Na produção discursiva, o sujeito sai da posição de enunciador para se transformar em autor. Para isso, é necessário, segundo Orlandi (2007), que o sujeito tenha controle dos mecanismos do processo discursivo, no qual ele se constitui como autor, e também dos mecanismos do domínio dos processos textuais nos quais ele marca sua prática de autor.

A passagem de enunciador a autor é também a do recobrimento do lugar ou posição discursiva por um sujeito, agora autor, uma função responsável pela organização dos sentidos e pela unidade do texto, surtindo um efeito de sentido de unidade também de sujeito. Para Orlandi (2007:69), "a função-autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular no interior do formulável e se constitui, com seu enunciado, numa história de formulações".

A essa problemática da morte do autor corresponde uma flexibilização do conceito de pacto autobiográfico de Lejeune, bem como a uma maior maleabilidade da importância da assinatura para os diários virtuais íntimos. O autor parte de uma apresentação categórica do tema da identidade autor-narrador-personagem, cristalizando uma oposição entre tudo ou nada, quando as posições intermediárias são de fundamental importância, principalmente na Internet. De acordo com Lejeune, uma relação a três entre produtor, obra e consumidor é ilusória, já que essas três instâncias nunca participam ao mesmo tempo de uma mesma experiência e a autobiografia brinca justamente de criar essa ilusão:

> Se, em 1980, escolhi o título *Je est un autre* [Eu é um outro] para a coletânea de artigos escritos depois do "Pacto", foi justamente para reintroduzir a idéia de *jeu* [jogo] que está fatalmente ligada a identidade... Por que inicialmente adotei uma atitude tão jansenista? Talvez por que, sem dizê-lo, sempre raciocinei como se o centro do campo autobiográfico fosse a confissão: avaliei o todo, de acordo com as regras de funcionamento de uma de suas partes: as confissões devem ser assinadas para que tenham valor; não há como entrar em acordo com a verdade... Mas tal escolha só

> é passível de crítica se implicar a negação da existência de graus possíveis: do momento em que aceitamos, o ponto de referência da confissão permite avaliar outras estratégias de escrita e de leitura (Lejeune, 2008:56).

O ambiente on-line favorece, portanto, tal flexibilidade ao facilitar a um contrato autobiográfico de duplo processo: o compromisso e o sistema de apresentação escolhido pelo autor e o modo de leitura escolhido pelo leitor. O hipertexto embaralha as noções de autoria, narrativa, escrita e leitura, acentuando a diferença interpretativa entre a primeira proposta e a intenção que será atribuída pelo leitor. A leitura reverte, portanto, um jogo antes fixo. No hipertexto, tal jogo é representado a partir da heterogeneidade, pela visão do outro.

Ao proclamar a morte do autor, essa visão da autoria sugere a emergência do leitor como ponto central de atividade interpretativa no texto. O surgimento do leitor como questão essencial parece corroborar a idéia de que, no hipertexto, o leitor tem papel similar ao do autor, uma vez que seria o leitor o ordenador da seqüência narrativa à medida que lê ou navega. Assim, se é impossível imaginar que o leitor de uma enciclopédia, apenas por poder escolher a ordem de leitura, pode ser chamado de autor, em termos de autoria hipertextual, ele pode ser denominado autor por "escrever" sua leitura.

Possenti assinala uma dubiedade que marca a produção acadêmica sobre o hipertexto: para ele, o leitor, nesses casos, é caracterizado paradoxalmente. Ora como todo-poderoso, ora como leitor desinteressado. No entanto, o leitor não pode ser nem mais poderoso que o autor nem pode deixar de ser interpelado pela História, condições sociais e, principalmente, pressões econômicas. Se se afirma que o leitor no hipertexto pode navegar por onde desejar, pois sua liberdade seria total no ambiente da interconexão generalizada, é porque não se prestou ainda atenção às condições de escolha permitidas (sim, o mar percorrido tem dimensões gigantescas, mas o capitão só pode navegar por um lugar a cada vez e as rotas que escolher nem sempre estão despidas de qualquer interesse ou objetivo). Ou seja:

> O leitor com história, levado ao limite, é o leitor interpelado pela ideologia e submetido por sua formação discursiva, e, seja ou não patrulhado, lerá só o que pode ler, com algumas exceções e pequenas escapadas, independentemente dos meios que tiver à sua disposição. O leitor sem interesses parece um leitor que tem a sua disposição um tempo infinito, é um leitor em férias permanentes, que pode dispersar suas consultas ao bel-prazer dos impulsos imediatos (Possenti, 2002: 218).

Será que o leitor do hipertexto tem, realmente, toda a liberdade que lhe foi imputada? Será que ele realmente perde tempo e se distrai a tal ponto de perder o dia todo percorrendo esses caminhos hipertextuais? Possenti responde:

> Em resumo, supor que, no livro tradicional o autor era uma autoridade maior que o leitor, significa, em geral, não especificar os diversos tipos de leitura, de texto e de autoria. Por outro lado, supor que o hipertexto é o reino do leitor, é supor que no livro o autor decidia tudo, determinava como o texto seria lido. Sabemos quanto ambas as suposições foram questionadas e esmiuçadas. Não temos o direito de fazer essa discussão como se ela estivesse sendo inaugurada agora, como efeito das redes de computadores (Possenti, 2002: 220).

III.3 - O SENTIDO, A LEITURA E A ESCRITA NO HIPERTEXTO DIGITAL

Assim como Lejeune flexibiliza suas asserções a respeito da unidade autoral ao admitir a questão da identidade entre autor, narrador e personagem como um jogo, atualizado na leitura, a problemática do sentido também deverá sofrer transformações seguindo a mesma direção: uma abertura semântica, possibilitada e acentuada pelas novas condições de emergência do texto e da narratividade, de acordo com os presupostos da virtualização, do hipertexto e da interatividade. A idéia de que, na Internet, as instâncias de escrita e leitura se confundem decorre dessa indeterminação do sentido. No entanto, algumas ressalvas a respeito da conjectura da ausência de totalidade semântica na Internet serão propostas, tendo em vista a diferença existente entre a simples digitalização do texto e a sua potencialização, ou seja, o uso da interatividade que caracteriza o meio digital.

Pierre Lévy conduz a uma viagem pela história da evolução da oralidade, da escrita e da cibercultura com o objetivo de recolher argumentos em torno da sua proposição sobre o universo da cibercultura: este seria um mundo universal, no entanto, impossível de atingir o que ele chama de totalidade semântica. Segundo ele, nas sociedades orais,

> As mensagens lingüísticas eram sempre recebidas no tempo e lugar que eram emitidas. Emissores e receptores compartilhavam uma situação idêntica, e na maior parte do tempo um universo semelhante de significação (Lévy, 2000: 114).

No entanto, após a invenção da escrita, as mensagens deixaram ter o espaço e o tempo em que foram emitidas em comum. Emissor e receptor dessas mensagens não compartilham o mesmo tempo, a mesma situação, isto é, não estão interagindo diretamente, no mesmo tempo e espaço. Justamente por persistirem fora desse mesmo espaço e tempo, essas mensagens escritas estão "fora de contexto" (isto é, fora do contexto em que foram originalmente produzidas). No entanto, compreender o contexto de uma mensagem emitida há mais de mil anos do outro lado do mundo não é tarefa fácil. Por isso, tanto do lado do emissor quanto do receptor são praticados esforços práticos para garantir a compreensão.

> Do lado da emissão, foi feito um esforço para compor mensagens que pudessem circular em toda parte, independentemente de suas condições de produção e, que, na medida do possível, contêm em si mesma suas chaves de interpretação, ou sua "razão". A esse esforço prático corresponde a idéia do universal (Lévy, 2000: 116).

Compreender a questão do sentido e da interpretação nos textos depende inicialmente da concepção do termo *texto*. Segundo Maingueneau, emprega-se o termo quando se trata de apreender o enunciado como um todo, constituindo uma totalidade coerente. Ou seja, textos podem ser definidos como produções verbais orais ou escritas estruturadas de forma a perdurarem, a se repetirem, a circularem longe de seu contexto original. Os textos não necessariamente precisam ser produzidos por um só locutor. Um texto pode também ser atribuído a vários locutores, o que demonstra uma heterogeneidade. Assim, texto corresponde a unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso, sendo certamente preferível defini-lo como uma seqüência significante (considerada coerente) de signos entre duas interrupções marcadas da comunicação. Embora seja comumente relacionada à escrita, a palavra texto, apesar da definição corrente — "todo discurso fixado pela escritura" (Ricoeur, 1986: 137) — não se remete prioritariamente à escrita. Opor texto escri-

to a discurso oral reduz a distinção ao suporte ou ao meio e dissimula o fato de que um texto é, na maioria das vezes, plurissemiótico.

A partir do modelo comunicativo emissor-mensagem-receptor ou emitente-mensagem-destinatário, Umberto Eco sugere que um texto representa uma cadeia de artifícios de expressão que devem atualizados pelo destinatário, uma vez que o texto está sempre incompleto, se não atualizado pela leitura. Ou seja:

> Neste sentido, o destinatário é sempre postulado como o operador (não necessariamente empírico) capaz de abrir, por assim dizer, o dicionário para toda palavra que encontre e de recorrer a uma série regras sintáticas preexistentes para reconhecer a função recíproca dos termos no contexto da frase (Eco, 2002: 36).

No entanto, ignora-se uma concepção de sentido equivalente à noção de mensagem, escolha sintonizada também pela rejeição da Análise do Discurso de vertente francesa à idéia de sentido como conteúdo de um texto, pois "a concepção de sentido como mensagem é tributária, entre outras, de uma idéia segundo a qual o sentido é uma espécie de objeto (um conceito) bem definido, contido no ou veiculado pelo significante, de forma bastante estável, embora não para todo o sempre" (Possenti, 2002: 167).

Supõe-se, portanto, sempre uma atividade inferencial por parte do leitor, que deve atualizar o texto por meio de movimentos cooperativos, conscientes e ativos. Há sempre espaços em branco a serem preenchidos, lacunas de sentido deixadas pelo emitente, que supõem uma valorização do sentido por parte do leitor, um sujeito que deve ajudar a preencher espaços semânticos vagos, a partir de seu repertório histórico ou social:

> Um texto postula o próprio destinatário como condição indispensável não só da própria capacidade concreta de comunicação, mas também da própria potencialidade significativa. Em outros termos, um texto é emitido por alguém que o atualize — embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concreta e empiricamente (Eco, 2002: 37).

Nesse sentido, o autor ou emitente confia ao leitor múltiplos atos de interpretação, supõe que ele ative uma série de competências discursivas. Ou seja, idealiza uma leitor-modelo "capaz de cooperar para a atualização textual como ele, o autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente", pressupõe a cooperação de um leitor para sua atualização e, portanto, gera um texto na expectativa de certos movimentos interpretativos do leitor. Por conseguinte, o autor não apenas pressupõe uma competência por parte do leitor-modelo, mas também contribui para construí-la.

Pierre Lévy também relaciona a leitura a uma atualização. O texto, segundo ele, é um objeto virtual, abstrato, independente de um espaço específico, e sua interpretação, por meio da leitura, permite que seu sentido se concretize, se atualize. A interpretação revolve de um modo singular e inventivo o problema do sentido. A atualização exercida pela leitura traz o sentido virtual do texto para a atualidade, para o tempo e o espaço do leitor, de acordo com suas coordenadas.

Para Lévy, o autor se esforça para fazer seu texto ser compreendido pelo leitor. Esses esforços possibilitam que mensagens produzidas há mil anos por pessoas já falecidas possam ser hoje lidas e compreendidas do outro lado do mundo. Essa possibilidade corresponde ao que Lévy denomina "Universal da Escrita":

> Esse *fora de contexto* — que inicialmente diz respeito apenas às ecologias das mídias e à pragmática da comunicação — foi legitimado, sublimado, interiorizado pela cultura. Irá tornar-se o centro de determinada racionalidade e levará, finalmente, à noção de universalidade (Lévy 2000: 114).

O sentido da mensagem emitida deve ser conservado. O significado da mensagem deve ser o mesmo, em toda parte e tempo. Este universal é indissociável de uma visada de fechamento semântico, de um esforço para manter imutável o sentido da mensagem. Esse esforço de totalização do sentido:

> Luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que os fazem circular. Da invenção da escrita decorrem as exigências muito especiais da descontextualização dos discursos. A partir deste acontecimento, o domínio englobante do significado, a pretensão ao todo, a tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido (ou, na ciência, a mesma exatidão) encontram-se para nós, associadas ao universal (Lévy, 2000: 117).

Se Lévy enfatiza a luta por um fechamento ou conservação de sentido, Eco explora a possibilidade de os textos serem abertos ou fechados, de acordo com a escolha e as pressuposições do autor em relação ao leitor-modelo. Para ele, o autor pode deixar mais ou menos lacunas e decidir até que ponto deve controlar a cooperação do leitor e onde esta é provocada, para onde é dirigida, onde deve transformar-se em livre aventura interpretativa, dependendo das pressuposições sobre o leitor-modelo, possibilitando falar em textos abertos ou fechados.

No que se refere à prática autobiográfica, também o texto manuscrito e, portanto, um diário tradicional manuscrito, pode circular longe de sua origem e por isso é obrigado a fazer do seu enunciado um texto, de maneira a torná-lo compreensível. Como o coenunciador não partilha do mesmo ambiente do enunciador, pode impor seu modo de consumo, seu ritmo de apropriação. O texto manuscrito abre espaço para a elaboração de interpretações, além de poder ser estocado e armazenado. Antes da popularização dos meios de impressão, a correspondência privada se caracterizava por ser manuscrita e colocar em relação dois indivíduos por meio de textos que preservam as marcas de singularidade do autor.

Segundo Maingueneau, com o desenvolvimento das tecnologias de impressão, os textos impressos e, portanto, os diários tradicionais impressos (como os livros de grandes personagens históricos que puderam ter seus diários manuscritos publicados) dispunham de caracteres invariantes sobre o espaço branco de uma página idêntica às outras, abstraindo o texto da comunicação direta, de pessoa a pessoa. O texto impresso explora cada vez mais o fato de ocupar um certo espaço material.

Ao universal totalizante característico da escrita, Lévy compara as mídias de massa (expressão do autor para os meios de comunicação tradicionais), como se a imprensa, o rádio, o cinema e a televisão dessem continuidade cultural ao universal iniciado pela escrita. As mídias de massa operam de acordo com o mesmo esforço de totalização de sentido das mensagens escritas, por serem meios de comunicação unidirecionais e, assim, não fornecem a liberdade necessária para que as mensagens transmitidas fujam do contexto original pregado.

Tanto a cibercultura quanto a escrita são universais, segundo o conceito de Lévy. O universal da escrita admite a totalidade de sentido, devido à falta de um contexto único. Uma mensagem escrita deve ser compreendida no mundo todo, não importa a data nem o local de origem. Há sempre um sentido que se fecha e este fechamen-

to semântico é justamente exigido pela descontextualização espacial e temporal. No entanto, o universal da cibercultura não se articula sobre o fechamento semântico da descontextualização e não se totaliza, pois a interconexão geral entre os usuários não permite o fechamento semântico.

> O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de "universal sem totalidade". Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (Lévy, 2000: 111)

Devido a esse princípio de aparência desorganizada da interconexão (Lévy 2000: 118), o sentido global da cibercultura é difícil de dominar, de circunscrever, de fechar. Não há sentido geral, que possa ser interpretado por várias pessoas em locais e tempos diferentes, como acontecia com a escrita. O sentido não "se fecha", isto é, não há conclusão semântica válida para todos os internautas. Desta maneira, Lévy defende que, quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável.

Para Lévy, a cibercultura dissolve a pragmática da reunião entre a universalidade e a totalidade que predominava desde a invenção da escrita. A cibercultura, de certo modo, promoveria uma volta às condições das culturas orais, na qual não havia um sentido fechado, estrito, das mensagens emitidas.

Abordadas as características da virtualização e do ambiente hipertextual, é importante relativizar algumas previsões a respeito das conseqüências da digitalização das informações para a emergência de uma revolução da ordem textual, bem como outras noções que enfatizam as inovações tecnológicas como fonte única de rupturas nas ordens discursiva e autoral.

Não se pretende, dessa maneira, negar a importância da digitalização das informações para a sociedade, nem a influência do suporte para a interpretação e leitura dos textos. Porém, a finalidade se resume a enfrentar algumas profecias a respeito das maravilhas da tecnologia com olhos críticos, sem ter que obrigatoriamente concordar com tudo que se afirma sobre um *novo mundo* que se descortina por trás do hipertexto, como a proposição de que autoria e leitura se confundem. O hipertexto constitui uma grande novidade e implica conseqüências relevantes, mas é importante interpretá-las criticamente.

Ou seja, não se trata de refutar a tese de Chartier (2002) de que o suporte influencia na compreensão que o leitor tem do texto e de que no hipertexto perde-se a vinculação natural entre o texto e seu suporte, já que os textos passam a serem lidos na mesma plataforma e nas mesmas formas. Concorda-se também com Maingueneau (2004) quando ele afirma que as transformações revolucionam a natureza dos textos e seu modo de consumo e que o *mídium* (sic) modifica o conjunto de um gênero de discurso.

No entanto, trata-se de rever algumas idéias que elevam a disseminação desenfreada de informação a um patamar de indício democrático. Afirmar que a Internet é capaz de promover a democracia e facilitar o acesso à informação equivale a assegurar, sem questionamento, que o simples fato de instalar equipamentos de informática nas escolas gera um aumento no nível de aprendizado dos alunos e

que qualquer pessoa pode se transformar em um jornalista pelo simples fato de ter acesso aos recursos de divulgação. É necessário que as pessoas tenham mais tempo para captarem mais informações do que já são capazes, ao mesmo tempo em que é indispensável ensinar aos estudantes como buscar o conhecimento desejado, na Internet. Ou seja, a competência também deve ser valorizada como fator essencial, pois, do contrário, corre-se o risco de defender a quantidade de informação em detrimento de sua qualidade.

Uma das questões mais relevantes a respeito das conseqüências da digitalização das informações diz respeito ao sentido e à interpretação no ambiente hipertextual. Tanto Lévy quanto Eco enfatizam a importância do leitor para a atualização do sentido do texto, bem como os esforços do autor para que essa interpretação resulte em um sentido semelhante ao proposto no contexto espacial e temporal de origem. Para Eco, já a leitura é capaz de atualizar o texto, cujos sentidos podem ser tanto abertos quanto fechados de acordo com a intenção do autor em favorecer ou não a cooperação do leitor. A interpretação é sempre aberta, permitindo que o autor atualize o sentido conforme o contexto social e físico em que se situa.

Para Lévy, o universal da escrita busca sempre imprimir uma totalidade de sentido aos textos impressos, bem como aqueles propagados pela mídia. Assim, esses textos disseminados pelos dispositivos comunicacionais um-todos não possibilitariam uma abertura em seus sentidos, pois estariam determinados por uma totalidade inerente, que trata de centralizá-los.

Por esse motivo, segundo o autor, apenas a atualização do texto pelo leitor por meio da leitura não é suficiente para promover uma abertura de sentido. Ela só se efetiva com a participação ativa do leitor, que apenas pode ocorrer no ambiente hipertextual, tomado por Lévy como um ambiente único.

Assim, para este autor, apenas a cibercultura possibilitaria esta abertura, uma vez que seus participantes são ativos na produção do sentido das mensagens transmitidas:

> A verdadeira ruptura com a pragmática da comunicação instaurada pela escrita não pode estar em cena com o rádio ou a televisão, já que estes instrumentos de difusão em massa não permitem nem uma verdadeira reciprocidade nem interações transversais entre participantes. O contexto global instaurado pelas mídias, em vez de emergir das interações vivas de uma ou mais comunidades, fica fora do alcance daqueles que dele consomem apenas a recepção passiva, isolada (Lévy, 2000: 117).

No entanto, apesar da relevância e contribuição das avaliações de Lévy a respeito da cibercultura, opta-se aqui por uma posição crítica a respeito de suas ponderações. Defender a transparência, a interconexão e a universalidade da cibercultura equivale a ignorar que, apesar de sua possibilidade ilimitada de produção e publicação textual, ela ultrapassa os limites da audiência e do idioma. Seu 'contexto global' ainda foi feito para poucos, e seria impossível afirmar que qualquer pessoa pode ter acesso a qualquer texto pela Internet.

Talvez um dos equívocos de Lévy esteja no fato de postular que tanto a cibercultura quanto a escrita são universais, ou seja, em defender a presença de uma totalidade ou unidade de sentido na escrita e uma ausência no caso do hipertexto, pois os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializariam o texto, fariam emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não haveria mais o texto, mas apenas texto. O sentido, no hipertexto, segundo ele, emergiria a cada clique, e, portanto, não poderia ser único.

Quando Chartier (2002) afirma que a leitura diante da tela é geralmente descontínua e que, em função do mundo eletrônico, propõe-se uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição, ele não está afirmando que o sentido do texto se modifica por que aportado em um suporte hipertextual, mas que seu modo de circulação e consumo foi alterado, pois não se pode mais tratar o texto eletrônico como um livro tradicional, no qual se faz anotações, por exemplo. Ou seja, a leitura não atribui outros conteúdos ao texto. Segundo Possenti,

> Penso que a questão da mudança de sentido produzido pela diferença de suporte passa longe da questão da decifração de um texto, da descoberta de seu tema, de suas relações intertextuais e, evidentemente, ainda mais longe do sentido como sendo a intenção, dada a conhecer direta ou indiretamente, de uma autor individual identificável, como se o autor fosse o locutor que está a nossa frente num bar, falando de bebidas típicas ou de preferências eleitorais (Possenti, 2002: 209).

Assim, nem sempre a mudança de suporte altera o texto e seu sentido, ou seja, nem todo texto digitalizado pode ser tomado indistintamente como um hipertexto. Também, levando em consideração a falsa dicotomia Virtual *vs*. Atual e a noção de hipertexto como potencialização do texto, propostas por Lévy, mesmo textos nãodigitais podem já ser hipertextuais, como uma enciclopédia, por exemplo. O suporte digital, contudo, promove uma ruptura na ordem do discurso, ao fazer emergir uma nova forma de inscrição que oculta o suporte material como instância de referência para a determinação do texto em um dado gênero discursivo e assim, simplificar a compreensão do sentido por parte do leitor.

Defende-se que a Internet subverte a ordem do discurso tradicional do mundo impresso, contudo, não se pode afirmar acriticamente que essa pluralidade de sentidos possibilitada pela interconexão generalizada esteja presente em todas as páginas da Internet. Algumas páginas, apesar de estarem aportadas no suporte hipertextual, não possuem todas as características ditas hipertextuais, ou seja, nem todo texto digitalizado é um hipertexto.

Também, trata-se de questionar a proposição de Lévy de que o hipertexto permitiria uma multiplicação dos contextos de produção de sentido, enriquecendo a leitura. Para ele, "o suporte digital permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas". Essa noção de que a leitura e a escrita no hipertexto se confundem é muitas vezes utilizados por entusiastas das tecnologias para afirmar que a Internet seria um fator de promoção da democracia na contemporaneidade.

III.4 – DIÁRIOS NA REDE?

A problemática das rupturas do texto digital quando empregada para pensar as formas narrativas autobiográficas na rede hipertextual conduz à discussão do estatuto de diário que os blogs podem adquirir. Considerando que o objeto de pesquisa aqui estudado engendra um conteúdo temático semelhante ao das narrativas autobiográficas, dentre elas os diários íntimos tradicionais, nada mais importante que aprofundar as relações de gênero entre os diários virtuais íntimos e os diários íntimos tradicionais.

A inscrição histórica dos enunciados condiciona o enunciador a filiar-se semanticamente a determinada posição enunciativa, dominando um sistema de regras que tornam possíveis tais posicionamentos. Definida a "rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso" (Maingueneau, 2008: 55) como um espaço

de trocas e jamais de identidade fechada, para que o discurso seja enunciável, é necessário que um sujeito o faça, a partir da competência discursiva. O conceito de competência, para o autor, determina a:

> 1) aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro; 2) a aptidão de interpretar, de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições (Maingueneau, 2008: 55).

Nesse processo interdiscursivo, o sujeito reconhece as configurações semânticas de tal gênero pressupondo a possibilidade de cruzamento entre gêneros, ou seja, as relações intergenéricas. Assim, propõem-se algumas definições semânticas das coerções genéricas dos diários íntimos a partir da problematização dos blogs como equivalentes dos diários íntimos tradicionais, conforme discussão promovida por um autor:

dezembro 4, 2008

dúvida existencial - me ajudem!

por conta dessa polêmica aqui - mulher faz blog de diário, homem faz blog de notícia [grifo do autor para indicar um link] - eu fiquei matutanto...

esse é um blog tipo diário?

que fique claro - não tenho nada contra esse "gênero", aliás é o tipo de blog que mais gosto de ler... mas se fosse classificar meu blog acho que diria que é sobre cotidiano. a melhor pessoa pra ajudar nesse dilema é o gabis, vou pedir opinião pra ele e depois conto pra vocês.

meus 2 centavos sobre a polêmica: não tenho nada contra generalização e não me ofendo como mulher com a afirmação (conclusão) da professora. escrever diário não é ofensa, pode ser inclusive alta literatura, por exemplo a coluna de crônicas de clarice lispector publicada como a descoberta do mundo.

não li o livro da professora, mas me pergunto se ela admitiria que a descoberta do mundo é um diário. me pergunto também se não há uma pequena confusão entre conteúdo e estilo - se escrevo de forma pessoal escrevo diário? ou será a menção de fatos do dia-a-dia do autor que transforma um texto qualquer em parte de um diário? e por fim me pergunto se uma professora que publica livro sobre o assunto realmente deve se render às generalizações...

deixando o livro que não li pra lá, volto à minha opinião: prefiro ler diários a ler notícias, humor, crônicas, críticas ou textos especializados. o motivo é simples: gosto de gente. as vidas das pessoas, suas opiniões e reflexões são mais interessantes que os fatos e as bandeiras, pra mim.

sendo assim, se vocês disserem que este blog é um diário eu ficarei feliz ;) comentem aí, vá, abram seus corações!

A polêmica descrita pelo autor de *Zel* ilustra claramente o engodo em que estão inseridos os blogs pessoais auto-reflexivos, ou seja, aqueles, segundo Primo (2008), escritos por apenas um autor e com finalidades cotidianas reflexivas. Apesar da descentralização das informações que caracteriza a produção textual na Internet, esses blogs ainda estão pautados em um princípio de singularidade e homogeneidade

que toma a forma da autoria, marca do gênero autobiográfico que perdura também nesse tipo de blog. Acentuar as diferenças e semelhanças entre os diários virtuais íntimos, a autobiografia e os diários tradicionais por meio do conceito de gênero do discurso auxilia, portanto, na busca de uma resposta a pergunta do autor de *Zel*.

UM GÊNERO DO DISCURSO NO AMBIENTE HIPERTEXTUAL

Segundo Bakhtin, na obra *Estética da criação verbal*, os gêneros podem ser divididos em tipos primários (simples) e secundários (complexos), de acordo com a natureza e os elementos presentes no enunciado. Os diários virtuais íntimos integram o grupo dos chamados gêneros primários, isto é, aqueles da vida cotidiana, predominantemente orais. São aqueles constituídos num contexto de uma comunicação verbal espontânea, como o diálogo, a carta, o diário. O gênero secundário apresenta-se num contexto comunicacional mais complexo e emprega o discurso primário, que vai se adequar sua natureza para compor enunciados mais elaborados, como o romance, a escrita científica, a peça de teatro etc. São gêneros mais cristalizados e, portanto, mais estáveis também.

No entanto, uma vez que os gêneros são interdependentes e também podem se hibridizar, o diário virtual íntimo imita a temática do gênero da autobiografia, notadamente secundário. Mas, por estar aportado em um ambiente hipertextual dinâmico e pouco estável, o gênero autobiográfico sofre modificações em sua esfera de atividade e passa a pertencer à esfera do contexto mais imediato, em contraposição aos gêneros secundários, que respondem à esfera de comunicação cultural mais elaborada.

Convém, num primeiro momento, apontar as particularidades do conceito de gênero do discurso, como empregado pela semiótica, pela análise do discurso e pela análise textual, com o intuito de classificar os textos e facilitar a localização do indivíduo no conjunto das produções textuais.

As tipologias comunicacionais de classificação do gênero consideram o emprego do enunciado, ou seja, suas funções sociais ou da linguagem. O ponto de vista comunicacional busca definir o gênero em termos da natureza comunicacional da troca verbal, conforme sugere Bakhtin ao propor a divisão entre as classes de gêneros primários, que são aqueles da vida cotidiana, e os secundários, produções institucionalizadas, entre eles o discurso religioso, filosófico, literário e jurídico, por exemplo. As tipologias de situação de comunicação classificam os enunciados em gêneros de discurso, "isto é, dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes" (Maingueneau, 2004: 61).

Ambas as tipologias não consideram os funcionamentos lingüísticos dos textos, ao contrário das tipologias linguísticas, enunciativas e discursivas. A perspectiva enunciativa, iniciada por Benveniste, define o gênero em termos de características formais dos textos e reunindo as marcas mais recorrentes, levando em conta regularidades no nível longitudinal ou no nível de suas atualizações linguageiras. O ponto de vista textual está mais voltado para a organização dos textos e procura definir a regularidade composicional desses textos. Portanto, as tipologias enunciativas são relativas ao enunciado e à situação de enunciação, enquanto as situacionais recorrem ao domínio da atividade social na qual se efetuam.

As classificações tipológicas dos gêneros do discurso revelam posições teóricas diferenciadas, que ora priorizam os funcionamentos lingüísticos e textuais do discurso, como os herdeiros de uma vertente enunciativa, ora os funcionamentos comunicacionais.

Não há dúvidas, portanto, de que textos que possuem traços comuns tendem a ser agrupados em termos de gênero. No entanto, este agrupamento não se deve, segundo Bakhtin apenas às características do produto, mas também ao processo de sua produção. Os textos, segundo Bakhtin, devem ser considerados como enunciados produzidos a partir de cenas enunciativas organizadas em função de um processo de interação. As várias esferas em que agem as relações humanas implicam a produção de enunciados. A produção de enunciados sempre ocorre tendo em vista estas esferas de ação, que cristalizam estes enunciados precariamente.

Na perspectiva comunicacional, os gêneros estão ligados, necessariamente, a esferas de atividades humanas de diversas origens, constituindo tipos estáveis, mas não fixos e imutáveis, de enunciados. O gênero se constitui, desta maneira, como uma ponte móvel, mas transitável, entre a linguagem materializada em enunciados e a vida social exprimida por essa linguagem.

Para Fiorin (2006b), três elementos agrupados são capazes de caracterizar um gênero do discurso: conteúdo temático, composição e estilo. Evidencia-se aqui a predominância do funcionamento lingüístico do texto, bem como sua organização. Maingueneau, no entanto, defende o desenvolvimento da tipologia discursiva dos gêneros, a ser empregada para a caracterização dos diários virtuais íntimos:

> Para a análise do discurso, o ideal seria poder apoiar-se também sobre tipologias propriamente discursivas, ou seja, tipologias que não separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro, as caracterizações enunciativas (Maingueneau, 2004: 63).

Toda classificação rígida é impossível, no caso dos gêneros do discurso, uma vez que eles se adaptam constantemente à evolução das relações interpessoais. Suas fronteiras são instáveis e incertas. As esferas de ação no ambiente hipertextual são inúmeras, favorecendo a emergência de gêneros diferentes a cada clique do mouse. As possibilidades de ação e interação no meio on-line são múltiplas. O ambiente hipertextual nos quais se aportam os diários virtuais íntimos atribuem ao diário virtual elementos diferenciados que caracterizam o gênero, elevando-o a uma esfera de atividade peculiar, extremamente vinculada ao gênero tratado.

Os diários virtuais íntimos provam o caráter de imprecisão entre as fronteiras dos gêneros, bem como a ausência de demarcação imutável de suas características. A instabilidade no discurso é provocada pela efemeridade do meio on-line, pois os discursos permanecem sempre em construção constante. Assim como a normatividade não é uma marca do gênero, no ambiente on-line essa ausência é elevada ao seu máximo grau.

As particularidades hipertextuais provocam a emergência de novos gêneros, pois as esferas de atividades humanas são adaptadas a uma forma de interação técnica mediada por um computador. Os enunciados, interligados entre si pelos links, sofrem interferências constantes de outros enunciados, agregando novos sentidos a esse gênero dos diários virtuais íntimos no meio discursivo on-line. Fiorin (2006b: 65) reitera essa condição: "Com o aparecimento da Internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o e-mail, etc. A epopéia desaparece e dá lugar a novos gêneros. Gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança".

A estrutura formal que define o gênero tratado, em vinculação direta com as atividades que possibilitam sua emergência, isto é, a comunicação mediada por computador, permitem que o gênero se instale legitimamente. Essa esfera de ação técnica mantida por uma relação mediada entre os parceiros de comunicação que

produzem enunciados com estruturas formais, estilísticas e composicionais relativamente uniformes e estáveis entre si implica novas formas de ver a realidade.

O diário virtual íntimo, como gênero do discurso, não segue uma filiação a obras consagradas, mas adota comportamentos estereotipados e anônimos que se estabilizaram pouco a pouco, que ainda continuam sujeitos a uma variação contínua. Como gênero pouco ritualizado, o diário virtual íntimo permite transgressões, provocando surpresas ou não nos leitores que acompanham sua narrativa.

Dada a heterogeneidade do ambiente hipertextual, vários gêneros do discurso podem aparecer, tornando necessária a criação de uma tipologia. Marcuschi identifica alguns dos gêneros emergentes na mídia virtual: "Também deixo claro que esta listagem é uma amostra e não uma relação exaustiva, pois deve haver mais gêneros, além de serem dadas outras definições e caracterizações" (Marcuschi & Xavier, 2005: 27). Segundo o autor, entre os gêneros mais conhecidos e que vêm sendo estudados no momento, podem ser situados pelo menos o *e-mail*, o *chat em aberto*, o *chat reservado*, o *chat agendado*, o *chat privado*, a *entrevista com convidado*, o *e-mail educacional*, a *aula chat*, a *vídeo-conferência interativa*, a *lista de discussão*, o *endereço eletrônico* e o *weblog*.

Denominando o *weblog* também como *blog* ou *diário virtual*, Marcuschi define brevemente este gênero: "são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticadas pelos adolescentes na forma de diários participativos" (Marcuschi & Xavier, 2005: 29).

UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DE GÊNERO

Segundo Fiorin (2006), três elementos agrupados são capazes de caracterizar um gênero do discurso: conteúdo temático, composição e estilo. Para o autor, estes elementos "constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação" (Fiorin, 2006b: 62). Aqui incide a importância do ponto de vista que o sujeito pesquisador adota para o estudo do objeto a ser pesquisado. Ao orientar a pesquisa em torno de um tipo específico de blog, certas coerções de gênero podem ser pressupostas, em função da temática, da estrutura composicional e do estilo nos diários virtuais íntimos.

De acordo com Lejeune, o conteúdo temático do diário é tratado em termos de assunto, que remete à vida individual (ou à história de uma personalidade, no caso da autobiografia). No entanto, mesmo nos diários íntimos tradicionais, o tema é essencialmente heterogêneo, ainda que marcado pelas experiências pessoais. O ato estilístico corresponde ao terceiro elemento que distingue o gênero, podendo remeter ao *Ethos*, ou seja, ao modo de dizer do enunciador: "Estilo é, pois, uma seleção de certos meios lexicais fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado" (Fiorin, 2006b: 62). Informalidade e intimidade são peculiares aos diários virtuais íntimos, possibilitando distingui-los de outros blogs cujos textos remetem a elementos não pertencentes à vida privada e cotidiana do autor. O estilo do objeto de estudo pode, portanto, ser definido como um "estilo íntimo, em que há uma espécie de fusão entre os parceiros da comunicação, como nas cartas de amor, de onde emerge todo um modo de tratamento do domínio daquilo que é mais privado" (Discini, 2005).

A partir do texto selecionado, presume-se que os diários virtuais íntimos apresentam o conteúdo temático que dizem respeito principalmente à esfera cotidiana ou íntima do enunciador. Naquele texto, o enunciador exprime opiniões a respeito de seu próprio ato de escrita em seu blog e solicita o auxílio de seus destinatários

para resolver o engodo do diário. A circunscrição dos temas e figuras à esfera do sentido dado segundo a cotidianidade é outra característica que aproxima as cenas genéricas das cartas e diários tradicionais dos diários virtuais íntimos.

O engodo introduzido pelo trecho selecionado de *Zel* evidencia uma das problemáticas da classificação do blog como um diário: tanto o autor quando os comentadores consideram um blog como diário a partir apenas de seu conteúdo temático, deixando de ponderar a respeito de sua estrutura composicional ou mesmo o seu estilo. Um blog do tipo diário, para alguns comentadores, seria apenas aquele no qual são publicados exclusivamente posts com assuntos da esfera íntima. Para outros, temas do cotidiano são justamente a característica que possibilita nomear o blog *Zel* como um diário e, portanto, como diário virtual íntimo:

> Chato isso de ficar classificando tudo, não? rs.. Mas eu classificaria o seu blog como diário mesmo, porque seus posts são, em geral, sobre assuntos/opiniões relacionados ao seu cotidiano. Logo, seu diário. =D
>
> Isso pq meu conceito de cotidiano também é isso aqui diferente do meu conceito de notícia.
>
> escrito por Guga em dezembro 4, 2008 11:21 AM
>
> Pra quem acompanha há anos, me parece um diário-opinião. Porque não chega a ser, assim, uma "efeméride", mas tem todo um conteúdo íntimo-opinativo-evolutivo encantador...
>
> escrito por Gracinha em dezembro 4, 2008 12:06 PM
>
> Teu blog é diário, sim, Zelinda :D
>
> É cotidiano. é lição de vida, como ontem. Acho que a tal professora fez diversas confusões. E como eu também gosto de gente, prefiro diários (vc, Fal e notícias da Rainha, seguidos por muitos outros).
>
> escrito por Lucia Freitas em dezembro 4, 2008 3:31 PM
>
> Zel, vou ter que te deixar triste. Mas o seu blog não é um diário, não.
>
> Está mais para cotidiano mesmo. Bem como o meu, eu acho.
>
> Beijos e sucesso!!!
>
> escrito por Sabrina Mix em dezembro 8, 2008 3:14 AM
>
> Para mim é mais 'cotidiano' que diário. Diário seria algo mais intimo. É pessoal, sim, é sua opinião que está sendo colocada.
>
> Noticias nem sempre são opiniões pessoais, é simples falar de coisas de fora, sem colocar a cara para bater.
>
> Se seguir essa linha; mulher é muito mais corajosa, se expõe mais.
>
> Hoje eu estou tão dispersa...Será que me fiz entender? hahahaha
>
> escrito por Silvia em dezembro 5, 2008 7:04 AM

Para contrastar os diários tradicionais aos blogs de tipo diário, será seguida a definição de diários proposta por Lejeune, na qual os diários são um gênero vizinho da autobiografia, definida como uma "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (Lejeune, 2008: 14).

Lejeune (2008:14) foca sua definição de diário e autobiografia essencialmente na estrutura composicional de tais gêneros, especialmente a organização narrativa temporal em primeira pessoa. Nessa definição entram em jogo elementos pertencentes a quatro categorias diferentes: a forma de linguagem, que pode ser em narrativa ou em prosa, o assunto tratado (a vida individual, a história de uma personalidade), a situação do autor (identidade do autor e do narrador) e a posição do narrador, que pode presumir uma identidade do narrador com o personagem principal ou uma perspectiva retrospectiva da narrativa.

O diário difere-se da autobiografia em relação à perspectiva temporal, pois a base do diário é a data: "uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado", assegurando a autenticidade do momento. Assim, segundo Lejeune, o diário é, em primeiro lugar, uma lista de dias, definição que não contempla a destinação, o conteúdo e a forma dos diários, mas que, no entanto, será empregada em termos comparativos aos blogs. Se considerada apenas a forma seqüencial e vestigial, todo blog poderia ser denominado diário, pela sua ordenação cronológica. A explicitação da data no ato da escrita ocorre tanto no diário íntimo tradicional quanto no virtual, como uma particularidade composicional do gênero. Esta data de escrita explicitada corresponde ao marco referencial (MR) presente, em função do qual se organiza o dito.

Contudo, o conteúdo, o assunto tratado, a forma de linguagem e a situação do autor excluem dos blogs de tipo diário aqueles nos quais predomina uma temática informativa em detrimento de um conteúdo pessoal e individual ou aqueles nos quais não subsiste o pacto autobiográfico. De acordo com Lejeune, o pacto autobiográfico estabelece uma identidade de nome entre autor, narrador e personagem. Sem pacto autobiográfico não sobrevivem a autobiografia e o diário e, por conseqüência, o diário virtual íntimo (auto-reflexivo). Neste, tal identidade tem o reforço do suporte, pois a cada página corresponde um diário virtual íntimo, portanto, um mesmo autor, narrador e personagem principal. Diversas vezes, no entanto, o autor no diário virtual íntimo estabelece novas formas de acentuar essa característica, seja implicitamente, pelo uso de títulos que confirmam a identidade entre a primeira pessoa e o nome do autor, ou explicitamente, quando o nome do autor coincide com o do narrador-personagem. O nome de domínio do diário virtual íntimo, que nem sempre coincide com o nome do diário e o nome da assinatura do post (metadata), também pode denunciar tal identidade.

A construção composicional corresponde ao modo de organizar o texto, de estruturá-lo. As características formais dos diários virtuais, entre elas, especialmente, a organização cronológica, fornecem o elemento composicional dos diários virtuais como pertencentes a um gênero discursivo. Nos diários virtuais analisados, as referências cronológicas são explícitas e facilmente identificáveis. Acima de cada texto, o autor remete a uma dimensão temporal, organizando-os de forma cronológica, semelhante à de um diário.

No entanto, se a referência temporal é facilmente identificada nos diários virtuais, a ancoragem espacial é facultativa. Nem todos os autores de diários virtuais fornecem a localização espacial das cenas enunciativas. No diário virtual, ao contrário de uma carta, na qual o referente espacial é de suma importância, é mais relevante

destacar a ancoragem espacial no suporte hipertextual. No texto selecionado, o enunciador não fornece referências espaciais a respeito de seu enunciado, pois supõe do destinatário a inferência de que o enunciado tenha sido produzido sempre a partir de um suporte hipertextual.

Com relação aos dêiticos responsáveis por localizar a relação de interlocução presente no gênero tratado, é certa a referência ao enunciador. Orientado por uma estrutura individual, isto é, pela pressuposição de que, inicialmente, apenas um sujeito se encarrega de produzir enunciados em cada diário virtual, a ancoragem actorial não se estabelece pela anunciação do nome desse autor, mas pela suposição de que este é implícito à organização textual processada em um suporte hipertextual.

A explicitação do *eu* "que fala" é um traço acentuado, condicionando marcas enunciativas actoriais em função deste *eu* como referência, que instala o "tu" no enunciado, que, por sua vez, consolida a presença do "eu". Se, nos diários íntimos tradicionais, este "tu" instalado no enunciado é facultativo, ao contrário da carta íntima, sua presença no diário virtual íntimo é certa naqueles que possibilitam aos leitores a formulação de comentários.

A comunicação de indivíduo a indivíduo (explicitada pelo vocativo inicial e pelo aspecto de correspondência privada), a enunciação monologal, a possibilidade ou mesmo a obrigação moral de uma resposta e o caráter únivoco do texto (o que o distingue do impresso), marcas da cena genérica autobiográfica, não são encontradas na cena genérica dos diários virtuais íntimos.

Por outro lado, o caráter diferido da enunciação (o leitor lê o texto em uma situação que não coincide com a situação de sua produção), a presença da assinatura e um certo número de propriedades da conversação são características que podem ser facilmente detectadas nas cenas genéricas de ambos. A participação do narrador no acontecimento narrado também é uma marca de cartas (tradicionais) encontrada nos diários virtuais íntimos, acentuando o efeito de sentido de subjetividade sobre o qual se constroem os discursos.

No entanto, o outro, no diário virtual não está ausente. Pelo contrário, se faz presente nos comentários, endereçados inicialmente ao enunciador, mas também disponível para leitura de outros. Presente constantemente no discurso proferido pelo autor, o papel do outro se torna ainda mais central nos diários virtuais íntimos, em função de seu caráter público.

Se considerarmos o nome do diário virtual, somos capazes de deduzir que ele é produzido por uma pessoa que se identifica por *Zel* como nome próprio, assertiva que pode se mostrar falsa, ao longo das leituras de outras publicações no mesmo diário virtual. No entanto, é fácil distinguir elementos que remontam à identidade dessa autoria: os gostos, as opiniões e sua rede de laços e contatos interpessoais (fornecida pelos links laterais).

UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA DE GÊNERO

Ao orientar a tipologia dos gêneros do discurso, diversas vertentes teóricas podem constituir o *corpus* de modo diverso, priorizando ora os funcionamentos lingüísticos, ora as situações de comunicação. No entanto, é importante partir da definição do diário como gênero do discurso, para então observar qual a importância da virtualização e digitalização das informações no diário, se determinantes ou constitutivas, ou seja, buscando refutar ou defender o gênero do diário virtual íntimo como semelhante ao diário íntimo tradicional, mas em versão digital, ou como um gênero emergente, ainda que com características peculiares que o permitem diferir dos diários tradicionais.

A emergência dos diários virtuais íntimos como um gênero do discurso na contemporaneidade é fruto das transformações das condições de produção, em dois níveis diferenciados, mas interligados. A mudança do suporte no qual os diários íntimos tradicionais estavam aportados conduz a novas relações entre enunciadores e enunciatários, autores e leitores. Em *Zel*, o enunciador solicita explicitamente a ajuda de seus leitores para a classificação de seu blog, algo improvável nos diários íntimos tradicionais. As transformações sócio-históricas da modernidade apontam novas formas de registro e narrativa de si, bem como diferentes formatos de ver e ser visto. O paradoxo marcado pela visibilidade acentuada dos *reality-shows* e pela privatização dos projetos de bem-estar se faz presente também nos diários virtuais íntimos.

Conforme Lejeune menciona, o diário tradicional, como forma de escrita autobiográfica, guarda algumas semelhanças com a autobiografia, a memória e a biografia. Os três gêneros obrigam uma identidade entre autor, narrador e personagem, ou seja, os três níveis da hierarquia enunciativa. Se a identidade entre autor, enunciador e personagem permanece como uma semelhança entre os diários tradicionais e os diários virtuais íntimos, neste último as condições de produção do discurso se alteram em função do estatuto público e interativo do hipertexto. O locutor presume a existência de um leitor e é a partir dessa conjectura que ele enuncia, transformando o diário virtual íntimo em uma página pessoal destinada a fazer fluir a necessidade narcísica de mostrar-se ao mundo.

É importante discutir se os diários virtuais íntimos são equivalentes aos diários tradicionais no ambiente hipertextual. Não é só a partir dessa modificação do suporte que toda a inscrição enunciativa do diarista se altera. Essa transformação é de ordem mais profunda do que apenas tecnologicamente determinada. Ela é fruto das novas condições de produção do discurso na contemporaneidade, marcado pela publicidade de si e por uma transformação do público e do privado. Assim, os formatos da transposição da intimidade tradicional para um ambiente hipertextual marcado por um caráter público é apenas uma das muitas conseqüências dos novos modos de estar e se mostrar no mundo. Não é essa adaptação que acentua a importância da tecnologia para as formas de subjetividade, ou seja, a tecnologia não é causa das transformações da subjetividade, mas apenas uma de suas conseqüências.

No diário tradicional,

> (...) o discurso íntimo é impregnado de uma confiança no próprio destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores. É isso que desperta a expressividade particular e a franqueza interior desses estilos (Bakhtin, 2003:323).

Nos diários virtuais íntimos essa confiança lugar a uma expressão baseada não no contrato fiduciário tradicional particular do gênero autobiográfico entre as duas instâncias da enunciação, mas em um outro tipo de contrato, fundamentado na exposição de si.

Muitas das utilidades dos diários tradicionais persistem nos diários virtuais íntimos, como a possibilidade de desabafar, pensar e escrever, mas, principalmente, a capacidade de autoconhecimento por meio da escrita. O diário virtual íntimo atua como um lugar legítimo onde colocar-se como sujeito por meio da linguagem e enunciar-se como "eu" pelo nome próprio engendram uma cadeia de acontecimentos identitários diversos que permitem ao indivíduo inserir-se na sociedade em que vive. No entanto, o conhecer a si mesmo é acompanhado por um dar-se a ver pelo outro. Os virtuais ín-

timos também proporcionam um instrumento de deliberação com o qual o autor pode acompanhar de perto uma tomada de decisão, com a ajuda dos leitores. Também o diário virtual íntimo faculta aos indivíduos a conservação da memória pela criação de um arquivo, embora virtual, das histórias de suas vidas, tendo a si mesmos como destinatários do futuro. Por último, mas não menos importante, estimulam a integração em torno de uma comunidade virtual, espaço de criação e participação coletiva.

Tais empregabilidades dos diários virtuais íntimos somente efetivam-se devido às características do meio digital em que estão inseridos. A presença do computador com acesso à Internet em grande parte das casas e a escrita do diário com um teclado, antes manuscrito e trancado a chave, transformaram o exercício de escrever diários. Antes, escritos a mão, em páginas de cadernos ou folhas avulsas nas quais se eternizavam as reflexões do indivíduo sobre sua vida pessoal, os diários refletiam a personalidade de seus autores. Escritas no computador, as teclas do teclado adquirem um novo significado nas palavras escritas em uma página virtual, uma interface preenchida por novos elementos, como cores, fotografias, enfim, uma capa diferente daquela do caderno de couro, modelo da imagem de um diário tradicional.

Tais transformações nos modos de leitura e escrita exige uma concepção de gênero do discurso que considere propriedades como a legitimidade e o contrato das instâncias de comunicação. A análise do discurso não se contenta com uma tipologia puramente lingüística ou puramente situacional ou comunicacional para definir os gêneros do discurso, mas busca privilegiar as tipologias que associam propriedades lingüísticas e situacionais. Segundo o autor, para que possam ser bem sucedidos como gênero do discurso, os enunciados devem ter sua legitimidade reconhecida, o estatuto dos parceiros, o lugar e o momento devem ser legítimos. Se "todo gênero do discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa" (Maingueneau, 2004: 68), finalidade que se define ao se responder à questão implícita *Estamos aqui para dizer ou fazer o quê?*, enunciadores e coenunciadores devem reconhecer minimamente a finalidade à qual se destina aquela atividade enunciativa. O reconhecimento e a legitimidade do discurso a partir da parceria que se estabelece pela enunciação fornecem ao gênero do discurso um certo êxito, também influenciado pela legitimidade do lugar e do momento da enunciação. A temporalidade de um gênero do discurso implica vários eixos, entre eles a periodicidade, a duração e continuidade de encadeamento e a duração de validade presumida.

As novas condições de produção possibilitadas pelo hipertexto revolucionam a natureza do texto autobiográfico, bem como seu modo de consumo. Apesar de estar aportado em um ambiente hipertextual, no qual as referências físicas e temporais se perdem, o diário virtual íntimo ainda institui um lugar e um momento legítimos que sustentam sua caracterização como um gênero do discurso. Esse lugar está marcado, essencialmente, pela interface e pelos seus elementos constituintes, integrados de forma a delimitar um *locus virtual*, no qual a continuidade cronológica organiza textualmente se conteúdo.

As transformações digitais revolucionam a natureza dos textos e seu modo de consumo. Para Maingueneau (2004: 71), "o *mídium* (*sic*) não é um simples meio de transmissão do discurso, mas ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda o uso que dele podemos fazer". Isso equivale a dizer que o meio modifica o conjunto de um gênero de discurso:

> Na realidade, é necessário partir de um dispositivo comunicacional que integre logo de saída o *mídium* (*sic*). O modo de transporte de recepção do anunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso (Maingueneau, 2004: 72).

A modificação do suporte material de um texto altera radicalmente um gênero do discurso. O modo de existência material, ou seja, de suporte/transporte e de estocagem/memorização do conteúdo deve ser levado em consideração para a constituição de um gênero, composição que depende também de sua organização textual. A digitalização das informações convoca a falarmos de um texto diferente do tradicional: um texto que é formado também por imagens, ou seja, um iconotexto marcado por uma dinamicidade (característica que muitos estudiosos denominam virtualidade). A noção de leitura nesse novo meio é modificada, pois o hipertexto se torna um lugar de aquisição de atividade, um espaço quase "sem espaço" no qual o leitor percorre o caminho na ordem em que desejar.

Apesar de ser composto por algumas características dos textos impressos, como os caracteres invariantes em detrimento de uma escrita manuscrita que preserva as marcas singulares do autor e que coloca dois indivíduos em relação direta, o texto nos diários virtuais íntimos explora uma espacialidade dinâmica, que, longe de apagar a originalidade autoral do diário, a transmuta em forma icônica, em figuras, fontes diferenciadas, fotos e outras marcas ilustrativas em sua interface. A universalidade da escrita impressa, ou seja, a necessidade de conter elementos que possibilitem sua compreensão, persiste nas mídias digitais, bem como nos diários virtuais íntimos. No entanto, conforme afirma Lévy, essa universalidade não é mais acompanhada por uma totalidade semântica, dada à interconexão generalizada e à interatividade. A desmaterialização dos suportes físicos enunciados instaura, assim, novas formas de leitura e escrita, bem como emergentes gêneros discursivos.

Para caracterizar os gêneros do discurso, Maingueneau recorre a três metáforas emprestadas do domínio jurídico, lúdico e teatral: o contrato, o jogo e o papel, respectivamente. Do contrato, o gênero do discurso toma a noção de cooperação e normatividade, ou seja, a aceitação de regras e sanções a quem as transgredir. Do papel, a idéia de que cada gênero do discurso implica os parceiros sob a ótica de uma condição determinada e não de todas as suas determinações possíveis. Por último, "falar de jogo é, de alguma forma, cruzar as metáforas do contrato com as do teatro, enfatizando simultaneamente as regras implicadas na participação em um gênero do discurso e sua dimensão teatral" (Maingueneau, 2004: 70). No entanto, a rigidez das regras de um jogo não se aplica às regras do discurso. Notadamente, os elementos constituintes dos diários virtuais íntimos os inserem nesse contexto do papel. Para que seja reconhecido como diário virtual íntimo, o co-enunciador pode buscar na página alguns indícios que remontam a tal constituição, como o nome próprio ou o pseudônimo, o registro de data de cada post, uma página que indica o perfil do autor (ou mesmo as informações cadastrais do autor em determinado serviço publicadores de blogs), os links indicados para outros blogs. Também o aspecto contratual pode ser observado no momento de cadastro da página nesses serviços publicadores de blogs: mesmo que não indiquem o nome real do autor, ele é obrigado a cadastrar um nome para o blog. No jogo das comunidades virtuais de blogs na Internet, esse caráter normativo e teatral torna-se, certamente, constitutivo.

ETHOS: ESTILO EM SI

A partir do percurso de sentido que vai da sintaxe à pragmática, configurando um esquema temático e figurativo definido, os enunciados dos diários virtuais íntimos (tomados aqui como os recortes a partir dos posts) tornam-se homogêneos, marcados sempre por um modo de enunciação e uma configuração de temas e figuras individualizada, um ponto de vista sobre o mundo. Dessa totalidade constitui-se o *ethos* de um estilo, uma imagem que o fiador deseja passar ao coenunciador que

deve incorporar esse corpo: "Estilo é *ethos*, é modo de dizer, implicando esse *ethos* um posicionamento tácito do corpo, uma maneira de habitar o espaço social (Discini, 2003: 57). Por meio desse corpo é que são reconstruídas as recorrências do dito, aqui sinônimo dessa totalidade estilística: "construir um estilo na enunciação é, portanto, *dar um corpo* a uma totalidade e *tomar o corpo* dessa totalidade; assumir, enfim, o *ethos* de uma totalidade" (Discini, 2003: 58).

As imagens que o enunciatário constrói para si do enunciador oculto por trás de cada monitor conectado à rede não pode ser advinda de um tom de voz, da oralidade, da linguagem corporal que utiliza para transmitir sua mensagem, seu comportamento social, nem das roupas que veste. Este simulacro é criado discursivamente e incorporado pelo enunciatário a partir do conteúdo verbal apresentado, a escolha do registro da língua e das palavras, o planejamento textual, ritmo e modulação, bem como da aparência visual da interface do diário virtual, uso de fotografias e outros recursos audiovisuais: "o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa que mobiliza a afetividade do intérprete, que tira suas informações do material lingüístico e do ambiente" (Maingueneau: 2004, 57).

Não há concepção mais conveniente de articulação entre estilo, modo de enunciação e totalidade que a noção de *ethos*. Aprofundada a partir das referências da Análise do Discurso Francesa, Maingueneau desenvolve um ethos diferente do ethos retórico, voltado à persuasão por argumentos, no entanto, com alguns pontos de semelhança, como o fato ser uma noção discursiva e um processo interativo de influência sobre o outro.

Por permitir articular corpo e discurso, a noção de *ethos* proposta pelo autor se coloca como a mais adequada para atingir a especificidade da comunicação mediada por computador. A incorporação do *ethos* do enunciador pelo enunciatário no texto escrito se dá, para Maingueneau (2008a), pelo discurso, ao qual pode ser associado uma vocalidade específica que permite relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador – e não ao corpo do locutor extra-discursivo – a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito.

Ainda segundo o autor, a imagem que o enunciatário faz do enunciador é uma imagem de um corpo anunciante historicamente especificado, criada a partir de um estatuto, uma vocalidade discursiva, apenas. Não é o corpo físico, mas sim aquele corpo criado discursivamente como um simulacro do corpo físico. Apesar disso, o autor ainda persegue uma visão encarnada de *ethos*, "que recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas associadas ao 'fiador' pelas representações coletivas" (Maingueneau: 2005, 72). Por esse motivo, Maingueneau atribui ao fiador um caráter e uma corporalidade, o primeiro correspondendo a um feixe de traços psicológicos e o segundo associado a uma compleição física e a uma forma de se vestir.

Ao ethos também está associado o comportamento social, um mundo ético do qual faz parte o fiador, que é ativado por meio da leitura, como um "estereótipo cultural que subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos" (Maingueneau, 2008a:18).

O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reformar ou transformar. A enunciação confere uma corporalidade ao fiador e o leitor incorpora, apropria-se desse *ethos*, assimila um conjunto de esquemas que remetem ao seu modo de estar no mundo, às suas referências culturais prévias, ou seja, a um mundo ético marcado por representações estereotipadas.

A Internet é um meio de comunicação extremamente apoiado nas representações estereotípicas de mundo, apesar da heterogeneidade e dinamicidade a ela associada. Se a ocultação da identidade corporal elimina um processo de estereotipia pela visão do corpo físico, ela o favorece de forma prévia, ou seja, pela interface apresentada ao leitor, bem como pelo conteúdo. Assim, o leitor se apóia em representação sociais pré-determinadas que circulam pela própria Internet para formular ou incorporar o *ethos* mostrado.

Se, para o autor, a incorporação não é um processo uniforme; ela se modula em função dos gêneros e dos tipos de discurso, o simulacro de *ethos* sobre o qual se apóia o leitor para construir a corporalidade do autor não depende apenas do tom íntimo, marca do *ethos* nos diários virtuais íntimos. A indução de expectativas em matérias de *ethos* também ocorre em função de o texto pertencer a um certo gênero do discurso. A estrutura composicional epistolar, caracterizada por uma espacialização e uma temporalização com referências ao momento da enunciação, já se ocupa de levar o leitor a crer em um modo privado de dizer.

No entanto, apesar da pretensa estabilidade dos diários virtuais íntimos como um gênero discursivo, sua enunciação joga com o *ethos* sobre o qual ela se apóia. Espera-se que os enunciados dos diários virtuais íntimos estejam em concordância com o *ethos* íntimo que deles se supõe. Assim, no processo de adesão dos sujeitos a certo posicionamento, em um texto desse tipo, um caráter público não é um dado esperado.

No entanto, como o *ethos* visado não implica necessariamente no *ethos* produzido, o caráter público do ambiente hipertextual logo corrompe o *ethos* íntimo, brincando com a marca íntima desses diários virtuais, trazendo para dentro dessa privacidade uma característica com qual eles não se identificam, pois a questão do *Ethos* está ligada à da construção da identidade, uma vez que cada acontecimento discursivo implica a consideração de representações que os parceiros fazem um do outro.

Por meio do *ethos*, o destinatário está, de fato, convocado a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica. Se, para Maingueneau, o texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada, é necessário classificar e ordenar essas encenações. O conceito de cena da enunciação na Análise do Discurso permite que se fale em momento e lugar de onde o discurso surge, mas fugindo de concepções sociologistas da enunciação, que poderiam clamar por categorias como *contexto* e *situação de comunicação*. Ao falar em cena da enunciação, acentua-se o fato de que a enunciação acontece em um espaço instituído, definido pelo gênero do discurso, mas também sobre a dimensão construtiva do discurso, que "se coloca em cena", instaura seu próprio espaço de enunciação. A cena do discurso é constitutiva, e não independente dele. Maingueneau propõe uma análise da cena da enunciação em três cenas distintas, dentre as quais apenas duas estão necessariamente presentes.

A cena englobante é aquela que corresponde ao tipo de discurso. É aquela que atribui um estatuto pragmático ao tipo de discurso a que pertence um texto, define o estatuto dos parceiros e um certo quadro sociotemporal. Assim, deve-se opor tipo de discurso a gênero de discurso, sendo que o tipo pode recobrir múltiplos gêneros. O tipo de discurso autobiográfico caracteriza a cena englobante tanto dos diários virtuais íntimos quanto dos diários tradicionais

Dada a liberdade com que os enunciadores dos diários virtuais íntimos textualizam, pode-se imaginar que não haja regularidades entre as diversas cenas enunciativas propostas. Isso ocorre essencialmente porque é impossível pensar em uma cenografia única para todo um diário virtual íntimo, uma vez que ele é composto

por diversos textos (ou posts) marcados por cenografias variadas. No entanto, se determinamos os diários virtuais íntimos como gêneros do discurso, é possível pensar numa regularidade em relação à cena englobante, que evoca o leitor a compreender um diário virtual como pertencente ao tipo autobiográfico.

A cena genérica é definida pelos gêneros do discurso particulares. Cada gênero de discurso implica, com efeito, uma cena específica: papéis para os seus parceiros, circunstâncias (em particular o modo de inscrição no espaço e no tempo), um suporte material, um modo de circulação, uma finalidade etc. A cena genérica específica dos diários virtuais íntimos guarda algumas semelhanças com aquelas dos diários tradicionais, ou seja, uma cena enunciativa genérica de um diário virtual íntimo se aproxima, em alguns aspectos coercitivos, do diário íntimo tradicional, conforme já foi contrastado.

No entanto, a cenografia não é imposta pelo tipo ou pelo gênero do discurso, mas instituída pelo próprio discurso. Ela:

> (...) não é apenas um quadro um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele: é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala (Maingueneau, 2004:87).

A especificidade dos diários virtuais íntimos está na sua cenografia. Se os textos publicados em diários virtuais íntimos supõem um leitor implícito, dado seu caráter público, supõe-se que o gênero diário virtual esteja marcado por cenografias variadas, que contrapõem o caráter privado da relação autobiográfica e o caráter público de seu modo de existência discursiva. Assim, o gênero do discurso dos diários virtuais íntimos exige a escolha de uma cenografia, instituída pelo discurso e legitimada por ele. As cenografias escolhidas pelos enunciadores dos diários virtuais íntimos são variadas, conforme pode ser observado a seguir:

A Arte Imita a Vida _ parte 2

Nada mais aconteceu naquela noite a não ser ter colocado a bicicleta no carro dele e ter voltado de carona para casa. Na hora de se despedirem ele não tentou nem um beijo, nem um abraço mais demorado, absolutamente nada. E ela foi dormir pensando nele, oscilando entre a preocupação e a esperança de que as palavras dele se mostrassem verdadeiras.

...

Colocou o telefone na mesinha de centro e suspirou, a cabeça doendo enquanto soltava o ar. Era incrível como ele era insuportavelmente insolente, e insuportavelmente fascinante.

... continua...

10 changes of colours Post by Flavia Melissa em as 12:14 AM.

Diário de uma ex-fumante

Porque sim, estou há 7 dias sem fumar e, desta vez, é forever.

Dia 1: Praticamente não saí de casa. Fiquei o dia inteirinho deitada na cama, barulhinho de chuva lá fora, assistindo a filmes. Praticamente não comi, com medo de sucumbir ao maravilhosocigarropósrefeição. Também não tomei café, evitando o indescritívelcigarropóscafézinho. Até que me surpreendi com a minha força de vontade. Ontem à noite, quando eu disse a deus e todo mundo que estava me despedindo dos tubinhos de nicotina, confesso que uma parte de mim achou que fosse fogo de palha. Eu às vezes mereço os meus parabéns.

...

Dia 7: A listinha de coisas legais de não fumar já está bem grandinha eu to tomando água o dia inteirinho, toda vez que me dá siricoticos de fumar, o que acaba sendo ótimo também. Hoje encontrei um amigo na rua e fomos tomar um café, ele acendeu um cigarro e, apesar de ter adorado sentir o cheirinho, confesso, achei a cena toda absolutamente ridícula.

...

27 changes of colours Post by Flavia Melissa em Thursday, October 09, 2008 as 3:41 PM.

3.8.08

7 meses

Meu amor,

Esta madrugada, enquanto te colocava no colo para a mamada noturna - como fazemos todos os dias, sem exceção, há sete meses - quase não te reconheci, tão grande estás. Poderia dizer que quase não cabes mais no meu colo, mas seria uma mentira. Já sei, desde agora, que sempre, sempre caberás em mim.

...

Serei sempre muito grata a ti por me fazeres descobrir tantas coisas a meu próprio respeito.

.

Confessado por anna v. às 10:56 6 deitaram no divã

No primeiro caso, o enunciador simula uma cenografia baseada na literatura e no romance, pois, além de distribuir os posts em forma de episódios e sugerir uma continuação da narrativa, instaura um narrador que descreve uma cena em terceira pessoa, criando um efeito de sentido de objetividade. No segundo e no terceiro casos, podem ser observadas a validação de uma situação de enunciação autobiográfica pela própria enunciação, que a constitui e a legitima. Essa cenografia do diário tradicional no diário virtual íntimo é explícita no título do post do segundo exemplo (*Diário de uma ex-fumante*), bem como em sua estrutura composicional. No terceiro caso, duas cenas enunciativas se sobrepõem, uma epistolar, dado o destinatário da carta e outra do diário, pela marcação da metadata (*Confessado por anna v. às 10:56*), ao lado do registro da hora de publicação. Tais metadatas são

publicadas automaticamente pelo sistema de edição de conteúdo, como o Blogger, em todos os posts desse diário virtual íntimo, ou seja, todos os posts são finalizados pela assinatura do autor, simulando uma espécie de confissão, e portanto, todos eles propõem necessariamente uma cenografia de diário tradicional. Suscetíveis à adoção de cenografias variadas e que se afastam do modelo preestabelecido, alguns posts de diários virtuais íntimos limitam-se à simulação de uma cena genérica do diário tradicional.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO À SEGUNDA PARTE

Especificado o objeto de pesquisa, bem como seu tratamento teórico, desenvolveu-se uma metodologia que buscou encontrar, dentro de um universo de milhares de blogs, aqueles representativos para a reconstrução empírica da realidade teórica especificada, pois os dados não existem antes do pesquisador, são construídos, recolhidos pelo seu olhar, dependendo da problemática teórica, e, "uma vez escolhidas, as técnicas conferem um significado epistemológico ao tratamento do objeto e um significado teórico aos problemas que se apresentam ao objeto" (Lopes, 2005: 140).

Também foi aprofundada uma metodologia de análise dos posts selecionados, de acordo com a fundamentação da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso.

A SELEÇÃO DA AMOSTRA

A coleta da amostra teve como finalidade "reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial" (Lopes, 2005: 142), ou seja, ser representativa no que tange os processos identitários do sujeito na contemporaneidade, além de possibilitar o mapeamento dos modos de colocação do sujeito no espaço e no tempo. Procurou-se, portanto, dar ao objeto empírico, isto é, aos diários virtuais íntimos criteriosamente selecionados, um tratamento que se emparelhasse teórica e metodologicamente a essa mesma problemática.

Os desafios de coleta da amostra revelaram que os métodos e técnicas de análise escolhidos devem ser os mais apropriados para captar e selecionar neste objeto empírico as evidências da realidade e atingir os objetivos planejados. Tendo o material lingüístico bruto criteriosamente selecionado a partir de técnicas de coleta, procedeu-se analiticamente à observação discursiva da amostra.

Apesar de apresentar-se como uma rica fonte dos dados empíricos, os métodos de exploração da Internet nunca estiveram consolidados. As dificuldades de pesquisar a Internet passam pela nãoperenidade de seus conteúdos, que podem não estar mais disponíveis momentos depois do acesso, a dificuldade de encontrar os autores responsáveis por esses conteúdos e também a grande quantidade de informação gerada constantemente, tornando complexa a seleção do *corpus* de pesquisa. Por outro lado, o pesquisador é também um usuário da rede, dificultando um processo de ruptura que deve se estabelecer entre o ele e o objeto.

Além disso, e justamente em função das particularidades da Internet como meio de acessibilidade ilimitada, a maior parte dos trabalhos que traz a Internet como meio de pesquisa tem também a Internet como objeto de pesquisa. Isso significa que as possibilidades geradas por esse meio ainda não foram totalmente compreendidas, pois cada campo explora as repercussões lingüísticas, discursivas, sociológicas, psicológicas, filosóficas e históricas desse meio.

A seleção da amostra para a pesquisa empírica é nãoaleatória, pois vincula uma amostra de blogs analisados discursivamente. Apesar de a grande maioria dos blogs ter como autores os jovens[6], esta pesquisa compreende a faixa etária que vai dos 20 aos 40 anos, uma vez que indivíduos nesta faixa constituem a maior parte dos usuários de Internet no Brasil. Também, os blogs de temática cotidiana e íntima são mais populares entre adultos, ao contrário do que o senso comum indica. Adolescentes costumam recorrer mais a páginas da Internet que fornecem recursos multimídia, como fotos, som e vídeo e menos a páginas constituídas apenas por textos verbais. Também, os adolescentes são o grupo mais interessado nas potencialidades de experimentação da individualidade e da sociabilidade possibilitadas pela Internet. No entanto, conclusões a respeito de um grupo de faixa etária restrita não poderiam ser estendidas para conclusões mais abrangentes a respeito do objeto e de seus eixos teóricos, como as questões de identidade, memoria e público-privado, por questões de representatividade.

Os eixos temáticos escolhidos para a pesquisa também levam a textos escritos por jovens adultos, e não por adolescentes. Para pesquisar diários virtuais escritos por adolescentes, o procedimento seria o reverso: partir dos seus escritos para ver o que dizem, no que estão interessados, quais as temáticas recorrentes. Esta pesquisa se faz no caminho reverso, partindo de determinados eixos temáticos e buscando, no universo da Internet, quais os diários virtuais íntimos que correspondem, demonstram e indicam esses eixos.

Os diários virtuais íntimos integrantes da amostra possuem atualização constante, pois estudos já mostram que a publicação freqüente é umas das formas para atrair leitores. Essa opção se justifica também por não prejudicar a dimensão da amostra. A dimensão temporal da pesquisa compreende seis meses, com, no mínimo, uma publicação semanal. Os diários selecionados são de livre acesso, isto é, não restritos por usos de senhas ou códigos.

A amostra foi constituída por dez diários e, portanto, autores, completando uma página por autor. Desta forma, buscou-se assegurar a representatividade social da pesquisa. Esta amostra significativa não necessariamente representa estatisticamente o universo pesquisado, no entanto, o cenário observado deveria seguir um padrão exemplar, de acordo com as unidades da amostra observadas.

Buscando evitar equívocos em torno da seleção da amostra, os diários virtuais íntimos foram buscados, em caráter experimental preliminar, por meio de uma ferramenta de busca de diários virtuais do Google (*Google Blog Search* – blogsearch.google.com/). Tal busca foi realizada no dia 14 de outubro de 2008; por isso, os resultados referentes ao mês de outubro não fizeram parte do limite temporal especificado para a busca.

Em caráter de investigação preliminar, o formulário de busca do Google foi preenchido com os seguintes critérios: no item *Encontrar postagens com a expressão,* foi registrado *hoje eu*. Outras expressões para buscas posteriores incluem as expressões *ontem eu* e *amanhã eu*.

A escolha de tais palavras-chave de busca remete diretamente à problemática da pesquisa que se quer remontar. Deve-se buscar assim, diários virtuais íntimos

---

6. A faixa etária do usuário das redes sociais no Brasil levantado por um estudo da e-life (empresa brasileira líder na monitoração e análise da mídia gerada pelo consumidor na América Latina e Portugal), com 4.977 perfis brasileiros que possuíam blog, fotolog ou um perfil em comunidade online no período entre janeiro de 2006 e maio de 2007 revelou que 47% dos blogueiros tem menos de 18 anos e 27% tem entre 19 e 25 anos.

Figura 4: Exemplo de página de pesquisa do *Google Blog Search*

que remetam ao cotidiano e ao estilo de vida pessoal do autor empírico. A escolha de tais expressões não é aleatória, mas decorre do desenvolvimento da pesquisa, das leituras realizadas e de tentativas anteriores de busca na Internet. Assim, tais expressões representam um refinamento não apenas do corpus, mas dos próprios critérios de seleção.

Um limite temporal foi fixado, preenchendo, no quadro *Datas,* o requisito *Postagens escritas entre 01 de janeiro de 2008 e 30 de setembro de 2008*. Em *Idioma*, foi selecionada a opção *postagens escritas em português*. *A opção 50 resultados* foi selecionada para facilitar a visualização de todas as indicações da pesquisa em apenas uma página.

Os resultados encontrados por meio dessa busca no buscador do Google foram tabulados e classificados de acordo com um número de classificação, o sexo, a cidade e a faixa etária do autor, a utilização de recursos audiovisuais, o nome do diário virtual, seu endereço na Internet (URL), a quantidade de autores e a data inicial de postagens. Por último, foram mapeados os temas relevantes abordados por cada um dos diários virtuais. O estudo *The State of the Blogosphere*, realizado anualmente pelo site *Technorati* elenca os seguintes tópicos para os conteúdos presentes nos blogs norte-americanos: Pessoal – Estilo de vida, Tecnologia, Notícias, Política, Computadores, Música, Filme, Viagem, Negócios, Família, Televisão, Ciência, Religião, Saúde, Esportes, Jogos e Celebridades. Esses tópicos foram empregados para caracterizar os diários virtuais encontrados, mas, para a pesquisa empírica, foram selecionados apenas aqueles que remetem à esfera pessoal cotidiana e ao estilo de vida.

Um teste empírico foi realizado com o intuito de verificar a validade da metodologia de seleção da amostra explicitada. Da tabulação resultante dessa busca podem ser concluídas as seguintes observações:

- Dos 50 primeiros diários virtuais selecionados pela busca da expressão *hoje eu*, 2 podem ser classificados como *spam-blogs*, ou seja, blogs que entraram no sistema de buscas por meio de uma indexação exagerada e por isso, devem

ser excluídos da seleção da amostra. Outro deles é protegido por senha, sendo acessível a apenas alguns usuários.

- Dos 47 diários virtuais encontrados, 10 podem ser classificados como diários virtuais íntimos. No entanto, 5 deles não podem integrar a amostra, uma vez que foram criados havia menos de um ano. Além disso, um deles representava quantidade insuficiente de publicação.
- Dois diários virtuais íntimos encontrados, apesar de corresponderem às categorias de classificação, são monotemáticos, e, por isso, foram excluídos da amostra.
- Dois diários virtuais foram classificados como diários virtuais íntimos, por corresponderem às exigências de seleção da amostra.
- Os dois diários virtuais íntimos são de autoria feminina.

Os dois diários virtuais íntimos selecionados podem ser encontrados nos seguintes endereços:

http://eusempresobrevivo.blogspot.com/
http://flaviamelissa.blogspot.com/

O resultado de busca de blogs do Google (com todos os diários virtuais íntimos encontrados na busca realizada no dia 14 de outubro de 2008) está apresentado a seguir:

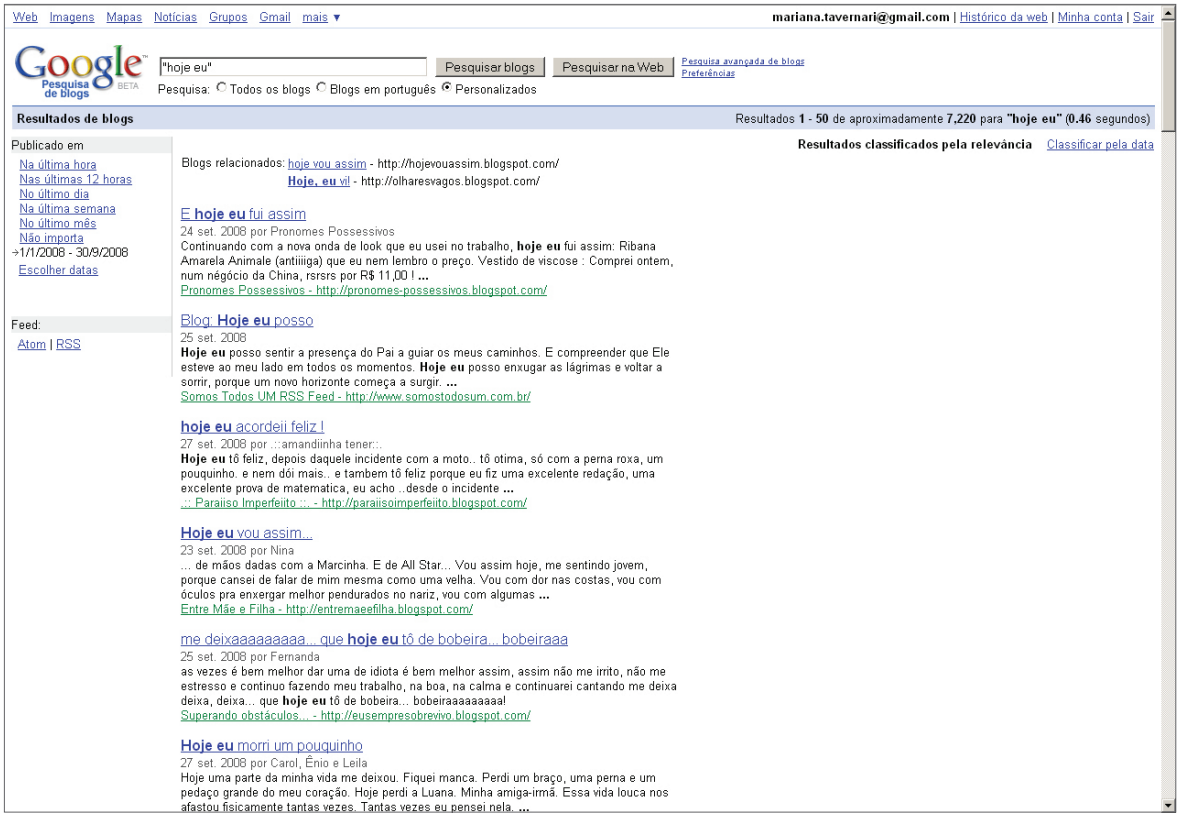

Figura 5: Resultado da busca em 14 de outubro de 2008.

E hoje eu fui assim
24 set. 2008 por Pronomes Possessivos
Continuando com a nova onda de look que eu usei no trabalho, hoje eu fui assim: Ribana Amarela Animale (antiiiiga) que eu nem lembro o preço. Vestido de viscose : Comprei ontem, num négócio da China, rsrsrs por R$ 11,00 ! ...
Pronomes Possessivos - http://pronomes-possessivos.blogspot.com/

Blog: Hoje eu posso
25 set. 2008
Hoje eu posso sentir a presença do Pai a guiar os meus caminhos. E compreender que Ele esteve ao meu lado em todos os momentos. Hoje eu posso enxugar as lágrimas e voltar a sorrir, porque um novo horizonte começa a surgir. ...
Somos Todos UM RSS Feed - http://www.somostodosum.com.br/

hoje eu acordeii feliz !
27 set. 2008 por .::amandiinha tener::.
Hoje eu tô feliz, depois daquele incidente com a moto.. tô otima, só com a perna roxa, um pouquinho. e nem dói mais.. e tambem tô feliz porque eu fiz uma excelente redação, uma excelente prova de matematica, eu acho ..desde o incidente ...
.:: Paraiiso Imperfeiito ::. - http://paraiisoimperfeiito.blogspot.com/

Hoje eu vou assim...
23 set. 2008 por Nina
... de mãos dadas com a Marcinha. E de All Star... Vou assim hoje, me sentindo jovem, porque cansei de falar de mim mesma como uma velha. Vou com dor nas costas, vou com óculos pra enxergar melhor pendurados no nariz, vou com algumas ...
Entre Mãe e Filha - http://entremaeefilha.blogspot.com/

me deixaaaaaaaaa... que hoje eu tô de bobeira... bobeiraaa
25 set. 2008 por Fernanda
as vezes é bem melhor dar uma de idiota é bem melhor assim, assim não me irrito, não me estresso e continuo fazendo meu trabalho, na boa, na calma e continuarei cantando me deixa deixa, deixa... que hoje eu tô de bobeira... bobeiraaaaaaaaa!
Superando obstáculos... - http://eusempresobrevivo.blogspot.com/

Hoje eu morri um pouquinho
27 set. 2008 por Carol, Ênio e Leila
Hoje uma parte da minha vida me deixou. Fiquei manca. Perdi um braço, uma perna e um pedaço grande do meu coração. Hoje perdi a Luana. Minha amiga-irmã. Essa vida louca nos afastou fisicamente tantas vezes. Tantas vezes eu pensei nela. ...
Brancas Nuvens - Pelo mundo - http://brancasnuvensca.blogspot.com/

Hoje
27 set. 2008 por Flavia Melissa
Hoje eu lavei e sequei o cabelo, eu fiz café, esquentei o queijo e pus no pão. Eu tomei meu chá e escovei os dentes, saí prá rua e senti o vento frio da manhã agitar meus cabelos e me cortar os lábios. Um desconhecido me deu bom dia e ...
All made of stars - http://flaviamelissa.blogspot.com/

E hoje eu senti tanta falta dos meus cachorros...
24 set. 2008 por Tainá Nascimento.
Lembrei da raiva que eu tinha do Badi quando eu punha o pão sobre a mesinha, e, num desvio de olhar, ele o roubava. Deu tanta saudade, ver que não existia mais Badi pra fazer isto, nem pra ouvir esculacho. Até do esculacho bateu saudade ...
Movimento das palavras, no meu ballet de... - http://asasdeumbeija-flor.blogspot.com/

Kelly Key canta 'Hoje eu quero sair'
17 set. 2008 por Ego
Kelly Key canta 'Hoje eu quero sair', de autoria de um de seus bailarinos.
Globo Vídeos - Vídeos mais recentes - http://video.globo.com

Hoje eu não tô bem
17 set. 2008 por Henrique Corrêa
Um blues meio tosco que eu fiz quando não tinha nada pra fazer. Com ritmo ficou até engraçado. 15/03/06 ** Hoje eu não tô bem (Henrique Corrêa) Hoje, hoje eu não tô bem Hoje, mas logo hoje, hoje eu não tô bem Já me chutaram, me roubaram ...
Henrique Corrêa - http://henriquecorrea.blogspot.com/

Hoje eu vou aplaudir.
26 set. 2008 por Pequena
Olha que legal. Espalhar por aí já é uma boa idéia.
hoje vou assim - http://hojevouassim.blogspot.com/

"Hoje eu estou na academia, estou fazendo musculação, faço tudo ...
27 set. 2008 por Equipe ITC Vertebral
... Fortaleza e fiz fisioterapia com o Dr. Helder eo Dr. Neyva. Levei quase dois meses em tratamento, onde eu melhorei muito. O tratamento é muito bom, recomendo. Hoje eu estou na academia, estou fazendo musculação, faço tudo normal. ...
Instituto de Tratamento da Coluna Vertebral - http://www.herniadedisco.com.br

Hoje, eu no Roda Viva
29 set. 2008 por Paulo Fehlauer
Mas não no centro da roda, ainda não estou tão famoso. Roda Viva com Ilan Goldfajn. Foto: radarcultura. Participo hoje de uma iniciativa interessante na TV Cultura, a "transmissão experimental participativa", que estreou na semana ...
narua.org - http://narua.org/new - Referências

Hoje eu tô no estilo
19 set. 2008 por Vandrei
(Fotos: Acima: Antes e depois; Abaixo: depois da dieta). Virei notícia no IG:. http://estilo.ig.com.br/noticia/2008/09/16/dieta_para_emagrecer_46_kg_1849939.html. Apresento minha versão rechonchuda a vocês. ...
Pequenas Expressões - http://pequenasexpressoes.blogspot.com/

O quê você vai fazer hoje? Eu vou mudar o mundo!
28 set. 2008 por Super Wallace
Com o aniversário de 10 anos do Google veio uma promoção pra lá de interessante. Tá certo que isso pode ser mais uma tática do maior site de busca do mundo de dominar o planeta, mas se o fizer, será com estilo. ...
Capetalismo.org - Pois tudo sempre é culpa... - http://capetalismo.org/

Hoje eu vi o Kiefer Sutherland. (...) Hoje eu vi o Kiefer ...
24 set. 2008 por Carrie, a Estranha
Hoje eu vi o Kiefer Sutherland. (...) Hoje eu vi o Kiefer Sutherland. Vocês tem a mais vaga noção, cara leitora, de que ele é maaaaaaravilhoso ao vivo? (comprovando minha teoria de que os homens ao vivo são mais bonitos do que as ...
sublimesucubus - http://sublimesucubus.blogspot.com/

Hoje eu morro e vou pro Céu…
19 set. 2008 por lh.bregagnolo@ig.com.br
Nossa como tinha mulher bonita Lú .Por isso é que se eu morrer hoje eu vou pro céu !(nesse momento JP já tinha virado uma uva passa no box de tão enrugado). Nisso meu marido chegou e tive que escutar tudo de novo, só que de longe, pois, ...
macarrão parafuso - http://blig.ig.com.br/macarraoparafuso

Hoje eu precisei bater perna na rua andando de ôni...
26 set. 2008 por Caparica
Hoje eu precisei bater perna na rua andando de ônibus. Pela primeira vez, desde que o n81 chegou, eu ia usar o danado como mp3 player... igual usava o iPod 5ª geração. fato: Enquanto mp3 player, o aparelho é um ótimo celular. ...
Politicamente Incorreto - http://blog.rmc.eti.br/

Porque hoje eu to inspirada!
29 set. 2008 por Alberta Ames
"Mas é porque eu sou feio, que eu sou lindo Imagine se eu não fosse" Falcão - No Cume[download] No alto daquele Cume Plantei uma roseira O vento no Cume bate A rosa no Cume cheira Quando vem a chuva fina Salpicos no Cume caem ...
Falando pelos Kotovelos, um blog canalha - http://falandopeloskotovelus2.blogspot.com

porque hoje eu estou verborrágica
21 set. 2008 por sribeiro
procuro palavras pra você. desejando que elas façam o impossível. e me tragam você. procuro palavras pra esquecer. tudo que não houve. e que eu nem conheço, mas preciso. o que já estava nas sombras. sonhos perdidos. por quê?
Baboseiras sobre o tudo eo nada...principalment... - http://tdend.wordpress.com

RECOMEÇO!
29 set. 2008 por Andreia
Hoje eu estou bem, mas ontem fui dormir triste comigo, viu? Vou explicar o porque! SEXTA: alimentação ok. Meus pais chegaram de viagem e fiz lanchinho em casa. Meu irmão, com minha cunhada e meu sobrinho gostoso foram e foi muito bom. ...
Spa da Andreia - http://spa-da-andreia.blogspot.com/

aaaa hoje eu pego uma academia… sem chance.
23 set. 2008
aaaa hoje eu pego uma academia… sem chance.
Lucas Ferreira - http://lucasferreira.tumblr.com/

CHICAS
26 set. 2008 por Demas
... eu ia explodir / Mas eles não vão ver os meus pedaços por aí / Me deixa / Que hoje eu tô de bobeira / Me deixa / Que hoje eu tô de bobeira / Hoje eu desafio o mundo sem sair da minha casa / Hoje eu sou um homem mais sincero / E mais ...
Jukebox do Demas - http://jukeboxdodemas.blogspot.com/

Só Por Hoje
20 set. 2008 por F@bian SCHENKER
Só por hoje eu não quero mais chorar Só por hoje eu espero conseguir Aceitar o que passou o que virá Só por hoje vou me lembrar que sou feliz Hoje já sei que sou tudo que preciso ser Não preciso me desculpar e nem te convencer ...
Fabian - Varios - http://fabianmanaus.blogspot.com/

Hoje eu...
21 set. 2008 por Natália Vaz
Não fiz meu projeto... Não banhei a cachorra... Não comecei minha especial... Não liguei pro namorado... Não trabalhei... Não li... ... e nem escrevi. Tudo o que eu queria era mais três dias assim. Sim, eu gosto de ser inútil. ...
o resto... a gente rezóvi - http://sortenojogo.wordpress.com

Hoje eu quero...
22 set. 2008 por Mary
DORMIR! Dormir horas seguidas, dormir tranquila e pacificamente, sem pensar no ontem, no hoje ou no amanhã... Dormir sem sonhar sequer, pois que os sonhos são o complemento, ou a consequência, depende, daquilo que vivemos ontem e ...
Pés na terra e mar à vista!!! - http://pesnaterramaravista.blogspot.com/

Hoje eu vou assim!
22 set. 2008 por sulamita
O texto abaixo não é meu. É de um blog que eu passo para ver todo dia. Com looks bem legais e diferentes, dependendo do humor da dona dele, que fotografa todo santo dia como ela vai. Uma espécie de diário de como ela sai vestida para ...
Inês é morta! Mas eu não. - http://causapropria.blogspot.com/

"hoje eu iria assim"
23 set. 2008 por Renée Samora
....o tempo esta super propicio a esta roupitcha hj.
Dona Benedita - http://donabenedita.blogspot.com/
[Mais resultados de Dona Benedita]

Hoje eu acordei...
15 set. 2008 por Mariana
Hoje eu acordei Nem pra samba Nem pra rock Nem pra drama Nem pra pop Hoje eu acordei Sem saber se queria Ou se devia Se fazia Ou se corria Hoje eu acordei Cansada para chorar E mole para sorrir Animada para sonhar E covarde para fugir ...
World of Reality ? - http://marianadorey.blogspot.com/

Pensando na vida
22 set. 2008 por Meu diário Virtual
Se hoje eu ainda me acho menina demais,naquela época então,eu era uma criança. Conheci pessoas maravilhosas,bem mais legais que aquelas " amigas" que só sabiam me pressionar pra ficar com qualquer menino,e como a resposta era sempre não ...
Meu diário virtual - http://fernandanie.blogspot.com/
[Mais resultados de Meu diário virtual]

Bom dia. Hoje eu chamo-lhe tribunal da suprema injustiça
28 set. 2008 por Rui Vasco Neto
«Depois de 49 anos de vida em comum, duas filhas e três netos, uma septuagenária perdeu o companheiro e viu o Supremo Tribunal de Justiça negar-lhe a pensão de sobrevivência a que teria direito, quase automático, se tivesse casado. ...
Sete Vidas Como os gatos - http://setevidascomoosgatos.blogs.sapo.pt/

Me encontrando na vida ?
24 set. 2008 por Guilherme
Hoje eu estava aqui na UFRGS, lendo meus feeds, quando me deparei com esse texto - intitulado "Aos Nove" - do Rodolfo Castrezana do Omedi. Muito bom, apenas isso que eu posso dizer do texto. O Autor faz uma reflexão em torno da vida ...
Pensamentos Randomicos - http://www.pensamentosrandomicos.com/ - Referências

` Hoje eu tomo um porre pra cair, ou remedio pra durmir??
21 set. 2008 por talytamedeiros
Bom dia de domingo pra vcs! O dia por aqui amanheceu fechado, com pingos e gelado, propicio ao meu estado mental, corporal e espiritual. O dia ontem foi divertido, de tarde fomos fazer umas comprinhas (eu, mamis, irma, malu e dudu) e de ...
1 aninho de malu :D - http://www.fotolog.com/talytamedeiros

hoje eu vou escrever para toda gente ler
18 set. 2008 por clube de troca de cartas sa
mas em especial para ti... que saiste de dentro de mim... ainda eu era uma criança... e hoje que sou uma jovem,tenho uma filha linda com 8 anos... parabens meu amor,prabens minha flor... Photobucket eu te amo. ...
a malta da tuxa - http://amaltadatuxa.blogspot.com/

Sobre os avós...
22 set. 2008 por Márcia
E só hoje eu me dou conta de como era bom, ótimo, fantástico ter avós por perto!!! Meu Deus, como eu fui feliz com eles todos, como aproveitei minha infância... sábado mesmo, eu tava comentando com meus pais como as minhas lembanças de ...
Guigão vem aí!!! - http://guigaovemai.blogspot.com/

Prece
24 set. 2008 por Giovanna Cóppola
Hoje eu queria não ter sonhado com você. Hoje eu queria não ter dito adeus ontem. Hoje eu queria tomar para mim toda a dor do mundo na esperança de amenizar aquela que te causei. Arrependo-me de cada palavra rude, de cada frase ...
Giovanna Cóppola - Arte Escrita - http://giovannacoppola.blogspot.com/

Mas hoje eu só quero o Horizonte e Você comigo!!!!
22 set. 2008 por Claudia leitte Exttravasa
Gente olha que imagem linda da KK!!!!
Claudia leitte Exttravasa - http://claudialeitteexttravasa.blogspot.com/

Hoje eu vivo somente pra amar você
22 set. 2008 por Augusto Branco
Vem comigo, bem, deixa eu te aquecer. Hoje eu quero somente viver você Vamos brincar de ser feliz nesta manhã Vamos voar e ver o mundo girar ao redor! Vem comigo, bem, deixa eu te aquecer. Hoje eu vivo somente pra amar você.
Augusto Branco - http://augustobranco.blogspot.com/

Noosa, hoje eu to me sentindo tão bem!
19 set. 2008 por Lydia Llewelyn
Bom, ontem fui pro colégio como todo dia, e sempre antes de entrar, paro numa barraca e compro um pastel, uns chicletes, alguma coisa pra comer, na aula, porque me da mta fome, não consigo ficar das 7 até as 11 sem comer nada, ...
Llewelyn's Diary - http://llewelynsdiary.blogspot.com/

Hoje,quem sabe.
19 set. 2008 por Juliana.
Hoje eu posso senti-lo escorrendo pelas beiradas do meu corpo através da tua fala monótona e vazia.Indo embora em cada gesto casual.Ainda assim,meu bem,não direi nada.Encostarei minha cabeça em teu peito e direi besteiras,nada mais. ...
Furtando Faces - http://furtandofaces.blogspot.com/

CANTAR...
23 set. 2008 por TODO NOSSO
Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito. Nem que seja só pra te levar pra casa. Depois de um dia normal. Olhar teus olhos de promessas fáceis. E te beijar na boca de um jeito que te faça rir. Hoje eu preciso te abraçar ...
TODO NOSSO... - http://elanerebello.blogspot.com/

Hoje eu acordei assim.
22 set. 2008 por Karkarah
Tem alguém fazendo voodoo pra mim, só pode.
Karkarah - http://okarkarah.blogspot.com/

De ontem em diante
27 set. 2008 por Jéssica
Hoje eu me acordei não me sentindo mais velha, mas me sentindo maior. Saber que eu vou seguir em frente com um olhar maior me tráz uma grande satisfação, e nem tanto medo assim - já que detesto ficar presa num lugar só por muito tempo. ...
Contos No Papel - http://contosnopapel.blogspot.com/

Padre Fábio de Melo(Quem me Roubou de Mim)
30 set. 2008
Eu descobri minhas carências inconfessáveis que insisto em manter veladas. Acessei o baú de minhas razões inconscientes E descobri um motivo para não conitnuar mentindo. Hoje eu quero lhe confessar o meu não amor, mesmo que pareça ser. ...
Pensador.info - http://www.pensador.info

Num dia de sexta-feira chuvosa e azuladamente cinza para todas as ...
26 set. 2008 por Carol Bahasi
hoje eu queria tanta coisa, que são as mesmas de ontem... e não vão ser as mesmas de amanhã, porque quero fazer tudo hoje! Jazz-mim Bahasi Uva Girassol: Eu estou no meio da selva, desbravando os caminhos mais perigosos (porque eu tenho ...
Confraria das Flores - http://confrariadasflores.blogspot.com/

Só Hoje....
18 set. 2008 por Doce Veneno
Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito. Nem que seja só pra te levar pra casa. Depois de um dia normal... Olhar teus olhos de promessas fáceis. E te beijar a boca de um jeito que te faça rir(que te faça rir) ...
* Amor & Ódio * - http://amoreodioo.blogspot.com/

Tiozão das Batidas esclarece uma dúvida de clientes
25 set. 2008 por Strange Stranho
Hoje eu estou muito feliz ! Graças ao Orkut encontrei uma menina que não via há muito tempo . Na última vez, ela era um bebê, hoje é uma moça. Ela é filha de uma antiga paixão minha, que acabou casando com outro, só ...
Zonzeiras - http://botecomovel-zonzeiras.blogspot.com/

She said: I can't love you like I loved you before.
26 set. 2008 por Marina Araujo
Hoje eu acordei sem acreditar em nós. Sem essas de eu nunca vou te esquecer, estou matando minhas loucuras e já se encerraram as vezes em que jurei que era aquela a hora de me declarar. Ontem foi a última vez. Porque hoje eu acordei sem ...
Eu to falando de amor... - http://averdadesobreamah.blogspot.com/

Momento Sentido e Exposição de Pintura
22 set. 2008 por margusta
Hoje, eu consegui apagar a Mágoa que ainda existia no meu coração para com todos aqueles que estiveram envolvidos no processo do meu despedimento. Hoje , eu recordo os seus rostos e as suas vozes , com saudades e muita Paz. ...
Momentos Sentidos II - http://momentossentidos2.blogspot.com/

Celular
26 set. 2008 por entreimagens
Pessoas tradicionais um recado, tente um dia ter um celular com todas essas funcionalidades, um celular pode ser muito mais que um aparelho telefônico, eu mesmo já pensei isso e hoje eu habilito até o Bluetooh. ...
Entreimagens - entre palavras e imagens. - http://entreimagens.wordpress.com

A tabela apresentada a seguir (Tabela 1) mostra as características dos diários virtuais íntimos selecionados (resultado positivo em negrito), seguindo a legenda:

- ND: Não Definido
- P/N: Positivo/Negativo
- N: Negativo
- P: Positivo
- F: Feminino
- M: Masculino

Tabela 1: Lista de diários virtuais encontrados pela busca de blogs do Google (Hoje eu) em 14 de outubro de 2008.

P/N	Class.	Nome do diário virtual	Sexo	Cidade do autor	Idade	Recursos audiovisuais	Temas relevantes	N.º autores	Data inicial
N	1	Pronomes Possessivos	F	Rio de Janeiro	26	Fotos	Moda, Brechó	1	Sep-08
N	2	Somos todos um	M	ND	ND	ND	Site religioso	1	ND
N	3	Meu Blog	F	ND	16	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, Intimidades	1	May-08
N	4	Entre mãe e filha	F	ND	ND	Fotos	Família	4	Apr-08
P	**5**	**Superando obstáculos**	**F**	**São Gonçalo**	**29**	**Fotos**	**Pessoal – Estilo de vida, Família, Intimidades**	**1**	**Jul-07**
N	6	Brancas Nuvens - Pelo mundo	F	Suíça	ND	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, Viagens, Família, Intimidades	1	Jan-06
P	**7**	**All made of Stars**	**F**	**São Paulo**	**ND**	**Fotos e figuras**	**Pessoal – Estilo de vida, Família, intimidades**	**1**	**Nov-06**
N	8	Para mim, asas de um beija-flor	F	Pará	19	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, Intimidades, Literatura	1	Mar-08
N	9	Globo.com	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
N	10	Hoje vou assim	ND	ND	ND	Fotos	Moda	ND	Jul-07
N	11	Instituto de tratamento de coluna vertebral	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
N	12	Na rua	M	São Paulo	28	fotos, vídeos e áudio	Fotografia, Jornalismo	1	ND
N	13	Pequenas expressões	M	ND	ND	Fotos	Família, Pessoal – Estilo de vida, Saúde	1	Sep-08
N	14	Capetalismo	M	ND	19	Fotos e videos	Informática	1	Sep-07
N	15	Sublime sucubus	F	New York	ND	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, Família, Televisão	1	Jun-06

P/N	Class.	Nome do diário virtual	Sexo	Cidade do autor	Idade	Recursos audiovisuais	Temas relevantes	N.º autores	Data inicial
N	16	Politicamente incorreto	M	Recife	33	Fotos	Tecnologia, Automobilismo	1	Aug-08
N	17	Macarrão parafuso	F	ND	40	Fotos, vídeos	Família, Pessoal – Estilo de vida	1	Sep-08
N	18	Falando pelos kotovelos	ND	ND	ND	Fotos	Humor, política, Celebridades	7	Apr-04
N	19	Baboseiras sobre o tudo e o nada	F	ND	ND	Apenas texto	Família, amigos, Pessoal – Estilo de vida	1	Jul-08
N	20	Spa da Andreia	F	Goiânia	34	Fotos	Regime	1	Oct-06
S	21	Lucas Ferreira	M	ND	ND	Fotos	Pessoal – Estilo de vida	1	Feb-08
N	22	Jukebox do Demas	M	ND	42	Fotos e videos	Música, Cinema, Jornalismo	1	Jan-06
N	23	Fabian	M	Manaus	31	Fotos, figuras	Informática, Música, esportes	1	Jun-05
N	24	Sorte no jogo (Feliz anonimato)	F	ND	ND	Fotos, videos e figuras	Pessoal – Estilo de vida	1	Jan-07
N	25	Pes na Terra Mar à vista	F	Lisboa	25	Vídeos e figuras	Pessoal – Estilo de vida	1	Mar-08
N	26	Inês é morta, mas eu não!	F	Recife	22	Fotos, videos e figuras	Moda, Música	1	Jul-05
N	27	Dona Benedita	F	Pirassununga	23	Fotos, videos e figuras	Pessoal – Estilo de vida, Moda, Publicidade, Fotografia	1	Sep-07
N	28	World of reality	F	ND	25	Fotos	Literatura, poesia	1	May-07
N	29	Meu diário virtual	F	Rio de Janeiro	18	Fotos	Pessoal – Estilo de vida	1	Aug-08
N	30	Sete vidas como os gatos	M	Portugal	ND	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, música	1	Oct-07
N	31	Pensamentos randomicos	M	ND	ND	Figuras	Pessoal – Estilo de vida, informática	1	Sep-08
N	32	A malta da Tuxa	F	Portugal	28	Figuras e vídeos	Pessoal – Estilo de vida, Artesanato	1	Aug-08
N	33	Guigão vem aí	F	Recife	27 anos	Fotos	Pessoal – Família (monotemático)	1	Sep-06
N	34	Giovanna Cópolla	F	São Paulo	19	Apenas texto	Pessoal – Estilo de vida, Literatura	1	
N	35	Claudia Leitte Extravasa	F	Arapiraca	20	Fotos	Celebridades	1	Jun-08
N	36	Augusto Branco	M	BD	ND	Apenas texto	Jornalismo, Literatura	1	Sep-08
N	37	Diário de Lewillin	F	ND	ND	Fotos, áudio	Pessoal – Estilo de vida, Intimidades	1	
N	38	Furtando Faces	F	São Paulo	18	Fotos	Literatura (eu sou literário)	1	Jan-08
N	39	Todo Nosso	X	Palotina	ND	Figuras	Pessoal – Estilo de vida, Literatura	2	May-08
N	40	Karkarah	M	ND	ND	Fotos e videos	Pessoal, Música, Televisão	1	Oct-07
N	41	Contos no papel	F	João Pessoa	17	Apenas texto	Pessoal – Estilo de vida, Intimidades	1	Nov-06
N	42	Pensador.info	ND	ND	ND	Apenas texto	ND	ND	ND
N	43	Confraria das flores	F	ND	ND	Fotos e figuras	Amizade	ND	Sep-08
N	44	Amor e odio	F	Portugal	ND	Fotos, figuras	Música, Sexo	1	Jun-07

P/N	Class.	Nome do diário virtual	Sexo	Cidade do autor	Idade	Recursos audiovisuais	Temas relevantes	N.º autores	Data inicial
N	45	Boteco móvel	M	São Paulo	ND	ND	Comercial, Empresa	1	ND
P	46	Eu to falando de amor	F	ND	ND	Fotos	Pessoal – Estilo de vida (monotemático)	1	Jan-07
N	47	Momentos sentidos II	F	Portugal	44	Fotos	Pessoal – Estilo de vida, Artesanato	1	Jun-05
N	48	Entre imagens	M	São Paulo	23	Fotos e videos	Política, Música, Televisão	ND	ND

O sistema de busca do *Google Blog Search* não leva em consideração para a listagem de busca a relevância de tais diários virtuais íntimos na rede. Os resultados incluem todos os blogs, não apenas aqueles publicados pelo Blogger; o índice de blogs é atualizado continuamente, de forma que sempre serão obtidos os resultados mais precisos e atualizados. Além disso, podem ser pesquisados, além dos diários escritos em inglês, os escritos em francês, italiano, alemão, espanhol, chinês, coreano, japonês, português do Brasil e outros idiomas.

Para retornar seus resultados, o *Google Blog Search* utiliza a tecnologia de *feeds* no padrão *Atom* ou RSS. A tecnologia do RSS permite aos usuários da internet se inscreverem em sites que fornecem "feeds" (alimentadores ou fontes) RSS. Estes são tipicamente sites que mudam ou atualizam o seu conteúdo regularmente. Para isso, são utilizados *Feeds* RSS que recebem estas atualizações, Dessa maneira, o usuário pode permanecer informado de diversas atualizações em diversos sites sem precisar visitá-los um a um. A maioria dos sites que publica *feeds Atom* ou RSS — as tecnologias que o *Google Blog Search* utiliza para retornar seus resultados — disponibiliza apenas resumos dos posts, contendo as primeiras palavras de cada um deles. Se o conteúdo total dos posts for disponibilizado, no entanto, as possibilidades se tornam mais promissoras e infinitas, pois todo o texto pode ser pesquisado. Também é possível obter os resultados mais recentes das buscas através de feeds no padrão Atom ou RSS. No rodapé dos resultados de cada busca, estão links que permitem fazer a escolha entre os 10 ou 100 resultados mais recentes, permitindo sua posterior leitura e acompanhamento em um agregador.

Apesar da alta qualidade do serviço, um outro sistema de busca de blogs da Internet, mais antigo e conceituado, rivaliza com o Google: de acordo com especialistas, o serviço *Technorati* oferece uma melhor definição de resultados, além de classificar os blogs encontrados de acordo com um ranking de autoridade. A funcionalidade Autoridade do *Technorati* é baseada no número de blogs que se linkam nos últimos 180 dias.

O *Google Blog Search* não possui recursos mais avançados, como a busca por tags, tal como faz o *Technorati*. Da mesma forma, não é possível buscar por categorias dos posts ou exibir imagens. No entanto, suas opções avançadas permitem filtrar posts por data de publicação, por título do post ou do blog e, ainda, em qualquer um dos 35 idiomas suportados pela ferramenta.

Embora a unidade da pesquisa não tenha sido restringida ao gênero do autor do diário virtual, uma vez que o fenômeno dos diários virtuais atinge ambos os sexos, o resultado preliminar da busca de blogs do *Google* já demonstra uma predominância de autores do sexo feminino. Tal dado justifica-se pela definição dos eixos temáticos como determinantes daquilo que se busca, como ponto de chegada da pesquisa após a seleção preliminar. Uma possível forma de abordagem desse dado na dissertação deve referir-se mais a um estilo de escrita feminina do que a uma questão de gênero, efetivamente.

Embora sistema de busca de blogs do *Google* (ou mesmo do *Technorati*) seja bastante eficiente, foi observada uma certa deficiência em termos de abrangência dos resultados. Apenas os blogs mais atualizados em termos de recência merecem uma posição entre os cinqüenta primeiros resultados de busca. Buscando não limitar a amostra apenas entre aqueles diários virtuais íntimos que foram selecionados pelo *Google*, considerou-se necessário variar os métodos de coleta da amostra.

A navegação de um diário virtual íntimo a outros, por meio dos hiperlinks surgiu, portanto, como um método para seleção de diários virtuais íntimos que se adequassem à tipologia. Por meio desse outro método de coleta, foram selecionados os seguintes diários virtuais íntimos, compondo um total de dez:

http://colunas.marieclaire.globo.com/nosmulheres
http://chadehortela.com.br
http://www.zel.com.br
http://continuavalendo.blogspot.com
http://rre.opsblog.org/sobre
http://terapiazero.blogspot.com
http://dropsdafal.blogbrasil.com
http://escarlates.blogspot.com

ALL MADE OF STARS

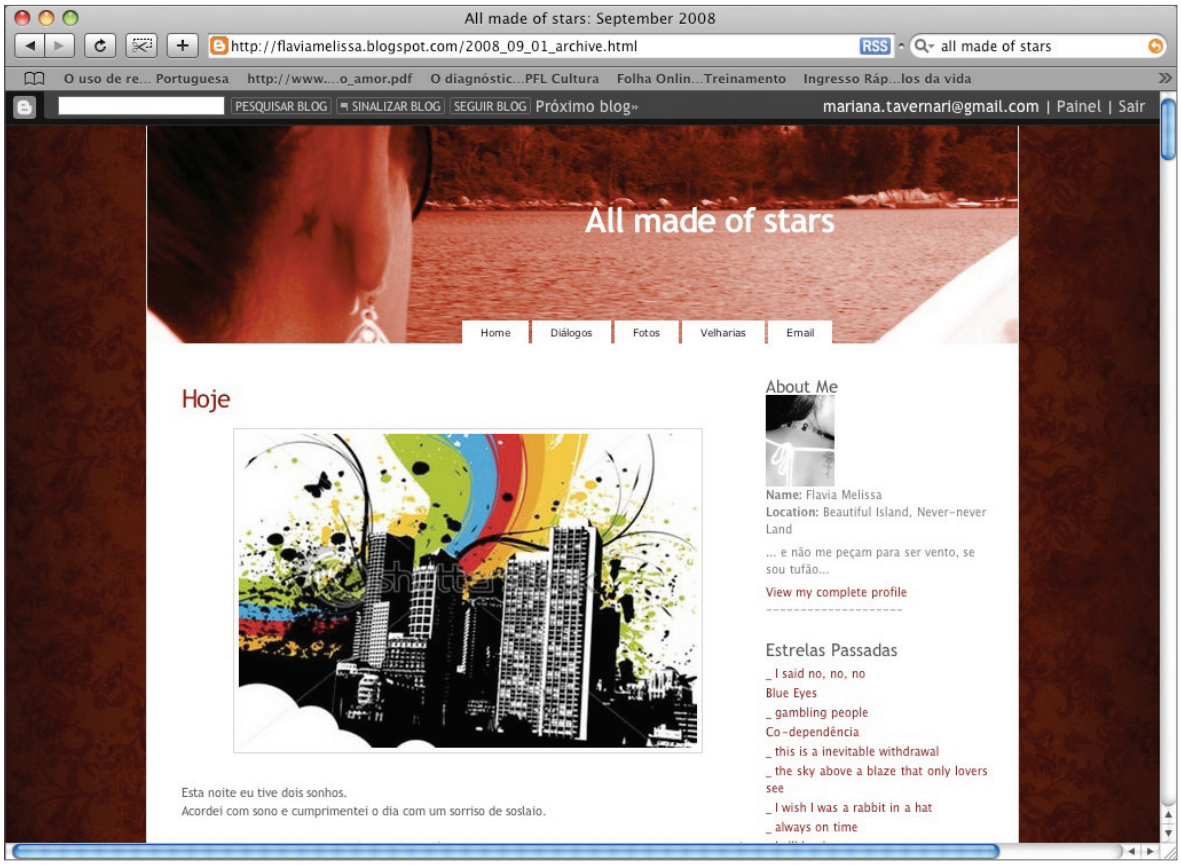

Figura 6: Diário virtual íntimo *All made of Stars*.

O diário virtual íntimo *All made of Stars* é assinado pelo enunciador Flavia Melissa e está hospedado em um servidor do *Blogspot*, serviço no qual o autor é cadastrado desde novembro de 2006. Apesar de utilizar um serviço de publicação, o *template* do blog é personalizado, no qual predominam as cores vermelha e branca. Contém um menu horizontal na parte superior, com as seguintes seções: *Home, Diálogos, Fotos, Velharias e E-mail*. *Home* dá acesso à página inicial do blog. *Diálogos, Fotos e Velharias* dá acesso a outros blogs do mesmo autor. *E-mail* leva a contato eletrônico do autor. No menu lateral direito, um link *About Me* dá acesso à página de cadastro do autor no *Blogger*, com informações como uma foto do autor, estatísticas do usuário no *Blogger* (como data de cadastro e número de visualizações de perfil), um registro de local (no qual o autor identifica *Beautiful Island: Never-never Land)* e de identidade de autoria (*Quem sou eu ... e não me peçam para ser vento, se sou tufão...*), além de uma lista de links que direcionam aos blogs de que o autor participa.

DROPS DA FAL

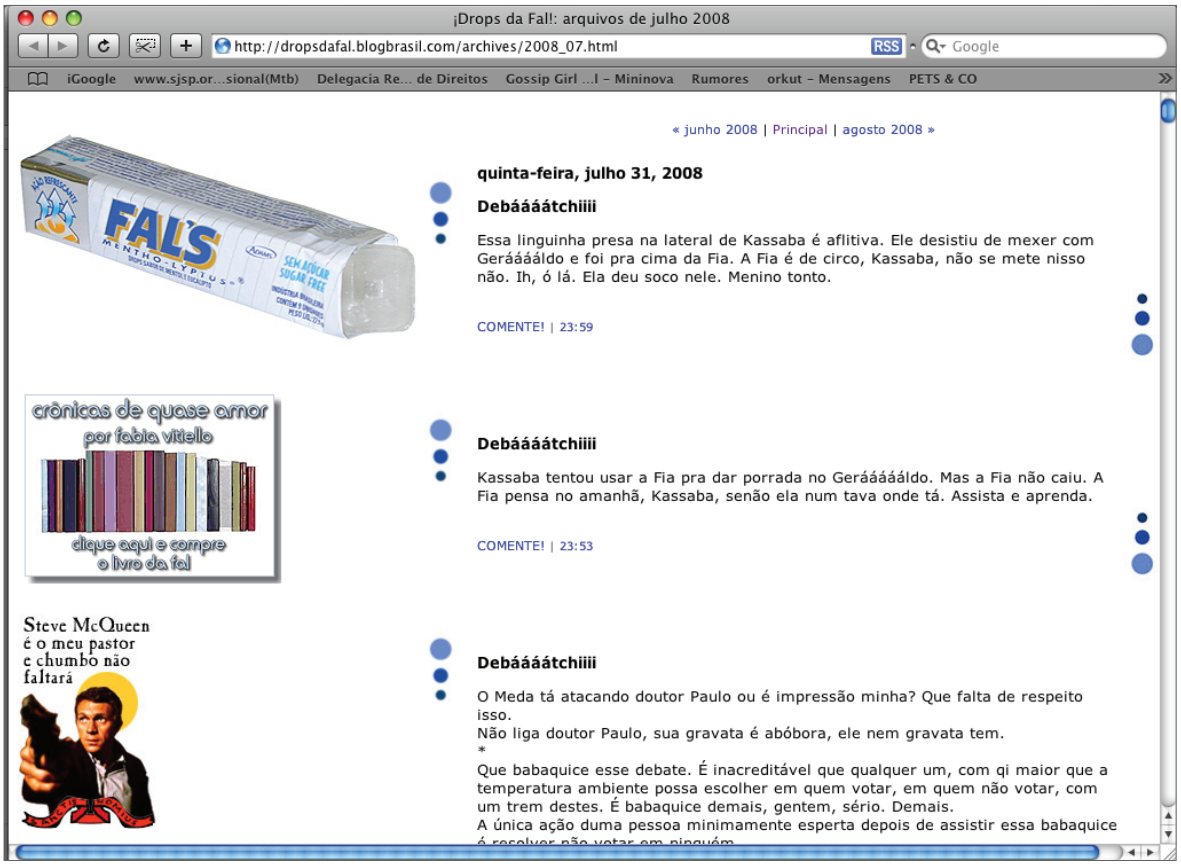

Figura 7: Diário virtual íntimo *Drops da Fal*.

O blog *Drops da Fal* (http://www.dropsdafal.blogbrasil.com/) está hospedado no serviço *Blogbrasil.com*. Seu *template* é personalizado, com uma figura de um pacote de balas Drops no qual está escrito Fal´s. Na lateral esquerda, seguida abaixo por um link para a seção *Cartas* para redação com duas subseções (*Guestbook* e *e-mail*), há uma seção *Arquivos* (com links para cada mês de publicações, desde 2002) e uma seção *Blogs*, na qual uma centena de blogs são indicados pelo autor. Os posts não são explicitamente assinados. Um serviço de medição de audiência é utilizado pelo autor, para aferir a quantidade de visitas à página do blog, bem como captar informações sobre os leitores. O link *Guestbook* direciona o leitor ao *LV da Fal*, um livro de visitas no qual os leitores podem deixar comentários. Seu livro de visitas difere de outras ferramentas de comentários dos blogs, pois é constituído por uma segunda página, na qual todos os comentários são disponibilizados aos leitores e na qual o próprio autor os replica.

NÓS, MULHERES

Figura 8: Diário virtual íntimo *Nós, Mulheres*.

Até dezembro de 2008, o blog *Nós mulheres* estava hospedado no provedor *Globolog* (http://www.nosmulheres.globolog.com.br/). Desde então, o leitor pode acessar o blog no endereço http://colunas.marieclaire.globo.com/nosmulheres/. A parte superior do *template* personalizado nas cores branca e vermelha expõe um banner com o nome do blog e o nome da revista *Marie Claire*, da qual o autora é colunista. Na lateral direita, o link *Sobre a Leila* identifica o autor, por uma foto, um texto (*Leila Ferreira é uma jornalista que adora colecionar histórias das loucuras e das manias femininas. É autora do livro Mulheres: Por que Será que Elas...?, da Editora Globo*) e um link de contato. Abaixo, um texto sobre o mais recente livro do autor, links para suas colunas nas revista e links de blogs indicados e para as páginas de arquivo do blog. Não é mencionada a utilização de um medidor de audiência.

RECORDAR, REPETIR, ELABORAR

Figura 9: Diário virtual íntimo *Recordar, Repetir e Elaborar.*

O blog *Recordar, Repetir, Elaborar* é assinado por *camilpav* e está ligado n´ O Pensador Selvagem, sistema de agregador de blogs e hospedado no *Wordpress* (www.wordpress.com). No banner superior, o nome do blog é acompanhado por uma frase (*Devaneios de uma musicóloca asfrando nos teclados)* que identifica seu autor. Ao lado do banner, na lateral direita, um menu horizontal introduz as seções *Home*, que direciona à página incial do blog, *Contato* (que disponibiliza o e-mail do autor) *Sobre* (que leva o leitor a uma descrição da personalidade do autor do Blog) e *Por aí,* página com links para o perfil do autor em sites de relacionamento como o *Facebook* e o *Orkut*. Na lateral direita também são disponibilizados links para assinatura de RRS do blog, visualização dos comentários mais recentes, arquivos, links de blogs indicados, links para páginas pessoais de músicos indicados pelo autor. O blog indica o uso de um sistema de medição de audiência e menciona a origem do *template* personalizado.

SCARLETT LETTERS

Figura 10: Diário virtual íntimo *Scarlett Letters*.

Scarlett Letters é assinado pelo autor *Cam Seslaf,* está hospedado no servico *Blogger* (http://escarlates.blogspot.com/) e utiliza um *template* personalizado, nas cores verde, branco e vermelho. Na lateral esquerda estão relacionados os links para outros blogs indicados pelo autor, além de links para os arquivos do blog. O autor utiliza um serviço de medição de audiência, mas uma apresentação da identidade virtual do autor não está disponível.

ZEL

Figura 11: Diário virtual íntimo *Zel*.

Zel está hospedado em um servidor pago pelo autor e por isso, seu domínio apresenta o seguinte endereço: www.zel.com.br. Seu *template* foi personalizado na cor azul, com uma figura de uma garota e o nome do blog. Na lateral esquerda estão dispostos uma ferramenta de busca interna, uma lista de *tags* (com palavras ou expressões mais utilizadas no blog), uma lista de blogs indicados pelo autor, links para os serviços *Flickr* (álbum de fotos on-line) e *You Tube* (canal de video on-line), para tocadores de música da autora, bem como para as páginas de arquivo.

CONTINUA VALENDO

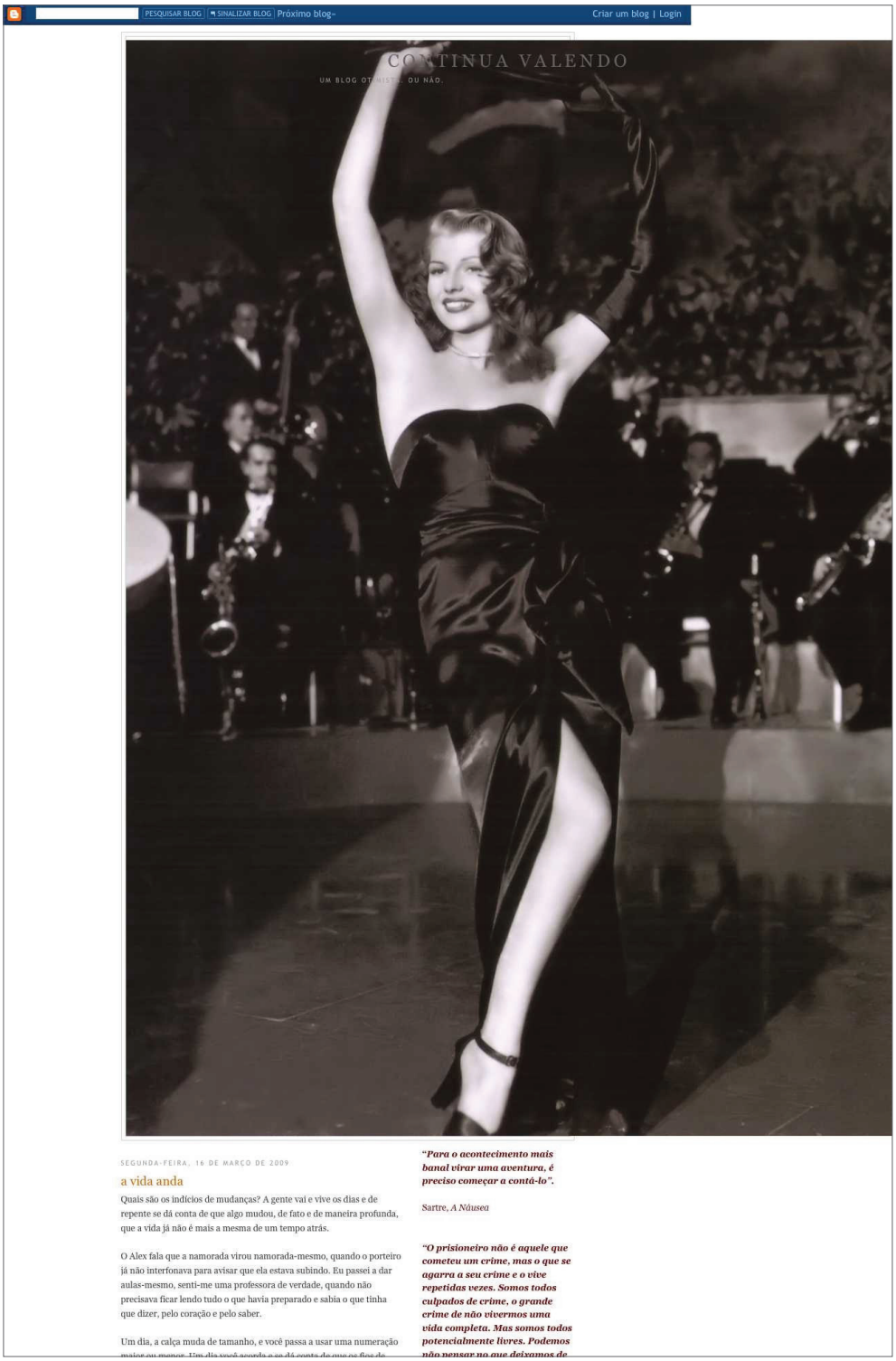

Figura 12: Diário virtual íntimo *Continua Valendo*.

O blog *Continua Valendo* está hospedado em um servico *Blogger* e, por isso, seu nome de domínio corresponde a http://continuavalendo.blogspot.com/. O *template* de *Continua Valendo* apresenta uma foto na qual está inscrito o nome do blog com uma descrição (*Um blog otimista. Ou não.*) Na lateral direita estão listadas frases de poetas, bem como uma frase de identificação do autor do blog (*quem sou eu*) com um link de acesso à página de cadastro do *Blogger* (*Visualizar meu perfil completo*) e links de acesso à pagina de arquivos e aos blogs indicados pelo autor.

TERAPIA ZERO

Figura 13: Diário virtual íntimo *Terapia Zero*.

O blog *Terapia Zero* utiliza um template padrão do serviço *Blogger*, com o seguinte nome de domínio: http://terapiazero.blogspot.com/. Na parte superior, o nome do blog é acompanhado pela seguinte descrição: *Porque nem todo mundo é tão analisado*. Abaixo, na lateral esquerda, segue uma lista dos posts mais recentes, entre aqueles selecionados pelo autor, bem como uma lista de todos esses blogs indicados. Também nessa mesma lateral estão os links para as páginas de arquivos, asim como para a página de cadastro do autor no serviço *Blogger* (*Quem sou eu*).

EU SEMPRE SOBREVIVO

Figura 14: Diário virtual íntimo *Eu sempre sobrevivo*.

O blog de domínio http://www.eusempresobrevivo.blogspot.com/ chama-se *Superando Obstáculos…*, nome acompanhado da frase *Eu Fernanda, 29 anos, formada em História e trabalhando com Petróleo. Tentando sempre superar os obstáculos cotidianos.*, que identifica o autor do blog, de template padrão do serviço Blogger. A página de cadastro do Blogger contém algumas informações a respeito do autor, como idade, sexo, signo astrológico, local, e outra frase de identificação do autor (*Uma mulher de 29 anos que ainda procura o melhor caminho para tornar seus sonhos em realidade*), além de uma foto do rosto do autor. Na lateral direita, os temas principais dos posts são listados, em forma de links, e, logo abaixo, pode ser encontrado o link para a página de arquivos e para a lista de blogs que o autor acompanha. Um serviço de medição de audiência marca o número de visitantes do blog, bem como a quantidade de usuários que visualizam o blog no momento.

CHÁ DE HORTELÃ

Figura 15: Diário virtual *Chá de Hortelã*.

O blog *Chá de Hortelã* está hospedado em servidor pago pelo autor (www.chadehortela.com.br) e apresenta um template claro, mas personalizado nas cores branca e verde, no qual estão impressos o nome e uma breve descrição do blog, na parte superior: (*Chá de Hortelã - O Blog da Liliana Meus pensamentos sobre qualquer coisa.*.). No blog podem ser visualizados alguns anúncios de sites. Na lateral direita, são disponibilizados um formulário de contato, uma foto do autor, links para *feeds*, links para os principais temas e assuntos do blog, links para fotos do autor, links para outros sites do autor, bem como para as páginas de arquivos.

O PERCURSO ANALÍTICO

Tendo como eixos de análise as questões do sujeito, do espaço e do tempo, os posts colhidos dentre a amostra selecionada passaram por um processo de análise tanto lingüística quanto discursiva. Tendo tal perspectiva como fundamento teórico e sabendo das especificidades do conteúdo temático dos diários virtuais íntimos, foram selecionados dois tipos principais de posts: aqueles que remontavam diretamente ao cotidiano do autor, com marcas actoriais, espaciais e temporais identificáveis e aqueles de temática relacionada ao sexo, ao amor e à morte.

A descoberta de um sistema de restrições semânticas nos diários virtuais íntimos passou, de hipótese intuitiva, à descrição de fenômenos enunciativos e discursivos regulares e freqüentes, porém encobertos por uma aparente homogeneidade de ordem autobiográfica cuja origem remonta ao estilo e ao *ethos*. Na superfície discursiva dos diários virtuais, predomina uma narrativa do poder de ação do protagonista, que se coloca como ser racional, capaz de progredir de acordo com suas decisões e apoiado em um raciocínio tecnológico e científico. Nega-se uma desorganização na ordem nos acontecimentos, como se o enunciador estivesse, a todo momento, preparado para mudar o curso de sua vida conforme a sua liberdade de escolha. Assim, o campo discursivo predominante no diários virtuais íntimos refere-se a uma lógica humana, em contraposição a uma lógica que pode ser denominada divina (mas, nem sempre, relacionada à religião).

Assim, do *corpus* inicial de referência (ou seja, os textos produzidos pelos autores dos diários virtuais íntimos durante o segundo semestre de 2008), foram selecionados, como campo discursivo, os discursos de temática relacionada ao sexo, ao amor e à morte. Julga-se que tais temas constituam um *corpus* recortado, porém rico em denúncias e verdades encobertas a respeito do modo de vida do sujeito na contemporaneidade. Certamente as formações discursivas relacionadas a tais temas ocupam uma posição estratégica dentro do gênero estudado, pois são temas centrais dentro do universo discursivo a que pertencem os diários virtuais íntimos. No universo de diários pesquisados, a freqüência desses temas é alta, justificando tal escolha.

Assim, aos posts escolhidos foi aplicado o seguinte método de análise, baseado na multiplicidade de planos textuais, da sintaxe à pragmática:

1. Empregando os conceitos da Teoria da Enunciação foram decompostos os mecanismos de actorialização, temporalização e espacialização dos enunciados (em forma de posts), visando qualificar os tipos de colocação do sujeito, do espaço e do tempo no discurso.

2. De tais mecanismos observam-se as formas de tematização e figurativização particulares de cada eixo (pessoa, espaço e tempo), ou seja, são reconhecidos os tipos de investimento semântico.

3. Em seguida, investiga-se a relação interdiscursiva que caracterizava os enunciados de cada eixo, de acordo com a hipótese do sistema de restrições semânticas organizado por Maingueneau, objetivando desvendar o *ethos* que cada enunciado propõe. Também foram buscadas as formas de heterogeneidade mostrada, como marcas de discurso direto e indireto, aspas, diálogos, provérbios etc.

4. Também observa-se a presença de links em cada enunciado, averiguando as formas imediadas e hipermediadas das narrativas autobiográficas no labirinto hipertextual.

5. De cada eixo (sujeito, espaço e tempo) o analista procura efetuar uma ponte entre os mecanismos lingüísticos e discursivos com a intenção de atingir os seguintes conceitos, de fundamental importância para a compreensão dos diários virtuais íntimos na sociedade contemporânea:

- Os processos de identificação e as formas de subjetivação.
- A relação polêmica entre o público e o privado na Internet, que atinge o cerne problemático dos diários virtuais íntimos.
- A questão da memória.

CAPÍTULO IV
IDENTIFICAÇÕES E SUBJETIVAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Seguindo um percurso metodológico que busca observar as diversas instâncias dos enunciados proferidos, passando pelos mecanismos actoriais, pela tematização e a figurativização e pelos cruzamentos interdiscursivos, são investigados os processos de identificação e as formas de subjetividade que se configuram nos diários virtuais íntimos. Embora o caminho proposto parta do texto materializado em direção às circunstâncias sociais do tema identidade, é importante ter como perspectiva teórica tanto a evolução dos conceitos envolvidos ao longo da história do século XX quanto o panorama do contexto histórico, ideológico e social em que os diários virtuais íntimos emergem como fenômeno das mídias digitais.

IV. 1 – A PERSPECTIVA DESCENTRADA DE IDENTIDADE

Os movimentos de subjetivação e objetivação inspiram a inserção do sujeito em determinadas ordens discursivas pelas interpelações ideológicas, bem como deixam espaço para a constituição imaginária de um sujeito singular. Oscilações e tensões, por outro lado, assinalam um lugar virtual que só emerge com a entrada da subjetividade humana, ou seja, sua capacidade de, por meio de interações cognitivas e perceptivas com a tela do computador, projetar e introjetar sentimentos, palavras e desejos, num contexto social marcado pela crise da modernidade. Os diários virtuais íntimos, objetos-cifra dessa oscilação, exploram justamente a situação de crise da identidade na contemporaneidade.

A presença constante do outro, explícita ou não, nos diários virtuais íntimos, marca profundamente as características desse gênero. Uma constante tensão entre efeitos de centralidade e descentralidade pode ser observada. Em termos da constituição do *eu, a* Psicanálise, principalmente em Lacan, coloca a identidade como construída pela linguagem e através dela e o sujeito como uma multiplicidade de partes e fragmentos, unidos por ligações privadas de desejo e para Turkle (1997:22): "Nos meus mundos mediados pelo computador, o eu é múltiplo, fluido e constituído em interação com uma rede de máquinas; é formado e transformado pela linguagem".

A essa perspectiva descentrada psicanalítica pode ser acoplada uma outra, discursiva. A análise de discurso de linha francesa, uma perspectiva da semântica da enunciação que postula a heterogeneidade constitutiva do sujeito (Authier-Revuz) e a concepção psicanalítica de um sujeito cindido e descentrado contribuem para esse reposicionamento em relação à questão do sujeito e da identidade. Também com o auxílio das orientações de estudos filosóficos de Foucault, a questão passa a ser tratada como uma questão filosófica que busca "compreender o sujeito como dispersão, sujeito cindido, dividido, atravessado pelo inconsciente" (Coracini 2003: 15).

Atravessada também pelos Estudos de Linguagem e pela Psicanálise, aborda-se a identidade sob uma perspectiva discursiva "que encontra na psicanálise seu ponto de apoio, voltada sobretudo para a constituição do sujeito do inconsciente que, imerso no discurso – que sempre provém do outro –, é mais falado do que fala (Lacan)" (Coracini, 2003: 15).

Pelo narcisismo, segundo Birman (Birman in Pinheiro, 2003: 17). "a unidade do eu se forja como modo de se contrapor ao descentramento, sendo, portanto ficcional, uma vez que o descentramento, real, continua se processando pelo viés das pulsões e dos objetos". Assim, a identidade passa a ser da ordem da ficção inventada pelo sujeito com a intenção de restaurar a unidade perdida do eu, sempre narcísico, uma tentativa de construir a unidade e o centramento do sujeito em face do descentramento representado pela força pulsional. As narrativas de si no ciberespaço devem ser compreendidas nesse contexto narcísico, no qual a identidade como unidade seria uma espécie de ficção, permeada por multiplicidades e diversidades a serem resgatadas pelos processos de identificação.

Adota-se como perspectiva teórica uma abordagem discursiva de sentido e sujeito, a qual postula que os sentidos são constituídos na relação entre diferentes regiões do interdiscurso. O intradiscurso, as formulações produzidas pelo sujeito na enunciação, se relacionam diretamente, ou seja, encontram suas significações na relação com o interdiscurso, enunciados do domínio do repetível. Distancia-se de perspectivas teóricas da Sociologia ou da Psicologia que postulam um sujeito racional e centrado, fruto das concepções iluministas de sujeito, que ainda vigoram por algumas correntes teóricas. Supõe-se um sujeito descentralizado, heterogêneo e disperso, perpassado pelo seu inconsciente, que permite a ele o estranhamento diante da alteridade e interpelado pela ideologia, pela qual o indivíduo vem a ser sujeito de seus dizeres.

Quando o tema se torna uma questão discursiva, deve-se falar em identificações e não mais em identidade. Coracini também compartilha dessa necessidade de uma nova conceituação:

> Nessa perspectiva, não deveríamos falar de identidade, já que, como dissemos, o termo remete ao mesmo, ao uno, mas de identificações: é apenas momentaneamente que podemos flagrar pontos no discurso que remetem a identificações conscientes, introjetadas sempre a partir do outro mas que, por estarem já lá, provocam reações, atitudes de recusa ou de aproximação; quando os autores falam de identidade, é preciso compreendê-la sempre em movimento, em constante mutação (Coracini, 2003: 15).

A crise da identidade seria, portanto, fruto de um duplo deslocamento, psicanalítico e social. O descentramento social sugere transformações estruturais sofridas pela sociedade no século XX, que fragmentam as agregações por classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, bem como movimentos em direção à individualização das sociedades, em que novos regimes de visibilidade transformam os modos de ver e ser visto, bem como os modos de ser.

A crise de pertencimento, fruto da globalização, coloca a perspectiva sociológica frente a uma orientação que prioriza a identidade como diferença, fragmentação e descontinuidade, e não como unidade. O tema passa, assim, a ser intensamente debatido, tanto por estudiosos das Ciências Sociais quanto por aqueles que se interessam por questões relacionadas à linguagem e ao sujeito:

> sem dúvida alguma, o interesse crescente está no fato de que estamos vivendo um momento privilegiado de questionamentos, problematização de tudo o que parece preestabelecido e plenamente justificado, momento de incertezas e de dúvidas inclusive quanto à(s) nossa(s) identidades(s) – individual, sexual, social, étnica, nacional – cujos limites são fluidos e fugidios: perguntamo-nos a todo momento quem somos, qual a razão de nossas vidas, por que agimos desta e não daquela maneira, por que escolhemos esta ou aquela profissão (Coracini, 2003:13).

Como conseqüência desse duplo deslocamento fala-se em identidade fragmentada. É importante mencionar as derivadas teóricas do uso do termo *identidade fragmentada*, como se as identidades dessem lugar a novas e diversas identidades, a sujeitos estilhaçados em detrimento de um sujeito unificado, parte de um amplo processo de mudanças sociais e estruturais, agitando as ancoragens estáveis sobre as quais o indivíduo se apoiava.

Estudos da cibercultura buscam uma correspondência direta entre o sujeito fragmentado e o discursivo, como se o indivíduo se fragmentasse em milhares de partes, destituído de qualquer noção de unidade, em função de uma concepção de sujeito marcado pela alteridade. Muitos teóricos interpretaram o termo identidade fragmentada como se o indivíduo contemporâneo estivesse se desintegrando, tanto fisica quanto psiquicamente. As virtualizações do corpo, de que fala Pierre Lévy devem ser interpretadas como uma metáfora teórica, pois, apesar de ser retalhado por um raio-X, o indivíduo ainda consegue pensar em seu corpo físico como algo integrado, do qual faz parte a cabeça, o tronco e os membros.

No entanto, se o sujeito ainda tem uma imagem relativamente unificada de si desde seu nascimento até sua morte, essa condição se deve única e exclusivamente ao fato de construir uma cômoda estória sobre si mesmo ou uma confortadora *narrativa do eu*. Sendo assim, uma identidade unificada é apenas fantasia, que possibilita ao sujeito crer no simulacro que constrói de si e do mundo em que vive.

IV.2 - OSCILAÇÕES ENUNCIATIVAS

No diário virtual *All Made of Stars*, o enunciador é aquele que diz *eu*, logo no início do post:

> Hoje
>
> Esta noite eu tive dois sonhos.
>
> Acordei com sono e cumprimentei o dia com um sorriso de soslaio.
>
> Hoje eu lavei e sequei o cabelo, eu fiz café, esquentei o queijo e pus no pão. Eu tomei meu chá e escovei os dentes, saí prá rua e senti o vento frio da manhã agitar meus cabelos e me cortar os lábios. Um desconhecido me deu bom dia e um sorriso de brinde, e eu sorri de volta.
>
> ...
>
> Hoje eu respirei melhor. Comi menos soja e mais massa no vegetariano da coreana, tomei água e não suco e comi sobremesa. Hoje eu respeitei meu corpo.
>
> Mas hoje eu também sofri.

...

Mas aí vieram e me salvaram.

Pela segunda vez me salvaram.

Hoje alguém foi honesto comigo sem eu ter que pedir e isso me alegrou. Hoje eu respirei aliviada porque as palavras estão sempre certas, as palavras têm vida própria e a cadência das sílabas conta uma linda história.

Hoje devolveram os meus sonhos, as minhas crenças e os meus motivos. Hoje me pegaram pela mão, me apontaram o caminho e me contaram o que tem dentro do tal pote de ouro.

Um espelho.

15 changes of colours Post by Flavia Melissa em Saturday, September 27, 2008 as 10:34 PM

Neste enunciado podem ser claramente verificadas as marcas da enunciação, ou seja, os traços do ato enunciativo. O sujeito gerador do sentido no ato enunciativo também emerge dessa mesma instância, é criado pelo enunciado. Para enunciar, o sujeito deve dominar uma gama de competências. Em termos lingüísticos, o sujeito apodera-se de seus conhecimentos gramaticais para constituir um enunciado aceitável na língua portuguesa, mas ele também deve ser capaz de colocar-se como produtor de um enunciado que esteja de acordo com o meio de comunicação em que a mensagem será veiculada, bem como de acordo com a situação de comunicação.

Para executar tal tarefa discursiva e, conseqüentemente, narrativa, o enunciador reproduz a enunciação no enunciado no qual é projetada uma pessoa, um eu que se diz *eu*. Para isso, ocorre uma debreagem actorial enunciativa, tipo de operação que ocorre em grande parte das formações do gênero autobiográfico, em função de sua cena genérica. A repetição, no início dos parágrafos, da expressão *Hoje eu* comprovam a armação desse simulacro das ações humanas, de forma que o post procura relatar as atividades do enunciador durante o limite temporal de vinte e quatro horas.

Tanto enunciador quanto narrador são instâncias presentes na materialidade do texto. Não emergem dele como uma subjetividade real, mas sim como efeito de sentido de subjetividade, que simula ao enunciatário os atos ao longo de um dia da vida do enunciador, efeito acentuado por um tom melancólico que percorre todo o enunciado.

Assim, em uma debreagem actorial enunciativa, os actantes da enunciação estão simulados no enunciado, configurando uma categoria de pessoalidade. Se o *eu* e o *tu* são únicos e reversíveis entre si, enquanto o *ele* pode remeter a uma infinidade de sujeitos e objetos, pode-se observar um efeito de sentido de subjetividade constantemente sendo construído, simulando enunciações e trazendo o enunciador ativo da cena enunciativa para a materialidade do texto enunciado.

É por meio do discurso que o indivíduo se reconhece como sujeito inscrito em dada ordem histórica. As práticas institucionais se dão também por meios dos dispositivos comunicacionais, permitindo aos indivíduos se reconhecerem como

sujeitos interpelados pela ideologia. No entanto, a partir de uma singularização pelas formas subjetivas de actorialização, esses sujeitos buscam diferenciar-se dos outros, resistem às formas de sujeição e instalam-se imaginariamente como possuidores de seus discursos. Essa é uma subjetividade organizada num horizonte estético e estilístico, marcada pela intersecção entre o *eu* e o *tu*, presentes no discurso.

Enunciador e enunciatário estão inscritos no texto, e se permitem serem descortinados pela exploração de um recurso interdiscursivo metafórico presente no final do texto, momento em que o enunciador relata a finalidade de sua jornada diária: descobrir o conteúdo do pote de ouro. Não surpreende, assim, que dentro do tal pote de ouro que se esconde por trás desse arco-íris exista um espelho, instrumento que permite construir uma imagem de si, bem como do outro, por meio de um simulacro. Em um plano mais profundo, o enunciador metaforiza a presença do enunciatário, o autor explicita o desejo de ver e ser visto na rede.

A intersecção eu-tu fica ainda mais clara quando ilustrada pelo próprio enunciador:

> _ just sit and stare and sigh
>
> hoje eu contei. até as 18h00 foram 185 as vezes em que eu falei a palavra EU (e só até agora, neste post, foram mais 3). não sei de onde tirei essa conta maluca. estava conversando com minha mãe hoje de manhã quando de repente me incomodei com o fato de dizer tanto eu, eu, eu, que coisa mais chata tanto EU assim no mundo. daí comecei a contar. e até agora há pouco foram 185 eus. nem eu, que sou eu, sou eu tanto assim. me incomodou. uma coisa assim, meio auto-referente, meio ego desgovernado, meio auto-afirmação. vou tentar desistir dos eus, pelo menos até o final do dia, o que me parece um pouco difícil posto que o programa da noite é enfrentar com unhas e dentes o shopping center em busca dos últimos mimos de natal. engraçado pensar em tudo isso justo no dia em que resolvi fazer meu jejum vata-kapha mensal. pode ter super a ver. ou não. sei lá.

A afirmação de Benveniste (1995, 286), de que "é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito," corresponde-se com a reclamação do enunciador para com uma atitude recorrente de auto-referencialização por meio da palavra *eu*. No entanto, é por meio dessas asserções que o sujeito pode identificar-se como um *eu*, bem como por oposição ao *tu*. Abdicar de tal palavra, nem que por um dia, representa o reconhecimento de que a pessoa se constitui na reversibilidade *eu-tu*. A confissão "*nem eu, que sou eu, sou eu tanto assim*" demonstra com clareza esta imbricação subjetiva.

As narrativas de si no ciberespaço são marcadas por um projeto de construção do sujeito em forma de tentativa de unificação do eu em torno de um esboço com fronteiras bem definidas.

A partir do que Bauman (2005) denomina como crise de pertencimento, em que a noção de comunidade baseada na proximidade física entra em colapso para dar lugar à predominância de comunidades por afinidade, a questão identitária emerge como um problema. Deixa de ser uma determinação atribuída e herdada para tornar-se uma tarefa obrigatória, na qual os atores sociais devem arcar com os dissabores de seu desempenho individualmente, conforme pode ser observado no trecho a seguir, de *Continua Valendo:*

projetos?

Andam me falando que eu preciso de um projeto.

Minha vida tá assim: dou aulas numa escola que amo, faço ginástica e regime. Leio, escrevo (pouco), tento estar junto dos meus amigos todos, namoro por internet e telefone. Afora o namoro, que é enrolado e que gostaria que fosse mais próximo, está tudo bem, gosto da minha casa, dos meus dias, do meu trabalho, gosto de quem sou. De fato, não tenho nenhum grande projeto me esperando, nem a longo nem a curto prazo, a não ser emagrecer e ficar ainda mais bela, mais livre e inteira. Um projeto de mim para comigo mesma, pessoal e artesanal.

Meu projeto é viver cada dia com atenção e leveza, estar inteira nas coisas que eu faço, fazê-las bem, e ir construindo uma vida boa, feita de dias bons, de horas boas, de bons instantes. Meu projeto não vai além de cada dia. Meu projeto é viver feliz.

Ao desenhar os contornos desse projeto, o enunciador também constrói o mundo enquanto objeto, um mundo no qual ele buscará saciar seus desejos e prazeres e do qual ele buscará extrair os fios imaginários de personalidade para constituir sua trajetória narrativa. A construção de si mesmo ocorre concomitantemente à construção de um projeto de mundo no qual o sujeito poderá habitar.

O processo de identificação efetua-se a partir da atuação social e performativa do enunciador e não apenas dos mecanismos de reconhecimento tradicionais como o nome e a família, de ascensão social, como a posse de bens, e de encenação pessoal, da aparência e imagem nas quais se apóiam o simulacro do autor a partir do enunciador. A mobilização para a ação é ilustrada em cada atividade do enunciador, figurativizada em termos como *ginástica*, *escola* e *regime*.

Se, de acordo com Bauman (2008:185), "as colocações individuais na sociedade e os lugares aos quais os indivíduos podem ganhar acesso e nos quais podem desejar se estabelecer estão derretendo com rapidez e dificilmente podem servir como alvos para 'projetos de vida'", o enunciador apóia-se na caracterização seqüencial narrativa discursivizada de suas atividades cotidianas para instaurar-se como sujeito da ação individual. Os esforços individuais de auto-afirmação por meio de uma narrativa de si, marca distintiva dos diários virtuais íntimos, demonstram o caráter individual da política de vida privatizada frente e em conjunto às condições de vida globalizadas e desterritorializadas, comprovando ser a nossa modernidade uma versão individualizada e privatizada.

Apesar das coerções da cena enunciativa dos diários íntimos, que favorecem as debreagens enunciativas e pelas quais o enunciador deixa transparecer as marcas do ato enunciativo, o trecho extraído de *Continua Valendo* denuncia o emprego de um recurso sintático para neutralizar a categoria de pessoa: a embreagem.

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 2008

Depois de inúmeras revoadas e turbulências, continuamos por aqui, exercendo esse milagre diário que é a existência viva da lulu. E no espanto diário de que ela aconteça sem que grandes acidentes sejam causados, catástrofes provocadas, sem que a lulu se mate sem querer e assim por diante, os dias são meus

novamente. Continuo vivendo com arte, e as colheitas voltaram a acontecer na casa de lulu.

Continuo tendo que lutar para trabalhar ao menos um pouco, aquele mínimo necessário para que tudo ande mais ou menos no trilho, e assim vou sempre correndo contra o tempo, o que às vezes me chateia pois meus alunos me salvam a vida diariamente, mas não são, de maneira alguma, minha prioridade. Cuido de todos eles, mas menos que deveria.

A lulu continua na vida leve como o vento, voltou a ser assim, a exercer a prática da leveza, o que deve ser uma lembrança diária. Com ela, em algum lugar, sabe que leva uma promessa e um plano, um homem e um cachorro.

...

a lulu está bem. e manda notícias do front.

Embreagem é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria da pessoa e/ou espaço e/ou tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado. A embreagem actancial diz respeito à neutralização da categoria de pessoa. Como toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior, quando o enunciador diz *"Depois de inúmeras revoadas e turbulências, continuamos por aqui, exercendo esse milagre diário que é a existência viva da lulu"*, em essência temos uma debreagem enunciva, pois o termo *lulu*, na verdade, significa *eu*. Ao invés de ter uma primeira pessoa do singular, que corresponde a uma debreagem actancial enunciativa, é empregada a terceira do singular. Quando *lulu* toma a palavra, referindo-se a si mesma em terceira pessoa, esvazia-se de qualquer subjetividade e distancia-se das circunstâncias narradas, buscando ver os acontecimentos de sua vida como exteriores. No entanto, o enunciado é marcado por uma oscilação entre o modo embreado de se colocar no discurso e o modo debreado, ou seja, ora o enunciador se coloca como uma terceira pessoa a olhar suas próprias atividades, ora como o protagonista de tais ações: *Continuo vivendo com arte, e as colheitas voltaram a acontecer na casa de lulu.*

A embreagem, exemplo claro das instabilidades do discurso, constitui uma estratégia pela qual o enunciador destitui-se da imagem de si, de seu *ethos*, para instalar-se como um outro no enunciado. Esse outro simboliza a alteridade do olhar, demonstrando que o efeito de subjetividade pode deixar escapar desse mesmo *eu* um *outro* a partir do qual o enunciador deseja que parta um olhar. Uma constituição essencialmente heterogênea do sujeito, apesar da tentativa do enunciador em suspender a presença do outro no discurso, por meio das debreagens.

Embreado, esse sujeito discursivo demonstra sua constituição polifônica e descentrada. No entanto, o acordo fiduciário entre o enunciador e o enunciatário presume, de saída, uma corporalidade e um olhar que constituem um sujeito empírico a partir do qual se constitui o *ethos*. Assim, apesar do descentramento do sujeito no discurso, não se deve apoiar a noção de que esse sujeito é fragmentado, pois essa idéia de dispersão do sujeito é muitas vezes confundida e levada ao extremo de um sujeito perdido, desreferencializado.

Um pesadelo hiper-realista

Esta noite visitou-me enfim o primeiro pesadelo realmente apavorante que tive em New Orleans.

Em alguns sonhos, mantemos um resquício de consciência: parece que, em alguns momentos, visita-nos a dúvida sobre a materialidade do que estamos vivendo.

Em outros, qualquer princípio de dúvida está soterrado: vivemos o sonho e o sonho é o universo, o sonho é o mundo.

Meu pesadelo recente não foi nem de um tipo nem de outro.

Foi daqueles que indica que existe algo de muito grave acontecendo na sua vida - e que, óbvio, detona completamente com ela - e que você, quando acordada, não sabia. Ou seja: *este é um sonho que fala para mais-além da vida*. Zomba da sua realidade, faz pouco dela: então você achava que está tudo bem, que está tudo muito bem encaminhado no seu cotidiano lindinho? Nada, tolinha: tá aqui, ó, veja o tamanho da ferida que existe no seu corpo.

A vantagem desse tipo de pesadelo é semelhante à do vômito: uma vez terminado, o alívio não poderia ser maior.

Mas o que mais me aliviou, desta vez, não foi nem o alívio de ter acordado.

Foi o alívio de pensar que, há alguns anos, eu cultivava esta ferida - e teria acordado frustrada ao perceber que ela efetivamente não existe mais sobre a minha pele.

Hoje pesadelei - vomitei - e fiquei bem.

É muito bom quando os pesadelos podem mudar.

Em *Recordar, Repetir e Elaborar*, precedido de uma debreagem actorial enunciativa (*Esta noite visitou-me enfim o primeiro pesadelo realmente apavorante que tive em New Orleans*), uma embreagem actorial comprova as instabilidades características dos enunciados nos diários virtuais íntimos: *Em alguns sonhos, mantemos um resquício de consciência: parece que, em alguns momentos, visita-nos a dúvida sobre a materialidade do que estamos vivendo. Em outros, qualquer princípio de dúvida está soterrado: vivemos o sonho e o sonho é o universo, o sonho é o mundo.* O emprego de uma primeira pessoa do plural em detrimento da primeira do singular é chamado, de acordo com Fiorin, de plural majestático, de modéstia, de autor. Enquanto o plural majestático aparece em textos de autoridades e documentos oficiais, o plural de autor é utilizado em obras científicas, conferências, etc. No trecho citado, no entanto, trata-se de um plural de modéstia, quando "o *eu* evita dar realce a sua subjetividade diluindo-se no *nós*" (Fiorin:2006a, 96).

Como toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior, quando o enunciador diz "*Foi daqueles que indica que existe algo de muito grave acontecendo na sua vida - e que, óbvio, detona completamente com ela - e que você, quando acordada, não sabia*", na realidade temos uma debreagem enunciva, pois o *você*, na verdade, significa *eu*. Em vez de uma primeira pessoa do singular, que corresponde a uma debreagem actancial enunciativa, é empregado *você* (como uma segunda pessoa do singular, um *tu*).

Por fim, o enunciador dirige-se a si mesmo, como se fosse uma segunda pessoa: *Ou seja: este é um sonho que fala para mais-além da vida. Zomba da sua realidade, faz pouco dela: então você achava que está tudo bem, que está tudo muito bem encaminhado no seu cotidiano lindinho? Nada, tolinha: tá aqui, ó, veja o tamanho da ferida que existe no seu corpo.* Há aqui, um desdobramento fictício do enunciador, que se constitui num outro, para ser alvo de suas apreciações, confidências etc.

As debreagens actoriais também contribuem para acentuar os simulacros de cumplicidade entre enunciador e enunciatário, fato este comprovado pelo emprego intenso de uma escrita oralizada por meio da qual o enunciador busca "conversar" informalmente com o enunciatário, pedindo o retorno em forma de sugestões e críticas:

> Neuras Maternas 101
>
> Visita pediátrica hoje, depois dos 20 dias de greve de fome em São Paulo. Resultado? Míseros 90g de ganho de peso. Crescer ela cresceu bastante, 3.5cm em pouco mais de 30 dias, mas a dificuldade de alimentá-la não foi à toa. O médico me mandou então dar tudo aquilo a que eu havia resistido quando introduzimos os sólidos: Mucilon e geléia de mocotó, além de ter de adicionar aveia e azeite de oliva na comida salgada (sem problemas com essa parte). Fiquei triste porque minha determinação de não dar comida excessivamente processada é muito séria. Até hoje ela comeu do que havia de mais fresco e natural. Sinto como se estivesse (tá, perdoem o exagero materno) profanando o corpinho dela.
>
> ...
>
> Embora racionalmente eu saiba que cuido muito bem dela, bateu um sentimento de incompetência, de erro, e um medo de ela ficar menos saudável ou ter seu desenvolvimento atrasado por não ter ganhado o peso mínimo esperado. Digam que é normal, mães. Digam que aconteceu com o filho de vocês, da prima ou da vizinha. Eu preciso ouvir.

IV.3 - O OUTRO MOSTRADO

Estudos puramente lingüísticos, no entanto, não podem abordar as relações extralingüísticas, essencialmente importantes para a comunicação mediada por computador. Os novos modelos de mente e modos de cognição do sujeito em interação com o ciberespaço exigem ferramantas analíticas capazes de versar sobre o discurso. Personificadas na linguagem e tornadas enunciados, as diversas posições enunciativas entram no campo do discurso e, por isso, devem ser tratadas a partir de uma perspectiva dialógica e polifônica.

Definida a partir de vozes polêmicas em um discurso, a polifonia, segundo Bakhtin (2008:4), marca certos romances: "a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoievski." Para Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.

Assim, apesar de algumas características inerentes, como a interatividade por meio dos comentários, os links e os diálogos velados com outros discursos com os quais mantêm relações intergenéricas, os diários virtuais íntimos ainda conservam resquícios de um efeito de sentido monológico, apoiado na noção moderna de autor como unidade. Certamente, a pouca quantidade de links presentes, em comparação a outros tipos de blogs, comprova essa tentativa de fechamento semântico por parte do enunciador. No entanto, o dialógico e polifônico escapam-lhe de suas mãos, os novos modelos de visibilidade impõem um contexto diferente, bem como diferentes regimes enunciativos. O diário virtual íntimo constitui, assim, um objeto que adia a conclusão de sua obra, pois se ausenta de uma solução narrativa.

A abertura em direção ao outro marca uma especificidade dos diários virtuais íntimos. O diálogo expresso pelo discurso direto, as solicitações do enunciador ao enunciatário pela ferramenta de comentários e, principalmente, os links atestam o caráter descentrado desse gênero. Bakhtin já enfatizava o caráter dialógico da autobiografia, gênero, segundo ele, inserido no discurso bivocal, orientado para o discurso do outro. O discurso bivocal pode ser de orientação única, como a estilização, de orientação vária, como a paródia, e de tipo ativo. A autobiografia, a confissão polemicamente refletida e o diálogo velado fazem parte desse terceiro tipo, o discurso ativo, no qual o discurso do outro influencia de fora para dentro, constituindo formas sumamente variadas de inter-relação com a palavra do outro.

Assim como em Dostoievski, nos diários virtuais íntimos "quase não há discurso sem uma tensa mirada para o discurso do outro" (Bakhtin, 2008:233), e, das relações intergenéricas, eles retiram dos discursos epistolares a sensação do interlocutor, do destinatário a quem visam, levando em conta sua possível resposta: "... Dostoievski elabora um estilo de discurso sumamente característico de toda a sua criação e determinado pela intensa antecipação do discurso do outro", conforme pode ser observado no trecho a seguir, de *Chá de Hortelã*, no qual a recorrência do termo *gente*, sugere a presença, presumida pelo enunciador, de um interlocutor presente sempre a reagir às confissões.

Cavalgada

Liliana | Filosofando, Minha Vida Na Praia, São Miguel do Gostoso, Viagens | Sunday, July 20th, 2008

Gente, acabei de voltar e quis vir compartilhar com vocês. A sensação é maravilhosa.

Eu nunca tinha andado de buggy na praia. Vim andar aqui em São Miguel do Gostoso com os amigos que fiz por aqui. E não foi a passeio. Foi como meio de transporte normal.

...

Gente, eu que mal tinha andado de buggy de carona me vi dirigindo no meio da praia, subindo e descendo dunas (tudo bem que foram pequenas, mas poxa, meu primeiro dia). Entrando e saindo das praias sem fazer o buggy morrer. Fazendo bonito.

Nossa! A sensação é incrível!

...

Caramba, eu tinha filmado um pessoal de jipe hoje de manhã na praia para mostrar para vocês, um comboio lindo, mas o filme não saiu legal. E logo à tarde, nunca poderia imaginar que eu é que estaria sendo filmada.

...

Pessoal, fico feliz de poder compartilhar isso com vocês. E queria voltar a dizer, desculpe se insisto na mesma tecla sempre: não tenham medo de viver e de ser feliz. Busquem a Felicidade, de verdade. Por favor, não se contentem com pouco

Jacqueline Authier-Revuz (1990) identifica nos enunciados algumas formas de heterogeneidade que acusam a presença de outros discursos. Para esta autora, a

polifonia presente nos discursos se efetiva em dois planos distintos: o da heterogeneidade mostrada e o da heterogeneidade constitutiva.

> A leitura que Authier-Revuz faz de Bakhtin, articulando o conceito de dialogismo como o seu (dela) de heterogeneidade constitutiva da linguagem, nos leva a ver que, segundo essa perspectiva, o conceito de subjetividade não pode estar centrado em um Ego enquanto entidade única e fonte todo-poderosa de sua palavra, mas num sujeito que se cinde porque átomo, partícula de um corpo histórico-social no qual interage com outros discursos de que se apossa ou diante dos quais se posiciona (ou é posicionado) para construir sua fala (Brandão, 1991: 54).

As noções de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada também podem ser empregadas com a finalidade de demonstrar a presença do outro nos enunciados dos diários virtuais íntimos. Destacado o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, a heterogeneidade no discurso é a forma mais comum de alteridade.

A heterogeneidade mostrada ocorre quando "formas, lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro" (Authier-Revuz, 1990: 12). Para a autora, a heterogeneidade mostrada não é a revelação (nem parcial) da heterogeneidade constitutiva, e sim uma tentativa do sujeito de se individualizar, e/ou singularizar seu discurso. É o caso do discurso relatado (direto e indireto), das aspas, do itálico e do metadiscurso do locutor (conjunto de expressões, glosas, retoques, comentários).

Formas mais complexas em que a presença do outro não é explicitada por marcas unívocas na frase são denominadas de heterogeneidade constitutiva – que não revela o outro, porque é concebida no nível do interdiscurso e do inconsciente –, referindo-se ao funcionamento real do discurso, enquanto a heterogeneidade mostrada diz respeito à voz do outro inscrita no discurso:

> É o caso do discurso indireto livre, da ironia, da antífrase, da alusão, da imitação, da reminiscência em que se joga com o outro discurso (às vezes, tornando-o mais vivo) não mais no nível da transparência, do explicitamente mostrado ou dito, mas no espaço do implícito, do semidesvelado, do sugerido (Brandão, 1991: 50).

Authier-Revuz (1990) distingue no conjunto das formas de heterogeneidade mostrada as formas marcadas (discurso direto, discurso indireto, aspas, itálico, incisos de glosa) e as formas não-marcadas em que o outro é dado a conhecer sem uma marca unívoca (discurso indireto livre, pastiche, imitação, jogos de palavras). Os discursos direto e indireto constituem formas bastante presentes nos diários virtuais íntimos:

Sampa, 13º

Esquina da Purpurina com a Fradique.

Na rua, quase em frente a uma galeria de arte, um casalzinho discute aos berros. O cara aparentemente tenta se explicar e a moça não dá muita confiança ao que ele diz. Fala mais alto, o cara já não sabe o que fazer, eu também não saberia, a menina tava realmente puta e o cara só piorava a situação, falava pouco e falava merda. Foram subindo a rua e discutindo, o semáforo abriu e eu andei mais

um quarteirão, a discussão deles aos poucos me alcançou novamente. O moço parece desistir, sai andando. A menina fica desconcertada, chama o menino que continua a se afastar, aborrecido. Ela dá um último grito, "eu te amo, seu puto!". Ele se vira prá ela, olha pro céu, olha pro chão, pensa um segundo e vai na direção dela, que vai na direção dele, e eles se beijam e eu penso que sim, o amor é lindo.

Mesmo torto, duro, esquecido, abandonado, renegado, traído, disperdiçado, amargurado, extasiado, enlouquecido, desencanado, desenfreado o amor é, sim, lindo.

Mais bonito ainda quando é compartilhado.

O enunciador de *All made of Stars*, descreve, como testemunha ocular, a discussão de um casal em plena rua de um bairro tradicional de São Paulo. Como actante de uma enunciação enunciada (um enunciador que instaura um eu-aqui-agora), o narrador, delegado pelo enunciador, narra a discussão conforme seu pontro de vista, sem interferir na conversa. Como resultado de uma debreagem interna, o narrador delega a voz a um locutor, inaugurando uma segunda instância enunciativa: *O moço parece desistir, sai andando. A menina fica desconcertada, chama o menino que continua a se afastar, aborrecido. Ela dá um último grito, "eu te amo, seu puto!"*. As aspas marcam a fronteira com um sistema enunciativo autónomo, com suas referências dêiticas e suas marcas de subjetividade própria. Apenas o discurso direto, nesse enunciado, seria capaz de encenar, sob um efeito de autenticidade, as falas do interlocutor. Transmutado para o discurso indireto, o enunciado perde seu efeito de sentido de realidade, já acentuado pela entonação oral espontânea que o narrador busca transferir à fala do locutor.

O trecho exposto a seguir, de *Chá de Hortelã*, também traz um exemplo de discurso direto com efeito de sentido de realidade:

Post Especial de Halloween Dos Simpsons, não! Da Liliana!

Liliana | Agora que eu sei disso, posso morrer em paz. | Friday, October 31st, 2008

Este post é dedicado à memória de @andrehp

Nossa história começa numa noite sombria num velho hospital de tijolinhos vermelhos.

Eu estava de plantão como neurocirurgiã e havia um paciente com uma má-formação no cérebro que havia sangrado várias vezes deixando o cara em coma num respirador barulhento para morrer.

No meio da madrugada o telefone da torre onde eu dormia toca e era a enfermeira do andar avisando que o paciente havia morrido e eu tinha que ir até a enfermaria preparar a papelada para a autópsia, porque o cérebro dele era muito interessante e eu, no dia seguinte, ia abrir a cabeça dele e arrancar para fora o cérebro, fatiar todinho e tirar fotos para guardar de lembrança.

Cheguei lá e vi que o coração não batia mais, que o homem não respirava, que o cérebro não funcionava. Que ele estava gelado como um vampiro. Morto. Azul. De cera.

Enquanto eu preenchia todos os relatórios, o pessoal da enfermagem levou o corpo sem vida para o quartinho do lado e começou a embalá-lo com lençóis e tampar os orifícios com algodão para não sair nenhum fluído nojento de dentro.

Foi quando, do nada, ele começou a se mexer.

Os enfermeiros começaram a gritar me chamando: Doutora! Venha logo! O morto se mexeu!

Eu entrei no quartinho e logo percebi: um zumbi.

Eu fugi?

Não!

Fiquei lá e enfrentei o zumbi.

E assim que amanheceu fui na Patologia e cortei a cabeça dele, arranquei o cérebro para fora e piquei inteirinho.

E para quem duvidar da minha história, devo ter os slides ainda por aqui em algum lugar.

Ao longo de toda a narrativa do post, o enunciador dá a sua versão do episódio ocorrido, em forma de embreagens actoriais enunciativas. No entanto, no clímax da história narrada, ou seja, no momento em que o cadáver dá mostras de ainda estar vivo, o narrador subordina a enunciação ao locutor, que se encarrega de dotar o trecho de marcas enunciativas e elementos expressivos, logo após os dois pontos que demarcam tal fronteira: em frases curtas que mimetizam a fala do interlocutor e caracterizadas pela presença de pontos de exclamação. Passado o ápice da história narrada, o narrador volta a apagar as marcas expressivas do discurso do interlocutor. No blog *Nós, mulheres* o enunciador descreve uma situação de diálogo com uma colega, parte da enunciação. No entanto, em momento algum, o narrador dá a palavra à colega, mas reproduz semanticamente sua fala por meio de traços enunciativos. Vejamos:

AQUELE ATAQUE DE NERVOS

Seg, 15/09/08

Sempre me perguntam se não é difícil encontrar assunto pra falar diariamente sobre mulheres. E minha resposta é sempre a mesma: quando se trata do sexo feminino, os assuntos são inesgotáveis. É só ouvir uma de nossas conversas e já está pronto mais um texto pro blog. Outro dia viajei com uma moça super simpática, a Renata, que trabalha pra uma empresa onde fiz palestra. Conversa vai, conversa vem, nós duas falando sobre o quanto as mulheres andam estressadas, e a Renata me revela que anda tão ansiosa, mas tão ansiosa, que mandou manipular um calmante pro seu cachorro, que - segundo ela - está sendo afetado por seu estado emocional. Antes que você imagine que a Renata é uma dessas madames cheias de frescuras, tenho que dizer que ela é uma mulher batalhadora, casada, 32 anos, que está fazendo sua segunda faculdade e trabalha oito horas por dia. Justamente porque tem acumulado tantas tarefas, Renata anda permanentemente à beira daquele famoso ataque de nervos e começou a perceber sinais de ansiedade no Bidu, seu cachorrinho de estimação. Comportamentos imprevisíveis, atitudes estranhas, olhar assustado - Renata

não teve dúvidas. Companheiro de todas as horas, Bidu estava absorvendo o estado de espírito e copiando os comportamentos de sua dona. Diagnóstico feito, ela foi a uma farmácia de manipulação e pediu um medicamento pra acalmar o cachorro. Saiu de lá com um spray que borrifa no focinho de Bidu duas vezes por dia e está satisfeita com os resultados. O cão voltou a ser o que era. E ela própria?, pergunto. Está mais calma? Renata responde que, por enquanto, não. Continua convivendo com doses gigantescas de ansiedade. Mas, no mesmo dia em que o Bidu começou seu tratamento, ela foi a um terapeuta que prescreveu a ela acupuntura e florais de Bach. As sessões de acupuntura nem sempre dá pra fazer, por causa das viagens, mas os florais não saem mais de sua bolsa. Agora é esperar até fazer efeito, Renata diz, com um tom que mistura esperança e desânimo em proporções iguais. Resisto à tentação de sugerir o quase impensável: que ela experimente o remédio que devolveu ao Bidu o equilíbrio e a calma. Mas tenho certeza que é só uma questão de tempo até minha companheira de viagem pensar nessa possibilidade. Ou talvez o próprio Bidu, quem sabe? No mundo das mulheres, tudo é possível - até um cachorro e sua dona, de comum acordo, compartilharem um remédio manipulado.

O verbo introdutor *revelar* no trecho *Conversa vai, conversa vem, nós duas falando sobre o quanto as mulheres andam estressadas, e a Renata me revela que anda tão ansiosa, mas tão ansiosa, que mandou manipular um calmante pro seu cachorro, que - segundo ela - está sendo afetado por seu estado emocional* indica o ato de enunciar, além de dar algumas informações sobre esse ato de dizer. *Revelar* é um verbo descritivo, pois especifica "o modo de realização fônica do enunciado" (Fiorin, 2006a: 79), impondo ao enunciatário a visão do narrador, levando-o a acreditar no dito como uma revelação a respeito da personalidade da colega. A repetição da palavra *ansiosa* (*tão ansiosa, mas tão ansiosa*) indica uma tentativa do narrador em reproduzir a fala na situação de enunciação. Tal tentativa confirma-se pelo emprego da expressão *Segundo ela*, entre parágrafos, um caso claro de modalização em discurso segundo (termo de Authier-Revuz para nomear o discurso relatado), marcando que o enunciador não é o responsável por tal enunciado.

No trecho a seguir, o enunciador simula um diálogo entre o narrador e a colega. Em determinado momento, o narrador mimetiza seu questionamento à colega, e coloca a pergunta feita em formato de discurso direto (*E ela própria?, pergunto. Está mais calma?*), como se desejasse passar ao enunciatário um efeito de realidade ao interrogar a colega. Logo a seguir, no entanto, o narrador recoloca-se em seu lugar de costume, ou seja, a posição de redator do conteúdo dito, empregando o verbo introdutor descritivo *responder* e indicando uma cronologia discursiva.

Saiu de lá com um spray que borrifa no focinho de Bidu duas vezes por dia e está satisfeita com os resultados. O cão voltou a ser o que era. E ela própria?, pergunto. Está mais calma? Renata responde que, por enquanto, não. Continua convivendo com doses gigantescas de ansiedade. Mas, no mesmo dia em que o Bidu começou seu tratamento, ela foi a um terapeuta que prescreveu a ela acupuntura e florais de Bach. As sessões de acupuntura nem sempre dá pra fazer, por causa das viagens, mas os florais não saem mais de sua bolsa. Agora é esperar até fazer efeito, Renata diz, com um tom que mistura esperança e desânimo em proporções iguais.

É interessante observar a predominância do discurso indireto em um post de conteúdo extremamente polêmico, que aborda a condição feminina na sociedade.

Ao enunciar os acontecimentos de uma terceira pessoa sob um ponto de vista próprio, o enunciador se coloca como tradutor das circunstâncias que o atravessam e eleva a condição da colega a um plano social, para transmitir uma mensagem sobre a conjuntura da categoria feminina no mercado de trabalho. O enunciador posiciona-se ideologicamente a respeito do tema ao subordinar as falas do interlocutor ao seu modo de expressão da mensagem, pois, para Fiorin (2006a: 76), "o discurso indireto analisa o discurso ou o texto de outrem. Serve, quando na variante analisadora de conteúdo, para constituir uma imagem do locutor, pois mostra suas posições ideológicas ou seu modo de ser psicológico".

Aspas, provérbios e slogans

Demorei um tempo para me lembrar que existiam pessoas à minha volta que, possivelmente, haviam escutado o papo todo de comecei-a-dar-o-rabo-logo-depois-de-ter-saído-com-você e, em câmera lenta, em um efeito que se fosse um filme seria o de "lost in translation", fui olhando para o lado direito.

Sim, lá estava ele. O pirulão-aguado-quase-adolescente, que olhou bem prá mim e disse, enquanto se afastava empurrando a bicicleta:

- Olha, eu andava te olhando e até pensando em te chamar prá sair... Mas depois dessa, deixa prá lá né? Eu, hein?

E se afastou.

E quando eu achava que a situação não poderia ficar pior, olho para o lado esquerdo e, como não poderia deixar de ser, lá estava o quarentão-grisalho-delícia. Que sorriu e se afastou franzendo o queixo, do tipo, "putz... que situação... já vou indo... tenha um bom dia".

Na verdade eu já tinha até me esquecido dessa história, que foi suplantada pelo barraco na funilaria que aconteceu logo depois e que contei aqui. Só me lembrei do ocorrido hoje pela manhã quando, correndo no parque, cruzei com o quarentão-grisalho-delícia.

Que me deu um bom dia formal, sem nenhuma piscadinha.

No primeiro caso desse trecho de *All Made of Stars*, o enunciador compara a situação pela qual passou a cenas do filme *Lost in Translation* (2003) - em português o filme foi traduzido como *Encontros e Desencontros* — dirigido por Sofia Copolla, marcado por vários desencontros (tanto físicos, quanto amorosos) entre os dois personagens principais. Para sustentar uma diferenciação entre a fala do enunciador e a do interlocutor nãoidentificado, são empregadas as aspas, que, nesse caso, delegam ao enunciatário a tarefa de interpretar o motivo do sinal gráfico ter sido usado (uma palavra em língua estrangeira), uma lacuna a ser preenchida e atualizada pela leitura. No segundo caso, o interlocutor pode ser identificado no texto, ou seja, trata-se de um segundo espaço enunciativo, uma segunda voz cuja responsabilidade o enunciador não deseja assumir. Em tom bem-humorado, o enunciador coloca na voz do *quarentão-grisalho-delícia* as palavras que ela presume que seriam enunciadas caso ele tivesse se manifestado a respeito da situação: *E quando eu achava que a situação não poderia ficar pior, olho para o lado esquerdo e, como não poderia deixar de ser, lá estava o quarentão-grisalho-delícia. Que sorriu e se afastou franzendo o queixo, do tipo, "putz... que situação... já vou indo... tenha um bom dia".*

Um segundo exemplo, também retirado de *All Made of Stars*, admite o mesmo sentido das aspas, aquele de uma segunda voz imaginária:

Então o que é que você esperava? Um aperto de mão, beijo ou abraço? Sorriso cordial de "ei!, quanto tempo!"? Perguntas sobre sua vida, "e aí, como andam as coisas"? Lágrimas na *big scene* de devolução da chave da minha casa? Que eu oferecesse um café, uma rosquinha, meu corpo talvez? Há!

Eu ainda sinto raiva, mas hoje em dia ela já vem acompanhada de desprezo e pena, o que é bom, em se tratando do meu processo de *letitgo*. Porque depois vem o descaso, quase perdão, quase esquecimento. E depois disso vem um enorme nada.

Você disse que nunca seria mais um dos meus falecidos.

Que não se matasse então.

Oras pois.

O enunciador de *Chá de Hortelã* emprega as aspas também para marcar uma diferenciação entre a sua voz enunciativa e aquela outra, em língua estrangeira: mencionar a palavra *pet-friendly* em detrimento de uma expressão que signifique um tipo de hospedagem que aceita animais de estimação:

James

O Bender é uma gracinha e fez um post montando um elenco de uma novela blogosférica me colocando como protagonista da tal novela. E no post ele põe para ilustrar a foto do Lima Duarte. Isso me fez lembrar um causo que aconteceu anos atrás envolvendo o Lima Duarte, a Débora Duarte, eu e um cachorro chamado James.

Eu estava passando uma temporada num spa (bons tempos aqueles em que eu podia passar uma temporada num spa) e lá no spa um dos funcionários tinha uma cadela Golden Retriever com 3 filhotes para vender. Eu estava lá com minha fêmea chow chow e ela se deu superbem com os filhotes de Golden e tanto ela como eu estávamos apaixonadas por eles.

Eu acabei comprando um dos filhotes e dei o nome de James. Outras hóspedes do spa ficaram animadas e os outros dois filhotes foram logo vendidos porque o lugar era muito "pet friendly" e todos estávamos muito contentes com nossos cachorros novos.

Um belo dia chega a Débora Duarte para ficar hospedada também e logo ficamos amigas. Indo passear pela cidade vizinha, fazendo atividades juntas, batendo papo, essas coisas.

Pois ela me convida para ir ao aniversário do pai dela: você é o tipo de mulher que meu pai adoraria conhecer, diz ela.

E assim, fui convidada para almoçar na casa do Lima Duarte com a família.

Mas o que eu levaria de presente? Daí fico sabendo que ele adorava cachorros e morava num sítio na beira de uma represa próximo de onde estávamos. E um de seus cachorros havia morrido, se não me engano (a história já faz um tempo e não me lembro direito).

Bem, Débora e eu resolvemos levar o James para ele num presente conjunto.

...

Acho que no princípio o Lima Duarte tomou um susto de ganhar um cachorro. Mas logo em seguida, uma das coisas mais fantásticas era ouvi-lo chamando **"James"** com aquela voz poderosa que tantas vezes eu ouvi na televisão. Ele enchia a boca para falar: James!

E o James adorou o lugar. O gramado, o lago, tudo.

Conversei longamente com o Lima Duarte. Ele me mostrou tudo por lá: suas carpas de estimação, que ele falava "nishiquigói" (acho que é assim), suas pingas que eu tive que provar. Um homem galante e charmoso.

...

Nunca mais o vi. Até que gostaria de saber do James e dele. Que dupla...

O enunciador também utiliza as aspas para enfatizar a fala do interlocutor, no caso, o ator Lima Duarte. Para simular a fala do interlocutor ao chamar o cachorro recebido de presente, o enunciador precisa demarcar que se trata de uma segunda voz enunciativa. Para isso, o enunciador descreve até o tom de voz com que o interlocutor chamou o animal. Também para demarcar a voz do interlocutor, o enunciador coloca entre aspas a palavra *nishiquigói*, escrita de forma oralizada, para referir-se às carpas do ator. As aspas também são comumentente empregadas nas citações em discrurso direto, para simular uma segunda voz, como em *Recordar, Repetir e Elaborar*:

Admitir um erro ou um problema, freqüentemente, constitui apenas uma excelente forma de se manter atrelado indefinidamente a eles. "Vejam, errei" quase sempre leva às justificativas: sou assim mesmo / não tem jeito / não aprendo.

Como saber, então, quando é uma coisa e quando é outra – quando o reconhecimento de um erro ou problema é indício de sua iminente resolução, e quando não passa de uma excelente desculpa para chafurdarmos na bobagem cada vez mais? Em outras palavras, como saber se estou sendo honesta quando digo que aos poucos estou resolvendo os problemas relacionados à perda da minha mãe? Como saber que não estou me enganando, contando uma historinha fofa, quando na verdade chafurdo em meu egocentrismo cada vez mais?

A modalização autonímica por meio da expressão *Em outras palavras*, permite ao enunciador desdobrar a sua fala, comentando-a, caso que Authier-Revuz denomina como "não coincidência do discurso consigo mesmo". Por último, o enunciador utiliza as aspas para marcar um trecho de um romance.

Um tipo de polifonia menos visível é aquela do provérbio e dos slogans, bastante presentes nos diários virtuais íntimos. Quando o enunciador de All made of stars efetua a imitação *Pensei também nas inúmeras vezes em que esperamos certas atitudes de certas pessoas em vão, pois na verdade tomateiro nunca vai dar rabanete e focinho de porco nunca vai virar tomada,* ele não apenas reproduz um provérbio, mas o capta, tomando seu valor pragmático. Não se trata de uma citação, como ocorre no discurso direto, pois trata-se de uma retomada de outros enunciados já proferidos anteriormente e cuja interpretação deve ser efetuada pelo enunciatário, que deve identificá-lo com base em sua memória,

uma vez que o provérbio pertence a um estoque de enunciados conhecidos como tal pelo conjunto dos falantes de uma língua: supõe-se que eles o conheçam da mesma forma que conhecem o léxico da língua; alias, os provérbios encontram-se nos dicionários (Maingueneau, 2004:170).

A alusão ao provérbio também pode ser observada nos trechos seguintes de *Continua Valendo*, com a finalidade de traspor um *ethos* cômico a um enunciado de ordem religiosa, por meio de uma subversão:

Então o blog estava às moscas por uns vinte dias.

às moscas não. O blogue (sic), assim como minha casa, e aparentemente toda a minha vida, estava entregue às pulgas.

...

O fato é que Elas, as pulgas, vieram. Viram.

Quase venceram.

...

Pisei na primeira.

Continuei meu caminho.

Veio a segunda.

A terceira. Pisei na segunda e na terceira.

Vieram todas.

Pisaram em mim.

...

Fui para a casa do meu pai, refúgio sempre aberto para as minhas aflições.

...

No sétimo dia, as pulgas voltaram.

No final do mesmo post, o enunciador de *Diário da Lulu* faz alusão a enunciados provenientes de músicas que perduram na memória do brasileiro: Ok, confesso. *Sou do tipo que odeio insetos e bichos escrotos que saem do esgotos*. Quero que morram.

Essa combinação de alusão a músicas do repertório nacional e de subversão de enunciados religiosos se faz presente também no seguinte post, em *Drops da Fal*:

por onde andei no tempo em que você sonhava

Oizim leitor. Aqui no mundo real, seis horas da manhã. Frio, mas não tanto assim. Passei a noite acordada e vi as cores da madrugada. Não trabalhei, não vi tevê com atenção, não li, não, não nada.

...

Aliás, Darwin adoraria nosso café da manhã. Principalmente depois que, ontem, a Nanda me ensinou a oração *"Creio na mitose e na meiose acima de todas as coisas...."* ...Chuva em São Paulo, muita, muita, torrencial. O gatinho preto, Bolívar, me olha e mia bravo pra mim indignado. Ele quer sair pela janela pra

bater nos gatinhos do mundo e eu tenho que dar um jeito da chuva parar. Ah, gatinho preto, com tantas coisas mais simples totalmente fora da minha alçada, como que eu vou controlar justo a chuva? *"e que a possibilidade esteja sempre conosco..."* Vera Guimarães citando a amada Esther Lucio Bittencourt

Semelhante ao provérbio, a alusão a slogans também se destina a repetir indefinidamente uma fórmula curta, apoiada em rimas e que supõe a interpretação do coenunciador. No entanto, enquanto o provérbio, segundo Maingueneau (2008:171), é "uma asserção sobre a maneira como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, dizendo o que é verdadeiro", o slogan "está associado sobretudo à sugestão e se destina, acima de tudo, a fixar na memória dos consumidores potenciais a associação entre uma marca e um argumento persuasivo para a compra". Assim, no trecho a seguir, o enunciador de *All Made of Stars* utiliza um slogan do Ministério da Saúde, que faz parte de sua campanha contra o tabaco, para efetuar uma recomendação profissional, empregando-o para argumentar a favor de seu conselho:

E sempre – SEMPRE! – que puder supervisionar seu trabalho com OUTRA pessoa que NÃONÃONÃODEFINITIVAMENTENÃO dê choque e nem tenha LINDOSLINDOSLINDOSOSMAISLINDOS olhos acinzentados, o faça.

O ministério da saúde adverte.

Juro.

IV.4 – ARTICULAÇÕES INTERDISCURSIVAS

O estudo das embreagens e debreagens actanciais demonstra os mecanismos de colocação do sujeito no discurso, dos quais destaca-se a alternância de efeitos de sentido de subjetividade e objetividade materializados nos diários virtuais íntimos, mas enfatizando uma subjetividade formada a partir do outro, e não do eu, apenas. Os procedimentos de discurso direto e indireto, o emprego das aspas, do diálogo e da estilização por meio de músicas, ironia, frases feitas e jargões atestam uma característica primordial desse objeto: a heterogeneidade de seus enunciados, seja em relação à noção de polifonia de Bakhtin ou de uma heterogeneidade constitutiva do próprio discurso, produzida pela dispersão do sujeito e que se expressa no texto por diversas formações discursivas, remetendo a diferentes posições enunciativas do sujeito.

Como a função-autor exerce forte influência nos diários virtuais (geralmente relacionada ao pseudônimo ou nome empregado pelo enunciador), essa heterogeneidade é trabalhada sempre na oscilação entre um efeito de sentido de unidade de vozes, fazendo com que o texto adquira uma coerência autoral e um efeito de sentido polifônico, expresso por meio das diversas vozes. O sentido não se dá apenas no enunciado, mas também pela relação entre esse enunciado e as vozes discordantes ocultas pelo enunciador. Por isso, é importante buscar a "voz do Outro" nos enunciados, uma "heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o Mesmo do discurso com seu Outro, ou, em outros termos, que permite a inscrição no discurso daquilo que se costuma chamar seu 'exterior'" (Brandão, 1991: 71).

Certamente um dos pontos mais interessantes explorados nesta dissertação envolve uma problemática do interdiscurso, exposta por Maingueneau. Segundo o autor, o discurso pode ser definido como dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas. Só uma

parte do dizível é acessível, e esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade. A identidade de um discurso não é somente uma questão de vocabulário ou de sentenças, mas sim depende de uma coerência global que integra múltiplas dimensões textuais. Trataremos de discurso aqui como a relação que une os conceitos de formação discursiva e superfície discursiva, correspondente ao que Foucault denomina discurso.

A articulação entre um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica proposta por Maingueneau atinge as propostas deste trabalho em seu cerne teórico, pois só seria possível pensar em diários virtuais íntimos considerando tanto os arranjos textuais e discursivos quanto a relação desses discursos com um contexto extradiscursivo enunciado.

De acordo com a primeira hipótese de Maingueneau, o interdiscurso tem precedência sobre o discurso, o que significa que o estudo da especificidade de um discurso supõe que seja posto em relação com os outros. O interdiscurso também é espaço de regularidade pertinente, do qual diversos discursos são apenas componentes, formam-se de maneira regulada no interior de um interdiscurso.

Este trabalho compreende as práticas discursivas enunciadas em um ambiente hipertextual. Está, desde o início e conforme a orientação de Maingueneau, destinado a pensar uma mistura inextricável do mesmo e do outro, uma rede de relações constantemente aberta. O hipertexto, por si só, condiciona mecanismos textuais de construção de sentido diferenciados daqueles da escrita linear devido à sua arquitetura multidirecional, formada por redes interligadas por pontos e nós.

Como o hipertexto comporta textos de gêneros diferenciados, traçar os limites de um terreno de investigação, ou seja, selecionar uma tipologia específica a ser estudada constitui uma escolha metodológica que visa facilitar as descobertas das especificidades discursivas, neste caso, dos diários virtuais íntimos. No entanto, deve-se atentar para um perigo de isolar este objeto sem reconhecer as relações semânticas globais, pois: "comparado ao universo dos possíveis, o campo dos discursos recortados e estudados por uma área social dada é apenas uma ilhota de resíduos de uma exigüidade extrema" (Maingueneau, 2008: 26).

Com o intuito de mergulhar nas particularidades dos diários virtuais íntimos, como *corpus* de referência, tem-se a pretensão proposta por Maingueneau de falar de todos os discursos falando apenas de alguns, mas também falar apenas de alguns pensando falar de todos. Como já foi mencionado, a noção de formação discursiva deve ser empregada como inseparável da do interdiscurso. Assim, uma formação discursiva não deve ser entendida como um bloco compacto e coeso que se opõe a outras formações discursivas. Pois, "uma FD ê heterogênea a ela própria" (Brandão, 1991: 75) e o seu fechamento é bastante instável, não há um limite rigoroso que separa o seu "interior" do seu "exterior", uma vez que ela confina com várias outras formações discursivas e as fronteiras entre elas se deslocam conforme os embates da luta ideológica. É assim que se pode afirmar que uma formação discursiva é atravessada por várias formações discursivas e, conseqüentemente, que toda formação discursiva é definida a partir de seu interdiscurso.

Se o *primado do interdiscurso* nos leva a criar (Maingueneau, 2008:35) "um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro", é importante reconhecer o Outro com o qual o discurso íntimo se relaciona para atingir a especificidade desse discurso.

A tarefa exige o emprego da nomenclatura criada por Maingueneau para definir o interdiscurso que, segundo o autor, é formado pela tríade universo discursivo,

campo discursivo e espaço discursivo. Universo discursivo é o conjunto de formações discursivas que interagem numa conjuntura dada. É o horizonte a partir do qual serão construídos os campos discursivos, constituídos por um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. Espaços discursivos são subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação[7].

Os diários virtuais íntimos, como gênero discursivo, fazem parte do universo discursivo do ciberespaço, no qual concorrem formações discursivas por vezes conflitantes. Os sistemas de coerções semânticas do ciberespaço permitem afirmar, de antemão, que algumas continuidades e regularidades serão descobertas no plano do conteúdo dos diários virtuais íntimos.

Estamos diante de uma vasto conjunto textual, produzido por inúmeros indivíduos, porém todos inseridos em um contexto espaço-temporal semelhante, ou seja, são pessoas inseridas socialmente nas cidades modernas, marcadas por um tempo em que os meios de comunicação transformam os processos de subjetivação e identificação, regem a velocidade da transmissão da informação, alteram os estados emotivos e as memórias do indivíduo, subvertem a relação tradicional moderna entre o público e o privado, além de sugerirem uma nova relação entre o sujeito e o espaço em que convive.

Para acessar a diversidade de campos ideológicos da época contemporânea, pretende-se navegar entre a singularidade desses conteúdos, pois criados por sujeitos autônomos, e a integridade semântica desses conteúdos, mergulhados na rede ideológica do ciberespaço. Nas heterogeneidades singulares, buscam-se as regularidades de uma época, por meio de análises textuais, investigando as descontinuidades sintáticas, bem como as intermitências discursivas.

É no interior desse campo discursivo que se constituem os discursos a respeito da função da morte na vida do sujeito contemporâneo, permitindo-o reconhecer-se como ser biológico, capaz de alcançar o progresso e a evolução por meio da razão, mas também alheio às vontades de uma ordem sagrada, que toma ares de transcendentalidade nos tempos contemporâneos. Os discursos sobre o amor feminino também revelam o estatuto da mulher na sociedade contemporânea, ora como um ser independente e racional, ora sujeito às variações hormonais impostas pela comunidade científica. O amor ora adquire tons de liberdade, ora de dependência, da qual busca-se desassociar imediatamente. Nesse sentido, o sexo é visto tanto como um momento de libertação e independência, como de fraqueza e abertura. Os temas sexo, amor e morte propõem relações e confrontos interdiscursivos dos quais se pode depreender a função da figura do indivíduo-sujeito na sociedade contemporânea, detido entre uma unidade monológica individual e uma constante necessidade do outro, como fundamento de sua descentralidade, ambos atados a uma terceira ordem, a da culpa católica.

Assim, os discursos sobre a morte, o amor e o sexo na contemporaneidade se formam no interior de um "sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro" (Maingueneau, 2008: 36). Admite-se, assim, sempre um espaço de trocas e traduções, e jamais de identidade fechada. O outro, do

7. Conceito de interdiscurso definido a partir de resenha da página 33 de *Génese dos Discursos*, de autoria de Dominique Maingueneau.

qual faz parte o discurso religioso, representa a zona do interdito, comprovando o caráter essencialmente dialógico de todo discurso.

Assim como Fiorin, Maingueneau ressalta a importância da inserção do sujeito em determinada posição enunciativa de acordo com uma competência interdiscursiva. O enunciador de um diário virtual íntimo, entre uma comunidade de outros enunciadores internos e externos ao ciberespaço, insere seu discurso em formações discursivas variadas, de acordo com a competência discursiva. No entanto, não se pode presumir uma coesão social prévia, como afirma Maingueneau, pois tal comunidade não é exterior ao discurso e a heterogeneidade exerce um papel importante no exercício das competências discursivas. Diante dessa perspectiva, o que, especificamente, justifica a escolha dos enunciadores? Não por serem especificamente representativos, mas porque estão inseridos na malha de enunciadores competentes discursivamente.

Assim, não se trata aqui de desenvolver um panorama analítico da evolução histórica e discursiva do sexo, do amor e da morte na sociedade contemporânea, mas sim explorar sistematicamente as possibilidades de um núcleo semântico que integre os três temas em conjunto, com a finalidade de agenciar algumas explanações a respeito dos processos de subjetivação e identificação do indivíduo contemporâneo rejeitando a noção de formação discursiva homogênea.

O post a seguir, marcado fortemente pela presença do conteúdo temático da morte, ilustra os cruzamentos do sistema de restrições semânticas valorizando euforicamente uma lógica humana frente à morte, a partir do enunciador de *Zel*, disposto a defender a prática da eutanásia:

a hora de ir

eu disse que queria falar de eutanásia, e acho que hoje é o dia. especialmente porque ontem ela teve que tomar essa difícil decisão por sua gatinha, charlote.

vocês sabiam que a palavra eutanásia vem do grego, *bom + morte*? eu não sabia, e gostei de descobrir, porque realmente acredito que a eutanásia é um ato de caridade, respeito e amor. descobri ao mesmo tempo que eutanásia é ilegal no brasil (para humanos, suponho), é considerada homicídio (leia o texto com reservas, ele é bastante parcial).

um dos argumentos contra a eutanásia é que ela seria executada em benefício não do paciente mas dos familiares ou responsáveis. algo como "precisamos **nos** livrar desse problema / sofrimento". só quem realmente nunca precisou passar sequer perto dessa opção pode pensar que é essa a motivação de quem toma essa decisão.

bah, eu sei que haverá os que querem se livrar do fardo, e pronto. assim como há mães que engravidam para ganhar pensão ou homens que compram uma esposa para ter escrava particular. posso estar errada, mas me parece que transformar a opção por uma morte assistida e digna em crime é forte demais.

da minha parte, gostaria de ter esta opção, seja pra mim ou pra qualquer pessoa que eu amo. não consigo imaginar nada pior que assistir alguém amado sofrendo ou ligado a aparelhos num hospital, sem esperança de recuperação e ainda assim amarrado a um arremedo de vida.

mas é bem mais fácil falar que fazer, admito, e a única experiência que tenho a respeito é com meus furões. optamos pela eutanásia de 2 dos nossos queridos: pixel e groo.

O texto constrói-se sobre a oposição semântica *vida* versus *morte*. Embora a vida seja valorizada positivamente no texto, o trabalho que a preservação de uma vida moribunda exige leva a uma inversão da vida como uma valor positivo e da morte negativo. A eutanásia passa a ser uma alternativa valorizada euforicamente. Embora possa parecer absurdo considerar a morte como um termo eufórico, o percurso argumentativo do texto leva o enunciador a valorizar positivamente a morte via eutanásia. Parte-se, então, da negação de uma construção legal de positividade da vida, na qual toda vida humana deve ser defendida, ou seja, todo ser humano deve lutar para ter direito à duração eterna. Em uma lógica interdiscursiva que valoriza o saber científico e uma concepção tecnicista do corpo humano, a eutanásia surge como salvação a ser realizada pelo outro como ato de amor e não como homicídio.

Segundo Bauman (2008), as duas pontes modernas, públicas e de livre acesso que ligavam a finitude da vida ao infinito foram rompidas: a nação e a família. Essa entrada em massa na transcendência, prometida por essas duas instituições, perde sua força atrativa, deixam de "resumir a duração perpétua". Conhecida a impossibilidade de transcendência, valor disfórico à lógica materialista, a eutanásia surge como modo de atenuar a dor da morte imprevisível. Essa negação da infinitude pode também, em última instância, ser interpretada como tentativa de acesso paradoxal a essa escala superior.

O início do post é essencialmente temático, pois organiza, categoriza e ordena os elementos do mundo natural, vivido. O enunciador busca explicar uma realidade, argumentando a favor da prática da eutanásia. O léxico mais abstrato, em termos como *acreditar* e *considerar* (verbos), *homicídio* e *decisão*, *opção* e *esperança* (substantivos). Por outro lado, na seqüência, temas como *morte*, *vida* e *eutanásia* são assim, figurativizados em termos como *hospital*, *cirurgia* e *sedação*.

> o primeiro foi o mais difícil, não por ser o primeiro mas porque fomos pegos de surpresa. ele ficou mal subitamente (úlcera perfurada) e foi só na mesa de cirurgia que pudemos entender o quanto seus órgãos estavam comprometidos. ele tinha mais de 5 anos (idade considerável para um furão), teria que ter seu estômago reparado e toda cavidade interna tinha sido de alguma forma comprometida pelo suco gástrico. a operação era viável, porém as chances eram poucas e sua recuperação seria muito dolorosa, caso ele conseguisse sobreviver à cirurgia.

No entanto, ao longo do post, o tema morte via eutanásia é figurativizado, buscando representar e descrever o tema abordado. O enunciador busca simular o mundo, ao explicar as condições de saúde do animal em termos como *estômago*, *úlcera* e *UTI* (substantivos), *perfurada* (adjetivo), *chorar*, *sobreviver* e *sentir* (verbos)

> decidimos então não submetê-lo a isso. nos fizemos muitas perguntas até decidir, mas a mais importante delas é: por quê? qual é o propósito de passar por dor e sofrimento, com chances tão pequenas de sobrevivência? não nos custaria absolutamente nada cuidar dele na recuperação. o bichinho não chora, não reclama de nada. ele ficaria quietinho, e o máximo que nos daria de trabalho seria monitorar de hora em hora, dar os remédios, limpar. tudo o que já fazemos normalmente quando qualquer deles está doentinho. não foi por preguiça e nem para evitar a nossa dor que escolhemos a eutanásia, foi para que sua partida fosse a mais suave possível. o fer, que estava com ele no dia da cirurgia, ficou

ali do lado conversando com ele, protegendo e acariciando até que ele desse o último suspiro. porque era assim que queríamos que ele partisse: sentindo-se seguro e amado, sem dor.

o groo viveu até os 8 anos - um ancião. foram meses de cuidados especiais, pois ele não comia e nem andava sozinho. não fazia mais xixi ou cocô nos lugares certos, sujava a casa toda, os paninhos, trocávamos tudo mais de uma vez por dia. ele tomava remédios 4 vezes ao dia, comia só quando estimulado várias vezes ao dia e precisava de exames constantes de sangue. o fer passou muitas noites em claro com ele, eu passei muitos fins de semana limpando a casa e ajudando com os remédios. até que chegou o dia em que ele já não podia mais ficar em casa, sua glicemia estava tão baixa que teria que ficar internado até que seus órgãos parassem por completo.

fosse ele um humano, teria ido para a UTI e ficaria vivo às custas de aparelhos, até não se sabe quando. sem comer, beber, andar, isolado dos amigos e de nós, cercado por médicos e enfermeiros eficientes porém distantes.

ele passou 2 dias internado, no terceiro dia fomos nos despedir. pegamos no colo, fizemos muita festa, demos todo nosso amor e dissemos adeus. agradecemos a ele por todos os anos de alegria que nos proporcionou. ele foi sedado e a injeção final foi aplicada. nossa veterinária e amiga ficou ali conosco, escutando o coraçãozinho dele e fazendo carinho até que ele desse seu último suspiro.

não foi triste, chocante e nem ruim. choramos, é claro, porque nunca é fácil dizer adeus. e o mundo fica fora de prumo quando alguém que nos é caro(*) o abandona. nós sabemos que a decisão que tomamos foi por ele e para ele, que estava cansado e fraco, sem esperanças de qualquer melhora. não há um fiapo de arrependimento ou de dúvida em mim, tenho absoluta certeza que fizemos o que era melhor pra ele.

quanto mais penso mais acho que manter vivo alguém que sofre sem esperança ou que não tem mais vontade própria é egoísmo. é difícil aceitar que alguém que amamos vai embora para sempre. preferimos manter alguém sofrendo porém vivo a abrir mão da existência do outro.

bom... o assunto é difícil e acho que não existe resposta certa ou errada, no fim das contas. sei o que sinto e acho *hoje*. e neste momento fico feliz por ter tido coragem de escolher a eutanásia para os nossos pequenos. estou certa que eles são gratos, onde quer que estejam.

(*) há quem ache que é bobagem amar animais, eu sei, mas deixo pra lá. aqui nesta casa não trabalhamos com amor categorizado. amamos sem reservas, independente da espécie.

Já no final do texto, a tematização volta a predominar, investindo semanticamente conceptualmente as figuras relatadas anteriormente. A explicação do mundo por meio dos temas sugeridos justificam a ordem social no diário virtual íntimo, ou seja, da defesa da eutanásia como uma alternativa ao sofrimento em vida, ordem exemplificada pelo termo *gratidão*.

A figura da proprietária do animal de estimação é tematizada, no texto, pelo papel social do médico, responsável por favorecer ou não a prática da morte induzida por medicamentos. A figura do animal de estimação é tematizada como um paciente, alheio às decisões da instituição de saúde, explicitamente, o hospital. Tanto o animal de estimação quanto o seu dono são substituídos com a finalidade de inseri-los

numa ordem científica, que, pela prática da eutanásia, tem o poder de substituir a incerteza do sofrimento pela certeza da morte indolor, sob a justificativa positivada do benefício do paciente. O ser humano, em seus dramas e instabilidades, torna-se uma figura negativa, que somente pode ser positivada pelo controle oferecido pela Medicina. Nega-se a vontade de Deus, e até o momento da morte pode ser manipulado. Uma concepção tecnicista separa o médico do paciente, quando ambos devem ser duas instâncias interdependentes no processo. Vida e morte são dois lados desse mesmo processo, fenômeno físico e corpóreo, apenas. A fraqueza humana diante da fragilidade desse corpo físico é substituída pela força da eutanásia como salvação. Em contrapartida, no espaço discursivo da lógica divina, a eutanásia é traduzida em homicídio, um pecado do qual todo ser humano racional deve se abster.

Tal polêmica discursiva é reiterada pelo historiador francês Phillipe Aries, que explica os diversos motivos da dificuldade de lidar com a morte em nossa sociedade. A morte, para ele, é vista como um assunto mórbido e interdito:

> Hoje é vergonhoso falar da morte e do dilaceramento que provoca, como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres. Quando alguém se desvia de você porque está de luto, está dando um jeito de evitar a menor alusão à perda que você acaba de sofrer, ou de reduzir as inevitáveis condolências a algumas palavras apressadas; não que a pessoa não tenha coração, que não esteja comovida, pelo contrário, é por estar comovida, e quanto mais comovida estiver, mais esconderá seu sentimento e parecerá fria e indiferente…O decoro proíbe, a partir de então, toda referência à morte. (Aries, 2003:224)

Assim, a oposição entre vida e morte, presente no texto, também se manifesta no medo interdito da morte, separando e excluindo do mundo dos vivos, seres saudáveis e completos em sua corporalidade, do universo dos fracos e doentes.

As construções identitárias no ciberespaço acontecem pela filiação enunciativa a uma ordem do ideal de eu, um ideal do corpo humano como unidade indestrutível, mas amedrontado a fragmentado diante da possibilidade da morte. Esse embate inconciliável e inevitável com a morte revela a necessidade do outro para a continuidade da vida, um outro como representante maior da fragilidade e da instabilidade humanas. Assim, o animal sai da esfera do instinto para representar-se enunciativamente como um paciente racional, também o autor empírico, de dono do animal, simula sua identidade agora como um médico, identificado pelo campo científico.

O computador e seu papel transformador dos modelos mentais possibilita que o enunciador do diário virtual íntimo introjete uma visão de mundo construída a partir do pressuposto da ciência e da Lei, que oferece provas verificáveis do mundo como uma realidade vivida pela percepção sensível humana, ignorando as opacidades dessa suposta realidade. Comprovam esse fato os links que estão associados ao post: relacionada à palavra *eutanásia*, logo no início do post, encontra-se uma página didática que explica o tema. O trecho *é considerada homicídio* está linkado a uma página da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) que relata as penalidades criminais da prática da eutanásia. Estes são os dois únicos links presentes neste post, comprovando a associação identitária do enunciador a uma complexa rede de enunciadores-outros, mas a maioria deles organizados segundo uma ordem da Ciência e da Lei.

A lógica do trecho analisado, embora inserido em ambiente essencialmente hipermediático, tende a valorizar a leitura linear e tradicional que, de certa maneira, busca desaparecer com as transposições das janelas, estimulando o leitor a

percorrer o texto sem se dispersar nos links. As narrativas do trecho analisado são, portanto, imediadas, acentuando o caráter (*ethos*) centrado frente à diversidade de vozes e pontos de vista a respeito do tema. Os poucos links empregados direcionam, portanto, a páginas que corroboram tal ponto de vista.

Embora no ciberespaço concorram formações discursivas tanto em defesa quanto contrárias à prática da eutanásia, o enunciador opta por elencar apenas as favoráveis ao seu ponto de vista, transmitindo um *ethos* centralizador e estável frente às instabilidades discursivas de suas viagens pelos labirintos do ciberespaço. Ainda inserido na lógica humana, o enunciador identifica-se apenas com as perspectivas eufóricas da certeza e da unidade, refutando aquelas disfóricas da incerteza frente à morte e da pluralidade de pontos de vista sobre a prática da eutanásia.

A possibilidade de diálogo facilitada pela tecnologia permite uma diversidade de posições identificatórias e, no diário virtual íntimo, o enunciador tem, a cada post, uma imensa variedade de representações (temos aqui, o sentido de representação como cena ou papel) à disposição, com as quais se associar, tendo sempre latente a tensão entre uma pluralidade de cenas possíveis e uma unidade que clama pela responsabilidade autoral. Essas identificações feitas a partir da voluntariedade por meio dos links do enunciador demonstram a tensão entre uma abertura à descentralização e um fechamento totalizador, tentativa intencional de centralização. As construções subjetivas no diário virtual íntimo ocorrem justamente por meio dessa interface tensa e paradoxal.

Os enunciados dos diários virtuais íntimos constroem redes de sentidos no ciberespaço, nichos em relação global com o mundo e com as outras redes. No ciberespaço, são vários os sentidos em torno de tais parâmetros, bem como os modos de colocação destes na superfície discursiva. Os diários virtuais íntimos são um ponto da rede onde convergem e concorrem tais sentidos e formações discursivas em função das características do ciberespaço como labirinto pelo qual os indivíduos navegam.

A identidade se constrói navegando no labirinto, povoando essa rede emaranhada de narrativas hipertextuais individuais e singulares. As idas e vindas por várias dimensões, sejam elas hipertextuais, lingüísticas ou espaciais, arquitetam a identidade do sujeito, ou melhor, são processos de identificações que permitem ao sujeito se fazer conhecer, dando um sentido à sua existência, construindo uma linearidade, uma coerência, mesmo que fantasiosas.

Além do tema *sexo,* o sistema de restrições semânticas que circunscreve um modo de enunciação e um *ethos* específico também pode ser observado em posts que tratam das relações amorosas. Ao longo do texto a seguir, de *Continua Valendo*, um narrador se propõe a descrever suas percepções a respeito de um filme, recém-lançado à época da publicação do post, chamado *Sex and the City*, continuação de uma série de televisão norte-americana famosa, lançada em 2001.

O Casamento e a Cidade

Reparei que o filme Sex and the city chegou nas locadoras. Para mim, que ando na idade das pedras e não tenho tevê, devedê, nem tevê a cabo é totalmente indiferente, mas serve de pretexto para a escrita sobre o filme, ou... sobre como a busca de sexo e curtição na cidade vira a busca frenética do casamento.

Quando a série estreou, acho que no raiar deste novíssimo século, apresentava-se como algo novo e disruptor daquilo que era usual em séries de personagens

femininas. Era uma série sobre mulheres na casa dos trista anos, que curtiam suas amizades e vidas. Belas, estilosas, bem sucedidas e que gostavam - olha só! todos pareciam dizer... - de sexo, e praticavam sexo, com arte, regularidade, e - olha só! todos pareciam dizer... - diferentes parceiros.

Então uma trabalhava em uma galeria de arte, outra era uma badalada produtora de eventos, outra uma super advogada e havia até uma escritora, com direito a uma coluna semanal sobre sexo e a cidade, que dava o eixo da trama. Eu me identifiquei, minhas amigas se identificaram, todo mundo se identificou: mulheres solteiras e de bem com a vida, procurando alguém mas procurando, principalmente, se divertir, procurando caminhos para a sua sexualidade, se metendo em roubadas, acertando e errando por aí, curtindo a cidade, curtindo e cuidando de si, se vestindo de maneira sexy e bem à beça.

O narrador não se limita à simples descrição do roteiro do filme, mas o faz a partir de uma crítica sobre o papel do casamento para a mulher na sociedade contemporânea. O texto é predominantemente temático, comprovando a idéia de que o narrador não deseja descrever o filme minuciosamente, nem caracterizar seus personagens, empregando apenas o título de suas profissões para referir-se às personagens: a *marchand*, a produtora de eventos, a advogada e, principalmente, a escritora, que narra o filme e a série. Os termos *apresentar, identificar, procurar e criticar* permitem ao narrador observar criticamente o mundo em que vive, bem como as instituições que regem sua ordem social, fazendo com que todos os personagens sejam descritos conforme o papel que exercem no filme.

Sendo sexo e casamento os assuntos principais, o narrador de sexo feminino também apresenta a maneira como a série, bem como o filme, foram recebidos pelo público feminino na época de seus lançamentos:

Houve quem criticasse desde o início a maneira um tanto superficial como as meninas lidavam com a vida, seu apego exagerado a sapatos e roupas de grife, à imagem em geral, o fato de que a escritora não lia livro algum e uma certa compulsão por homens e sexo e consumo. Ok, mas tudo bem, a série podia até ser um pouco chata mesmo, mas a idéia de mulheres independentes e livres, fazendo sexo pela cidade, como homens, gozando e se divertindo, usando roupas bárbaras e se dando bem em seus trabalhos era interessante e sim, tinha seu toque libertador.

O final da série já havia sido assustador: a advogada, ex-solteira convicta, casara e se mudara para o Brooklin. Vende seu super apartamento em Manhatan e termina a série numa casa distante das amigas, da badalação, trocando as fraldas do filho e dando banho na sogra já velha e doente, que veio morar com eles.

A galerista pedira demissão, deixara de trabalhar, vivia no apartamento conquistado no primeiro casamento (mal sucedido - terror dos terrores!) , e graças aos deuses e a uma conversão ao judaísmo casara-se novamente e agora concentrava-se na tentativa de adotar uma criancinha, já que não conseguia ter filhos.

Samantha, talvez a mais liberada sexualmente de todas, tivera câncer e percebe como um parceiro é importante, o mocinho lindo a acompanha durante todo o processo, pega na mão dela, e ela acaba casando também, agradecida e feliz, resolve se dedicar ao moço e à carreira do rapaz.

A escritora não casa, mas quer muito muito casar e, saída de uma relação roubada, volta a procurar o homem da sua vida, apelidado de Mr Big. (...)

Ele utiliza uma narrativa fílmica como um simulacro do mundo conforme sua ótica, ou seja, idealiza um mundo no qual as mulheres estão sempre à procura de parceiros ideais, uniões estáveis e perfeitas. No entanto, narra em tom de surpresa o final da série, na qual esse ideal de mundo teria se rompido para dar lugar a relações amorosas que nada tinham de perfeitas.

Em detrimento dos nomes das personagens, opta pela tematização de suas profissões com a intenção de enfatizar seus papéis de mulheres inseridas no mercado de trabalho, bem como de afastar a idéia de mulheres na concretude de seu cotidiano. A problemática da oposição de gêneros masculino e feminino, explícita no texto, encobre a real polêmica do post: a função do amor e do casamento na sociedade contemporânea.

> Fui ver o filme. O que teria acontecido com as meninas? Qual a nova trama? qual o enredo principal?
>
> Bem o filme da série sexo na cidade deveria se chamar "casamento na cidade".
>
> a trama inteira desenrola-se sobre a questão do casamento. O da advogada está em crise e ela depara-se com uma traição do marido. O da produtora de eventos que abandonou sua vida e carreira para cuidar da vida e carreira do menino, também está em crise (surprise, surprise...). O da outra que abandonou sua carreira para cuidar da casa e da chinesinha (que apesar de já ter lá sua idade não profere uma palavra no filme inteiro e aparece retratada como uma pequena débilmentalzinha) está ótimo, obrigado e ... last but not least, a escritora reatou com o Mr Big, os dois estão felizes e então... vamos casar. O filme então começa a partir daí, uns casamentos se desmontando, e a outra pirando no casamento dela, com direito a cenas intermináveis de procura de vestidos e conflitos em volta de sapatos, além da questão material de que o casamento assegura, para a mulher, que todos os bens serão divididos no final, se o horror acontecer e aquele bandido te trocar por outra mais magra e mais nova.
>
> O que as mulheres querem, afinal, é casar.

O enunciador relata o filme tendo como eixo a positividade ou a negatividade do casamento para os personagens do filme. Se, na série, as mulheres gozavam de sua liberdade de ação frente às inúmeras possibilidades de escolha em sua vida amorosa e profissional e ignoravam a conjunção pelo casamento, tomado disforicamente (*a idéia de mulheres independentes e livres, fazendo sexo pela cidade, como homens, gozando e se divertindo, usando roupas bárbaras e se dando bem em seus trabalhos era interessante e sim, tinha seu toque libertador.*), no filme, a personagem principal escolhe, segundo o narrador, como uma condição eufórica de existência, o casamento.

> E há amigas minhas que argumentaram que Samantha termina sozinha e feliz, e larga o casamento que a havia engordado e feito dela uma mulher frustrada. Uma pergunta paira no ar: por que uma relação que antes do casamento era aberta e livre torna-se, depois do casamento, uma relação monogâmica, onde a mulher tem que abdicar da sua vida para cuidar da vida do marido? Se a Samantha era uma mulher tão bem resolvida com sua sexualidade e ideais de vida, porque ela não poderia criar uma nova forma de estar junto com alguém, numa relação de companheirismo e igualdade e aberta a experiências sexuais com outras pessoas? Porque ela tem a imbecil idéia de que casar é cuidar do outro e abdicar da própria vida, da própria carreira e da cidade que ama?

> Porque casamento é casamento, é casamento, e a uma mulher como Samantha- que quer viver sua sexualidade de maneria aberta e livre - resta ficar sozinha.
>
> ...
>
> E a escritora... a escritora convence o cara a casar mas se deslumbra com o evento casamento, quer algo grande, arrebatador, acaba intimidando o homem apaixonado, que fica acreditando que o casamento mata o amor. Mas a ilusão é passageira, um não vive sem o outro e ao final, sim! eles se casam, colocam alianças numa cerimônia discreta e ao final, os três casais e a amiga solteira e já magra tomam brunch regado a sucos (cadê os cosmopolitans? eu perguntei, numa útima esperança...) e crianças berrando à mesa. Uma mesa feliz.
>
> A certa altura do filme, Carrie está contando uma história de conto de fadas para a menininha chinesa. A história termina com a princesa encontrando ou sendo encontrada pelo príncipe e vivendo finalmente feliz para sempre. É aqui - eu pensei- aqui que vai haver a crítica, por que a felicidade, desde a mais tenra infância, significa encontrar o príncipe encantado com quem finalmente nos realizaremos e asseguraremos a felicidade eterna? Que nada. Após ler a história, Carrie vai atrás do seu príncipe, revê tudo e decide que o importante mesmo é casar, e não a festa. Mais madura, segura de si, vai lá e casa.

Ao tematizar os personagens do filme e valorizar suas profissões, a narradora eleva a mulher a uma condição profissional, e nesse processo, acaba por inserir-se nesta mesma posição enunciativa, a de uma mulher não mais marcada por sua condição feminina, mas caracterizada por sua inserção no mercado de trabalho. Esse movimento pode ser exemplificado pelo seguinte trecho:

> Eu não tenho nada contra casamento. É uma delícia e maravilha a gente ter alguém que testemunhe nossa existência com olhar apaixonado, é ótimo ter alguém que segura a nossa mão se estamos doentes, ter filhos e fazer um pacto de existência e companheirismo, de cumplicidade profunda, com uma pessoa que amamos é realmente muito bacana e dá significado à existência. O amor é lindo, all you need is love e tudo mais.
>
> Mas...
>
> por que uma série sobre mulheres livres, sobre sexo na vida de mulheres solteiras e bem sucedidas, seguras de si e poderosas, termina sendo uma série sobre a procura do casamento? Por que os casamentos são do modelo mais antigo e careta possível, significando pactos eternos de fidelidade, sacrifícios da carreira (no caso das mulheres), abdicação, aliança e papel? Por que o enredo do conto de fadas não muda?
>
> O significado da existência não pode ser inventado, não pode acontecer na solteirice, os pactos não podem ser recriados.
>
> Ok, é só uma série, mainstream. Uma série mainstream e, no final das contas, careta até o último fio de cabelo.

Ao enunciar-se como *a gente,* o enunciador coloca-se entre seus coenunciadores, como mulher apenas. No entanto, na segunda parte, volta à condição de profissional (*seguras de si e poderosas*), explicitando uma tensão social crucial: o papel da mulher na sociedade contemporânea, bem como a influência do casamento nesse papel. Tais formas de subjetificação no ciberespaço ocorrem, portanto, a partir de

simulacros anteriores, ou seja, de uma memória discursiva na qual estão apoiadas articulações ideológicas a respeito do tema na sociedade. É só por meio do computador, como um detonador de operações de identificação, que o enunciador tem a possibilidade de posicionar-se entre essa massa de mulheres e, ao mesmo tempo, diferencia-se delas.

Tal configuração de temas e figuras individualizadas, sugere um ponto de vista sobre o mundo no qual o enunciador se apóia para conferir um caráter e uma corporalidade e por meio dos quais esse fiador deseja dar-se a ver pelo leitor. E esse ponto de vista é construído justamente tendo em perspectiva as reações dos leitores, bem como seus posicionamentos ideológicos frente à polêmica do casamento. A instauração de um corpo ético que defende a autonomia individual do enunciador ao desligá-lo da necessidade de relacionar-se amorosamente passa, obrigatoriamente, pela recusa do emprego de links, ao longo de todo o post. O fiador busca a adesão imediada do leitor, incentivando a leitura linear do post, construindo um simulacro do gênero do diário íntimo tradicional como proposta de percurso interativo no labirinto hipertextual. Embora na sua forma genérica exclusiva os diários virtuais íntimos solicitem a presença do outro, o conteúdo materializado recusa a interferência do ponto de vista estrangeiro, constituindo um *ethos* centrado, em defesa de uma perspectiva singular do casamento e das relações amorosas.

No espaço discursivo da lógica humana, há espaço tanto para a mulher, apenas (negativada), quanto para a profissional (valorizada negativamente), tanto para as casadas quanto para as solteiras. Mas o casamento simboliza, nesse caso, uma passagem da estabilidade, valorizada positivamente, para a instabilidade, agora negativada, como se a vida conjugal exigisse uma doação negativa ao outro. Só como profissional e solteira a mulher pude atingir a completude. Dotada de previsibilidade e estabilidade, a visão de mundo que o enunciador deseja transmitir é aquela da autonomia, um *ethos* que tenta diferenciar-se do outro ao negar a conjunção amorosa pelo casamento. Ao criticar o casamento em seus moldes tradicionais, é com base nesse estereótipo de relacionamento amoroso que o enunciador refuta a instabilidade do verdadeiro amor.

A racionalidade, no entanto, ordena ambos os pólos desse processo. Como profissional que apresenta-se a partir de uma perspectiva de dono de si, o enunciador filia-se a uma lógica da escolha e da decisão individual, da ordem da previsibilidade que exclui o casamento. A autonomia, no ponto de vista do enunciador, é positiva, e por isso, deve ser exercida performativamente tanto pelas casadas quanto pelas solteiras, conforme comprova o seguinte trecho: *Por que os casamentos são do modelo mais antigo e careta possível, significando pactos eternos de fidelidade, sacrifícios da carreira (no caso das mulheres), abdicação, aliança e papel?…,* Nesse caso da condição da mulher casada, a autonomia pela racionalidade deve ser exercida, segundo o ponto de vista do enunciador, por meio da liberdade de escolha, o que, no entanto, para esse ponto de vista, nunca ocorreria no caso da mulher casada.

Relacionada à questão da autonomia da mulher no casamento está a função do amor, com suas imprevisibilidades. O verdadeiro amor, segundo Bauman (2008: 205), é aquele que se utiliza da razão como uma ferramenta e não como desculpa ou justificativa. Antes de ser pensante e desejante, o ser humano é aquele que ama, mas um amor que aceita o destino em suas imprevisibilidades e aceita as intenções do Outro, consentindo com o mistério do futuro. Amor não apenas entre homem e mulher, mas também como um parâmetro ético.

A visão racional do enunciador sobre o amor só existe como simulacro positivado desse amor. O amor solidário pelo Outro só existe, para esse enunciador, a partir de

um ideal inatingível, fonte das pluralidades e dramas humanos. E só por ser inatingível é que é desejado e, posteriormente, ignorado, porque impossível.

A defesa ética do comportamento do enunciador segundo uma lógica humana que prioriza o bem-estar do indivíduo autônomo e refuta o encontro com o outro também pode ser verificada no post a seguir, de *Recordar, Repetir e Elaborar*, que trata de sexo e erotismo:

> Não faz muito tempo, aprendi a suposta pronúncia correta desta palavra tão expressiva. Suposta porque ainda não me conformei com ela, e este texto vem justamente advogar uma pronúncia alternativa. Acompanhem meu argumento:
>
> Boquéte, que me dizem ser o correto, rima com o quê?
>
> Era uma vez
>
> Uma menina coquete
>
> No carnaval, jogava confete
>
> Sua mãe a reprovava
>
> Por ser uma piriguete
>
> Ninguém ignorava
>
> Que ela fazia boquete
>
> No haikai acima, temos que praticamente todas as palavras terminadas em éte aludem a moçoilas de pouca massa encefálica para quem as práticas sexuais são uma questão de moda e uma maneira de chamar a atenção do próximo (que tanto pode ser o contemplado pelo boquete quanto a mãe, as amigas, nossa sociedade repressora-capitalista etc.) - como a evangélica que beijou uma garota [marcação de link] só para experimentar e outros soníferos eróticos afins.
>
> Vejamos agora como ficaria o haikai caso a pronúncia correta fosse boquête:
>
> Era uma vez
>
> Uma menina gulosa
>
> No carnaval, brincava gostosa
>
> Para ela o maior banquete
>
> Era se refestelar num cacete
>
> Por isso, esplendorosa,
>
> Sempre fazia boquete

O post inicia-se a partir de uma debreagem actorial enunciativa, por meio da qual o enunciador deixa clara a instância de enunciação, colocando-se como um *eu* no enunciado. Figurativizado apenas no início do post, o enunciador transpõe seu papel de personagem do diário virtual íntimo para o papel de defensor de um nova pronúncia para a palavra *boquéte*. Ao sugerir que o enunciatário siga sua linha argumentativa, o enunciador lança mão de debreagens enuncivas para tematizar sua

defesa argumentativa, propondo ao enunciatário que ele adote uma pronúncia para a palavra *boquete* com a segunda sílaba fechada, em detrimento de uma pronúncia com a sílaba *que* aberta.

> Claro que cada um é cada um e sempre haverá quem prefira um boquéte coquete a um boquête de quem aprecia um cacete. Ainda assim, é difícil contrapor-se ao argumento de que algo feito com prazer e vontade costuma dar mais certo do que algo feito por puro coquetismo. E, ademais, boquête não faz distinção de gênero: se boquéte pressupõe uma aprendiz de vedete, o boquête está aberto a homens e mulheres, bastando para isso o gosto pelos banquetes.
>
> Modestamente, portanto, venho por meio deste post propor o abandono da primeira pronúncia em prol da segunda. Afinal, o mundo será um lugar melhor quando as pessoas pararem de se impor certos prazeres exógenos aos seus desejos: acordar cedo nas férias para aproveitar; trabalhar muito para gastar ainda mais; beijar uma garota para experimentar, e assim por diante. Já temos tantas obrigações inapeláveis em nossa vida profissional e pública, por que impô-las também ao âmbito da vida privada? Por que não podemos, ao menos nas férias, acordar apenas quando os olhos se abrirem; ao menos o dinheiro pelo qual tanto trabalhamos, gastá-lo apenas no que nos convém; ao menos o tesão, investi-lo apenas em pessoas e fazeres que realmente desejamos?
>
> Eu não sei por que não podemos. Sei que, como aliás todo mundo, já fiz muitos boquétes e boquêtes nesta vida, e quiçá em outras. Diferentemente de todo mundo, porém, tenho me esforçado cada vez mais por me dedicar apenas aos boquêtes - aos prazeres aos quais tenho ganas de me entregar com plena convicção. Convido todos a fazerem o mesmo - a vida fica mais estranha e assustadora quando temperada por boquêtes, e também muito mais divertida.

Para além da concretude do texto, pode ser verificado como o tema central um tabu sexual. Embora o enunciador busque se afastar deste tabu ao comentar sobre o assunto sexo em seu diário virtual, a tentativa de nomear o ato da felação revela também os seus valores e aqueles que deseja transmitir ao enunciatário. Assim, o trecho explicita a necessidade de nomeação do ato sexual, em uma espécie de onomástica das figuras do ato sexual.

Acrescenta-se que, nessa dimensão figurativa, existe um olhar que se afasta do prazer erótico supostamente emparelhado ao órgão sexual para que se instale o tom de voz democrático, no sentido de recuperação da moral familiar. Como recorrência, temos o sujeito que se identifica com o papel temático do indivíduo preocupado em escolher a melhor designação do ato sexual feminino para poder interagir com o outro: o enunciatário.

Assim, o tema referente à sexualidade e ao erotismo está presente em toda a estrutura do texto, e toma a forma de uma tentativa de distanciar-se dos tabus que normalmente revestem esse tipo de assunto. A carga ideológica que o tema carrega de acordo com o contexto sócio-histórico em conjunto com as circunstâncias de enunciação, ou seja, as condições hipertextuais de produção discursiva, evocam um efeito de sentido de busca pela substituição do tabu pela informação clara e objetiva. Essa busca se dá, no entanto, estritamente por meio da opinião do outro, a quem o enunciador dirige seus argumentos.

Destaca-se que esta é uma cena enunciativa depreendida de um diário virtual íntimo apenas. O objetivo de enfatizá-la neste momento é indicar que o círculo íntimo longe de ser configurado como o universo solipsista de um sujeito remete ao sujeito em busca do outro, no caso, um sujeito que visa à relação social com o

leitor. Comprova-se o gênero diário virtual como da ordem da descentralidade, até no diário virtual íntimo.

De tema geralmente empregado pelo discurso informativo, como efeito de objetividade, e ao discurso privado, como efeito de subjetividade, a sexualidade é abordada nesse ínterim do público que marca o jornalístico e o meio hipertextual e do privado que indica um tema sujeito a provocar indiscrições. Comprova-se, portanto, a heterogeneidade do gênero do diário virtual íntimo, construído a partir da identidade e da diferença que o remetem às relações intergenéricas com o diário íntimo tradicional.

A busca por um termo adequado para a nomeação do ato sexual demonstra, de modo claro, um sujeito extremamente preocupado em transmitir ao enunciatário uma concepção moralizante de mundo. Além disso, a materialização desse texto no contexto público da internet demonstra um sujeito que busca passar essa idéia de moralidade ao enunciatário, já que o objetivo da interação é claramente exibicionista. Assim, apesar e justamente por se dar a ver ao outro, o enunciador busca transmitir um *ethos* explicitamente ético.

O deslocamento do tema sexo para o erotismo, que pode ser observado no post, surge na contemporaneidade como um sintoma de uma revolução erótica, caracterizada pelo desligamento dos laços que uniam o erotismo ao sexo em sua função reprodutiva e ao amor:

> O sexo, livre das conseqüências reprodutivas e das ligações amorosas obstinadas e prolongadas, pode ser incluído na estrutura de um episódio: não deixará sulcos profundos na face a todo momento rearrumada, que assim fica assegurada contra limitações à sua liberdade de experimentar. (Bauman, 2008: 290)

O emprego utilitarista do sexo e do erotismo, bem como seu processamento cultural, tendo o orgasmo como finalidade central deixam clara a função de experimentação do sexo, denominado por Bauman como *boa-forma* e que tomou o lugar da *norma* perante o colapso do modelo panóptico foucaultiano que propunha a manutenção da ordem pela autovigilância. Desligado do amor e do fator reprodutivo, o erotismo pós-moderno destina-se apenas à exploração da sedução instantânea, à abertura a novas sensações e ao recolhimento de experiências corpóreas, ele

> Tornou-se um significante livre, capaz de ser casado em termos semióticos com um número quase ilimitado de significados, mas também um significado pronto a ser representado por qualquer um dos significantes disponíveis (Bauman, 2008: 288).

Rompido o laço afetivo do erotismo, o sexo perde também sua função de ponte entre a transitoridade do corpo para a imortalidade. Substituir a pronúncia da palavra *boquete* significa, portanto, uma tentativa de restabelecer essa ponte, religar o erotismo à afetividade para atingir o evanescente. Esta investida, no entanto, nunca se efetiva, pois a *boa-forma* é um "horizonte que-nunca-deve-ser-alcançado, localizada sempre no futuro, uma espora para esforços sem fim, e nenhum dos quais pode ser visto como completamente satisfatório, muito menos definitivo" (Bauman, 2001: 283). A abdicação dos prazeres instantâneos tidos socialmente como obrigatórios a todos, homens e mulheres, seria representada pela nova pronúncia, pois a validade temporal da experiência genuína deveria ser revalorizada: *Afinal, o mundo será um lugar melhor quando as pessoas pararem de se impor certos prazeres exógenos aos seus desejos: acordar cedo nas férias para aproveitar; trabalhar muito para gastar ainda mais; beijar uma garota para experimentar, e assim por diante*.

Apesar dessa ser tentativa um dos principais usos sociais do erotismo, ou seja, de papel para servir às batalhas separatistas da individualização. Como confirma Bauman (2008), a cultura pós-moderna elogia os deleites de sexo e valoriza a significância erótica em todo objeto, ou seja, o indivíduo apesar de buscar a transcendência, volta-se sempre à satisfação dos prazeres individuais (*Sei que, como aliás todo mundo, já fiz muitos boquétes e boquêtes nesta vida, e quiçá em outras)* e ignora que somos ao mesmo tempo sujeitos e objetos de desejo, pois "nenhum encontro erótico é concebível sem que os parceiros assumam ambos os papéis, às vezes fundindo-se em um só" (Bauman, 2008: 297).

Para finalizar, é possível afirmar que as diversas formas figurativas e temáticas de revestimento semântico do enunciador e enunciatário correspondem a posições enunciativas que remetem à profissão ou lugar social favorecendo ora interpretações imediadas ora hipermediadas para legitimar o estatuto do enunciador como ser que deseja a previsibilidade do mundo, bem como sua estabilidade temporal e espacial frente a acontecimentos dramáticos que revelam a complexidade humana.

Ao empregar mecanismos de actorialização que compõem a cena genérica dos diários por meio de debreagens, enunciador e enunciatário articulam um modo de enunciação específico às práticas discursivas de ambos. A essa estratégia também podem ser integradas as apropriações de provérbios, emprego de ironia, aspas, slogans e discurso direto e indireto para empreender um estilo (*ethos*) dialógico e polifônico, porém encoberto por efeitos de sentido de subjetividade que levam o enunciatário a formar uma imagem corporificada de um enunciador singular, proprietário autoral dos enunciados postados.

Dessas articulações discursivas são depreendidos os processos de identificação promovidos pelo labirinto do ciberespaço, favorecendo a criação e recriação de simulacros de realidade entre enunciador e enunciatário, uma vez que, nos diários virtuais íntimos, o discurso é sempre influenciado pelo discurso do outro de acordo com a competência discursiva que cada espaço do sistema de restrições semânticas engendra.

CAPITULO V
ESPAÇO E TEMPO

Observados os diversos planos textuais que compõem o panorama das formas de identificação e subjetivação nos diários virtuais íntimos, parte-se para as considerações analíticas a respeito da colocação do sujeito no espaço e no tempo do discurso, empregando o mesmo método de análise especificado anteriormente. Optou-se pela organização da problemática do espaço e do tempo em um capitulo único, por julgarmos que ambos os conceitos estão necessariamente entrelaçados, tanto em termos teóricos quanto empíricos.

V.1 - TEMPO FÍSICO E LINGÜÍSTICO

Abordar o tempo e a memória como objetos de estudo pode apontar para diversos enfoques, alguns tratando dos aspectos sociológicos e históricos, outro buscando os mistérios que psicologia e a filosofia podem ajudar a revelar sobre a temporalidade e a memória. Assim, tratar os diários virtuais íntimos como artefato de pesquisa conduz a uma dupla compreensão: a de que eles fazem parte de estudos que entrelaçam conceitos como memória, temporalidade e história e de que atuam também como instrumentos do dever de preservar a memória, salvar o passado e resgatar tradições, falas e vidas.

À pré-história da relação espaço-tempo corresponde ao que Sennett denomina cultura pré-moderna, na qual as maneiras de calcular o tempo que constituía a base da vida cotidiana vinculava-o necessariamente ao lugar, já que "ninguém poderia dizer a hora do dia sem fazer referência a outros marcadores socioespaciais: "quando" era quase, universalmente, ou conectado a "onde" ou identificado por ocorrências naturais regulares" (Giddens, 1991:25). Nesse período, o tempo físico estava ligado à capacidade de carga humana, sendo definido espacialmente e medido em termos de sazonalidade. O relógio mecânico, criado no final do século XIII, torna-se um marco importante para a transição das sociedades tradicionais para as modernas, pois baseado não no tempo sazonal, mas num tempo social e artificial. A influência do relógio na percepção do tempo é ilustrada pelo enunciador de *Recordar, Repetir e Elaborar:*

A influência dos relógios sobre a percepção do tempo

Dec 13th, 2008 by camilalpav.

Danou-se. Eu estava pronta para começar a escrever um trabalho. Já tinha lido tudo o que queria para enfim fazê-lo. Quer dizer, quase: faltava só um capítulo de tese. Hoje resolvi dar uma olhada nisso só por desencargo, pois ele trata do

mesmo soneto que escolhi para analisar, o "Represéntase la brevedad de lo que se vive y cuán nada parece lo que se vivió" de Quevedo.

E aí o capítulo é tão bom que dá até desânimo. Já não tenho mais nada a dizer. O autor da tese disse tudo.

Para não falar na raiva de só ter lido o texto dele hoje. Porque eu li vários outros capítulos e artigos sobre Quevedo, o tempo, o neo-estoicismo e que-tais. Nenhum, nem de longe, tão bom quanto esse.

Então enquanto vou dando um jeito de reorganizar tudo o que já li em função do texto novo, fiquem com um trecho que me causou aquela velha surpresa tipo oh, isso que eu achava que era dado e natural na verdade é um processo histórico com uma data de nascimento precisa:

"La percepción autónoma de las horas guarda relación con los inventos del reloj mecánico, a finales del siglo XIII, y del de arena en el XV. Surgió entonces una idea nueva del tiempo que ya no era bíblica ni cualitativa. El reloj mecánico reforzó la ideal del tiempo lineal que aísla el pasado y el futuro dejando el tiempo reducido a un punto que se desliza sin cesar por la línea que conecta el pasado y el presente, y que transforma el futuro en pasado. El presente se vuelve efímero, irreversible e inaprensible. El hombre se encontró con el hecho de que el tiempo - de cuya marcha antes sólo se percataba cuando ocurrían ciertos acontecimientos - no se detiene nunca. (…) De ser propiedad de Dios el tiempo pasa a ser propiedad del hombre pero, paradójicamente, una propiedad con un transcurrir independiente del hombre. El tiempo será una categoría autónoma, liberada de su contenido objetivo, material; no tendrá ya el aspecto de las figuraciones naturales y antropomórficas, volvendose neutro, emancipado de los sujetos que lo viven y que le prestan su contenido emocional." (pp. 158-159)

Eu sabia que os ameríndios, por exemplo, tinham uma concepção circular do tempo, bem como outros povos não-ocidentais. Mas os europeus, eu achava que eles viam o tempo como uma linha reta que passa-e-não-volta-nunca-mais desde, er, desde sempre.

O autor é Hernan Sanchez e sua tese se chama *Tiempo, muerte y Dios en la poesía de Quevedo*.

Comments on "A influência dos relógios sobre a percepção do tempo"

#3

Dani *on Dec 15th, 2008 at 5:10 am* Quando fiz o meu *hiking* na Espanha por 2 meses, o tempo se tornou algo diferente. Mais imediato e, ao mesmo tempo, imensuravel. A unica proecupacao real era com a chegada da noite, por razoes obvias: a necessidade de encontrar abrigo e alimento. Quanto mais o tempo passava, menos ele tinha importancia, e as ansiedades cotidianas tambem iam se desfazendo. Foi muito violento o retornar ah civilizacao. Estava me lembrando de um livro engracadissimo, *How To Be Idle*, de Tom Hodgkinson, em que ele diz que devemos a divisao do tempo, este do bater cartao, ah Revolucao Industrial. Que antes, as pessoas tinham horarios menos fixos, o mais importante era o concluir das tarefas. Beijocas!

#4

camilalpav *on Dec 15th, 2008 at 6:44 pm* Ju, que fofa você! Lindo aquele texto do Doni, né? Só que eu nem lembro o que comentei… Sei que tinha alguma coisa a ver com leite… :) Beijos! Francisco, esse seu comentário sobre a perda de tempo me fez pensar no seu post de hoje, e no vazio em que ele termina… Mas

confesso não ter entendido direito a proposta do Hermeto não. Dani, o tempo do cartão, pós-Revolução Industrial, eu já tinha estudado e considerado, embora me falte uma vivência de desprendimento dele tão radical quanto a que você descreveu. No tempo do relógio é que eu nunca tinha parado para pensar - não sabia a que ponto um objeto concreto podia mudar o jeito de as pessoas se situarem no tempo. Meu consolo é saber que, assim como eu, Kant também não pensou nisso jamais. :)

Entre outras transformações que deslocaram a história do tempo para a modernidade (já que, para Bauman, a história da modernidade pesada é a história do tempo, o tempo em que o tempo tem história), está o desenvolvimento dos transportes. Com a construção e expansão dos veículos, o tempo dinamiza-se e torna-se um fator independente das dimensões inertes e imutáveis, podendo ser manipulado para conquistar o espaço. Entretanto, esse tempo do relógio refere-se apenas ao tempo físico, seja cíclico ou linear.

Se, para Fiorin (2006a), o tempo aristotélico é um fenômeno físico e quantitativo, ou seja, tem um suporte cosmológico (o movimento dos astros), a cujo fluxo a memória está submetida, o tempo agostiniano corresponde a um fenômeno que se dá no espírito humano, que depende da percepção de uma passagem, pois na análise do presente, é de fundamental importância a comparação com a eternidade. O presente, para ser tempo, precisa transitar para o passado, ou seja, só o presente pode ser medido. Fundamentado em Santo Agostinho (1989), o autor argumenta que medimos o tempo enquanto passa (*praeteriuntia*), pela consciência que temos dele, pois o passado, que não é mais, o futuro, que não é ainda, e o presente, que não tem extensão, não podem ser medidos.

Segundo Fiorin, o homem sempre se preocupou com o tempo, pois pensá-lo significa ocupar-se da fugacidade e da efemeridade da vida e da inexorabilidade da morte. Se a fatalidade da morte mostra a irreversibilidade do tempo humano e preservar a memória equivale a eternizar ou presentificar o tempo, é certo que tempo e memória são duas instâncias relacionadas. E essa intersecção se dá justamente pelos mecanismos lingüísticos de temporalização. O ser do passado está ligado à linguagem, uma vez que as pessoas podem predizer o futuro e narrar o passado. No entanto, Fiorin baseando-se no tempo lingüístico agostiniano sugere ser inexato dizer que temos três tempos, passado, presente e futuro, pois o que temos, na verdade, são três modalidades de presente, o do passado, que é a memória, o do presente, que é o olhar, a visão, e o do futuro, que é a espera" (Fiorin, 2006a: 132).

A linguagem propicia ao homem a experiência temporal, na medida em que só quando o tempo é semiotizado pode o ser humano apreendê-lo e medi-lo. A temporalização manifesta-se na linguagem na discursivização das ações, isto é, na narração, que é o simulacro da ação do homem no mundo. A narração implica a memória, assim, a narrativa exprime sucessões, antecipações, lembranças, instabilidades, ela é uma transformação correlacionada a um antes e um depois. Portanto, lembra Fiorin, há em Agostinho um embrião de uma teoria lingüística do tempo, ou, mais precisamente, de uma teoria discursiva da temporalização, pois para ele, o tempo é uma categoria de linguagem, pois é intrínseco à narração.

Se os mecanismos de temporalização efetuados pelo enunciador permitem observar os processos de preservação da memória pelo homem contemporâneo, as relações de intersecção entre o espaço público e o privado, cruciais para a compreensão das narrativas dos diários virtuais íntimos, são reconhecidas a partir da

análise dos procedimentos de espacialização enunciativas e enuncivas praticadas pelo enunciador.

Comprovada a temporalização das ações por meio da linguagem, a busca pelas estratégias de discursivização do tempo nos diários virtuais íntimos deve, impreterivelmente, passar por uma análise dos mecanismos lingüísticos que estabelecem uma narrativa baseada em uma cronologia imposta pelo formato do diário virtual, pois todos os textos 'postados' são referencializados a partir de uma data, inserida no início de cada texto. Essa análise discursiva fornecerá elementos para refutar ou confirmar as teses a respeito do tempo e da memória na contemporaneidade.

Para Benveniste, situar um acontecimento no tempo crônico é diferente de situá-lo no tempo da língua, ou seja, para ele, há um tempo específico da língua, que se distingue das outras noções de tempo:

> O que o tempo lingüístico tem de singular é que ele é organicamente ligado ao exercício da fala, que ele se define e se ordena como função do discurso. Esse tempo tem seu centro – um centro, ao mesmo tempo, gerador e axial – no presente da instância da fala. (Benveniste, 1974: 73)

A temporalidade lingüística é produzida na e pela enunciação. O discurso instaura um *agora*, momento da enunciação. Em contraposição ao *agora*, cria-se um *então*. Esse *agora* é o fundamento das oposições temporais da língua.

Segundo Fiorin, o tempo presente indica a contemporaneidade entre o evento narrado e o momento da narração (o agora é reinventado cada vez que o enunciador enuncia). O eixo ordenador do tempo é sempre o momento da enunciação, um agora a partir do qual se organizam um sistema enunciativo, concomitante (marco referencial presente) e um sistema enuncivo não concomitante que, por sua vez, se organiza em anterioridade (marco referencial pretérito) *VS*. Posterioridade (marco referencial futuro). A anterioridade do acontecimento em relação ao discurso deve ser evocada pela memória e a posterioridade corresponde à expectativa.

Fiorin também ressalta que a temporalidade do enunciador é aceita como sua pelo enunciatário, ou seja, o agora do enunciador é o agora do enunciatário. Segundo ele, o tempo lingüístico comporta suas próprias divisões, sua própria ordem, independentemente do tempo crônico, o que acarreta um problema que surge quando a recepção é simultânea à produção (ex: carta). Nesse caso, a compreensão do enunciado depende de ancoragem numa divisão do tempo crônico para poder se tornar inteligível: datas dos posts, por exemplo.

Além de ser ordenado em relação ao momento de enunciação, outras importantes especificidades do tempo lingüístico são as noções de ordem, duração e direção, ou seja, ele está relacionado à ordenação dos estados e transformações narradas no texto. Na língua existem, portanto, dois sistemas temporais: um sistema temporal lingüístico ordenado em relação a marcos temporais instalados no enunciado (sistema enuncivo) e outro sistema temporal organizado em função do presente implícito da enunciação (sistema enunciativo).

O sistema enunciativo presume uma concomitância entre o momento da enunciação (ME) e o momento de referência (MR) instalado no enunciado. No sistema enuncivo, esta concomitância não está presente, podendo o momento de referência (MR) ser anterior, ou seja, pretérito, ao momento de enunciação (ME) ou posterior a ele, correspondendo a um futuro.

Assim, trechos selecionados de diários virtuais íntimos são abordados sob a temática da temporalidade e da memória, buscado observar os seus mecanismos de

construção narrativa e discursiva. Mas já é possível adiantar que os títulos dos *posts*, indicam a data ou o dia do momento da enunciação, referencializando o passado sempre como uma data anterior, segmentada por dias. No final de cada trecho, é importante observar a inscrição do horário exato em que o texto foi publicado, buscando situar o coenunciador em uma ordem dos acontecimentos cotidianos, próximo daquilo que Bruner (1995) define como uma memória episódica.

As coerções genéricas dos diários virtuais íntimos, mesmo como conseqüência dos sistemas de publicação dos blogs, circunscrevem certas regularidades sintáticas e discursivas para a instauração do espaço e do tempo nos diários virtuais íntimos. Algumas coerções do gênero do diário e da carta referentes aos processos discursivos de temporalização permanecem nos diários virtuais íntimos. Em função da explicitação, a cada post, do momento de referência (MR), o narrado é predominantemente construído em relação ao momento de enunciação, indicando uma concomitância entre os momentos de enunciação e de referência (ME = MR), portanto, uma presentificação temporal. No entanto, o momento de referência não concomitante ao do acontecimento presume ou uma anterioridade ou uma posterioridade.

Nos casos de debreagem temporal enunciativa, os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação e, sendo os momentos de enunciação e referência concomitantes, o momento de referência só se explicita em casos excepcionais, como nas cartas e nos diários, nos quais a recepção não é simultânea à produção. Nesses casos, assim como nos diários virtuais íntimos, para tornar inteligíveis os marcadores do tempo lingüístico (hoje, ontem e amanhã), se faz necessária uma ancoragem numa divisão do tempo crônico, como a data, ou seja, o momento de referência. Essa fixação do tempo lingüístico no tempo crônico pode ser observada no post abaixo, de *Drops da Fal*:

> domingo, novembro 2, 2008
>
> Rúcula
>
> Fui ao sacolão com a Naty logo cedim. O sacolão dela é muito melhor que o Beco se você não levar em conta o fato dela não ter meu suqim de laranja espremidim na hora. Faz falta a garrafa do meu suco. Lamentável. Agora nós estamos aqui no Beco trabalhando juntas. Ela trouxe o trampo dele, eu tenho cá o meu e nós mandamos bala para honra e glória do PIB nacional, cada uma nos seus afazeres. É bom quando a Naty vem trabalhar aqui, porque além da companhia, senhor leitor, é mais uma pessoinha pros gatos chatearem. Adouro.
>
> ....

O momento de referência é instaurado logo no início do post, uma regularidade que determina a forma cronológica dos diários virtuais íntimos, caracterizados pela exposição da data de escrita e publicação do post, especificada em dia da semana, do mês e ano. Em função desse momento de referência simultâneo que engloba o presente da enunciação, dispõem-se os tempos do acontecimento, que podem ser anteriores, como no trecho *Fui ao sacolão com a Naty logo cedim. Cedim,* forma oral da pronúncia mineira da palavra cedinho, é um advérbio de tempo que marca essa anterioridade do momento de acontecimento.

A essa anterioridade está relacionada uma espacialização enunciativa, pois o enunciador localiza os acontecimentos do tempo passado em um *lá* (*ao sacolão*) fora

da cena enunciativa. Esse momento também pode ser concomitante ao momento de referência, um hoje que ocorre num domingo, dia 2 de novembro de 2008, conforme pode ser observado no trecho *Agora nós estamos aqui no Beco trabalhando juntas,* em que uma espacialização enunciativa determina um *aqui* dentro do espaço enunciativo do presente. A enunciatividade temporal é assim acompanhada pela predominância do espaço lingüístico. A organização temporal e espacial enunciativa, em que os tempos do enunciado simulam os tempos da enunciação, como se o ato de dizer fosse descrito sucessivamente, marca grande parte das cenas enunciativas dos diários virtuais íntimos.

Em termos de tempo e espaço, trata-se assim de uma debreagem enunciativa do enunciado, quando os acontecimentos são narrados nos tempos enunciativos, para criar um efeito de sentido de simultaneidade entre a narração e os eventos. Os fatos narrados se passam, portanto, na localização enunciativa. A localização e a espacialização enunciativas, nesse caso, estão diretamente relacionadas ao nível de figurativização com alta densidade sêmica (*sacolão, garrafa, suqim de laranja espremidim na hora* e *gatos*), pois pertencem ao mundo natural contruído como simulacro e representam o mundo. A isotopia figurativa de tempo e espaço é assumida pelo tema espacial e temporal do trabalho que correspondem a um *agora* e um *aqui* da enunciação e dão sentido a essas figuras, que formam uma rede de significação e instituem um percurso figurativo. Tanto o lugar quanto o tempo da enunciação são remetidos diretamente ao local e ao tempo do trabalho do enunciador, compõem o percurso figurativo da valorização do espaço e do tempo do trabalho.

V.2 – O PÚBLICO E O PRIVADO

A compreensão da forma como os diários se inserem na atividade cotidiana na sociedade moderna depende de uma análise criteriosa da realidade histórica da privacidade, esta construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. A articulação das esferas pública e privada sofreu metamorfoses tanto em sua forma, isto é, em sua realidade histórica, quanto em seu conteúdo, ou seja, o que se entende pelas delimitações fronteiriças entre ambos. No entanto, a história da vida privada pode ser definida, inicialmente, como a história de sua definição.

Sennett refaz a história dos conceitos público e privado ao longo dos séculos na cultura ocidental. A idéia que se tem hoje de público como bem comum em contraposição ao privado, que corresponde à esfera familiar, é originária do século XVII:

> Perto do século XVII a oposição entre "público" e "privado" era matizada de modo mais semelhante ao de seu uso atual. "Público" significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto "privado" significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos. (Sennett, 1988: 30)

Esses sentidos básicos da dicotomia entre o público e o privado estão na interpretação de público como um poder político institucionalizado, ligado ao Estado e na interpretação do privado representado pela sociedade civil, pelas relações pessoais, bem como às atividades econômicas. Assim, o público estava ligado a um caráter aberto, acessível às pessoas, e o privado, àquilo que estaria fechado a elas.

O sentido de público como uma espécie de grupo espectador amplia-se no início do século XVIII. O crescimento das capitais e o surgimento do homem cosmopolita redefinem o conceito de público, adicionando a idéia de contato entre grupos muito diversos na sociedade. Na cidade, a rua representava o espaço público, do trabalho e da civilidade, enquanto a moradia remetia à esfera íntima.

De acordo com Sennett (1988), o surgimento do capitalismo industrial baseado na idéia de Nação e as transformações da Modernidade, como o surgimento da metrópole e da casa burguesa, provocam uma erosão da vida pública. A pessoa estranha se torna uma figura ameaçadora, pois na vida cosmopolita o outro é desconhecido. A legitimidade da ordem pública é colocada em questão, em uma posição inferior à da família como representante maior da estabilidade e da privacidade, como refúgio seguro aos terrorismos das grandes cidades, contra os estranhos e desconhecidos. É neste sentido que Sennett (1988) fala no declínio do homem público, acompanhado pela valorização extrema da privacidade, culminando com a idéia de individualismo burguês, conceito do qual se extraem os fundamentos dos elementos que constituem esta privatização, entre eles, as cartas e os diários íntimos.

No século XIX, gradativamente a família se torna um refúgio burguês da privacidade. Com o crescimento das grandes cidades, a platéia civil se torna estranha, e a intimidade passa a ser preservada, gerando uma cisão entre a vida pública e a vida privada. Também muda o papel da família e a função da casa burguesa, que passa a ser um local de rituais privados, exigindo paredes que separassem empregados e patrões. O espaço da metrópole se reproduz separando o lugar da moradia daquele do trabalho.

O desenvolvimento das mídias digitais introduz, no entanto, novas formas de interação espaciais, bem como diferentes fronteiras entre o público e o privado. Para Bauman (2001), enquanto o espaço moderno adquire valor conforme os avanços sobre os territórios, como em guerras terrestes ou por conquistas territoriais do Estado-Nação, a expansão espacial na contemporaneidade perde sua função fronteiriça. A conectividade enciclopédica permite estar aqui e lá simultaneamente, os lugares são, portanto, destituídos de seu valor tradicional moderno. A fronteira entre vida pessoal e profissional torna-se cada vez mais tênue. Executivos de grandes empresas se sentem obrigados, e muitas vezes o são, a estarem disponíveis para resoluções profissionais durante todo o dia, inclusive em horários tipicamente reservados para o convívio familiar. Os espaços e tempos de preservação individual passam a se restringir à hora do banho, à vigília e a poucos momentos de lazer.

O lugar de enunciação (*aqui*) do trabalho em *Drops da Fal* corresponde a uma dupla justaposição: a um *aqui* de onde as atividades profissionais são exercidas, e um *aqui* relacionado ao espaço físico em que se encontra o computador ou outro dispositivo móvel conectado à Internet. Seja ou não a profissão do enunciador dependente de um computador conectado à Internet, o tempo e o espaço do trabalho deixam de ser dedicados exclusivamente às atividades produtivas do trabalho para remeterem também à esfera do cotidiano privado. O espaço do trabalho e da família entrelaçam-se, sobreposição espacial comprovada pela profusão do espaço dos *home-offices* em grande parte das residências urbanas.

Com o surgimento da informática, os computadores pessoais se transformam em "máquinas de individualizar". Como permitem a utilização de um usuário por vez, o computador se torna o local onde o indivíduo exerce atividades individuais, manipulando dados, pastas, arquivos e sites. E é nesse contexto de supressão do tempo dedicado à intimidade que nascem os diários virtuais. Ao mesmo tempo em que permite um espaço de isolamento e privacidade, o computador abre as relações do autor com o meio virtual e conduz o autor do diário virtual a fazer parte de uma comunidade virtual, na qual se exerce uma, nas palavras de Schittine, uma sociabilidade segura:

> Cada um pode realizar no computador uma série de atividades privadas, desconhecidas de quem mora na mesma casa, e, ao mesmo tempo, conviver com essas pessoas.

> O espaço privado volta a se encolher e a resposta do indivíduo é um deslocamento no tempo para um espaço virtual. Os destinatários imaginários do diário íntimo agora são reais. Mas um real distante fisicamente, que não influi diretamente na "vida real". O "autor" forma uma rede de amigos virtuais que compensa o seu déficit de relações reais ... É uma maneira de conciliar o público e o privado sem que uma coisa se confunda com a outra, com a ajuda da mediação do computador (SCHITTINE, 2004: 58).

V.3 - ESPAÇO E TEMPO DO AMOR

A privatização do espaço do enunciador, bem como a circuncrição dos temas e figuras predominantes na cena enunciativa conforme uma ordem da cotidianidade pessoal e singular surge também em posts cujo assunto principal são as relações amorosas, conforme o post de *All Made of Stars*:

> _ (re)living (again)
>
> Eu não *enalteço* o luto e nem a decepção.
>
> Não me *arrisco* a dizer quem é mais forte, o grande tigre branco ou o dragão vermelho que *travam* a batalha na beira do abismo.

Os verbos grifados acima indicam estados ou transformações que ocorrem no momento de referência explicitado, um *agora* que se passa em 02 de agosto de 2008, às 4h10.

> *Deixei* de ser exemplo *há muito tempo*, quando *abandonei* meu poderio bélico na porta de entrada do castelo da Aceitação, consciente de que de nada valeriam meus esforços se a luta fosse contra mim mesma. Entre perder e ganhar eu *escolhi* a tranquilidade e a serenidade de ver-me livre de minhas amarras. Não cultuo a liberdade pois ela aprisiona e vicia. Não reverencio a solidão pois a melhor companhia é o amor.
>
> Eu *amei* e *fui amada*, *amei* e me *abandonaram*. Eu *tinha* todos os motivos para sofrer e chorar e me sentir a pior pessoa do mundo, mas *escolhi* ser feliz. E no momento em que *fui* feliz comigo me *descobri* sendo amada, duplamente amada. Hoje ouço palavras de amor todos os dias, olhos nos olhos, boca na boca. Já *amei* à distância e hoje o que eu quero é dedos entrelaçados e pele contra pele. Palavras que o vento traz de longe chegam mornas e insossas, eu gosto e preciso de sussurro no ouvido e mãos nos meus cabelos enquanto o sol cai no mar e eu decido o que fazer de jantar, quando ele volta para a casa que é cada vez mais nossa. Eu, que nunca havia conseguido visualizar o quadro completo marido-e-filhos, me surpreendo cedendo prateleiras e gavetas dos meus armários, com a certeza de que o brilho nos olhos é recíproco.

Todos os verbos grifados acima marcam uma relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente, o *agora* do dia 02 de agosto de 2008. Em relação a esse *agora*, o momento dos acontecimentos (*deixei, abandonei, escolhi, amei, fui amada, descobri*) é anterior. No entanto, nesses dois parágrafos, essa anterioridade é acompanhada por presentes durativos, que marcam transformações positivas na ordem os acontecimentos narrados (Já *amei* à distância e *hoje* o que eu quero é dedos entrelaçados e pele contra pele). Nesses casos, embo-

ra o momento de referência esteja explícito na data do post, a marcação *hoje* indica um momento de referência mais longo que o momento de enunciação e, em algum momento, é simultâneo a ele. Trata-se, portanto, de um presente de continuidade. O *hoje* aqui não se refere apenas ao momento de referência, mas prolonga-se ao momento de acontecimento, como se o enunciador quisesse transparecer um estado de continuidade no presente, um hábito incentivado no "hoje em dia".

O tempo lingüístico, gerado no discurso, marca essa cronologia enunciativa. No entanto, as noções de ordem (sucessividade e simultaneidade), duração e direção (retrospectiva e prospectiva) são dadas por marcas temporais instaladas no texto, como, no caso, *hoje* e *no momento em que*, que expressa relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto.

Assim, a transformação de um estado inicial de disjunção ao amor recíproco e outro final, em conjunção a um estado de tranqüilidade e completude amorosa explica as sucessividades narrativas do post. A narratividade é um componente da teoria do discurso e não deve ser confundida com a narração "que constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizados" (Fiorin, 2006a).

> Então, quando alguém especial morre, eu fico assim, reavaliando a minha vida e as minhas escolhas. Eu me pego pensando com desdém no passado e nas vezes em que me senti sabotada pelo tic-tac do relógio. Eu me lembro do que já foi e me alivio ao perceber não-arrependimentos, penso no que será e me orgulho de todos os meus não-medos. E a pergunta que não me sai da cabeça é: e se tudo acabasse exatamente agora, teria valido a pena?

Essa ordenação passado – presente é rompida no final do post, ainda de *All made of stars*. Um parágrafo situado no presente da enunciação efetua uma espécie de balanço da vida do enunciador. Para marcar esse aspecto durativo iterativo, o enunciador postula uma situação hipotética, iniciado pelo advérbio *quando*. Diante de um possível acontecimento trágico, o enunciador reavalia suas escolhas e atitudes feitas durante o tempo vivido, presentificando-o, para então opor a ele um futuro, indicando a possibilidade condicional da ocorrência de um estado final, que pode ser representado hipoteticamente pela morte do enunciador. Diante dessa possibilidade, o enunciador questiona a validade dos momentos e acontecimentos vividos, empregando a forma passada do verbo *valer* com função de futuro do pretérito e sefeito de sentido de possibilidade.

> Teria.
>
> E isso é melhor do que qualquer outro sentimento que exista.
>
> 18 changes of colours Post by Flavia Melissa em Saturday, August 02, 2008 as 4:10 AM.

Nos trechos anteriores de *All Made of Stars*, podem ser observadas debreagens enunciativas de tempo, ou seja, mecanismos de temporalização que conservam no enunciado as marcas da enunciação, e com as quais o enunciador coloca-se numa perspectiva de centralidade, como se pudesse manipular o tempo e presentificar o passado.

Tais trechos são predominantemente temáticos. O rompimento da isotopia abstrata e temática efetua-se a partir de elementos figurativos como *pele* e *relógio*. Se o tempo passado é tematizado como um tempo solitário e figurativizado por meio de elementos dessa solidão, como *vento* e *relógio*, o tempo presente foi transformado e aparece como o tempo da conjunção com um par amoroso, figurativizado alegoricamente por *olhos nos olhos*, *pele na pele*. Esse conjunto de figuras de média densidade sêmica, variando entre a iconização e a simbolização, passando pela alegoria é tematizado como o tempo da união carnal valorizada a partir de um espaço comum aos amantes.

Aos processos de colocação do enunciador em determinado tempo seguem-se os processos de instauração do enunciador em dado espaço, não como uma sintaxe espacial, mas em busca de uma ambientação que referencia figurativamente a pluridimensionalidade do espaço, seguindo a mesma ordem sucessiva do tempo e comprovando a interdependência tempo-espaço. Assim, o espaço do tempo passado é topicalizado como aquele do afastamento entre o enunciador e o ponto de referência outro. O espaço do tempo presente, que surge por meio de figuras como *pele na pele,* é um espaço da proximidade entre ambos, ou seja, um espaço tópico e enuncivo, que determina uma posição em relação a um ponto de referência. A visão de proximidade demarcada pelas preposições *em* e *contra* sugere o contato físico entre o objeto e o ponto de referência, enquanto *de longe*, em *Palavras que o vento traz de longe chegam mornas e insossas*, denota uma distância entre ambos. Embora as temporalizações sejam predominantemente enunciativas, os fatos se passam, no entanto, na localização enunciva, ou seja, o enunciador instala no enunciado os espaços enuncivos onde vão-se dar os acontecimentos, ressaltando as variações de distâncias e as ocupações no espaço enuncivo. Assim, não há qualquer menção ao espaço enunciativo a partir do qual ocorre o ato da fala, mas apenas mecanismos de espacialização que delimitam o espaço dos acontecimentos.

No plano espacial e temporal dos acontecimentos, é valorizada euforicamente a conjunção carnal amorosa no tempo presente. O amor só pode se concretizar pela presença física de ambos os amantes e pelo olhar. A intimidade recíproca está impossibilitada na comunicação que suprime a presença física, como a mediada pelo telefone ou pelo computador.

Muniz Sodré debruça-se sobre o fenômeno do olhar para abordar a questão do simulacro e do duplo de si mesmo. Aproximado seu poder àquele do órgão sexual, o olhar é capaz de evocar sentimentos de terror, mistério e amor, mas, principalmente, o olhar fornece o caminho de fusão com o outro e permite o reconhecimento do corpo como distinto, a integração do eu pelo reconhecimento de sua imagem.

A relação entre amantes, por exemplo, é a ocasião na qual o olhar permite que, além de amar a si mesmo, o sujeito possa ser social e, portanto, realizar a troca com o outro, experimentado como diferença. O estado de paixão evoca uma relação em espelho, na qual "cada um dos parceiros extrai do outro a si mesmo, ou melhor, a imagem de si mesmo" (Sodré, 1990:13). Pelos mecanismos imaginários de comércio de identidades, no estado amoroso, o objeto amado toma o lugar de *ideal de eu*, instância resultante do narcisismo e da identificação com os pais.

A partir do Renascimento, a subjetivação do homem moderno ocorre a partir da identificação com dispositivos técnicos e estéticos como o livro, o teatro e a pintura, que "possibilitam o aparecimento do ponto de vista particular, imóvel, fixo, que outorga ao olho do sujeito da observação um domínio sem precedentes" (Sodré, 1990: 18). A experiência individual substitui a tradição coletiva, o *eu* conquista sua autonomia (psicológica, filosófica, econômica) libertadora: "o indivíduo apren-

de agora a se ver como sujeito de uma ordem abstrata, tipificada pela razão e pela moral" (Sodré, 1990:23).

O desenho e a geometria euclideana favorecem a linearização do tempo e a visualização do espaço, bem como o posicionamento do corpo humano nessa perspectiva. A centralização do olhar e, em conseqüência, do poder, transforma a forma de ver o mundo e de ver a si mesmo, fazendo com que o sujeito esqueça de sua artificialidade. A visão em perspectiva do humano sintoniza com o fenômeno da urbanização com o Renascimento comercial. Na cidade, o indivíduo começa a ver com perfeição a sua própria imagem. Desse novo modelo de vida, as vitrinas comerciais simbolizam a passagem da simples mercadoria a objeto-signo, destinos do desejo de possuir. À vitrina se assemelha o panóptico, pois ambos afirmam o poder político do olhar: "assim como a vitrina, que faz ver, sem, entretanto, deixar perceber o código de seu processo de atração, o panóptico permite a visão por um centro invisível" (Sodré, 1990: 22).

A consciência individual pauta-se, assim, por instituições que funcionam à base da disciplina, da visibilidade e de uma moral da produção capitalista, sistematizando um aprendizado racionalista. A corporificação e o olhar são, portanto, as bases disciplinares do panóptico.

No entanto, as novas configurações das esferas espaciais e temporais na contemporaneidade contribuem para a dispersão desse poder concretizado pelo olhar corporificado. No plano sintático a sucessividade dos acontecimentos culmina com a valorização de um tempo presente em conjunção eufórica com o amor da presencialidade física e a desvalorização disfórica de um passado no qual os amantes não podiam estar juntos no mesmo ambiente físico. Também, a forma passada do verbo valer (*teria valido a pena? Teria*), com efeito de sentido de futuro atesta uma busca de previsibilidade pelo enunciador.

Da contraposição desse plano sintático a um plano pragmático, em que devem ser consideradas as condições de enunciação, emerge uma situação paradoxal: na comunicação mediada por computador, o espaço do olhar em sua pontualidade amorosa e narcísica é traduzido em uma extensividade na qual o espaço perde seu valor, pois ele não mais impõe limites à ação. Torna-se assim, um olhar pautado por uma nova forma de visibilidade, uma visibilidade mediatizada. O tempo do amor conjugal presentificado e euforizado traduz-se em um amor evocado pela memória, uma nostalgia em função do reconhecimento da instabilidade e da incerteza humanas.

Deduz-se então que o enunciador apenas valoriza euforicamente o componente sintático, representando o amor nas condições da contemporaneidade (um amor mediado) como um componente negativo. Para o enunciador, as verdadeiras relações amorosas, que primam pela intimidade, só se estabelecem pela presença física.

Assim, vivendo o autor em uma sociedade em que a nova irrelevância do espaço é disfarçada pela aniquilação do tempo, ele reveste-se de um enunciador que enaltece um espaço como ferramenta para a concretização da relação amorosa e a rotinização e coordenação do tempo com finalidade de manter a previsibilidade e uma condição amorosa estável. Comprova-se assim, um *ethos* da ordem da pontualidade espacial e da sucessividade temporal, um *ethos* cujo enunciador busca transmitir ao enunciatário, que deve reviver e atualizar o espaço e o tempo do enunciador pela leitura. O enunciador, navegando entre labirintos hipertextuais em que o tempo não confere mais valor ao espaço, busca sintaticamente construir um mundo estável espaço-temporalmente, em que pode prever as situações de sua relação conjugal. O enunciatário, dessa maneira, incorpora pela atualização na leitura interativa hi-

pertextual esse *ethos* discursivo do amor moderno e corporificado. No entanto, ao contrário do que se possa imaginar a respeito do tema "amor" nos diários virtuais íntimos, o enunciador não se apóia na publicidade do seu blog para enunciar um conteúdo em forma de espetáculo de sua vida privada. As formas ideais de um relacionamento amoroso são expostas, mas de forma a preservar a intimidade dos amantes. É justamente por ter o enunciatário em mente as imagens de um enunciador pré-concebidas que esse enunciador apresenta um enunciado que dá a ver o cotidiano amoroso do casal, nunca trabalhado de forma a espetacularizar o acontecimento da conjunção carnal.

Escrito para serem lidos pelo outro, atualizado na interface, o trecho demonstra a especificidade pública dos diários virtuais íntimos, cujo sentido não depende apenas do caráter que o enunciador deseja imprimir no enunciado, mas também da incorporação desse corpo pelo enunciatário, constituindo um objeto construído para ser lido e re-construído pela interatividade.

V.4 - O TEMPO ESTRATIFICADO

Já no trecho a seguir, de *All made of stars*, o enunciador transmite um ethos compatível com as condições de enunciação espaçiais e temporais características dos ambientes hipermediáticos.

> Oh, Blue Eyes
>
> *Sexta-feira, meio-dia. Cruzamento da Avenida Angélica com a Rua Jaguaribe.*
>
> Cansada, sonolenta, correndo pra encontrar o pai do qual ando mais distante do que gostaria, pacientes para atender e a amiga a me esperar em casa para pegar a estrada rumo à Terra do Nunca mais uma vez. Pensando nos últimos acontecimentos, a festa do final de semana, a ligação recebida na noite anterior, em minha futura viagem rumo aos confins do planeta Terra. Pensamentos que voavam como o vento, rápidos, desconexos, paradoxalmente contraditórios.

Paralelamente ao momento de referência instalado no enunciado relativo ao momento (dia e hora) de publicação do post, o enunciador explicita um segundo momento de referência, uma sexta-feira, ao meio-dia, que anula a validade daquele primeiro momento e coloca-se como anterior ao momento de enunciação, implícito no enunciado. Trata-se, portanto, de um sistema temporal enuncivo. *Voavam* explicita um momento do acontecimento simultâneo ao momento de referência pretérito. O imperfeito, nesse caso, contribui para a formação de um quadro contínuo, como uma descrição na qual a sucessividade não tem importância, pois os pensamentos são *rápidos, desconexos, paradoxalmente contraditórios.* O advérbio *na noite anterior* comprova esse sistema enuncivo, marcado pela anterioridade em relação ao momento de enunciação. Como os acontecimentos são narrados nos tempos enuncivos, trata-se de debreagens enuncivas do enunciado, como narrativas de retrospectiva, em que os acontecimentos são relatados com tempos pertencentes ao subsistema do pretérito.

O tempo, neste trecho, é figurativizado pela metáfora do vôo e do vento, sugerindo um investimento semântico da ordem da velocidade da passagem do tempo. Essa velocidade de movimentação sugere, no entanto, uma espacialização compacta demarcada pela predominância de uma isotopia figurativa em termos espaciais (*correndo, rumo a*) que tematiza um local em que o pensamento do enunciador é

narrativizado a partir de uma visualização dos movimentos no espaço, comprovando a inter-relação espaço-tempo.

A espacialização também se dá em conjunto com a temporalização, por meio da explicitação do espaço do acontecimento, o *cruzamento da Avenida Angélica com a Rua Jaguaribe*, no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo. Com seu corpo físico parado dentro de um carro posicionado em determinado espaço tópico, situado em relação a um ponto de referência inscrito no enunciado, os acontecimentos não ocorrem em função de ações do enunciador, mas de suas movimentações e sucessões mentais (*rumo, em casa*) durante o tempo em que esteve posicionado em tal ponto, tratando-se assim de debreagens enuncivas nas quais não se projetam no enunciado o aqui de onde fala o enunciador.

> *Sexta-feira, meio-dia e dois. Cruzamento da Avenida Angélica com a Avenida Higienópolis.*
>
> Na esquina-do-lado-de-lá um velinho (sic) cabeludo toca seu saxofone. Strangers in the Night, de Sinatra, é a trilha escolhida. As pessoas passam, algumas param para ouvir, crianças levadas pelas mãos relutam para ficar ali mais um instante. Os pássaros parecem fazer parte de uma orquestra que existiu apenas para mim.
>
> Naquele momento obedeci à Onda Encantada e demorei-me fitando o velhinho cabeludo que me fez sorrir por revisitar meus sonhos e projetos arquivados, os problemas desapareceram e fui invadida por uma sensação de quietude e tranqüilidade que me levou às lágrimas. Só percebi que o semáforo havia ficado verde quando buzinaram atrás de mim.
>
> Old sax man, thank you for being there.
>
> You remembered me that it will always exists Blue Eyes.
>
> 14 changes of colours Post by Flavia Melissa em Friday, September 05, 2008 as 12:50 PM.

Um terceiro momento de referência é introduzido ao longo da narrativa, para ilustrar a ordem dos acontecimentos dois minutos após o momento de referência anterior. No entanto, a enuncividade temporal cede espaço a um sistema enunciativo, ou seja, o enunciador passa a narrar os acontecimentos concomitantemente a um momento de referência preciso, um agora que se passa dois minutos após o meio-dia: um *velinho (sic) cabeludo toca seu saxofone*. Trata-se de debreagens enunciativas do enunciado, pois é projetado no enunciado apenas o tempo do narrador e não o do narratário, criando um efeito de sentido de simultaneidade entre a narração e os eventos.

O espaço também diz respeito a um sistema enunciativo, não pluridimensional e que posiciona o enunciador dentro da cena enunciativa que tem como ponto de referência outro cruzamento do mesmo bairro de Higienópolis, na avenida Angélica com a avenida Higienópolis. A posição do velho, *na esquina-do-lado-de-lá*, inaugura um lá fora do espaço da cena enunciativa, espaço de um *tu* que também surge no trecho *crianças levadas pelas mãos relutam para ficar ali mais um instante*.

A isotopia figurativa, a partir de *crianças levadas pelas mãos*, por exemplo, podem ser tematizadas por um tempo presentificado dentro de um espaço unidimensional.

Numa terceira manobra narrativa temporal, o enunciador volta a operar numa relação de anterioridade entre o momento de referência e o momento de enunciação, reinstaurando o sistema enuncivo a partir do adjunto adverbial *Naquele momento*.

O pretérito perfeito, *obedeci à Onda Encantada e demorei-me fitando o velhinho cabeludo* apresenta múltiplos estados ou transformações sucessivos, rompidas por uma simultaneidade e um sentido de estaticidade em função do imperfeito em *fui invadida*. Esse processo de invasão demonstra uma tematização do tempo que passa em alta velocidade, num espaço pluridimensional, em termos de enunciado, mas que conserva um efeito de sentido de restrição espacial. Novamente o espaço do acontecimento, explicitado junto ao momento de referência, delimita uma espacialidade comprimida, enquanto os acontecimentos sucedem-se com rapidez.

Todos os trechos dos diários virtuais íntimos tratados até aqui, neste capítulo, correspondem a debreagens do enunciado, apenas, o que significa que a temporalidade predominante não é aquela em que o narrador conta os eventos, mas uma temporalidade dos eventos propriamente ditos. Trata-se de um discurso narrativo, que conta os acontecimentos na ordem em que ocorreram, obtido pela aplicação da concomitância e não-concomitância aos marcos temporais anteriores ou posteriores ao momento de enunciação. A sucessão desses enunciados que narram os acontecimentos dão origem a um conteúdo narrativo, um conjunto de acontecimentos históricos, rememorados pelo enunciador.

Freud (1982: 41) concebe a memória como sendo a força persistente atuante de uma experiência. A função mnêmica não é passiva, nem tampouco fixação e reprodução de realidades externas, mas um contínuo processo de transformação, mantido em virtude da permanente interação entre o exterior e a contínua reelaboração interna: não há marcas, como nas películas fotográficas, mas códigos como nos computadores. Assim, a realidade é registrada, podendo ser inferida pela rememoração, fazendo com que a memória passe a interferir na organização e no funcionamento da pessoa e nas suas relações com a exterioridade (experiências inter e transubjetivas) ou consigo mesma (intersubjetividade).

O trecho analisado mostra a reelaboração do passado pela rememoração. No momento em que o enunciador se lembra de algo, o que era passado torna-se narrativa e articula-se no presente, sendo, portanto simultâneo a este presente. E o que seria futuro é apenas uma especulação, podendo ser articulado apenas no discurso. O enunciador, ao longo do trecho, retoma um espaço e um tempo dos acontecimentos, alternando tais ações encadeadas a um outro processo metalingüístico de rememoração. Lembrando que lembrou (*Pensando nos últimos acontecimentos, a festa do final de semana, a ligação recebida na noite anterior*), o enunciador comprova a memória como um sistema depositário do passado, mas também de organização do presente, entrelaçando representações, fenômenos de memória e percepções.

Bruner utiliza a distinção entre anais, crônicas e histórias para explicar como os relatos são constituídos a partir das lembranças. Os anais consistem em eventos selecionados por datas fixas, a crônica na criação de núcleos de significado para estes conjuntos de acontecimentos, no sentido de informar a que se referiam, por meio de um pequeno enredo que só alcança significado com a história. Instalados na memória, esses textos narrativos geram interpretações diversas sobre os acontecimentos e as percepções dos seres e segmentam o tempo em unidades maiores ou menores.

Para Bruner (1995), a memória é uma das três maneiras pelas quais o passado humano pode ser transmitido. As outras são a transmissão genética e a cultura "com seu *corpus* de conhecimento simbólico e procedimentos adotados depois que se consegue dominar o sistema semiótico", por meio dos sistemas esquematizadores que modelam a percepção, a memória e o pensamento individuais. Três diferentes sistemas de transmissão servem à memória: os mecanismos do hábito, a memória

episódica (Bruner, 1995: 147), "sistema pelo qual eventos específicos e impressões passadas são adquiridos, armazenados e recuperados... ele garante o acesso, ainda que enviesado, aos eventos que constituem os *anais* de nossas autobiografias" e a memória semântica. A memória semântica (Bruner, 1995: 147) "trafega na memória em: termos de significado e generalidade, e, como podemos imaginar, sua esfera fica nos limites entre o que, no sentido comum, é chamado 'pensamento' e aquilo a que normalmente chamamos memória". É por meio da memória semântica que a cultura atua sobre a mente.

Assim, para Bruner (1995: 147), o processo de "organização de uma autobiografia" é um hábil ato de se transferir uma amostragem de memórias episódicas para uma densa matriz de memória semântica organizada e culturalmente esquematizada. As narrativas episódicas individuais interagem com a memória coletiva, constituindo um texto de origem híbrida, mas marcado por um estilo singular.

Esse processo de estratificação do tempo pela memória episódica está presente na estrutura que o enunciador propõe ao enunciatário, que determina uma leitura linear e cronológica do post. A composição dos blogs, em forma de posts referenciados temporalmente, já justifica uma estratificação temporal na qual se apóia a memória episódica. No trecho apresentado, no entanto, essa estratificação repete-se internamente ao post. Trata-se de uma disposição sintática que corrobora uma simultaneidade temporal condensada, um tempo que voa. Os acontecimenos são contados em alta velocidade, gerando um efeito de sentido de instantaneidade que vai ao encontro da velocidade dos acontecimentos. Só com o tempo sendo estratificado é possível narrar tamanha condensação narrativa.

O espaço do acontecimento comprime-se, mas ele nem sequer importa, pois é apenas um local de onde emergem todas as outras espacialidades da narrativa contada. Em vez de enfatizar uma sucessividade, o enunciador conta uma história condensada no tempo, como se visualizasse de fora da cena enunciativa os acontecimentos que se passam com seu personagem em dado local.

O enunciador não remete, em parte alguma do trecho analisado a qualquer referência ao espaco e ao tempo da enunciação (são todas debreagens do enunciado), ou seja, não menciona o espaço do qual emerge a escrita, do ciberespaço, mas apenas o dos acontecimentos. Ele ignora o tempo e o espaço do ciberespaço para criar uma simulacro de realidade que exclui o ato da escrita, instaurando um outro tempo e espaço paralelos aos da enunciação.

No entanto, o enunciado, no tempo e no espaço dos acontecimentos, mimetiza as condições de enunciação hipertextuais. Embora constituídos majoritariamente por debreagens enunciativas da enunciação, o enunciador dos trechos busca passar um *ethos* descentrado, tanto espacial quanto temporalmente, representando enunciativamente os pressuspostas das condições de produção de sua escrita.

Essas condições de produção exaltam um espaço e um tempo aos quais se refere Bauman (2001): o espaço na contemporaneidade é desterritorializado, não impõe mais limites à ação. O tempo toma a forma da instantaneidade, como o vôo a que se refere o enunciador no trecho relatado, em movimentos rápidos em um curto período de tempo, no qual busca rememorar o passado.

A busca pela recuperação do passado é uma constante da contemporaneidade. Para Jean Baudrillard (2001: 46), uma obsessão em reviver "é a memorização fanática, uma fascinação pelas comemorações, a listagem de lugares da memória, a exaltação da herança". Essa obsessão, segundo Baudrillard, leva ao desaparecimento da própria memória, que, por sua vez, leva ao desaparecimento do real, reduzindo-o a um simulacro: "isso resulta em transformar o próprio passado num clone e congelá-

lo numa imitação falsa que jamais lhe fará justiça" (Baudrillard, 2001: 46). A impossibilidade de ver além do presente nos condena a viver uma "musealização" da memória.

A presentificação do homem e a regulação social exige que ele viva sempre na repetição do presente: "Em sua qualidade de simbolizações de períodos vividos, essas três expressões (passado, presente e futuro) representam não apenas uma sucessão, mas também a presença simultânea dessas três dimensões do tempo na experiência humana" (Elias, 1998: 63). A relação com o passado se transforma em função das transformações contemporâneas: valorizado historicamente como um projeto burguês coletivo, o passado passa a ser uma coleção inesgotável de imagens e figuras, um simulacro fotográfico.

Jameson (1996) explicita a capacidade dos sistemas informáticos de plasmar essa nova lógica do tempo e do espaço, sendo assim impossível deixar de pensar no diário virtual íntimo como veículo dessa (des)ordem do tempo e do espaço na contemporaneidade. O diário virtual íntimo atua no sentido de uma busca para eternizar o passado em forma de pequenos textos sobre seu cotidiano. Essa fixação ocorre pelo mesmo motivo pelo qual as pessoas cultivam o hábito de rever fotografias antigas. Ao colocar em discurso o nosso próprio presente, o passado imediato instaura uma espécie de nostalgia. Só assim podemos confrontar nosso presente social, histórico e existencial e passado como 'referente'. É um fenômeno que Jameson designa de colonização insensível do presente pela modalidade na nostalgia.

Se a contemporaneidade é marcada pela dificuldade de produzir e representações de nossa própria experiência corrente, o que Jameson denomina de esmaecimento da historicidade, a prática dos diários virtuais pode ser compreendida como uma abordagem do presente pelo simulacro ou do pastiche do passado estereotípico. Para Jameson, a crise da historicidade está relacionada à perda da capacidade do sujeito de entender de forma ativa suas pretensões e retenções em um complexo temporal e organizar seu passado e seu futuro como uma experiência. O presente instantâneo e estratificado do post, que condensa o passado, é uma característica dos diários virtuais íntimos, nos quais os autores nem precisam explicitar a data de publicação (momento de referência e enunciação) pois esta já é impressa automaticamente pelos publicadores.

Torna-se difícil, portanto, perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não um amontoado de fragmentos e uma prática da heterogeneidade (Jameson, 1996: 52). Nesse contexto, como evitar pensar que a prática discursiva dos diários virtuais dispense a coerência e privilegie a heterogeneidade e resulte em um amontoado de fragmentos? Seria a refutação dessa heterogeneidade um caminho pertinente?

A Psicanálise pode contribuir bastante com a discussão sobre essa prática de heterogeneidade que marca a escrita e o exercício biográfico. No entanto, os conceitos emprestados da teoria psicanalítica não devem funcionar como instrumentos de diagnóstico sobre a personalidade e a cultura contemporâneas, mas apenas como um modelo teórico no qual se baseiam alguns teóricos para reafirmar positivamente as heterogeneidades e a fragmentação que afetam o conceito de sujeito.

Lacan desenvolve a idéia de que a cadeia dos significantes, conceito que pressupõe a arbitrariedade do signo (não há relação unívoca entre o significante e o significado, entre o nome e o referente), se rompe. O sentido, gerado no movimento do significante ao significado, é, portanto, apenas um efeito, uma ilusão produzida na relação interna dos significantes, agora desarticulada. Fundamentado na psicanálise lacaniana, Jameson descreve a identidade pessoal como a capacidade do

indivíduo em unificar passado, presente e futuro na escrita, ou seja, como função de linguagem, bem como em sua vida psíquica, o esquizofrênico é justamente aquele indivíduo incapaz de percorrer o caminho temporal, tanto na sentença quanto, conseqüentemente, em sua experiência biográfica.

Essa ruptura da temporalidade libera, segundo Jameson (1996: 54), "esse presente do tempo de todas as atividades e intencionalidades que possam focalizá-lo e torná-lo um espaço de *práxis*", permitindo-o falar em arte esquizofrênica, narrativas cíclicas, exercícios de descontinuidades e até em uma possível reemergência de um sentido global mais unificado ao longo dessas sentenças desconexas.

Para esse autor, por trás do pastiche de múltiplos estilos nas formas culturais que mimetizam a atual tendência da vida social contemporânea para a fragmentação das normas linguísticas, está o apagamento do sentido de história. Assim, o fio que conecta algumas características sociais da contemporaneidade, como o crescente poder da publicidade e da mídia eletrônica e a ascensão da informação como valor às mudanças estéticas e culturais é tecido na perda da capacidade de conhecer o próprio passado.

A dificuldade de analisar os diários virtuais íntimos em termos lingüísticos e discursivos passa pela articulação entre teoria e análise. Embora pareça verossímil falar em perda da historicidade, na dissolução do eu centrado e na prática do pastiche, o desafio se constitui justamente em articular as margens sociais, culturais e históricas desse fenômeno. Nem todos os posts mimetizam diretamente uma ordem temporal em que predomina a perda da historicidade. Alguns, pelo contrário, resistem às formas fragmentárias da temporalização, buscando constituir um efeito de sentido que unifique passado, presente e futuro em uma escrita que possa ser atualizada na leitura de forma que considere a sucessividade dos acontecimentos.

A importância dessa observação acentua-se com os enfáticos apelos de certos teóricos que buscam, inadvertidamente, criar uma ponte entre a liberdade do signo de sua função de referir-se ao mundo e alguns fenômenos aparentemente "descentrados", ou seja, que tentam criar uma relação de causa e efeito diretos entre a ruptura na cadeia de significantes e a escrita no ambiente hipertextual, por exemplo. A afirmação de que o ciberespaço incorpora, em sua totalidade, aspectos da cultura e estética pós-modernas é repetida acriticamente, baseando-se em formulações apoiadas em análises superficiais do tipo de texto que se propaga pela Internet, bem como pelas formas de interatividade propostas.

V.5 - ESPAÇO DA MORTE, ESPAÇO DO SEXO

O trecho a seguir ilustra esse descompasso entre uma forma sintaxical que explora a sucessividade dos acontecimentos frente a um ambiente hipertextual que sugere formas de apropriação e leitura não-lineares.

> Feliz 2009
>
> Liliana | Agora que eu sei disso, posso morrer em paz. | Sunday, December 21st, 2008
>
> Hoje é domingo, dia 21 de dezembro de 2008.
>
> E eu *fiquei pensando* na vida.
>
> Pouca gente tem a oportunidade de reavaliar tão minuciosamente seus conceitos de vida, felicidade, objetivos, aspirações quanto certas pessoas que estão doentes em camas de hospitais sem saber o que tem.

Eu ouvi ontem a frase que dizia que vemos o valor de uma pessoa não pelo que ela conquistou, mas pelo que ela superou.

Pensando assim, sou rica e feliz.

Mas olhando por outra perspectiva, eu poderia dizer que estou tendo uma vida desgraçada e que estou cheia.

Então, chega a hora de decidir se vale a pena persistir. Ou se entregar.

Tudo que *vivi*, todas as experiências que *passei*, tudo que *aprendi*, meus conhecimentos, tudo se perderia comigo.

Já *estive* nessa posição antes e eu *quis* ser imortal de alguma forma.

De novo nessa mesma situação, eu já aceito a mortalidade. E o principal, aceito que minha existência só interessa a mim em último caso.

Estou agora escrevendo do meu quarto no Hospital Oswaldo Cruz em São Paulo.

Preferi ficar só aqui. E poder lidar com todas essas questões comigo mesma.

Ontem a noite fiquei com muito medo dos diagnósticos possíveis. O medo durou alguns minutos mas foi o suficiente para eu avaliar se iria reagir ou não.

Uma certeza muito grande brotou em mim então: vou prevalecer.

E hoje acordo com a mesma visão que tenho da vida todos os dias: que ela é uma grande aventura que me proporciona experiências incríveis e me transforma de maneiras inimagináveis em alguém que cada vez eu amo e admiro mais.

Se eu preferia não passar por tudo isso? Claro! Mas eu não lido com possibilidades ou alternativas que não existem. Eu vivo apenas na realidade seja ela qual for. E isso foi também uma escolha que fiz há anos atrás.

Uma vez escolhido o caminho da verdade, nos vemos como somos, vemos os outros como são e o que é a vida.

E entendemos o sentido da vida que é simplesmente viver um dia de cada vez, ao máximo e com a totalidade do nosso ser.

Nesse final de ano, apropriem-se de suas vidas. Elas são suas e de mais ninguém. E comecem o Ano Novo renovados e maravilhados com as descobertas e as aventuras de viver.

Feliz 2009.

A instauração de um marco de referência simultâneo ao presente implícito da enunciação, logo no início do post e semelhante ao momento de referência publicado automaticamente pelo sistema de publicação de blogs (*Hoje é domingo, dia 21 de dezembro de 2008*), inaugura um sistema enunciativo de temporalização. Ao longo do post, o enunciador centra sua fala em tempos de acontecimento presente, pretérito e futuro. Em termos de anterioridade entre o momento de acontecimento e o de referência presente, temos os trechos *E eu fiquei pensando* e *Já estive nessa posição antes e eu quis ser imortal* e *Ontem a noite fiquei,* com verbos conjugados no passado simples, acompanhados por advérbios de tempo que revelam a anterioridade.

O momento de acontecimento presente surge tanto na forma de um presente pontual, quanto de um presente durativo. Em *E hoje acordo com a mesma visão que tenho da vida todos os dias* e *Estou agora escrevendo do meu quarto no Hospital Oswal-*

do Cruz em São Paulo, os verbos grifados indicam estados ou transformações quer ocorrem em um momento de enunciação presente, um *hoje* do dia 21 de dezembro de 2008 e um *agora*, englobado por esse *hoje*. O presente durativo, no entanto, indica um momento de referência, um *hoje* que progride ilimitadamente, como um *hoje em dia*, mais longo que o momento de enunciação, conforme pode ser observado em *De novo nessa mesma situação, eu já aceito a mortalidade. E o principal, aceito que minha existência só interessa a mim em último caso.*

Já ao final do post, em relação ao momento de referência *agora*, do dia 21 de dezembro de 2008, *Nesse final de ano, apropriem-se de suas vidas* indica uma posterioridade ao momento do acontecimento. A forma do imperativo, nesse caso, adquire um valor de futuro, em que, longe de poder representar uma modalidade factual, o enunciador avalia a necessidade de fazer asserções a respeito do futuro, bem como de sugerir conselhos e alertar sobre possibilidades de ocorrências no futuro.

O sistema enunciativo temporal repete-se também em relação à espacialidade. As referências espaciais do post delimitam uma cena enunciativa que se passa dentro de um quarto de hospital, um *aqui* de onde parte a enunciação: *Estou agora escrevendo do meu quarto no Hospital Oswaldo Cruz em São Paulo.*

A preposição *em*, no trecho *Uma certeza muito grande brotou em mim então: vou prevalecer,* manifesta uma visão concentrativa de um sujeito observador, no caso o enunciador, marcando uma posição que coincide com um lugar considerado como um ponto. No entanto, como se refere ao corpo físico do enunciador, *em* pode ser substituído por *dentro*, no qual o espaço é considerado em sua bidimensionalidade.

Nesse post pode ser observada uma das funções principais dos promomes demonstrativos, a de retomar o que fora dito, atuando como mecanismo de coesão textual. Em *Já estive nessa posição antes e eu quis ser imortal de alguma forma. De novo nessa mesma situação, eu já aceito a mortalidade*, assinala-se a aglutinação da preposição *em* com o demonstrativo *essa,* que dá origem a *nessa*, que retoma a menção a uma situação pela qual passou o enunciador, indicada no texto, em que o enunciador permanence doente em uma cama de hospital. A função anafórica também pode ser encontrada no trecho *Se eu preferia não passar por tudo isso? Claro!,* pois o demonstrativo neutro *isso* refere-se não a um elemento específico do contexto, mas "reporta-se a todo um segmento do texto, que comporta vários lexemas ou a uma situação complexa" (Fiorin, 2006a: 269). Após a explanação de todo o contexto físico e emocional do enunciador, o demonstrativo "recupera o plano da expressão e do conteúdo do que acabou de ser exposto" (Fiorin, 2006a: 269).

Os esquemas narrativos abstratos de disjunção e conjunção com a morte recebem investimentos semânticos que elevam o texto a um nível conceptual, ordenando os elementos do mundo natural perene conforme a visão de mundo do enunciador. Essa classificação da realidade espacial e temporal significante, no entanto, adquire, no enunciado, indícios figurativos que constroem um simulacro da realidade da morte. Em termos espaciais, simula-se o espaço do quarto de hospital, em que o paciente está posicionado centralmente, porém inabilitado de locomover-se pelo espaço bidimensional ao seu redor. Embora aportado em uma dualidade primordial entre aquele de uma leitura referencial, o tempo dos acontecimentos e que determina um tempo significante da morte no plano do conteúdo e aquele do plano da expressão, a partir de uma leitura relacionada ao processo descritivo no tempo presente do texto predomina, o tempo sugere uma sucessividade do discurso, figurativizado em *hoje*, *ontem* e *agora*. A sucessividade dos enunciados, ou seja, a narrativa dos acontecimentos, combinada à focalização espacial, delimita a estrutura espacial e temporal do fragmento.

O trecho, predominantemente temático, busca explicar a realidade pela qual passa o narrador, em um espaço bidimensional e estático do quarto de hospital que representa o valor da infalibilidade da morte, enquanto o tempo da sucessividade está investido de qualificações da esperança, comprovada pelos votos de Ano-Novo do narrador no final do post. O tempo futuro, dessa maneira, simboliza o tempo da esperança de viver, para perpetuar as lembranças ainda em vida.

O espaço é tematizado em uma pontualidade estável, a partir da qual o enunciador recupera os momentos vividos durante o ano de 2008. A sintaxe expressa o espaço do aqui da cena enunciativa de onde parte a enunciação (um quarto de hospital). A temporalidade admite uma sucessividade dos acontecimentos, fazendo das lembranças narradas uma história contínua. Tanto na sentença quanto em sua experiência biográfica, o narrador é capaz de percorrer o caminho temporal para ressignificar as diversas referências que compõem a memória episódica de sua história de vida.

O narrador desse trecho, embora expresse estar consciente da inevitabilidade da morte (*De novo nessa mesma situação, eu já aceito a mortalidade*), emprega seu texto como uma forma de buscar a lembrança de sua personagem em caso de morte. Uma das funções da autobiografia remetem diretamente à temática da morte. Ao escrever um relato de si, o narrador busca permanecer vivo na memória da posterioridade, como uma pessoa, única, insubstituível, com rosto e nome próprio. A aubiografia atua como uma ponte que "fornece o vínculo necessário entre a transitoriedade e a duração – a transitoriedade que é o destino humano, a duração como realização humana" (Bauman, 2008: 302). Se as duas principais pontes modernas de solução para o drama da mortalidade individual (a nação e a família) se romperam, apenas as pontes individuais, entre elas, a autoria autobiográfica, restam como maneira de atingir a duração eterna.

No entanto, mais do que o acesso à duração eterna, o blog oferece a sensação de imortalidade: "a fama costumava ser a estrada real para a imortalidade individual. Foi substituída pela *notoriedade*, que é um objeto de consumo mais do que *oeuvre* – algo produzido laboriosamente" (Bauman, 2008: 308). A notoriedade é descartável e instantânea, assim como a experiência da imortalidade. A possibilidade infinita de publicação de textos autobiográficos na rede inaugura um novo estatuto da autoria na contemporaneidade, a ilusão de que qualquer indivíduo possa se tornar autor em seu estatuto social e escrever uma obra literária a partir de sua própria história de vida.

Já na modernidade a determinação da posição social é substituída por uma *auto*-determinação compulsiva e obrigatória que deveria ser promovida como uma tarefa pelos esforços individuais. No entanto, a globalização das condições de vida, ao deslocar os lugares sociais aos quais os indivíduos devem se encaixar, acentua ainda mais a importância da atomização e da privatização das lutas da vida. A ponte para a transcendência deve ser construída individualmente:

> Não tendo esperança de melhorar suas vidas, as pessoas se convencem de que o mais importante é a auto-melhoria psíquica, a saúde do corpo, o consumo e os rearranjos da auto-identidade preenchendo o vazio deixado pela ausência da luta por uma sociedade mais justa, segura, humana. (Lasch, 1979: 29-30 apud Bauman, 2008:191)

A explosão das narrativas do eu na década de 90, segundo Roudinesco, está ligada ao surgimento, nos Estados Unidos, no último quarto de século, de uma cultura do narcisismo, ou do culto de um arquivo de si:

> Fico chocada ao ver que na França, como aliás nos Estados Unidos, o culto de si assume a forma de uma narratividade exacerbada do eu. Assim, a prática do diário íntimo, enquanto expressão das angústias individuais de massa, desenvolveu-se de forma considerável de uma década para cá. (Roudinesco, 2006: 60)

A primazia do eu (impossível não mencionar o aparelho de áudio mais vendido, *Ipod*) reflete uma mudança cultural que incentiva o ideário de bem-estar privado e o culto de si exacerbado, do qual faz parte a autoconstrução biográfica. O culto de si, segundo a autora, pode ser verificado pela disseminação de atividades terapêuticas de diversos tipos, voltadas para o bem-estar corporal, como as chamadas terapias holísticas, tai chi, meditação transcendental etc. que, para Roudinesco, não passam de modalidades da afirmação de si caracterizadas pela vontade de um "desenvolvimento pessoal".

As formas de afirmação de si variam em relação aos seus contornos, no entanto, não diferem quanto às tentativas de diferenciar-se das massas pela subjetivação, de se rebelar contra as objetivações da sociedade:

> Observa-se, portanto, que quanto mais o mundo é unificado por uma economia de mercado, e, portanto pelas ilusões de uma universalidade enganadora, mais a afirmação narcísica progride, como manifestação de uma pretensão do eu de se diferenciar da massa para melhor se adaptar a ela: movimento estranhamente paradoxal. (Roudinesco, 2006: 53).

Cada vez mais, a ordem do saber e da verdade que constitui a voz de autoridade aos psiquiatras e psicanalistas é rompida por esse cuidado de si por si mesmo: pacientes fazem diagnósticos por conta própria, automedicam-se, mas, o que marca em espacial essa cena narcísica, é a forma que esse culto de si adquire numa sociedade midiatizada.

Os diários virtuais íntimos integram essa cultura do culto de si. Considerada como gênero menor, a autobiografia nos modelos tradicionais da modernidade já colocava a questão do narcisismo; no entanto, ainda supunha um sujeito integrado e racional, subjetivado pelas formas modernas. O indivíduo cujo cotidiano se materializava no diário de papel já supunha o olhar do outro e a troca exibicionista-narcísica. Contudo, esse desejo de ver e ser visto só se concretiza com as novas formas de visibilidade na contemporaneidade, favorecidas pelo surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação e mais especificamente, da Internet.

Embora a sintaxe espacial e temporal do trecho analisado demonstre ainda um estilo autobiográfico tradicional de sucessividade no tempo e pontualidade no espaço, as formas de leitura promovidas pelo ambiente hipertextual subvertem essa tradicionalidade: transformadas as condições de produção enunciativa, a leitura no ciberespaço, espaço público destituído de valor que prioriza a instantaneidade temporal evoca a emergência do paradoxo constitutivo dos diários virtuais íntimos: de temática essencialmente privada, o meio no qual se materializa desorganiza o caráter particular desse conteúdo. Digitalizado, o conteúdo do diário íntimo perde seu caráter de privacidade para se tornar público, acessível a qualquer usuário da Internet.

Assim, o outro, representado não apenas pelo olhar espetacularizado do leitor, mas também pelo caráter público, é uma condição necessária aos diários virtuais, em oposição à sua identidade marcada pela privacidade. Tornado público, esse conteúdo de temática privada, seja a respeito do sexo ou da morte, reveste-se de um *ethos* politicamente correto, pois não se trata de uma exposição escancarada da inti-

midade, mas uma escrita delimitada pelo que pode e deve ser dito sobre tais temas em função das novas formas de visibilidade na contemporaneidade.

Dada a certeza da atualização do enunciado pela leitura interativa do enunciatário, o enunciador constrói uma imagem de si compatível com o caráter público e participativo do contexto hipertextual, ao coletar elementos pertencentes ao processo de morte humana, como a dor, o sofrimento, o hospital, a partir de uma memória coletiva e de estereótipos sociais. Esses elementos são todos tematizados de forma a ilustrar para o enunciatário o sofrimento singular do enunciador, que, ao final do post, busca interagir com ele sugerindo conselhos sobre o valor eufórico com o qual os momentos em vida devem ser investidos. Atingido seu objetivo inicial, enunciador e enunciatário compartilham de uma visão de mundo otimista a respeito da morte. O modo de enunciação desse compartilhamento constitui uma forma particular de escrita, que, por meio de estilos singulares enunciativos visa alcançar formas narrativas universalizantes, com as quais o enunciatário introjeta modos de estar no mundo, identificando-se com histórias de vida diversas, mas sempre constituintes do humano.

Enquanto nos posts analisados até aqui predominavam as debreagens do enunciado, expondo a temporalidade e a espacialidade do nível dos acontecimentos, nos trechos seguintes a instância enunciativa emerge, com o enunciador suscitando referencializações espaciais e temporais do próprio fazer enunciativo, retomando elementos do processo de escrita no blog. Se nos posts anteriores era escassa a presença de hiperlinks, configurando um sistema imersivo e imediado de leitura, convém apontar, nas análises que seguem, a presença de um sistema hipermediático de interação com o enunciado, tendo em vista a presença de links que sugerem formas de leitura específicas da navegabilidade exclusiva do ambiente digital.

Será que sou aquilo que critico?

Aug 23rd, 2008 by camilalpav.

1) Sobre as fotos do meu quarto. Está tudo muito bom, tudo muito bem, mas coube ao meu perspicaz editor apontar um detalhe muito importante: a arquitetura puritana da cama. Dado que o teto que cobre o lado esquerdo dela (para quem deita) é muito baixo, atividades de natureza diversa do sono ficam comprometidas.

Com relação a isso, devo dizer que, por ora, minha vida sexual em New Orleans resume-se a um sonho erótico com Michael Phelps logo na segunda noite - e olha que a parte mais excitante foi quando ele carregou as minhas malas escada acima. Afora isso, presenciei também um evento inédito: um homem e uma mulher transando! No quarto ao lado do meu, deu para ouvir bastante coisa. Não foi nem constrangedor nem excitante, como eu talvez pudesse ter antecipado (isso nunca me aconteceu antes): foi, apenas… Falso. Minha experiência com filmes pornográficos bate ali no -1; talvez por isso eu só tenha podido relacionar os ruídos que chegaram a mim com lembranças distantes da Sexta Sexy. Foi um pouco assustador, na verdade, porque não conheço nada sobre a minha vizinha - mas sei que, decididamente, é americana, pois transa como as moças americanas de filmes porn-fake-light. Aí bateu o desespero: será que um dia, com cinco anos de Estados Unidos nas costas, eu vou passar a transar desse jeito? Pior: será que eu já transo assim, emitindo barulhinhos que soam forçados, e nunca percebi?? (Taí uma coisa que apenas alguns poucos - ou pouquíssimos, dependendo do ponto de vista - homens poderiam dizer.) Prefiro acreditar que não - acho que meu estilo está mais para Terça Insana do que para Sexta Sexy.

A partir de uma constatação em um presente de continuidade em *Recordar, Repetir e Elaborar* (no qual o momento de acontecimento e enunciação coincidem com a continuidade do momento de acontecimento) sobre uma fotografia publicada no diário virtual íntimo em resposta a um leitor (marcado com um hiperlink que direciona à página pessoal do leitor), na qual uma cama estaria localizada em local impróprio (como em *atividades de natureza diversa do sono ficam comprometidas*), o enunciador efetua uma operação enunciva, instaurando um tempo de referência anterior ao da enunciação para realizar uma digressão a respeito de seus comportamentos sexuais.

Assim, depois de introduzido um tempo da enunciação, o enunciador opta por narrar os fatos ancorados em um tempo crônico (*logo na segunda noite*), marcando o tempo dos acontecimentos. O adjunto adverbial de tempo *por ora,* que equivale a *por enquanto*, denota uma duratividade entre o presente dos acontecimentos (*devo dizer que, por ora, minha vida sexual em New Orleans resume-se a um sonho erótico com Michael Phelps logo na segunda noite*). O enunciador narra fatos em um tempo pretérito imperfeito, instalando um momento de referência não especificado, mas anterior ao momento de enunciação e concomitante ao momento dos acontecimentos. Consideram-se assim essas ações como acabadas, um ponto na continuidade do momento de referência. Portanto, *carregou, presenciou* e *deu* marcam ações pontuais no passado, a partir das quais o enunciador irá comparar ações no presente da enunciação (*será que eu já transo assim, emitindo barulhinhos que soam forçados, e nunca percebi??*).

Ao sistema enuncivo de temporalização corresponde um espaço do plano da expressão, ou seja, ao próprio blog, por fazer referência a imagens do espaço do quarto a que se refere o enunciador, publicadas no blog em post anterior. O sistema enuncivo de temporalização, que suprime as marcas do tempo da enunciação do enunciado, é instaurado por meio da coesão textual exercida pela expressão introdutória *Com relação a isso*, na qual o demonstrativo neutro *isso* reporta-se a "todo um segmento de texto, que comporta vários lexemas, ou a uma situação complexa" (Fiorin, 2006a: 269) e recupera tanto o plano da expressão, ou seja, a forma do texto, quanto o plano do conteúdo, ou seja, os acontecimentos a respeito da sexualidade narrados.

Esse sistema enuncivo remete, assim, ao espaço onde se desenrolam os acontecimentos do plano do conteúdo, ou seja, o quarto a partir do qual o narrador afirma ter escutado o "evento inédito", lugar de referência (*No quarto ao lado do meu, deu para ouvir bastante coisa*) que determina uma ambientação do enunciador. Essa ambientação figurativizada por meio de termos como *ruídos* e *barulhinhos*, sugere uma atividade de percepção que enfatiza o órgão sensorial da audição, em detrimento do da visão. O ruído da relação sexual que chega aos canais sensoriais auditivos do narrador adquire um valor de voyeurismo, em um espaço onde nada pode ser visto, mas apenas os sons podem ser ouvidos, levando o narrador à reflexão sobre o comportamento sexual da mulher brasileira em contraste ao da mulher americana. O espaço da reflexão é tematizado como o espaço da intimidade do enunciador.

Neste trecho, portanto, podem ser identificados dois planos nos quais emerge a questão do voyeurismo: o primeiro plano corresponde ao nível dos acontecimentos, em que o enunciador explora o caráter erótico da cena enunciativa, ao escutar os sons produzidos pela relação sexual de seus vizinhos. O segundo plano, como uma conseqüência do primeiro, remete à explanação, pelo enunciador, de seus comportamentos sexuais e de seu espaço íntimo a partir da situação enunciativa, buscando provocar no enunciatário a curiosidade e satisfazer o prazer da leitura ao instaurar um tom erótico politicamente correto.

Separado da função reprodutiva e do amor, o sexo torna-se um significante livre, fonte de experiências na busca incessante pelo prazer: "a desconstrução pós-moderna da imortalidade – a tendência a separar o presente do passado e do futuro – equipara-se a separar o erotismo da reprodução sexual e do amor" (Bauman, 1998: 288). Essa revolução erótica estaria vinculada ao colapso do modelo panóptico.

O dispositivo do panóptico foi formulado pela primeira vez pelo jurista britânico Jeremy Bentham como uma prisão na qual todos os prisioneiros ficariam enclausurados sob a vigilância de um vigia posicionado no centro da prisão. No entanto, se o vigia poderia visualizar, pela contraluz, todos os prisioneiros, esses, por sua vez, não teriam em seu foco de visão o vigia, e, assim, não poderiam saber em que momento exatamente estariam sendo vigiados. O modelo do panóptico sugere uma imposição do poder não pela força física, mas pela idéia da permanente visibilidade, fazendo com que o próprio prisioneiro seja portador da relação de poder, ou seja, despersonalizando o poder, mudança efetuada em função do dispositivo arquitetônico. O modelo panóptico depende, assim, de um espaço compacto e visível e de um tempo rotinizado normatizamente, uma corporificação territorializada.

O colapso desse modelo de perpetuar a ordem e a integração social, pelo policionamento e pelo doutrinamento, segundo Bauman, teria dado lugar a uma integração pela sedução e pela propaganda. O recolhimento de sensações e experiências corporais pelo prazer sexual toma o lugar do sexo em sua função reprodutiva, "solução evolucionária da natureza para a questão da continuidade" e "substrato material dessa produção cultural da imortalidade" (Bauman, 1998: 285).

Enquanto no panóptico poucos podiam vigiar muitos, no sinóptico muitos são aqueles que vigiam poucos: "O panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – ele seduz as pessoas à vigilância. E os poucos que os vigilantes vigiam são estritamente selecionados." (Bauman, 1999: 60). No entanto, o sinóptico não pode ser tomado como modelo das formas de visibilidade que correm na Internet, pois os sistemas de vigilância na Internet assumem uma função difusa e descentralizada.

Exemplos claros dessas transmissões que se baseiam no espetáculo e na vigilância constantes são os *reality shows*, que promovem uma invasão entre campos do referencial, do ficcional e do lúdico. Esses formatos dão a ver uma certa configuração subjetiva contemporânea, baseada na desconstrução da privacidade ou no fenômeno da corrosão das intimidades, demonstrando que a audiência deseja ser olhada, reconhecida no seu anonimato. O *reality show* configura como necessário o encontro entre o voyeurista e o exibicionista.

A reversibilidade das tecnologias de registro e exibição possibilita que as funções de espectador e espetáculo se confundam, bem como as de observador e observado. Ou seja, o olhar é reversível, entre dois pólos, um ponto de cruzamento entre o eu e o outro e, por isso, fonte de libido e não mais de visão: o binômio olhar/ser olhado não se separa e "é exatamente pelo fato de que o olhar é um dos suportes do desejo do Outro que o sujeito é afetado pelo olhar enquanto objeto de desejo do outro" (Bartucci, 2002: 21). As configurações subjetivas e identitárias se conjugam ao valor da exterioridade, fazendo com que para cada ato exibicionista seja necessário outro voyeurista. Ambos presumem a idéia de um sujeito singular que vê no outro o espelho de si mesmo.

Se o fato de as formas de subjetivação contemporâneas serem plasmadas pela publicização da privacidade, pelos novos modelos de visibilidade no qual o olhar da presença física do outro é substituído por uma presença mediada, este não seria o principal motivo pelo qual os diários virtuais íntimos se tornaram um pólo de uma escrita de si pautada pelo olhar do outro.

Apesar da problemática do duplo voyeurismo-exibicionismo ser a tônica do trecho analisado, a publicicização do eu passa também por uma imagem de enunciador politicamente correto, um *ethos* ético incorporado, em função do compartilhamento de um conteúdo privado não explícito, com o qual os leitores se identificam. Mais do que um conteúdo que explore o caráter íntimo do enunciador de forma abusiva, os diários virtuais íntimos exibem o espaço do qual parte a enunciação. Também, a explicitação do espaço enunciativo e do acontecimento colaboram com o *ethos* que o enunciador deseja mostrar.

V.6 - A INTERFACE ENUNCIADA

Wednesday, November 26, 200

Pausa para (tentar) respirar

Dias difíceis, daí o sumiço.

Perdemos o pai do Manfriend no dia 18. Corri com a Catarina para lá dois dias antes, passamos a primeira semana coladas nele, mas eu tive de voltar, porque a vida aqui continua, e bem caótica, por sinal.

Além dos sentimentos de perda e de preocupação com o Manfriend, suportar a distância está sendo especialmente dolorido agora. Lugar errado, na hora errada, com tudo errado. Não posso estar lá e tampouco consigo estar aqui.

Então o blog entra em hiato por tempo indeterminado, até que eu consiga me desvencilhar de todos esses prazos e páginas para ler, até que eu consiga fazer aquela bendita reforma de apartamento andar e até que todo esse redemoinho perca um pouco de sua velocidade e me deixe ter leveza e humor novamente.

Bye.

posted by Cam Seslaf às 5:30 PM | [16] no tinteiro

Em *Scarlett Letters*, de um tempo gerado no enunciado por um sistema temporal enuncivo, exemplificado pelas formas *Perdemos o pai do Manfriend no dia 18* no qual o momento de referência (*dia 18*), é anterior ao momento de enunciação, o post revela uma forma enunciativa de descrever um estado de luto em que se encontra o enunciador, que ocorre num momento de referência presente, um agora que se passa às cinco e meia da tarde do dia 26 de novembro de 2008. Assim, de um tempo relacionado à ordenação dos estados e transformações narradas no texto, o enunciador opta por relatar os acontecimentos em um tempo ordenado pelo momento de enunciação, como pode ser observado no trecho *Não posso estar lá e tampouco consigo estar aqui*.

Logo a seguir, já no final do post, o enunciador não propõe nem uma debreagem enunciva, nem enunciativa temporal, mas uma embreagem, na qual se neutralizam termos da categoria do tempo, ou seja, manifestando uma posterioridade por meio de uma forma no presente com a finalidade de criar um efeito de sentido de transformação do futuro em um presente prolongado, para denotar a certeza da ação futura, criando um simulacro do tempo como mera construção do enunciador.

Os sistemas de espacialização seguem a mesma sucessividade temporal, embora manifestados sempre de forma enunciativa. Ao tempo passado está relacionado um espaço fora da cena enunciativa, manifestado por um *lá* em *Corri com a Catarina para lá dois dias antes*. Em contraposição a esse tempo e espaço do passado, aparece o espa-

ço do *aqui*, ou seja, da cena da enunciação. No entanto, o advérbio de lugar *aqui*, em *Não posso estar lá e tampouco consigo estar aqui,* conserva uma ambigüidade, pois, no plano de conteúdo, assinala o espaço lingüístico do *eu* e no plano da expressão assinala uma posição no interior do texto que remete diretamente ao ato da escrita no blog.

Essa ambigüidade torna-se ainda mais explícita no parágrafo seguinte, em que o enunciador decreta uma pausa na regularidade de publicação de posts no blog (*Então o blog entra em hiato por tempo indeterminado…*). Assim, esse *aqui* está relacionado ao espaço de onde parte a escrita, ou seja, mais diretamente, à interface com a qual o usuário interage, e, por esse motivo, trata-se de uma debreagem enunciativa da enunciação, "quando se projeta no enunciado o espaço de onde fala o enunciador" (Fiorin, 2006a: 291).

A alusão a essa interface remete diretamente a uma das principais propriedades do ciberespaço: seu caráter espacial. A própria interface do computador alude diretamente a um espaço físico, como uma mesa tradicional onde estão dispostas pilhas de documentos (os ícones), canetas (o mouse) e com o qual se pode interagir fisicamente:

> Os novos ambientes digitais caracterizam-se pela capacidade de representar espaços navegáveis. Os meios lineares, como livros e filmes, retratam espaços tanto pela descrição verbal quanto pela imagem, mas apenas os ambientes digitais apresentam um espaço pelo qual podemos nos mover. (Murray, 2003: 84)

A possibilidade de navegação, exclusiva do ambiente digital, favorece, por meio da interação na leitura, a atualização dos espaços do enunciado pelo enunciatário. Uma debreagem enunciativa da enunciação (*Não posso estar lá e tampouco consigo estar aqui*) permite que o enunciador projete no enunciado o espaço de onde parte a enunciação, referindo-se ao espaço do blog, dentro do ciberespaço no qual autor e leitor interagem. Esses espaços (do enunciado e da enunciação) coincidentes na tela do computador exibem "uma história que é também um lugar. O bater da porta do calabouço atrás de você (não importa se o ambiente é descrito com palavras ou imagens) é um momento de vivência dramática só possível no meio digital" (Murray, 2003: 86), dada sua propriedade interativa.

A atualização pela leitura e a interatividade pelos comentários, especificidade dos diários virtuais íntimos no ciberespaço conduz novamente à problemática da enunciação em um ambiente hipertextual. A comunhão de um mesmo espaço, do blog e do enunciado, pelo autor e pelo leitor, favorece a exposição de uma intimidade controlada, conforme as necessidades de ambos.

A proximidade limitada pelos aparatos técnicos da comunicação mediada por computador torna-se, portanto, uma característica que define a exclusividade dos diários virtuais íntimos. Eles supõem a existência de leitores, de um público assíduo, seja ele formado por familiares, colegas, amigos ou desconhecidos e admite, por vez, o desejo do autor em ser reconhecido por seus escritos.

As "máquinas de individualizar" em que os computadores se transformaram são também instrumentos de uma sociabilidade controlada em que o enunciador, ao reconhecer sua especificidade interativa, incorpora certas imagens de si de acordo com o imaginário social do que se espera de um bom diarista: um mundo construído de forma verossímil, marcada por dimensões espaciais e temporais advindas de um simulacro de realidade, mas pela não-presencialidade física, próximo de um estilo ficcional. A reflexão sobre a articulação entre ficção e realidade nos diários virtuais íntimos, embora não tenha sido desenvolvida nesse trabalho, configura um riquíssimo campo de investigação, a ser explorado em pesquisas posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderando que o blog pode ser de diversos tipos e expressar temáticas variadas, ele funciona, antes de qualquer observação analítica, como ferramenta de publicação, ou seja, o formato do blog-programa favorece a expressão e a publicação na rede de forma acessível aos leigos. Como um modelo de texto a ser seguido dentro de um espaço identificável na rede mundial de computadores, os blogs ou diários virtuais íntimos (ou blogs pessoais auto-reflexivos), empregados em sua potencialidade máxima de interatividade e hipertextualidade compõem o quadro das ferramentas das redes sociais mediadas pelo computador e marcadas pela presença da interação entre os usuários. As mídias sociais evocam não apenas uma nova maneira de sociabilidade, mas também modificam o conceito de comunidade, adaptado para a compreensão dos laços sociais construídos a partir da comunicação mediada por computador entre participantes autônomos, privilegiando tramas comunicativas que valorizam as relações informais e em rede e desconsideram hierarquias sociais tradicionais.

Os sites de redes sociais (*Social Network Sites – SNSes*, em inglês), dos quais fazem parte o *Orkut*, o *Facebook* e, recentemente, o popular *Twitter*, entre outros, embora apontem diferenças em termos de estrutura, ferramentas e formas de interatividade em relação aos blogs, compartilham com eles o fato de sua existência e desenvolvimento serem contingenciados pelo ambiente tecnológico em que são construídos e, consequentemente, a especificidade dialógica e voltada para a exploração das potencialidade interativas e cognitivas das mídias digitais, configurando novas formas de agenciamentos subjetivos e identitários.

Apenas pela interação mútua e reciprocidade nas trocas na comunicação mediada por computador, ou seja, com a entrada subjetividade humana, é que os textos dos diários virtuais íntimos se atualizam na interface do computador, pois as formas de interação mediadas e hipermediadas no labirinto e estabelecem novos e diferenciados modelos de leitura e escrita. A revolução do texto digital introduz rupturas da ordem do saber e da propriedade, instalando um novo tipo de relação entre autor, leitor e texto.

A linguagem exerce um duplo papel nos diários virtuais íntimos: primeiro a assunção da ordem simbólica constitui o humano, faculta a ele a possibilidade de evocar o ausente e ordenar o mundo pela representação. Concomitantemente, favorece a interpretação e a reorganização desse mundo sob uma perspectiva singular por meio de uma escrita de si que, notadamente, mira o discurso do outro.

Dessa maneira, é possível falar em um sujeito constituído na e pela linguagem. Da Teoria da Enunciação depreende-se um sujeito falante que constrói, por meio dos mecanismos de actorialização, temporalização e espacialização um simulacro que imita no discurso o fazer enunciativo. No entanto, trabalhar apenas com a

noção greimasiana de enunciação como estrutura linguística pressuposta pelo enunciado impõe algumas limitações que bloqueiam a compreensão dos diários virtuais íntimos, bem como o sujeito implícito nessa trama comunicativa como um ser discursivo. Por isso, importa apreender o objeto também envolto pela situação de comunicação, o que implica em uma noção de enunciação como estrutura não-linguística. Especialmente no ambiente hipertextual, no qual as condições de enunciação são particulares e condicionam formas diferenciadas de apropriação e leitura.

Por meio da linguagem, o diário virtual íntimo permite ao sujeito construir discursivamente o mundo em que vive e povoá-lo de elementos reconhecíveis. Segundo Coracini, mobiliar o deserto "individual" significa constituir um sujeito na linguagem, cultivando-o por meio de um percurso profissional e pessoal, fazendo variar posições enunciativas, vendo em si mesmo uma parcela do outro, sendo esse outro tanto um indivíduo quanto a cultura. Povoar, portanto, é também narrar, relatar. Essa prática é da ordem do inconsciente, pertence ao próprio indivíduo: "contudo, esse indivíduo se torna sujeito de seu discurso por sua singularidade, por seu modo de ser e de mobiliar esse mundo por meio da linguagem". (Coracini, 2003: 24).

Muitas são as maneiras pelas quais essa prática se dá: o modo de contar e de falar permeia todas as relações entre o sujeito e o mundo em que vive, definindo-se como o meio primordial que liga cada sujeito à sociedade. O modo de narrar é único, particular de cada sujeito e se expressa pelo efeito de sentido de singularidade e individualidade.

Uma visão de sujeito falante e empírico, mas também discursivo e inserido socialmente e ideologicamente, facultam a observação analítica dos enunciados materializados, bem como a navegação pelas tramas interdiscursivas que compõem o processo de produção de sentidos no ciberespaço. Tal proposta analítica, no entanto, só se torna possível a partir de uma ruptura epistemológica que desassocia uma imagem de si do analista como leitor e o inscreve em um plano metodológico, acentuando a importância da opacidade do discurso.

Uma perspectiva linguístico-discursiva dos diários virtuais que considera as noções de efeitos de sentido e de construção discursiva do mundo favorece a abordagem teórica e analítica de seu particular estatuto dialógico e descentrado. Se já Bakhtin denominava a autobiografia um discurso do tipo ativo que visa ao discurso do outro como um diálogo velado, nos diários virtuais íntimos o gênero emergente toma a forma de uma exibição de si, bem como do contexto de enunciação, das condições de produção discursiva.

Aqui, convém voltarmos ao termo "diários de vitrine" que marcou o desenvolvimento da problemática da pesquisa, ainda em fase de projeto. Certamente, o paradoxo público-privado é essencial para a compreensão das especificidades do objeto, uma escrita de si que é também do outro. Mesmo a expressão "diários de vitrine" já mostra esse paradoxo: algo, ao mesmo tempo, privado (um diário) e público (vitrine). No entanto, o alargamento da problemática ao longo das etapas da pesquisa, compondo outros aspectos do objeto, como os mecanismos discursivos de temporalização, conduziram ao abandono da expressão. Assim, optou-se pelo uso de diários virtuais íntimos, apenas, como sinônimo de blogs íntimos. Também, evitou-se partir de tal premissa (de que o objeto era marcado por tal especificidade paradoxal), Esta hipótese, no entanto, mostrou-se correta ao longo do desenvolvimento analítico fundamentado no corpus, que também comprovou ser, porém, insuficiente para resumir todas as características do objeto em questão.

Desenvolvidos os conceitos linguísticos e discursivos que condicionam a visão teórica dos diários virtuais íntimos, bem como descritas as particularidades do ambiente digital, exploramos a interseção entre o suporte hipertextual e as formas narrativas e discursivas dispostas pelo objeto de pesquisa. Desse cruzamento emergem, portanto, a problemática da linearidade narrativa digital, da autoria, do sentido e, por último, mas não menos importante, a discussão do estatuto de diário do objeto em questão.

Tomando um período semestral (de 01 de julho a 31 de dezembro de 2008) de dez diários virtuais íntimos como amostra foi possível verificar as formas de emergência do sentido de si e do outro no ciberespaço, sugerindo um paralelo entre as estratégias de interação homem-máquina e os mecanismos de construção discursiva do sujeito e seus processos de identificação mediados por computador. Em trabalhos pautados por outras orientações teóricas, fala-se em formação do *self* no ciberespaço para descrever tais fenômenos.

Na rede emerge um novo tipo de percepção, uma faculdade que envolve a capacidade de perceber e habitar o ciberespaço da qual surge um tipo de presença paradoxal do humano: "As interações – perceptivas e cognitivas – que exercemos com o advento das redes de hipermídia nos levam a redefinir o próprio conceito de identidade e presença" (Leão, 1999: 110).

Para habitar tanto o mundo dito "real" quanto o ciberespaço ainda é empregada a palavra escrita, ou seja, para interagir e deixar marcas de presença, em ambos os ambientes, recorre-se à narração do mundo por meio da escrita, apesar do potencial hipermidiático dos meios digitais. Essa narração constitui-se a partir da alteridade, do contato com a diferença. Na rede essa interação é mediada e ocorre a partir de recortes que traduzem a desordem da rede em uma ordem reconstituída em um todo aparentemente coerente.

Apesar da aparente sutura e unidade que uma biografia materializada em diário virtual íntimo produzido por um indivíduo na rede possa apresentar, se olhadas a partir de uma lupa discursiva, as narrativas virtuais singulares guardam, em suas palavras e, principalmente, em seus links, as heterogeneidades constitutivas e mostradas, que pululam no ambientes on-line, descentralizando o sujeito justamente na rede em que ele busca tecer sua biografia ilusória. Uma complexidade que os indivíduos não são capazes de controlar, apesar da vontade e da insistência.

Com a narração autobiográfica na rede busca-se na interação a diferença, para então conseguir distinguir a semelhança com a qual possa se associar. O caráter público da rede facilita essa realização, pois coloca, lado a lado, ainda que virtualmente, os indivíduos sedentos por saberem quem são, para onde vão, ou até de onde vieram. Constitui-se representativamente um presente com base nas fantasias da realidade do autor, arquitetando verbalmente um mundo virtual. Um mundo no qual se instala um efeito de sentido de realidade que busca uma coerência de identidade e unidade por parte do sujeito discursivo ali instalado.

A aparência de desordem que predomina na rede constituiu, desde o desenvolvimento da problemática da pesquisa, um pressuposto metodológico o qual o analista deveria enfrentar e empregar como uma estratégia de pesquisa. Embora possa sugerir uma configuração indisciplinada, a análise efetuada a partir de posts como uma unidade segmentada e isolada do todo do blog, unidade cronológica que será denominada aqui de vertical (em razão da direção da barra de rolagem criada pela sucessão de textos), nada tinha de despropositada. Ela fundou um modelo metodológico que previa um recorte analítico horizontal que perpassasse por todos os blogs, deixando necessariamente de relacionar seu proprietário ao conteúdo ana-

lisado. Essa perspectiva resulta do fato do blog estar apoiado no paradigma do post, e não da página.

Essa perspectiva pressuposta, ignorada em termos de importância no início da pesquisa, fundamenta, já em fase de fechamento conclusivo, suas inferências analíticas mais relevantes. Se as debreagens enunciativas e enuncivas são predominantes em função da cena genérica do diário virtual íntimo, a cada post, elas anunciam variados revestimentos semânticos com os quais o enunciador identifica-se. São, por vezes, defensores de práticas de morte induzida, professores, amantes, namorados, mulheres, homens, profissionais de saúde etc. De enunciador a ator social, o personagem de si mesmo no diário virtual íntimo modula sua imagem por meio de um caráter e uma corporalidade, mas visando corroborar com a cena enunciativa do blog.

As estratégias de heterogeneidade mostrada no discurso contribuem para a formação polifônica e dialógica de cada post, reproduzindo um sujeito discursivo que, por meio de introjeções de estereótipos (um ethos pré-discursivo) constrói articulações identitárias, reformulando seu ponto de vista ético e seu comportamento social conforme as formações discursivas que caracterizam o discurso do outro e já tendo em vista suas formas de apropriação em virtude do ambiente hipertextual.

A atualização pela leitura em contexto diferenciado daquele em que a enunciação enunciada foi produzida dá margem para interpretações variadas do conteúdo visualizável na interface do monitor, pois o texto perde sua materialidade física. No entanto, o enunciador não está alheio a essa conjuntura, pelo contrário: é baseado nela e nas condições hipermediadas oferecidas pelo hipertexto que são produzidas narrativas que incentivam uma leitura linear, focada, imediada e vertical.

Se o diário virtual íntimo estrutura-se a partir da exibição de si ao outro, bem como a partir do discurso do outro, tal estratégia de orientação linear da apropriação no labirinto hipermediático parece instituir um paradoxo: como pode suprimir o uso de links mas também buscar a exibição pública?

Sendo o hiperlink uma das formas de heterogeneidade mostrada mais comuns em todos os tipos de blogs, bem como uma estratégia comum nas redes sociais de distribuição do conteúdo publicado e de incremento do número de leitores, a forma hipermediada predomina no hipertexto. A presença de links lembra o usuário da presença da interface hipertextual, que é instado a cada movimento na navegação a interagir com universos narrativos multimidiáticos diversos.

O arquiteto da página do tipo particular de blog (diário virtual íntimo) a que se destina esse estudo busca omitir os hiperlinks. Apesar da ausência de uma aprofundada investigação quantitativa dos links em todos os posts, foi possível verificar que essa ferramenta hipertextual é subutilizada, pois a maior parte dos posts analisados não dispõe de qualquer link. Os comentários, ao contrário, constituem uma importante forma de interatividade constitutiva dos diários virtuais íntimos, relevância que pode ser discutida, pois a própria estrutura automática de publicação dos blogs aloca os comentários em uma posição espacial e hierárquica inferior aos conteúdo dos posts.

Assim, chegamos a um dos objetivos principais da escrita nos blogs: a exposição do eu a partir de uma imagem de si formada discursivamente, na tessitura da trama narrativa entre os posts atualizada pela leitura vertical. A partir de um encontro com o discurso do outro, mas ao mesmo tempo protegido de sua presença física, é exercida uma sociabilidade segura. Tais elementos podem ser verificados no post abaixo, de *Chá de Hortelã*:

Eu só queria dizer que eu gosto muito de escrever aqui.

Só isso.

Engraçado como a gente vai ficando séria e quando menos espera esquecemos de reparar como é gostoso fazer certas coisas como este blog por exemplo.

Claro que se eu for pensar nas possibilidades dele eu fico cada vez mais séria e ele se torna uma coisa muito maior do é para ser na verdade. Ele é um blog, meu blog e eu tenho o maior carinho por ele.

Eu converso com ele e com meus leitores através dele.

O blog faz eu me sentir bem. E é só para isso que ele existe assim como tudo que eu faço: para o meu bem.

E não deveria ser sempre assim?

Eu estava me segurando para não escrever no blog porque eu pensava "poxa, não tenho nenhuma notícia boa para escrever. Só acontecem coisas chatas comigo. Só fico me queixando. Estou uma chata." E não escrevia.

Uma amigo me falou: você conta demais sua vida e isso traz muita energia ruim para você. Por isso que essas coisas estão acontecendo.

Sei lá.

No fim, eu não tinha vontade de escrever nada.

Hoje eu tive insônia porque a Graça passou mal e teve que ser internada de novo e eu estou preocupada. Mal dormi.

Daí peguei o computador e fui ver o episódio novo de House que eu baixei.

O House pede para a enfermeira "chá de hortelã".

Eu achei tão legal.

Bobo, né?

Mas fiquei toda derretida com o meu blog.

E todas as coisas ruins que estavam se interpondo no meu prazer de blogar que foram se acumulando nos últimos tempos sumiram.

Eu escrevo porque eu amo escrever.

Só por isso.

Foi observada a presença de dois tipos principais de posts, contrariando a hipótese inicial de que os diários virtuais íntimos são escritos com a finalidade de expor apenas o cotidiano do enunciador. Além da colocação dos acontecimentos em uma ordem actorial, espacial e temporal pelas debreagens do enunciado que cria um simulacro dos episódios ordinários do cotidiano, são depreendidos desses episódios revestidos figurativamente outros episódios de efeito de referenciação mais fraca: textos que admitem uma larga faixa de variações semêmicas (o "sexo", o "amor" e a "morte", por exemplo): "A tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações mais abstratas que tem por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais" (Bertrand, 2003: 213).

Essa divisão entre a predominância de componentes figurativos ou temáticos tem apenas a função de circunscrever a maneira recorrente de representar os esquemas narrativos, uma vez que, para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema que dá sentido e valor às figuras. Também, nos diários virtuais íntimos, raramente um post pode ser qualificado como exclusivamente temático.

Os esquemas narrativos relacionados ao tempo são geralmente revestidos figurativamente e tematicamente por interpretações referenciais provenientes de experiências particulares do enunciador em sua vivência diária. As ancoragens em um tempo histórico, bem como na memória coletiva, são convertidas na forma de um relato pessoal, ou seja, o enunciador emprega recursos singulares para estilizar os posts, integrando a memória episódica aos anais da História. As narrativas episódicas individuais interagem com a memória coletiva, constituindo um texto de origem híbrida, mas marcado por um estilo singular.

Para Halbwachs (2004), a memória individual se dá em torno de uma pessoa definida, ela envolve sua personalidade e vida pessoal. Baseia-se nas lembranças pessoais, com as quais o enunciador se insere em um espaço e tempo. A memória coletiva se apóia em dados e fatos históricos e, por isso, é mais resumida e esquemática que a individual. Ela estaria distribuída no interior da sociedade, numa espécie de quadro de passado resumido.

A memória individual do enunciador se ampara na memória semântica e na episódica, enquanto a memória coletiva se aproxima mais dos anais, esquemáticos e resumidos. A primeira se escora na segunda e não está inteiramente fechada e isolada uma vez que recorre às lembranças dos outros, aos pontos de referência fixados pela sociedade. Ela se apóia num movimento contínuo, do cotidiano e dos acontecimentos históricos. Com o auto-relato, o indivíduo se insere na História, ordena sua memória de acordo com os anais históricos:

> Nossa vida se escoa em um movimento contínuo. Mas logo que nos voltamos para aquilo que já se desenrolou, sempre nos é possível distribuir as suas diversas partes entre os pontos de divisão do tempo coletivo que encontramos fora de nós, e que se impõem de fora a todas as memórias individuais, precisamente por que eles não têm sua origem em nenhuma delas. O tempo social assim definido seria inteiramente exterior às durações vividas pelas consciências (Halbwachs, 2004: 75)

A memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas e toda história de vida faz parte da história em geral. Somos capazes de simular e reconstruir lembranças, a partir de um referencial social e histórico. A memória dos outros reforça e completa a do indivíduo, para que se possa reconstruir as imagens do passado, fazendo da lembrança:

> Em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (Halbwachs, 2004: 75).

Em um contexto sócio-histórico da instantaneidade do tempo em que precisamos criar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança, o diário virtual íntimo corresponde a uma ação reflexiva capaz de consolidar, reconstruir e simular

lembranças. Ao ser materializado, permite ao indivíduo relembrar os fatos sociais dos quais fez parte, bem como reinterpretar este passado à luz das percepções do presente em que vive. Um modo de reconhecer a condição mortal da raça humana, condição que exige um cuidado com a memória dos mortos para os vivos de hoje. A discursivização temporal das ações propicia ao homem a experiência do tempo, ou seja só quando o tempo é significado é que pode ser medido pela experiência humana. A temporalização narrativa estabelece assim, uma certa forma de estar no mundo, de localização na ordem dos acontecimentos, sejam eles de ordem individual ou coletiva.

A cena genérica dos diários virtuais íntimos sugere uma cronografia proveniente do diário, pois o sistema de publicação gera automaticamente a data do post, acima de cada texto. Ou seja, o diário virtual íntimo está pautado obrigatoriamente pelo momento de enunciação, tornado inteligível a partir de uma ancoragem numa divisão do tempo crônico, ou seja, em um momento de referência, a data já dada pelo publicador.

Da relação entre o tempo dos acontecimentos gerado a partir de debreagens do enunciado, que condicionam uma temporalidade dos eventos narrados e outra temporalidade do dito, formada a partir de debreagens da enunciação foram depreendidos os movimentos pela preservação da memória e pela busca da anulação da efemeridade da vida do enunciador. A sucessão desses eventos narrados dá origem a um conjunto de acontecimentos significados e rememorados pelo enunciador.

Assim, os posts, em sua maioria, são marcados por uma ordenação temporal dos acontecimentos narrados que privilegia a estrutura passado-presente-futuro. O futuro surge tematizado em forma de uma expectativa, ou mesmo um conselho que enunciador deseja sugerir ao enunciatário após narrativizar os acontecimentos e experiência vividas, ativadas pela memória.

Esse processo de ativação passa, necessariamente, pela estrutura coercitiva do blog, que valoriza a estratificação do tempo em forma de enunciados referenciados cronicamente, no qual o último post publicado está sempre em posição hierárquica e espacial superior aos outros. Por isso, embora a continuidade do tempo seja valorizada no conteúdo dos posts, as formas de apropriação no labirinto hipermidiático estimulam a instantaneidade e a efemeridade:

> O ciberespaço faz parte do processo de desmaterialização do espaço e de instantaneidade temporal contemporâneos, após dois séculos de industrialização moderna que insistiu na dominação física de energia e de matérias, e na compartimentalização do tempo. Se na modernidade o tempo era uma forma de esculpir o espaço, com a cibercultura contemporânea nós assistimos à um processo onde o tempo-real vai aos poucos exterminando o espaço (Lemos, 1996: 12)

No blog não importa o contar dos dias, mas apenas a data mais atual, pois essa é uma tarefa automatizada e que não depende da manifestação humana, corroborando com a idéia de que as noções de espaço e tempo da modernidade devam ser repensadas, pois o espaço físico não impõe mais limite à ação. Com as mídias digitais a concepção materialista de tempo e espaço, bem como a forma de experienciar o tempo em termos de duração é suprimida pela velocidade e pela presentificação:

> A experiência comum ensina que o tempo está correndo não em linha reta, mas em espirais e rodopios difíceis de prever: o tempo não é irrreversível, nada está perdido para sempre, assim como nada é obtido e possuído para sempre, e o que está acon-

> tecendo nesse instante não compromete as formas dos amanhãs. Na verdade, os dias não têm importância e não vale a pena contá-los (Bauman, 2008: 309)

Os mecanismos enunciativos de espacialização cumprem funções múltiplas. Eles podem atuar no sentido de localizar externamente ou internamente o enunciador no espaço dos acontecimentos, apenas ambientar o enunciador em determinada cena enunciativa, atuando de forma acessória à temporalização, bem como funcionar como estratégia coesiva estruturando a conexão lógica entre os enunciados.

Em relação às condições de produção enunciativa, bem como das enunciações enunciadas, a topografia do diário virtual íntimo corresponde ao hipertexto, que determina um estratégia discursiva e comunicativa baseada na possibilidades interativas, pois o desenvolvimento das mídias digitais introduz novas formas de interação espaciais, bem como diferentes regimes de visibilidade. O olhar espetacularizado do leitor, tornado uma condição de existência do blog, é pautado por uma nova forma de visibilidade, uma visibilidade mediatizada.

Daí advém também a indistinção entre o espaço público e o privado, que caracteriza o ciberespaço e marca uma das principais características do objeto aqui tratado: a exposição de um conteúdo da esfera íntima, mas coordenado narrativamente de forma a possibilitar abertura ao outro. São, portanto, enunciados que sofrem a coerção do contexto espacial e interativo, relatados de forma a não chocar o enunciatário e configurando um ethos contido, ao contrário das hipóteses antevistas a respeito do duplo voyeurismo-exibicionismo.

As novas configurações das esferas espaciais e temporais na contemporaneidade contribuem para a descorporificação do olhar. O espaço físico é destituído do valor moderno, ele não possibilita mais atingir o progresso. Do espaço analógico ao digital, "os novos dispositivos criam novas dinâmicas no processo de controle/territorialização e de mobilidade/fuga/desterritorialização" (Lemos, 2006). O ciberespaço possibilita a movimentação pelas fronteiras físicas, sociais, culturais, simbólicas e subjetivas, ele

> (...) é efetivamente desterritorializante, mas essa dinâmica não existe sem novas re-territorializações. Toda mídia, da escrita à Internet, cria processos que nos permitem driblar os constrangimentos do espaço e do tempo: envio de mensagens a distância, processos mnemônicos. As mídias contemporâneas instauram processos de territorialização e desterritorialização, a partir da compressão espaço-tempo (Harvey, 1992) e do desencaixe (Giddens, 1991), que criam novas geometrias do poder (Foucault, 1979) e novos agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1980). (Lemos, 2006)

O blog propicia, portanto, a criação de um espaço reterritorializado, um caminho proposto pelo seu arquiteto no labirinto do ciberespaço. Nesse espaço nômade, o enunciador constrói um território no qual pode se mover, além de apontar percursos ao enunciatário ao instaurar no blog um espaço enunciado. Justapondo o espaço eletrônico e o físico, ele cria um local onde pode ancorar-se e residir, para controlar o fluxo interativo e instituir um ethos territorializado.

O potencial des-re-territorializante das tecnologias da cibercultura, no entanto, vai além daquele proveniente do computador, uma vez que os dispositivos móveis de comunicação, como os celulares e os *smartphones* propõem diferentes formas de apropriação e desapropriação de territórios, pois possibilita a mobilidade do usuário, configurando novas estratégias enunciativas e discursivas de colocação do sujeito no espaço e no tempo.

À capacidade desterritorializante da globalização, bem como da cibercultura corresponde uma força reterritorializante, que insere o sujeito em territórios marcados e recoloca o enunciador na esfera da comunidade virtual da qual o seu blog faz parte. As comunidades virtuais são vistas como lugar de identificação, onde usuários de interesses similares se associam com o intuito de interagir. E isso exige um esforço individual, pois é uma tarefa que cada usuário deve fazer por si mesmo:

> A busca frenética por identidade não é um resíduo dos tempos pré-globalização que ainda não foi totalmente extirpado, que tende a se tornar extinto conforme a globalização avança; ele é, pelo contrario, o efeito colateral e o subproduto da combinação das pressões globalizantes e individualizadoras e das tensões que elas geram (Bauman, 2008:193).

A articulação global-local emerge, portanto, na centralidade das discussões a respeito da cibercultura. Da variedade global de competências e formações discursivas nas quais o sujeito pode inserir-se, ele identifica aquelas compatíveis ao ponto de vista, ao ethos que deseja transpor na leitura.

A escolha dos temas transversais do sexo, do amor e da morte que deveriam realocar as análises a respeito do eixo sujeito-espaço-tempo justificou-se em razão da presença massiva de tais temas no conjunto dos diários virtuais íntimos analisados. Se, inicialmente, sem qualquer fundamento científico, foi observada uma maneira específica de enunciar a respeito desses temas que enfatizava o poder singular de ação do indivíduo frente a ocorrências da vida cotidiana, o dispositivo metodológico do sistema de restrições semânticas embasado em Maingueneau permitiu aprofundar essa análise primária e informal.

Se as formulações em torno do conceito de sujeito no século XX inauguravam a primazia do inconsciente, pelo qual o sujeito teria deixado de ser senhor de suas ações, as análises do plano semântico e das figuras e temas que revestem os esquemas narrativos nos enunciados analisados indicam a emergência de um sujeito que, em caráter complementar, busca organizar acontecimentos dos dramas humanos nos quais estão envolvidos no cotidiano. Frente à imprevisibilidade que envolve as questões amorosas, sexuais e da morte na contemporaneidade, o enunciador busca dominar o fluxo dos episódios dramáticos cotidianos de acordo com uma lógica humana e materialista que valoriza o saber científico, a previsibilidade e a liberdade de escolha, em detrimento de uma lógica transcendental e sobrenatural guiada pela imprevisibilidade.

Assim, o enunciador empreende uma tarefa performativa, que tem como ideal a dominação dos processos da morte, a configuração do sexo em coordenadas eróticas, bem como a escolha racional do parceiro amoroso. A filiação a determinado campo discursivo engendra, portanto, um efeito de sentido de um sujeito integrado, coerente e autônomo. As representações do sexo, do amor e da morte, filtradas a partir de um imaginário, são incorporadas pelo indivíduo na forma de um estilo de vida e de uma visão de mundo particular:

> Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto de práticas mais ou menos integradas as quais o indivíduo toma pra si; não somente porque o sujeito supre com tais práticas necessidades utilitárias, maspor que elas dão forma material a uma narrativa particular da identidade do eu (*self*) (Giddens, 1991: 81).

Por meio desses efeitos de sentido o enunciador traduz a fé do espaço discursivo da lógica divina em uma incerteza diante da morte. Essa tradução, no entanto,

confere um valor negativo à incerteza e outro valor positivo à vontade individual do sujeito frente à efemeridade da vida.

Por fim, o ato da escrita de uma narrativa de si compõe esse quadro. A capacidade do indivíduo em unificar passado, presente e futuro na escrita biográfica tornada discurso narrado pelo autor-narrador-personagem instaura um campo de renegociação e reinvenção identitária ao promover a articulação entre a auto-percepção do indivíduo e o contexto sócio-histórico. No entanto, essa conformidade identitária e narcísica emerge nos diários virtuais íntimos como um efeito de sentido, uma vez que a desterritorialização e a virtualização espaço-temporais rompem o encadeamento das identificações da modernidade. A instantaneidade temporal, bem como a dispersão espacial, representadas pela dimensão imaterial do ciberespaço convocam o enunciador à criação de um caminho individual no labirinto hipermediático, um percurso descontínuo que institui um lugar e um tempo por meio da e na linguagem, reterritorializando-o e criando um simulacro da ação do homem no mundo.

A esse efeito de sentido particular pode ser relacionado o estilo, um fato diferencial, apreensível numa totalidade cujo efeito de individualidade permite a construção do ator da enunciação que se manifesta por um *ethos* (um caráter, que pressupõe um corpo e uma voz). O *ethos* dispõe um ponto de vista singular do ator da enunciação, uma imagem que faz de si a partir da legitimação de uma cena enunciativa, que pressupõe uma cronografia e uma topografia, um momento e um lugar da enunciação. A cena forja o *ethos*, instaurando uma forma individualizada de articular temas e figuras que mira o discurso do outro, ora construindo um efeito de sentido polifônico, ora monofônico. Por isso, a cada post pode ser relacionado um ethos construído discursivamente, um corpo e uma voz identificados pela cadeia interpretativa. A maneira de usar temas e figuras e de referenciar a enunciação no enunciado difere de post a post, corroborando com o princípio de organização e sistematização analítica empregado, aportado no paradigma do post.

Quando o *ethos* ao longo dos posts em um mesmo diário virtual íntimo compõe um corpo total é que se pode falar em estilo, "recorrência de traços de conteúdo e de expressão, que produz um efeito de sentido de individualidade". (Discini, 2003: 31) Se o enunciador atinge essa especificidade estrutural estilística, ele foi introduzido na ordem da propriedade, traduzindo autoria como estatuto social e sentido estético. Daí podermos falar no autor de *Drops da Fal*, blog desenvolvido por uma escritora que teve as narrativas hipertextuais transcritas para o ambiente impresso, depois de transpostos os filtros editoriais:

sábado, outubro 4, 2008

A Maira

Fal Azevedo há muito tempo alimenta um blog, como todos nós. Um blog de opiniões pessoais lançadas com muito humor e melancolia. Um blog que congrega pessoas das mais diversas tendências políticas e existenciais. Um blog que não é de direita, não é de esquerda, não quer convencer ninguém, é o blog da Fal, a palavra certa, na hora certa. Simplesmente isso. Você vai lá e se diverte com ela, conversa com ela, sofre com ela. Mas você sabe que Fal escreve outras coisas além dos posts. Fal enveredou pela literatura e já está no seu terceiro livro: Minúsculos assassinatos e alguns copos de leite. E neste livro você vai encontrar "carne crua" e "doce de leite", que é a melhor definição de Fal Azevedo. Não procure em Fal Danieis Galeras, Ruffatos, Mirisolas, Calcanhottos em surtos poético-psicóticos, ou Jabutis. Procure em Fal as palavras de quem

chora na cama, de quem usou o primeiro sutiã Du Loren, de quem não esquece os bolos da avó, do tempo e dos amores perdidos, das noites sem respirar, dos e-mails desesperados, do cheiro de maçã verde. E é por essas e mais tantas, que estarei no lançamento deste livro da Fal pela editora Rocco, dia 9, na livraria Prefácio, Rio de Janeiro. Aproveitando aqui para convidar todos vocês.

Há os elogios que engordam o eguinho, deixam a gente bestinha e mascaradinha. ("Mais mascarada??", dirão alguns) Há os elogios que aquecem. A Maira aquece. Querida, querida, querida. Obrigada.

Os diários virtuais íntimos, na busca de um estilo, incorporam algumas das propostas de Calvino para a Literatura do próximo milênio, que buscam atingir "a literatura – quero dizer, aquela que responde a nossas exigências – é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser" (Calvino, 1990:72).

A primeira das propostas, a da leveza é algo que se cria no processo de escrever, uma gravidade sem peso que propõe uma relação particular entre melancolia e humor: "A melancolia é a tristeza que se tornou leve, humor é o cómico que perdeu peso corpóreo... e põe em dúvida o eu e o mundo, com toda a rede de relações que o constituem" (Calvino, 1990: 32). O objeto aqui tratado congrega paradoxalmente a opacidade do mundo como dado referencial com a leveza da linguagem em busca de uma precisão dotada de transparência por meio de uma alta capacidade de abstração e figurativização.

Também a rapidez, não como velocidade física, mas como relação entre ela e a velocidade de pensamento e raciocínio, corresponde à economia, ao ritmo e à lógica essencial da narração, apoiando-se no compartilhamento da continuidade e descontinuidade do tempo, conectando post a post. Essa narração, por vez, empreende a força do processo imaginativo que transforma palavras em imagens, aproveitando a capacidade de abstração que o texto escrito propicia, trabalhando com o imaginário do leitor e evocando a sua abstração pictórica, processo ligado à proposta da visibilidade, ordem literária em um mundo na Era da imagem visual.

Da proposta subsequente da multiplicidade advém uma das potencialidades dos diários virtuais íntimos que concretiza a ideia de um "romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento e, principalmente, como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo." (Calvino, 1990: 121). A multiplicidade reproduz o potencial virtualizante do texto, pois quanto mais múltiplo, mas ele se desvincula de seu próprio sentido. Está aberta, portanto, a problemática da complexificação hipertextual do texto, um fluxo que se estabelece na leitura. Enfatizamos aqui a importância do termo potencial, uma vez que na rede, imigrantes analógicos e nativos digitais convivem, mas fazem usos diferentes das funcionalidades interativas. Quanto mais aberturas o autor confere ao texto, maior é o seu caráter nativo, mais múltiplo é o sentido, confiando ao leitor o percurso na espiral do sentido.

Seja o estilo como uma totalidade de um blog apenas, ou a totalidade de um grupo de blogs, é possível afirmar que o estilo dos blogs analisados se relaciona a um modo de enunciação característico da literatura feminina. Longe de reproduzir a idéia de que o objeto de estudo aqui tratado somente pode ser produzido por mulheres, depreende-se que esse estilo é também um efeito de estilo, uma construção discursiva apoiada no imaginário da literatura desenvolvida pela autoria feminina. Também, não

necessariamente o estilo da escrita feminina supõe um autor do sexo feminino. Essa escrita não se trata de uma questão de gênero, mas de um eu lírico e de uma estrutura narrativa que compõem um modo de enunciação e uma forma individualizada de congregar temas e figuras, enfatizando seus aspectos intimistas e cotidianos.

De certo, os dez blogs aqui analisados foram escritos por mulheres, marca distintiva dos diários virtuais íntimos. No entanto, a tônica desse estudo buscou enfatizar os efeitos de sentido desse modo de enunciação, partindo de uma perspectiva das posições enunciativas e não do papel social do autor.

Esta pesquisa opera justamente em vetor contrário a um ponto de vista sexista, pois deixa de tratar os diários virtuais íntimos a partir de uma questão de gênero (escritos somente por mulheres) e aborda o objeto como um modo de enunciação, que transcende a fonte autoral. Sendo assim, tratamos dos blogs de escrita feminina e não de blogs femininos. Tal desordem conceitual pode ser observada na carta a seguir, proposta por um grupo de mulheres autoras de blogs em resposta a uma entrevista concedida pela professora e pesquisadora Luiza Lobo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2008:

Esclarecimentos à Professora Luiza Lobo – A real produção das mulheres em blogs

Professora Luiza Lobo,

Somos um grupo de mulheres blogueiras, que têm vários temas diariamente (ou quase) em nossos blogs. Ouvimos sua entrevista para a Rádio CBN no último dia 1º de novembro. A senhora falava sobre seu livro "Segredos Públicos: Os Blogs de Mulheres no Brasil". Na ocasião, a senhora foi categórica em afirmar: a produção feminina em blogs tem a característica do diário, do texto confessional, da exposição pública de sua vida privada. Por outro lado, homens fazem blogs de notícias.

Ficamos realmente indignadas com a sua generalização. Uma de nossas companheiras, inclusive, escreveu para a senhora e recebeu uma resposta, digamos, arrogante (como não temos permissão para publicar, não o faremos). Sentimos falta, em sua entrevista, do que lemos diariamente em nossos leitores de feed.

Será que a senhora entende realmente o que é um blog? Das redes que podem – e devem – se formar em torno deles? Das conversas que proporcionam. Da linkania resultante? Das comunidades que se encontram felizes, como a nossa, ao vivo e compartilham seus conhecimentos, experiências?

Blog, professora, é uma ferramenta de publicação na web. Nada mais e nada menos que uma ferramenta. Como tal, não conhece preconceitos de gênero. Homens e mulheres podem, livremente e sem prejulgamentos, utilizá-los para expor suas idéias, quaisquer que sejam. Tentar reduzi-los a gênero – seja ele sexual ou literário – é só isso; reduzir porque não dá conta de entender a complexidade do novo, seu caráter rizomático e sua filosofia absolutamente livre.

Algumas pessoas optam em fazer blogs confessionais. Outras preferem trilhar o caminho da ficção. Há aquelas que fazem blogs noticiosos e há quem prefira escrever blogs opinativos. Alguns blogs são coleções de links, outros expõem trabalhos manuais, ou quadrinhos, ou poesia. Há blogs especializados em qualquer tema que a senhora imaginar. Há blogs de variedades. Há blogs que são uma extensão da profissão, como os produzidos por colunistas da imprensa. Outros são, em si mesmos, uma profissão. Alguns são escritos por uma única pessoa, outros por uma coletividadade.

Existem, ainda, blogs que passam por fases diferentes, temas diferentes, estilos diferentes. E há aqueles que levam hoje uma notícia ao leitor, amanhã conterão um relato pessoal e no dia seguinte apresentarão uma opinião sobre um filme.

Vê, professora, como não há somente blogs confessionais ou noticiosos? Percebe como essa distinção, frequentemente, não é absoluta, e certamente não é excludente?

Saiba, professora, que há mulheres fazendo todos esses tipos de blogs – e outros mais. Fizemos uma coleção de blogs para a senhora ler. É grande, verdade. Mas expressa o tamanho e o volume de nossa produção nesta maravilhosa rede chamada internet.

Felizmente, vivemos em um mundo diferente daquele em que a mulher tinha de esconder pensamentos, emoções e ambições num diário guardado a sete chaves. Felizmente, hoje elas podem se expor – e isso é um avanço.

Por outro lado, afirmar que homens não falam sobre sua intimidade em blogs é de uma generalização desarrazoada, não somente porque há vários blogs confessionais escritos por homens, mas também porque mesmo blogueiros não-confessionais dedicam, por vezes, um espaço em seus blogs para falarem de si mesmos.

Deduzir que a literatura feminina em blogs é confessional é negar às mulheres seu potencial criativo, sua habilidade para tecer ficção.

Dizer que blogs de viagens (ou travel blogs, como prefere) escritos por mulheres são interessantes porque relatam os problemas que elas têm de enfrentar sozinhas durante a viagem é assumir que esse enfrentamento não acontece no cotidiano, independentemente de gênero. Além disso, é ignorar a vastidão de temas abordados por blogs de viagens.

Concluir que textos femininos em blogs são necessariamente subjetivos é negar-lhes seu poder de observação sobre o mundo que as cerca. É excluir-lhes a capacidade de compor textos noticiosos ou científicos. É ignorar sua participação no mercado de trabalho e seus relatos sobre esse mesmo mercado.

Ficamos pensando: será que as pessoas que ouviram sua entrevista e não são blogueiras como nós acreditaram em suas palavras? Gostaríamos de pensar que não, mas sabemos que, sim, provavelmente acreditaram na professora doutora que publicou um livro sobre o tema.

Provavelmente, vão entender que blogs femininos realmente são pessoais e somente pessoais. Possivelmente, da próxima vez que se depararem com um blog escrito por mulher, vão lembrar-se da sua entrevista e prejulgar o texto. Certamente, ao encontrarem um blog masculino confessional lançarão sobre ele um olhar preconceituoso. Porque, professora, pessoas sem conhecimento direto sobre algum assunto tendem a acreditar em acadêmicos supostamente especialistas.

Lamentamos, sinceramente, o desserviço que a senhora prestou aos blogueiros e blogueiras, reduzindo tão drasticamente a diversidade de suas produções. Repudiamos a visão estereotipada e sexista da produção em blogs que sua entrevista transmitiu.

Acreditamos, no entanto, que não houve má intenção no seu discurso. Por isso, anexamos a esta carta uma relação de blogs femininos especializados nos mais variados assuntos: de futebol a tecnologia, de moda a automobilismo. Esperamos que tenha interesse em conhecê-los.

Finalmente, queremos frisar que admiramos profundamente as blogueiras que fazem textos confessionais belos e inspiradores. Valorizamos esta produção, consumimos e produzimos este mesmo tipo de material. No entanto, blogs confessionais são apenas uma parte do universo de blogs femininos. Não cometa o erro de tomar o todo pela parte.

Atenciosamente,

Mulheres Blogueiras da Lista de Discussão LuluzinhaCamp

A variedade de conteúdos, temas e assuntos que um blog-programa pode suportar reflete a multiplicidade e o volume de informações que percorrem a rede. Sendo assim, é incorreto falar em uma dualidade entre blogs íntimos e blogs jornalísticos, por exemplo. Como estratégia metodológica de pesquisa, no entanto, tal construção pode ser válida, se possibilitar ao analista observar recorrências a respeito do seu objeto.

Por esse motivo, conclui-se que os diários virtuais íntimos empregam um possível registro feminino, uma espécie de "escrita poética do cotidiano" (como os poemas de Adélia Prado). Tal constatação tornou-se um ponto de chegada, uma terminação a partir das observações analíticas realizadas e não um ponto de partida do trabalho. Trata-se, assim, de uma característica advinda da singularidade dos blogs e, mais especificamente, dos posts analisados na pesquisa.

É importante matizar que tal perspectiva que considera um efeito de sentido de feminilidade não se descuida de análises estatísticas que sugerem um ponto de vista de gênero, afinal, todo o percurso metodológico empenhado na busca da amostra já sugere uma predominância de mulheres autoras de diários virtuais íntimos.

Sendo homens, mulheres, jovens, adultos, imigrantes analógicos ou nativos digitais, cada indivíduo percorre um trajeto particular no labirinto do ciberespaço, projetando sentimentos, introjetando percepções, maquinando identificações e localizando-se espaço-temporalmente. Como viajante da rede, o arquiteto do diário virtual íntimo infiltra-se pelos diversos caminhos, buscando centrar-se na imagem de si por meio da narração autobiográfica e estruturando um labirinto formado por efeitos de sentidos coerentes em torno de uma singularidade. São, certamente, *percursos de sentido no contexto discursivo do meio digital*.

BIBLIOGRAFIA

Agostinho, Santo. *Confessions*. Paris: Lês Belles Lettres. T.2. 1989

Althusser, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Trad. de Valter José

Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

Anderson, Chris. *A cauda longa*. Rio de Janeiro: Campus, 2006

Aries, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Authier-Revuz, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, SP, n. 19, 1990.

_____. *Palavras incertas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Estética da Criação Verbal* (trad. Paulo Bezerra). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1992].

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Bartucci, Giovana (org.). *Psicanálise, Arte e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

Barthes, Roland. (1968), Deliberação. In: *O rumor da língua*. Trad.: Mario Laranjeira. São-Paulo: Brasiliense, 1988b. p.359-372.

_____. *A morte do autor*. Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984.

Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Ed. Relógio D'Agua, 1991.

_____. *A Ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.2001.

Bausch, P., Haughey, M. e Hourihan, M. *We Blog: Publishing Online with Weblogs*. Indianopolis: Wiley Publishing, 2002.

Bauman, Zigmunt. *Identidade:* Entrevista a Benedetto Vecchio; tradução de Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. *A sociedade individualizada*: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Benveniste, Emile. (1958). *Problemas de Lingüística Geral I*. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. (1958) *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1983

Bertrand, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. SP: Edusc. 2003.

Birman, Joel. Soberania, Crueldade e Servidão: Mal-estar, Subjetividade, e Projetos Identitários na Modernidade. *IN*: Pinheiro, T. (Org.), *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2003.

Blood, Rebecca. *The Weblog handbook*. Practical advice on creating and maintaining your Blog, Cambridge: Perseus Publishing, 2002.

Bolter, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding New Media*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

Brandão, Helena N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991.

Bruner, Jerome; Weisser, Susan. A invenção do ser: A autobiografia e suas formas.Olson, David R.; Torrance, Nancy: *Cultura escrita e oralidade*: 141-161, Ática, São Paulo, 1995.

Calvino, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

Castells, Manuel. *A Galáxia da Internet*: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2008

Charaudeau, Patrick e Maingueneau, Dominique. *Dicionário de Análise do discurso*. Trad.: Fabiana Komesu (coord.). São Paulo, SP: Ed. Contexto. 2004.

Chartier. Roger. "As práticas da escrita". In: Chartier, R. & Ariès, P. (org.) *História da vida privada*: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *A leitura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed.Unesp, 2000

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed.Unesp, 2002.

Chauí, Marilena. *O que é ideologia?* 19ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Coracini, Maria José (Org.). *Identidade e discurso*: (Des)construindo subjetividades.São Paulo: Ed.Argos e Unicamp, 2003.

Dantas, Marcos. *A lógica do capital informação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Discini, Norma. *Diário e carta: questões de genêro e estilo*. 2005. (Apresentação de Trabalho/ Comunicação).

_____. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

Eco, U. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Elias, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Fiorin, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2006a

_____. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006b.

Foucault, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *O sujeito e o poder*. In: Dreyfus, Rabinow. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Tradução Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *O que é um autor*? Lisboa: Passagens/Vega, 1992.

Freud, Sigmund.. (1950) [1895]. *Projeto para uma psicologia científica*. SEB 1.

Gagnebin, Jeanne Marie, *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006

Gomes, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo*. São Paulo, Edusp e Hacker Editores, 2003.

Giddens, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

Halbwachs, Maurice. *A Memória Coletiva*. SP: Vértice, 2004.

Henry, P. *A ferramenta imperfeita*: língua, sujeito e discurso.Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

Hewitt, Hugh. *Blog*: Understanding the Information Reformation That's Changing Your World Nokomis, FL: Nelson Business, 2005.

Jameson, Fredric. *Pós Modernismo:* A lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Komesu, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado* : um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet. PhD. PDF: http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls0003586602006-09-05

Landow, George.. *Hypertext 2.0:* The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology, Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

Landowski, Eric, *A sociedade refletida*. São Paulo/Campinas: EDUC/Pontes 1992.

_____. *Presenças do outro*. São Paulo, Perspectiva 2002

Lasch, Christopher, *The Culture of Narcisism*. Nova Iorque: W.W. Norton, 1979.

Leão, Lucia. *O labirinto da Hipermídia*. Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Lejeune, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Lemos, André; Palacios, Marcos (org.). *Janelas do Ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

Lemos, André. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*. Salvador: texto produzido para os seminários do grupo Cyberpesquisa/Facom-Ufba, 1996, p.1, inédito.

_____. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis*: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura., COMPÓS, Baurú, SP, junho de 2006.

Lévy, Pierre. *Cibercultura*. 2ª. ed. São Paulo, Editora 34, 2000.

_____. *O que é o Virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996.

Lopes, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

Lyotard, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

Machado, Arlindo. (1993). *Máquinas de vigiar*. In: _____. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1993. p.219-234.

Maingueneau, Dominique. *Análise de textos de comunicação* . São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997.

_____. *Cenas da Enunciação*. Curitiba: Edições Criar, 2006

_____. "Ethos, cenografia, incorporação". In: Amossy, Ruth (org.) *Imagens de Si no Discurso*: a Construção do Ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A propósito do Ethos. IN: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a

Marcuschi, Luiz A. & Xavier, Antonio C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Mielniczuk, Luciana. Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias.In: Lemos, André; Palacios, Marcos (Org.) *Janelas do ciberespaço*: comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.

Moraes, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Murray, Janet. *Hamlet no Holodeck*. MIT Press, 2003.

Orlandi, Eni. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999

_____. *Interpretação;* autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.

Campinas: Pontes, 2007.

Paulus, Jean. *A Função simbólica e a Linguagem*. Rio de Janeiro: Eldorado,1975.

Pêcheux, Michel. *Semântica e discurso.* Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Unicamp, 1997.

_____. *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

_____. (1990). A análise do discurso: três épocas (1983). Em F. Gadet; T. Hak (Org.s). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (J. A. Romualdo, Trad.). (pp. 311-317). Campinas: Editora da Unicamp. (Original publicado em 1983).

Pinheiro, Teresa. (Org.), *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*, Rio de Janeiro ContraCapa Livraria Ltda, 2003.

Possenti, Sírio. *Os limites do discurso*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

Primo, Alex. *Os blogs não são diários pessoais online*: matriz para a tipificação da blogosfera. In: Revista da Famecos,n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128). http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf. Último acesso: 25-06-2009

_____. *Blogs e seus gêneros*: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008. Disponível: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/50_blogs.pdf. Acesso em 28/12/2008

Ribeiro, Cintya R. *Sujeito dobradiça*: metáfora de subjetividade, metonímia institucional. In Guirado, M; Lerner, R. (orgs.) Psicologia, pesquisa e clínica: por uma análise institucional do discurso. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

Ricoeur, Paul. «*Qu'est-ce qu'un texte?*», in Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II, Paris, Seuil, 1986.

_____. *Du texte à l'action*; Essais d'herméneutique, II. Paris: Du Seuil, 1986.

_____. *Interpretação e Ideologias*. Rio de janeiro, Francisco Alves, 1977.

Roudinesco, Elisabeth. *A Análise e o Arquivo*: Jorge Zahar, 2006

Saussure, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

Schaff, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1974.

Schittine, Denise. *Blog:* comunicação e escrita intima na internet, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

Sennett, Richard. *O Declínio do Homem Público*. São Paulo: Companhia das Letras: 1988.

Sodré, Muniz. *A Máquina de Narciso*: Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

Turkle, Sherry. *A Vida no Ecrã*. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

Vattimo, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.

Wallon, Henri. *A psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

LINKS

Google Blog Search: http://blogsearch.google.com/
Technorati: http://technorati.com/
Blogger: http://www.blogger.com/
Universo Online: http://www.uol.com.br/
Wordpress: http://pt-br.wordpress.com/
Facebook: http://pt-br.wordpress.com/
Orkut: http://www.orkut.com/

BLOGS ANALISADOS:

All made of Stars
http://flaviamelissa.blogspot.com/

Drops da Fal
http://dropsdafal.blogbrasil.com/

Nós, Mulheres
http://colunas.marieclaire.globo.com/nosmulheres/

Recordar, Repetir e Elaborar
http://rre.opsblog.org/

Scarlett Letters
http://escarlates.blogspot.com/

Zel
http://www.zel.com.br/

Continua Valendo
http://continuavalendo.blogspot.com/

Terapia Zero
http://terapiazero.blogspot.com/

Supernado obstáculos
http://www.eusempresobrevivo.blogspot.com/

Chá de Hortelã
http://chadehortela.com.br/

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo